

39.

693.

[redacted]

HISTORIA

DO BRASIL.

TOMO I.

PARIS. — NA TYPOGRAPHIA DE CASIMIR,
RUA DE LA VIEILLE-MONNAIE, 12.

HISTORIA

DO BRASIL,

DESDE

O SEU DESCOBRIMENTO POR PEDRO ALVARES CABRAL

ATÉ Á ABDICAÇÃO DO IMPERADOR D. PEDRO I.,

POR

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO,

M. D., membro das Sociedades de Medicina e de Historia Natural de Edimburgo, Linneana de New York e Paris; autor do Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza, etc.

COM HUM MAPPA DO BRASIL.

TOMO I.

PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA

DE J. P. AILLAUD,

QUAI VOLTAIRE, N° 11.

1839.



ADVERTENCIA.

Para compôr está Historia do Brasil vali-me principalmente da excellente obra de M. R. Southey [1]. Este benemerito e incansavel autor distingue-se por huma minuciosa exacção, e o que he não menos appreciavel, por hum espirito de imparcialidade, quasi sem exemplo entre os escriptores inglezes, quando tratão de terras e nações estranhas. M. Southey consultou, não só os documentos impressos os mais importantes, mas muitos ineditos, de que soube aproveitar-se em razão do cabal conhecimento que tem da lingua portugueza. Tambem me foi mui util a obra de M. David B. Warden, que faz parte da *Arte de verificar as datas*, publicada pelo marquez de Fortia; posto que tenha muitas incorrecções, omissões e inadvertencias, e esteja inçada de erros typographicos. Tambem consultei os escriptos recentes de sabios viajantes allemães, inglezes e francezes, de maneira a offerecer ao

[1] Publicada em inglez, em tres tomos, grande quarto, em 1810, 1812 e 1819.

publico huma historia resumida, mas exacta dos principaes acontecimentos dignos de memoria, de que o Brasil tem sido o theatro desde que foi descoberto por Pedro Alvares Cabral até á abdicação do Imperador D. Pedro I.

Na ultima parte da obra achará o leitor muitos factos e particularidades que me são proprias, e cuja verdade afianço.

Não consultei a Historia do Brasil publicada em francez por M. A. de Beauchamp, porque tudo o que encerra de exacto he tirado de Southey. Da traducção portugueza e continuação em 12 volumes de 18, nada direi : quem tiver tido a curiosidade de a correr pelos olhos, verá o porque.

Paris, 30 de Outubro de 1838.





72
68
Caycara
R. Meta
R. Orinoco
R. Vichada
R. Ventuari
R. Paragua
C O L O M B
R. Guaviare
R. Orinoco
R. Cariquiari
R. Guainia
R. Xie
R. Ioanna
R. Uaupes
R. Apaporis
R. Yapura
S. Joaquim
St. Isabel
R. Padauiri
R. Negro
R I O N E G
Barcelos
R. Yapura
R. Caburi
R. Puta-mayo
Marañon ou
Fonteboa

INTRODUCÇÃO GEOGRAPHICA.

LIMITES DO BRASIL.

Logo depois dos descobrimentos feitos por Christovão Colombo expedio o papa Alexandre VI duas Bullas, a 2 e 3 de Maio de 1493, em que fixava os limites das possessões hespanholas e das portuguezas, estabelecendo por linha divisoria entre ellas hum meridiano traçado de hum polo ao outro, e passando a 100 legoas para oéste de huma das ilhas Canarias; declarando deverem pertencer á Corôa de Hespanha todas as terras e mares para oéste d'este meridiano, e á de Portugal as que ficassem para léste do dito meridiano; não prejudicando esta repartição ás concessões feitas pelo Papa aos Portuguezes, e comprehendidas nas 100 legoas assignadas a Castella. Conveio-se que a linha chamada *de Concessão*, passaria pela mais occidental das ditas ilhas, denominada *Ilha de S. Antonio;* mas como se não especificou se erão legoas castelhanas de 26 ½ ao gráo, legoas marinhas de 20 ao gráo, ou legoas portuguezas de 18 ao gráo, subsistia notavel duvida sobre os verdadeiros limites.

A instancias de D. João II de Portugal foi fixada a linha de demarcação 270 legoas mais ao occidente, ficando os Portuguezes com direito a todas as descobertas e conquistas a léste d'esta linha. Este tratado entre os reis

de Portugal e de Castella, foi solemnemente ratificado em Tordesillas a 7 de Junho 1493, e approvado por elrei de Castella a 2 de Julho, e pelo de Portugal a 27 de Fevereiro 1494. Ambos se sujeitavão, em caso de infracção, ás mais severas censuras do Papa.

Por effeito d'este ajuste cada huma das duas potencias conveio em expedir quatro embarcações, com astronomos cosmographos, encarregados de fixar a dita linha, e determinar o territorio pertencente a cada huma das duas Corôas.

O tratado de Tordesillas recebeo hum caracter ainda mais inviolavel pela sancção dada pelo papa Julio II, na sua Bulla de 24 de Janeiro 1506.

Os cosmographos castelhanos e portuguezes não puderão concordar, parte por effeito da imperfeição dos conhecimentos astronomicos naquella epocha, e parte em razão da ma fé. A 6 de Septembro 1522 o navio Victoria voltou da viagem em que Fernão de Magalhães tinha circumnavegado o globo, e descoberto as Molucas. Ambas as potencias pretendêrão estarem estas ilhas dentro da sua linha de demarcação. Depois de varias negociações sem resultado, cedeo por fim a Hespanha a Portugal a posse das Molucas pela somma de 360:000 ducados, reservando-se a faculdade de se resgatar; e foi de novo estipulado que o tratado de Tordesillas ficaria em vigor em todas as suas disposições. Este ajuste foi assignado em Saragoça a 22 de Abril 1529.

Em quanto á linha de demarcação, os cosmographos das duas nações guiados por antigas cartas inexactas, e não fundadas em observações astronomicas, obtiverão resultados bem differentes, pela imperfeição dos mappas, e ignorancia em que se estava então do valor dos gráos de longitude e de latitude á medida da sua distancia do equador.

A solução d'este problema he devida ao Inglez Eduardo Wright, o qual demonstrou que os gráos de latitude augmentão indo do equador para os polos, na mesma proporção que diminuem os de longitude.

A união dos dois reinos suspendeo esta interminavel discussão; mas renovou-se depois da revolução de 1640. Por fim em 1754 hum marco de marmore talhado em Lisboa, foi cravado no confluente do Jaurú e do Paraguay, na latitude de 16° 24, para marcar o limite entre as possessões portuguezas e as hespanholas. No lado que olha para léste tem a seguinte inscripção:

Sub Joanne quinto Lusitanorum rege fidelissimo.

No do sul:

Sub Ferdinando sexto Hispaniarum rege catholico justitia et pax osculatæ sunt.

No lado do norte:

Ex partis Frisium regendorum conventis.
Madriti idib. Januarii, M,DCC,L.

O 8° artigo do tratado de Utrecht fixou por limite entre a Guyana portugueza e a franceza o rio de Vicente Pinzon, denominando-o tambem Oyapoc ou Uiapoc em latitude norte de 1° 30'. Esta confusão de dois rios distinctos deo lugar posteriormente a discussões entre a França e Portugal. Os Francezes pretendião que o Rio Pinzon era o Arauari distante 60 legoas do Oyapoc para o sudéste. Pelo artigo 7 do tratado de Amiens (4 germinal anno X), 25 de março 1802, o rio Arauari que desembocca no Oceano acima do Cabo do Norte, ficou sendo o limite entre as duas Guyanas. Emfim, pelo tratado de 28 de Agosto 1817, o rio Oyapoc foi adoptado como limite, e a sua emboccadura fixada entre os 4° e 5° gráos de latitude

norte, e o 322° de longitude, da ilha de Ferro. A verdade he que o rio de Vicente Pinzon chamado pelos indigenas Calsoene ou Mayacari, he o rio onde desembarcou Vicente Pinzon, e vem correctamente marcado no celebre Mappa-mundi de Riben de 1529, ao norte do rio Amazonas, perto do golfo do Maranhão. Por conseguinte, tinhão os Francezes razão, sendo o rio de Vicente Pinzon o limite, e os Portuguezes, sendo este o Oyapoc.

As duvidas suscitadas em quanto aos limites mal definidos no Uruguay forão removidas pelo tratado de S. Ildefonso do 1° de Outubro 1777, pelo qual o governo portuguez renunciou á Colonia do Sacramento e á ilha de S. Gabriel.

Em 1532 o Brasil era dividido em 14 capitanias, e comprehendia desde perto do equador até 35° de latitude sul. Estas capitanias erão : 1° Gran-Pará; 2° Maranhão; 3° Ceará; 4° Rio-Grande do Norte; 5° Paraiba; 6° Itamaracá; 7° Pernambuco; 8° Seregipe; 9° Bahia; 10° Ilheos; 11° Espirito-Santo; 12° Porto-Seguro; 13° Rio de Janeiro; 14° S. Vicente. Foi depois dividido em 10 Governos, a saber : Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio-Grande do Sul, Minas-Geraes, Goyaz, Mato-Grosso.

Em 1817 o Brasil era dividido em 20 provincias, não contando os territorios de Goyana e de Solimões, dependentes do Pará. 1° Rio Grande do Sul; 2° Paraná; 3° Uruguay; 4° Santa Catherina; 5° S. Paulo; 6° Mato-Grosso; 7° Goyaz; 8° Minas-Geraes; 9° Rio de Janeiro; 10° Espirito-Santo; 11° Porto-Seguro; 12° Bahia; 13° Seregipe d'Elrei; 14° Pernambuco; 15° Paraiba; 16° Rio-Grande do Norte; 17° Ceará; 18° Piauhy; 19° Maranhão; 20° Pará, com as suas dependencias de Solimões e Goyana.

Pelo 20° artigo da Constituição Politica da Monarchia Portugueza, decretada pelas Côrtes Constituentes em

1822, o Brasil era dividido em 17 provincias, a saber: 1° Pará e Rio Negro; 2° Maranhão; 3° Piauhy; 4° Rio-Grande do Norte; 5° Ceará; 6° Paraîba; 7° Pernambuco; 8° Alagôas; 9° Bahia e Sercgipe; 10° Minas-Geraes; 11° Espirito-Santo, 12° Rio de Janeiro; 13° São Paulo; 14° Santa Catherina; 15° Rio-Grande do Sul; 16° Goyaz; 17° Mato-Grosso, e as ilhas de Fernando de Noronha, Trindade, e outras adjacentes ao Brasil. Pela Constituição Politica do Brasil de 11 de Dezembro 1823, esta divisão foi mantida, excepto que se destacou Seregipe da Bahià, e se ajuntou a Provincia Cisplatina, que depois se constituio em Estado independente republicano. Os limites actuaes entre o Estado de Monte-Video e o Brasil, se extendem até ao Cuarey, e passão depois pelas nascentes do Ituzaingo, do Ibicuy-Guazu, e d'alli corre a antiga demarcação até ao mar, isto he, segue o curso do Paraná.

DIVISÕES TERRITORIAES.

Rio-Grande ou *S. Pedro do Sul*: Esta provincia, a mais meridional de Brasil, comprehende desde 38° até 35° de latitude meridional. He limitada a léste pelo Oceano Atlantico; ao sul, pelo rio da Prata; ao occidente, pelo rio Uruguay; ao norte pela provincia de S. Paulo e de Santa Catherina, de que he separada pelos rios das Pellotas e Mampituba. Tem 130 legoas portuguezas do nordéste ao sudéste, e 100 de largura, termo médio. O governo d'esta provincia dependia do Rio de Janeiro até 1800. Em 1801 a sua povoação era avaliada em 60:000 individuos; em 1808 não passava de 40:000.

Os Tapuyas que occupavão este territorio á chegada dos Portuguezes forão expellidos depois de varios combates, e o paiz conquistado foi erigido em condado por Elrei de

Portugal, a favor de D. Lopo Furtado. Os Tapuyas que se havião retirado para o oéste, continuárão por muito tempo a fazer incursões devastadoras das plantações e povoações.

Nicolao de Resende naufragou nesta costa; salvou-se com 30 Portuguezes, e penetrou no interior do paiz até hum grande lago cujas margens seguio por alguns dias, sem poder attingir a sua extremidade. Em 1601 os Francezes se apossárão d'esta provincia, mas forão expulsados d'ella no anno seguinte pelos Portuguezes. Portalegre he a capital.

A provincia de S. Catherina, que antigamente fazia parte da de S. Paulo, está situada entre 25° 50′ e 29° 20′ de lat. sul. Comprehende a ilha de que tira o nome, e hum territorio de 60 legoas, de norte a sul, sobre o continente vizinho, que se extende desde o rio Sahy, que a separa da provincia de S. Paulo, ao norte, até Mampituba que a separa do Rio-Grande, ao sul. A serrania que atravessa estas provincias em direcção parallela á da costa, serve de limite occidental. A sua maior largura, que encerra a maior parte da antiga capitania de S. Amaro, não excede 20 legoas.

Em 1654 a ilha de S. Catherina, chamada a principio *Ilha dos Patos*, foi dada por Elrei D. João IV a Francisco Dias Velho, o qual estando no começo de seu estabelecimento, foi assassinado por hum pirata inglez. Este acontecimento desanimou os colonos, e o primeiro estabelecimento nesta fertil ilha foi feito á custa do governo portuguez.

A ilha de S. Catherina tem nove legoas de longo, de norte a sul, e 2 ½ de largo; está separada do continente por hum canal que não tem mais de 200 braças, e forma dois portos; o que fica mais ao norte tem tres legoas de extensão, e pode conter os maiores navios. A ilha he montuosa, e ainda hoje parte d'ella he coberta de arvoredo. Em 1749

tinha mais de 4000 habitantes e estava fortificada. Em 1796 continha 4216 fogos e 23:865 habitantes. Em 1814 a povoação era de 10:142 brancos e 4000 negros; as forças militares da ilha consistião em perto de 1000 homens de tropa regular, e 3000 milicianos. Em 1813, a povoação montava a 32:949 individuos, isto he, 24:806 brancos, 665 negros e mulatos livres, e 7478 escravos. Em 1796 havia na ilha 3 engenhos de assucar, e 297 moinhos de vento, ou movidos por bestas.

A ilha de S. Francisco dependente d'esta capitania, situada a 5 milhas ao norte de Itapicu, tem 6 legoas de extensão de norte a sul. Tem a fórma de hum arco cuja corda he parallela á costa; o canal que a separa do continente he impropriamente denominado rio de S. Francisco. A entrada meridional, chamada Aracary, tem 200 braças de largo, mas he pouco funda, e só admitte barcos. A entrada septentrional chamada Babitonga tem de 1000 a 1500 braças de largo e admitte sumacas grandes. Em 1749, esta ilha continha 120 familias ou 1221 habitantes. A cidade de Nossa Senhora do Desterro he a capital da provincia.

A provincia de S. Paulo foi formada em 1710, de huma parte da capitania de S. Amaro, e de metade da de S. Vicente. Está quasi inteiramente situada debaixo da zona temperada, entre 20° 30′, e 28° lat. sul. He limitada a léste pelo Oceano; ao norte, por Minas-Geraes, de que he separada pela serra de Mantiqueira; pelo Rio-Grande do sul, que a separa da provincia de Goyaz; ao sul, pelo rio Pellotas, que a separa do Rio Grande do sul; a oéste, pelo rio Paraná, que a separa de Goyaz e Mato-Grosso. Tem 135 legoas do norte ao sul, e 100 de largura média de léste a oéste. Segundo os viajantes allemães Spix e Martius, esta capitania tem 17:500 milhas quadradas, das

quaes 5000 estão cobertas de arvoredo, e 12:500 de prados ou pastos. A povoação d'esta provincia em 1808 era de 200:478 individuos : contavão-se nella 418 ecclesiasticos, dos quaes 331 regulares residentes em 15 conventos. Em 1813 a população era de 209:218, a saber : 112,964 brancos; 3951 negros livres; 37,602 escravos; 44,053 mulatos livres; 44:053 mulatos escravos. Em 1814 a população montava a 211:928; em 1815, a 215:211. Hoje he avaliada em 300:000. Em 1808 possuia 458 engenhos de assucar.

A ilha de S. Vicente, situada na provincia de S. Paulo, tem de 3 a 4 legoas de longo. He notavel pelas collinas chamadas *ostreiras* formadas de cascas de ostras, de que se faz cal.

A ilha de S. Sebastião situada na mesma provincia a 8 legoas E. N. E. de S. Amaro, tem 4 legoas de extensão, e he separada do continente por hum canal profundo de huma legoa de comprido, chamado *Toque-Toque.* Contêm 700 individuos livres, alem dos escravos.

A cidade episcopal de S. Paulo he a capital da provincia.

A provincia de Mato-Grosso, situada entre 7° e 24° 30′ de latitude sul, occupa huma superficie de 315 legoas de norte a sul, sobre 230 na sua maior largura; tem huma superficie de 48:000 legoas quadradas. Ao oéste he separada das possessões hespanholas pelos rios Guaporé, Jaurú e Paraguay; a léste, pelo rio Paraná, que a separa da provincia de S. Paulo, e pelo Araguaya, que a separa de Goyaz. Mato-Grosso he dividido em sete districtos, a saber : 1° Camapuania; 2° Mato-Grosso; 3° Cuiabá; 4° Bororonia; 5° Juruenna; 6° Arinos; 7° Tapiraquia. A povoação d'esta provincia excede 100:000 individuos. No meiado do XVI° seculo Aleixo Garcia e seu irmão (ou filho) acompanhado de huma grande comitiva

de criados, atravessou o Paraguay e penetrou na parte meridional d'èsta provincia. Algum tempo depois Manoel Correa, paulista, passou o Araguaya e se adiantou na parte septentrional. Em 1718 Antonio Pires de Campos, tambem paulista, remontou o rio Cuiabá perseguindo os Cuchipós. No anno seguinte Pascoal Moreira Cabral remontou o rio Cuchipó-Mirim e descobrio hum territorio abundante em oiro, de que foi nomeado *guarda-mór regente*.

Nas margens do Rio-Branco, grande affluente do Rio-Negro, os Portuguezes tem sete freguezias habitadas por indigenas que começão a civilisar-se. Estabelecêrão alli hum forte, e desde 1775 nas ricas pastagens d'aquelle territorio se crião innumeraveis gados, e se cultiva o cacao.

Villa Bella he a capital d'esta provincia.

A provincia de Goyaz era huma ouvidoria ou comarca de S. Paulo antes de 1749. Está situada no centro do Brasil, entre 6° e 21° lat. sul. He limitada ao norte pelas provincias de Pará e Maranhão; a oéste, pelo districto de Cuiabá de que a separa o rio Araguaya; ao sul, pelo Camapuania, e a provincia de S. Paulo; e a léste, pela serrania das provincias de Minas-Geraes e de Pernambuco. Goyaz tem perto de 200 legoas de longo, partindo da juncção do Araguaya com o Tocantins, á do Rio-Pardo com o Paraná. O Snr. Giraldes lhe dá 300 legoas de longo e 200 de largo. Contêm 3 districtos occidentaes: 1° Cayaponia; 2° Goyaz; 3° Nova Beira; e 3 orientaes: 1° Rio das Velhas; 2° Paranan; e 3° Tocantins. A povoação actual he avaliada em 175:000 individuos. Em 1804 continha 50:539.

A cidade de Villa Boa he a capital da provincia.

Durante o governo de Gomes Freire, os habitantes de Minas-Geraes juntos aos Paulistas se apossárão do territorio de que se formou depois a capitania-geral de Goyaz, assim chamada do nome dos Indios que o habitavão. O

paulista Manoel Correa, indo em cata de escravos, descobrio oiro em hum dos rios. Bartholomeo Bueno, em huma primeira expedição achou pedaços de oiro no paiz dos Aracys perto de hum affluente do rio Orelhana. Em huma segunda expedição feita em 1670, este celebre aventureiro penetrou até ao Rio-Vermelho, affluente do Araguaya, e vio mulheres indigenas ornadas de chapas de oiro que tinhão achado nos regatos. O filho de Bueno que ainda moço acompanhára o pai nesta expedição, foi mandado pelo governador Rodrigo Cesar de Menezes com cem homens, a descobrir o lugar até onde Bueno se tinha adiantado; mas forão baldadas as suas diligencias, e voltou a S. Paulo, tendo perdido a maior parte dos seus companheiros. Foi porêm mais feliz na segunda expedição em que descobrio oiro em diversos regatos. Nomeado *capitão-mór*, foi encarregado pelo mesmo governador de estabelecer huma colonia naquelles sitios, que denominou *Arraial do Ferreiro.*

A provincia de Minas-Geraes, assim denominada por se ter achado oiro em todos os seus ribeiros, foi formada em 1720 de huma porção da de S.-Paulo, situada entre 13° e 23° 27′ latitude sul, e entre 328° e 336° de longitude, contada da ilha de Ferro. Segundo as observações as mais recentes, dá o padre Cazal a esta provincia 112 legoas de longo, de norte a sul, e 80 de largo, de léste a oéste. He limitada ao norte pela provincia da Bahia, de que he separada pelo rio Verde, e pela de Pernambuco, de que he separada pelo rio Carinhenha; ao sul, pela serra de Mantiqueira, que a separa da de S. Paulo, pelos rios Preto, Paraîbuna, e Paraîba, que a separa da provincia do Rio de Janeiro; a oéste, pela provincia de Goyaz, e a léste, pelas do Espirito-Santo, Porto-Seguro, e huma parte da Bahia.

Este paiz foi descoberto em 1573 por Sebastião Tourinho, habitante de Porto Seguro, que remontando o Rio Doce, se adiantou até ao Jequitinhonha cuja corrente seguio até á costa. Depois de Tourinho, Antonio Dias Adorno, e Marcos de Azevedo seguirão o mesmo caminho para descobrir esmeraldas e saphiras. Em 1693, Antonio Rodrigues, natural de Taubaté, atravessou a parte occidental em busca de minas de oiro. Bento Miguel d'Almeida, em 1694, e Manoel Garcia, em 1695, percorrêrão os districtos de S.-João d'Elrei, Sabará, e Villa-Rica. As riquezas com que voltárão estes aventureiros, decidirão muitos Portuguezes e Indigenas a irem estabelecer-se nesta provincia.

A 9 de Novembro 1709, a provincia de S.-Paulo e a das Minas forão destacadas da capitania do Rio de Janeiro, para formar huma capitania distincta. Em 1711, Villa-Rica e Marianna, e em 1714 Villa do Principe forão creadas. Dividio-se então a provincia em quatro comarcas, a saber: Villa-Rica, Rio das Mortes, Sabará, e Serro do Frio. Minas foi destacada de S.-Paulo em 1720 para formar huma capitania separada, de que D. Lourenço de Almeida foi o primeiro governador. Ao mesmo tempo foi nomeado hum intendente geral das minas.

Em 1776, esta provincia continha 319:769 habitantes. Em 1808 a povoação era de 433:049; e em 1813 de 480:000. Hoje avalia-se em 500:000. O coronel Eschwege publicou o mappa seguinte da povoação de Minas-Geraes em 1808.

Pessoas livres.

Côr.	Machos.	Fêmeas.	Total.
Brancos.	54:157	52:527	106:684
Mulatos.	64:406	65:250	129:656
Negros livres.	23:286	24:651	47:937
Total.	141:849	142:428	284:277

Escravos.

Côr.	Machos.	Fêmeas.	Total geral.
Mulatos.	7:757	7:880	145:393
Negros.	86:849	46:186	180:972
Total.	94:606	54:066	326:365

Villa Rica he a capital da Provincia.

A provincia de Rio de Janeiro he formada da antiga capitania de S.-Thomé, de metade da de S. Vicente, e parte da do Espirito-Santo. He banhada pelo Oceano Atlantico ao sul e a léste; confina ao oéste com a provincia de S.-Paulo, e ao norte com a do Espirito-Santo, de que he separada pelos rios Cabapuana, Preto, e Paraiba, e em parte pela serra de Mantiqueira, e pela provincia de Minas-Geraes. Perto da sua extremidade septentrional, esta provincia situada entre 21° e 24° lat. merid. tem 60 legoas de léste a oéste, e 30 de largo, contadas desde a fortaleza de Santa Cruz á entrada da bahia de Rio de Janeiro até ao rio Paraîbuna. A costa meridional se extende desde Cabo Frio até o Cabo Trindade quasi 3

legoas oéste da Ponta Joatinga. Esta provincia he dividida em duas partes pela Serra dos Orgãos: a primeira denominada *Serra-acima* comprehende os districtos de Paraíba-Nova, e de Canta-Gallo; a segunda ou *Beiramar* encerra quatro districtos, a saber: Ilha-Grande, Rio de Janeiro, Cabo-Frio e Goitacazes. A povoação actual da provincia excede 400:000 habitantes. MM. Spix e Martius lhe dão 420:000. A cidade de Rio de Janeiro he a capital da provincia, e do Imperio, assento do governo, e residencia do Imperador.

A cidade do Rio de Janeiro foi a principio denominada São Sebastião, em honra do rei que então occupava o throno de Portugal. Está assente em hum terreno plano, chamado pelos indigenas *Ganabara*, entre a bahia e a Serra do Corcovado que a domina. Tem cerca de duas milhas de extensão de léste a oéste. A Cidade-Velha consta de oito ruas estreitas, mas parallelas, cortadas em angulos iguaes por outras transversaes. A Cidade-Nova he separada da Velha pelo Campo de Santa-Anna, e por huma ponte de madeira, do bairro de Mataporcos. A maior parte da Cidade Nova foi construida depois da vinda de D. João VI em 1808. Os edificios são construidos em pedra de cantaria; as ruas são largas, bem calçadas, e com passeios lateraes lageados. He provída de aguas por hum bello aqueducto que conduz a agua da Serra do Corcovado, e vai desaguar no Chafariz da Carioca. Este aqueducto, começado em 1719 e terminado em 1723, he composto de duas ordens de arcos sobrepostos. Antes da chegada da côrte, a povoação da cidade excedia 50:000 habitantes, a metade negros ou mulatos. Em 1817 era avaliada em 110:000, e hoje suppõe-se ser de 140:000 a 150:000. Este notavel augmento foi devido, 1º á emigração de Portugal em 1808, que se avalia em 24:000 pessoas, e 2º ao grande numero de estrangeiros

que tem depois vindo estabelecer-se nella como negociantes, mercadores, artifices, etc. O numero dos Francezes residentes excede 1400. A 17 de Agosto assentárão os Inglezes os alicerces de hum templo protestante, o primeiro erigido na America meridional.

A bahia he mui espaçosa, segura e optimamente situada para o commercio exterior. Segundo as observações do almirante francez Roussin, a latitude de Rio de Janeiro he de 22° 54′ sul, e a longitude 45° 36′ do meridiano de Paris.

A provincia do Espirito-Santo tem huma extensão de 38 legoas, do sul ao norte, entre o rio Cabapuana, e o rio Doce; a extensão de léste a oéste não está bem determinada, porque parte d'ella he ainda habitada pelos indigenas. He limitada ao norte, pela provincia de Porto-Seguro; a oéste, pela de Minas-Geraes; ao sul, pela do Rio de Janeiro, e a léste, pelo Oceano Atlantico.

Em 1749 esta provincia continha 1705 fogos; as principaes villas são : 1° Villa de Victoria; 2° Villa-Velha; 3° Benavente; 4° Almada; 5° Guarapary; 6° Itapemirim. Victoria he a capital.

A provincia de Porto-Seguro comprehende o antigo territorio da capitania do mesmo nome, e parte da dos Ilheos, e Espirito-Santo. He situada entre 15° 54′ e 19° 31′ lat. merid. Confina ao norte com a provincia da Bahia, de que he separada pelo rio Belmonte; a oéste com Minas-Geraes; ao sul, com Espirito-Santo; a léste he banhada pelo mar. Tem 65 legoas de norte a sul, mas os seus limites não estão bem determinados, porque os Indios Aymores ou Botecudos occupão ainda grande parte d'ella. O Snr. Giraldes lhe dá 85 legoas de longo.

As cidades e villas d'esta provincia são : 1° Porto Seguro; 2° Villa Verde; 3° Trancoso; 4° Prado; 5° Alcobaça;

6° Caravellas; 7° Villa Viçosa; 8° Portalegre; 9° S. Matheus; 10° Belmonte. A cidade de Porto-Seguro he a capital.

Em 1749 continha 485 fogos.

A provincia da Bahia comprehende quasi todo o territorio da antiga capitania de S. Salvador, junto ao dos Ilheos. Está situada entre 10° e 16° lat. sul. He limitada ao norte pelas provincias de Seregipe d'Elrei e Pernambuco; ao sul, pelas de Porto-Seguro, e Minas-Geraes; a oéste, pela de Pernambuco, de que he separada pelo Rio S. Francisco; e a léste pelo mar. Tem 115 legoas de norte a sul; e 70 a 80 de largura, mas ainda não está bem determinada: O Snr. Giraldes a avalia em 100 legoas.

O Reconcavo da comarca da Bahia, cuja largura he de 6 a 10 legoas, abraça a cidade e a bahia, na qual desaguão muitas ribeiras, todas navegaveis por barcos até alguma distancia da sua foz.

Esta provincia he dividida em tres comarcas, a saber: 1ª dos Ilheos; 2ª Jacobina; 3ª Bahia.

A comarca dos Ilheos encerra as cidades ou villas seguintes: 1° Ilheos; 2° Olivença; 3° Rio de Contas; 4° Camamu; 5° Marahu; 6° Barcellos; 7° Serinhaem; 8° Cairú; 9° Igrapiuna; 10° Boipeba; 11° Valença.

A comarca da Jacobina encerra as seguintes villas: 1ª Jacobina; 2° Villa-Nova da Rainha; 3ª Rio das Contas; 4ª Villa-Nova do Principe; 5° Urubú.

A comarca da Bahia encerra as villas seguintes: 1ª Abrantes; 2ª Agua-Fria; 3° Itapicurú; 4ª Pombal; 5° Soure; 6ª Mirandella; 7° Abbadia; 8° Inhambupe; 9° Villa do Conde; 10ª San Francisco; 11° Santo Amaro; 12° Maragugipe; 13° Cachoeira; 14° Jaguarype; 15° João Amaro; 16° Pedra-Branca; e 17° a cidade de S. Salvador ou Bahia de Todos os Santos, capital da provincia.

Em 1775 a povoação da capitania da Bahia montava a 245:000 pessoas; actualmente excede 500:000.

A ilha de Itaparica, situada na bahia de Todos os Santos, tem seis legoas e meia de comprido, de norte a sul, e tres na sua maior largura.

A cidade de S. Salvador, ou Bahia de Tódos os Santos está em 12° 59′ lat. sul; longit. 40° 52′ do meridiano de Greenwich. A primeira cidade occupava a actual Villa-Velha. A bahia, huma das mais espaçosas e seguras do globo, pode facilmente conter 2000 navios: tem oito legoas de extensão de léste a oéste, e seis e meia de norte a sul, e encerra cerca de cem ilhetas. D. João III° lhe deo por armas huma rola branca em campo verde, com hum ramo de oliveira no bico com cercadura de prata, e a letra: *Sic illa ad arcam reversa est.* Foi erigida em bispado pelo papa Julio III em 1551, e em arcebispado, por Innocencio XI, em 1676. Durante dois seculos foi o assento do Governador, e capital do Brasil. Em 1763 foi nomeado hum vice-rei, cuja residencia foi transferida ao Rio de Janeiro.

A cidade tem quatro milhas de extensão do norte ao sul, comprehendidos os suburbios. He dividida em Cidade alta, e a Praia; esta consiste principalmente em huma longa rua. Em 1812 forão calçadas as ruas da Bahia, e no mesmo anno construio-se hum theatro.

Em 1521 a povoação de S. Salvador não passava de 800 pessoas. A actual excede 100:000 habitantes, dois terços dos quaes são negros ou mulatos.

A provincia de Seregipe d'Elrei, antigamente districto da Bahia, está situada entre 11° e 12° 20′ lat. sul. Tem 20 legoas de costa, desde o rio Real que a separa da Bahia, e o rio S. Francisco, que a separa de Pernambuco; e perto de 40 no interior até ao angulo em

que termina no pequeno rio Xingu, duas leguas abaixo da grande cachoeira de Paulo Affonso.

As cidades ou villas da parte oriental são: 1° Seregipe; 2° Santo Amaro; 3° Santa Luzia; 4° Itabayana; 5° Villa Nova; e na parte occidental, 1° Propihá; 2° Lagarto; 3° Thomar. A capital he a cidade de Seregipe.

A provincia de Pernambuco está situada entre o 7° e 15° lat. merid. He limitada ao norte pelas provincias do Paraíba, Ceará e Piauhy; ao sul, pelo Rio de S. Francisco, que a separa de Seregipe e da Bahia, e pelo Carinhenha, que a separa de Minas-Geraes; a oéste, pela provincia de Goyaz; e a léste pelo Oceano. Tem 70 legoas, de costa entre o S. Francisco e o Goyana. O Snr. Giraldes lhe dá 160 legoas de longo, e 100 de largo. Em 1717 o conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, donatario d'esta capitania, a cedeo pelo titulo de marquez de Valença, e huma somma de 80:000 cruzados.

He dividida em tres comarcas: Olinda, Recife, e Alagôas. A primeira encerra as cidades ou villas d'Olinda, Goyana, Iguaraçu, Pao d'Alho, e Limoeiro. A do Recife comprehende a cidade do Recife, e as villas de Serinhaem, S. Antonio, e S. Antão. As Alagôas encerrão as villas de Porto Calvo, Alagôas, Atalaia, Anadia, Maceyó, Porto de Pedras, Poxim, e Penedo.

Esta provincia tem huma povoação de mais de 550:000 habitantes. A ilha de Itamaracá, antigamente chamada *dos Cosmos*, tem três legoas de longo e huma de largo. A cidade de Pernambuco he a capital da provincia, e séde episcopal. Está em 8° 13′ lat. merid. e 37° 23′ long. oéste de Paris. Consta de duas partes distinctas, Olinda e o Recife. O Recife he dividido pelo rio Capibaribe em tres partes ou parochias, o Recife, S. Antonio, e Boa-Vista, que communicão por duas pontes de pedra e madeira, das

quaes huma tem 350 passos de longo, e a outra 290. O Recife assente na peninsula, he a parte commerciante da cidade. S. Antonio situado na parte septentrional da ilha, comprehende a antiga cidade fundada pelo principe Mauricio de Nassau e denominada Mauricio. Boavista foi fundada pelos Hollandezes com este nome portuguez. Os arredores de Pernambuco são deliciosos.

Em 1810 o Recife ou Cidade baixa continha 5381 familias. Pernambuco foi tomado em 1630 pelos Hollandezes, que conservárão a posse d'elle 24 annos. Em 1806 via-se ainda perto da porta da igreja do Corpo-Santo huma lamina de marmore com a inscripção seguinte em hollandez.

OP GEBOUWT
ONDER
D'HOOGE REGERINGE
VAN
PRÆSID[t]. EN RADEN
ANNO MDCLII.

Que significa: Construido pelo governo supremo, composto do Presidente e do Concelho 1652.

Olinda occupa huma bella posição em hum terreno elevado. Em 1582 continha 700 habitantes portuguezes, e cerca de 4 a 5000 negros escravos. Em 1631, quando foi queimada pelos Hollandezes, encerrava 25:000 almas. Em 1810 continha 1195 fogos. Hoje avalia-se a povoação total de Pernambuco em 65:000 individuos.

A provincia da Paraíba, que comprehende perto dos dois terços da antiga capitania de Itamaracá, se extende a 19 legoas ao longo da costa entre o Rio Goyana e a Bahia de S. Marcos, a tres milhas de Camaratiba. Está situada entre 6° 15′ e 7° 14′ lat. merid. A sua maior extensão de léste a oéste he de 60 legoas.

Em 1634 continha 700 familias, e possuia 30 engenhos

de assucar. Em 1775 avaliava-se a sua povoação em 52:000 almas. Em 1812 excedia 120:000, dos quaes 17:000 erão escravos, 3400 Indios; 8000 negros livres e 28:000 mulatos livres. As cidades ou villas na parte oriental são : Paraíba, Pilar, Alhandra, Villa-Real, Villa do Conde, Villa da Rainha, S. Miguel, Montemór. Na parte occidental, Pombal e Villa-Nova de Sousa. A cidade da Paraíba he a capital da provincia.

A provincia do Rio-Grande do Norte, comprehende parte da capitania concedida ao historiador João de Barros. Em 1654 D. João IV concedeo parte d'ella a Manoel Jordão, que morreo naufragado em vista do porto em que ia desembarcar. Em 1689 este territorio foi dado pela Corôa a Lopo Furtado de Mendonça. Está situada entre 4° 10′ e 6° 15′ lat. merid., e tem cerca de 50 legoas de longo sobre 30 de largo. He limitada ao norte e a léste pelo Oceano; ao sul, pela provincia da Paraíba; a oéste pela do Ceará, da qual he separada pela serra de Appody, perto de huma legoa a oéste do rio d'este nome. As principaes cidades ou villas da provincia são : Natal, capital da provincia, Aviz, Estremoz, S. José, Villa Flor. A povoação d'esta provincia em 1775 era avaliada em 23:000 pessoas.

A ilha de Fernando de Noronha, está situada a 70 legoas E. N. E. do cabo S. Roque em 3° 53′ lat. merid. Tem perto de tres legoas de longo, e outro tanto de largo; he montuosa, e tão esteril que só pequena parte da superficie he susceptivel de cultura, e todavia he bem provida de agua. Tem dois bons portos capazes de dar abrigo a navios grossos, e he guarnecida de fortes.

A provincia do Ceará tomou este nome de hum pequeno rio, na emboccadura do qual se fez o primeiro estabelecimento. He limitada ao norte pelo Oceano; ao

sul, pela serrania de Araripe ou Cayriris, que a separa da provincia de Pernambuco; a léste, pelas provincias do Rio-Grande do Norte, e Paraîba; e a oéste, pela de Piauhy de que he separada pela serra de Ibiapaba. Tem perto de 90 legoas na sua maior extensão de léste a oéste, e outro tanto do norte ao sul, e huma extensão consideravel de costa. Segundo o Senhor Giraldes, o Ceará está situado entre 2° 30′ e 6° lat. merid., e tem só 80 legoas de largura.

Durante a grande sêcca desde 1792 até 1796 muitos mil habitantes morrêrão de doenças, e foi quasi abandonada. Em 1813 tinha 150:000 habitantes. As cidades e villas situadas na parte oriental da provincia são: Nossa Senhora da Assumpção, Aracaty, Iccó, Crato, Bom-Jardim, S. Bernardo, S. João do Principe, Campo-Maior, Aquiraz; Montemór o Novo, Messejana, Soure, Arronches. As da parte septentrional são: Sobral, Villa-Viçosa, e Villa-Nova d'Elrei. A cidade de Aracaty he a capital da provincia.

A provincia de Piauhy tira o nome de hum dos rios que a banhão. Foi estabelecida em 1718, sendo até então huma comarca do Maranhão. He quasi limitada a léste pela provincia do Ceará, de que he separada pela serra de Ibiapaba; a oéste, pelo rio Parnaîba, que a separa do Maranhão. He quasi triangular, e tem mais de 100 legoas na costa meridional, onde he separada da provincia de Pernambuco, e 18 ao norte, onde he limitada pelo Oceano. Situada entre 2° 30′ e 11° lat. merid. tem 120 (1) legoas de longo, de norte a sul, e 50 de largura média.

A conquista d'esta provincia foi começada em 1674 por hum paulista chamado Domingos Jorge, e Domingos

1 O Snr. Giraldes lhe dá 160 legoas de longo.

Affonso natural de Mafra, mas não teve governador até 1758. As cidades e villas d'esta provincia são: Oeiras, Parnaîba, Marvão, Campo-Maior, Valença, Jerumenha, e Pernaguá. A cidade de Oeiras he a capital da provincia.

Provincia do Maranhão. O nome d'esta provincia he tirado do rio denominado Maranhão, do termo hespanhol *maraña*, maranha, dado por Pinzon ao grande rio chamado Orellana e Amazonas. Esta provincia está situada entre 1° 16′ 29″ e 12° lat. merid., e entre 332° 45′ e 335° 52′ 20″ de longitude do meridiano da ilha de Ferro. He limitada a léste pela serrania do Piauhy e pelo Rio Parnaîba; a oéste, pela provincia do Pará e o rio Turu-Açu, e com Goyaz, pelo rio Manoel Alves Grande, desde a sua juncção com o Tocantins até á do rio Araguaya em S. João das duas barras; ao norte, pelo Oceano, e ao sul, pela serrania Taugatinga ou do Piauhy. A sua maior extensão do norte ao sul, desde a parte septentrional da ilha de S. João até á origem dos rios Parnaîba e Balsas, he de 235 legoas de 20 ao grao, e a sua maior largura de léste a oéste, na latitude de 7° he 129 legoas. A extensão da costa he de 98 legoas. Tem huma superficie de cerca de 19:200 legoas quadradas (de 20 ao grao), de que 11:600 pertencem á povoação civilisada, e 7600 aos indigenas, que occupão os districtos de Miarim, Viana, Monção, Codo, Caxias, e Pastos-Bons.

A população em 1648 era de 400 colonos portuguezes, e 80 soldados. Em 1683 havia mais de mil habitantes, só na cidade de S. Luiz. A população actual monta a 152:893, dos quaes 55:618 são livres. Encerra huma cidade, 12 villas e 19 aldeias.

O primeiro donatario do Maranhão foi o juiz Antonio

Coelho de Carvalho. Em 1626 foi o Maranhão destacado do Pará e do governo geral do Brasil. As cidades e villas d'esta provincia são : Alcantara, Guimarães, S. João de Cortes, Viana, Monção, Hicatu, Caxias, Turi, Vinhaes, Passo do Lumiar, e Maranhão, que he a cidade capital da provincia, e séde episcopal.

A ilha do Maranhão, situada em hum golfo perto da foz occidental do rio Miarim, tem 7 legoas de extensão do N.-O. ao S.-O., e 5 na sua maior largura. Forma com o continente duas apraziveis bahias, huma a léste, debaixo do nome de S. José; a outra a oéste, chamada de S. Marcos, cada huma de 6 milhas de largo, e que communicão por hum pequeno estreito, chamado Rio do Mosquito, de 5 legoas de longo, que separa a ilha do continente. Esta ilha tem varios outeiros, he coberta de arvoredo, e regada por 15 ribeiros.

A cidade de S. Luiz do Maranhão está situada na parte occidental da ilha na latitude meridional de 2° 30′ 44″, e longitude oéste de Paris 46° 36′ 24″. Foi erigida em bispado em 1676. O porto he mui frequentado, e defendido por tres fortes. Em 1806 tinha 12:000 habitantes; hoje passão de 30:000. Foi tomada pelos Hollandezes em 1641, e retomada pelos Portuguezes em 1643.

A provincia do Pará he limitada ao norte, pelo Oceano, e pelo Rio Maranhão ou das Amazonas, que a separa da Guyana; a oéste, pelo rio Madeira; ao sul, pelas provincias de Goyaz e Mato-Grosso, e a léste, pela de Maranhão. Extende-se desde o equador, ou, mais exactamente, de 15′ até 17_0 lat. merid. e comprehende 250 legoas portuguezas de léste a oéste, e menos de 120, na sua maior largura. O Snr Giraldes diz que tem 220 legoas de longo, e 150 de largo.

A provincia tem quatro districtos, a saber : 1° Pará

proprio, cujas cidades ou villas são : Belêm ou Pará, Bragança, e Collares ; 2° Xingutania, cujas villas são : Villa Viçosa, Garupá, e Melgaço ; 3° Tapajonia, cujas villas são : Santarem, Souzel, e Alter do Chão ; e 4° Man-druamia, cujas villas são : Villa-Nova da Rainha, Borba, e Villa-Franca. A cidade episcopal de Pará ou Belêm he a capital da provincia.

A ilha de Joannes ou de Marajó, na provincia de Pará, situada entre o Rio Tocantins e o Amazonas, confina com o Oceano ao norte, e o estreito de Tagipura ao sul. Tem 27 legoas do norte ao sul, e 37 de léste a oéste.

Em 1616 Francisco Caldeira entrou nesta provincia com 200 soldados, e construio hum forte de madeira perto do qual foi fundada depois a cidade de Belêm.

A provincia de Solimões he limitada ao norte pelo Amazonas ; a léste, pelo Rio Madeira ; a oéste pelo Javary, que a separa das possessões hespanholas, e ao sul pelas mesmas possessões cuja demarcação foi fixada em 1757. Está situada entre 3° 23′ e 7° 30′ lat. merid. Tem de norte a sul 70 legoas sobre a costa oriental, e mais de 180 de léste a oéste. Comprehende todo o paiz situado entre o Rio Madeira e o Javary que pertence ao governo do Rio-Negro, o qual depende do Gran-Pará. Esta provincia igual em extensão á Gran Bretanha, communica com os rios navegaveis Orelhana, Madeira, Purus, Coary, Teffe, Juruá, Jutai e o Javary, dos quaes o mais pequeno tem 1800 pes de largo na sua foz.

Suppunha-se que estes rios nascião das montanhas do Pará ; mas hoje sabe-se que além d'estes rios existe huma communicação entre o Ucayalé, grande affluente do Orelhana, e o Mamoré pelo rio da Exaltação e o lago Rogagualo, na provincia de S. Marcos ; mas ignora-se ainda se os rios nascem d'este lago.

Esta provincia he pouco conhecida, por estar em grande parte occupada pelos indigenas, excepto ao longo dos rios Madeira e Amazonas. He dividida em seis districtos, a saber : Puru, Coary, Teffe, Hiarba, Hiutahi, Hiabari. Crato he a capital.

A provincia de Guyana forma a parte oriental da região denominada *Terra Firme*. He limitada, ao norte, pelo Oceano e o rio Orinoco; ao sul, pelo Amazonas; a léste, pelo Oceano; e a oéste, pelos rios Hiapura e Orinoco. A Guyana portugueza, extende-se desde o Rio Oyapoc em 4° de latitude meridional.

Desde o anno 1775, os Portuguezes estabelecêrão nas margens do rio Branco sete parochias, ou aldêas habitadas principalmente pelos indigenas, a saber : Santa Maria, S. João Baptista, Nossa Senhora do Carmo, S. Philippe, S. Antonio, S. Barbara, e S. Joaquim. O paiz tem muitos portos, e os rios abundão em peixe e tartarugas. Edificou-se hum forte a 369 legoas do Pará, ou a 62 dias de viagem seguindo o curso dos rios.

As villas da parte oriental são : Alemquer, Almeirim, Arraiollos, Cayenna, Espozende, Faro, Macapá, Mazagão, Montalegre, Outeiro, Obidos, Prado, e Villa-Nova. As da parte occidental são : Barcellos, Moura, Marippi, Rio Negro, Silves, Serpa, e Thomar.

DIVISÃO DO BRASIL EM 1831.

Nomes das provincias e dos districtos.	*Cidades capitaes, e cabeças de comarca.*
1. Provincia de Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro.
2. Provincia de S. Paulo.	S. Paulo.
Comarca de S. Paulo.	*Idem.*
— de Itu ou Hitu.	Itu ou Hitu.
— de Paranaguá e Coritiba.	Coritiba.

Nomes das provincias e das comarcas.	*Cidades capitaes, e cabeças de comarca.*
. Provincia de S. Catherina,	Nossa Senhora do Desterro.
. Provincia de S. Pedro do Sul.	Portalegre.
. Provincia de Matto Grosso.	Mato Grosso.
. Provincia de Goyaz.	Goyaz.
Comarca de Goyaz.	*Idem.*
— de S. João de duas Barras.	Natividade.
. Provincia de Minas-Geraes.	Villa Rica ou cidade do OuroPreto.
Comarca de Ouro Preto.	*Idem.*
— do Rio das Mortes.	S. João d'Elrei.
— do Rio das Velhas.	Sabará, ou Villa Real do Sabará.
— de Paracatu.	Paracatu.
— de Rio de S. Francisco.	Rio S. Francisco das Chagas, ou Rio Grande.
— do Serro Frio.	Villa do Principe.
. Provincia do Espirito Santo.	Victoria.
. Provincia da Bahia.	S. Salvador, ou Bahia de Todos os Santos.
Comarca da Bahia.	*Idem.*
— da Jacobina.	Jacobina.
— dos Ilheos.	S. Jorge, ou Ilheos.
— de Porto Seguro.	Porto Seguro.
10. Provincia de Seregipe.	S. Christovão, ou Seregipe.
11. Provincia das Alagôas.	Alagôas.
12. Provincia de Pernambuco.	Pernambuco, ou cidade do Recife.
Comarca do Recife.	*Idem.*
— de Olinda.	Olinda.
— do Sertão.	Simbres, antigamente Ororabo.
13. Provincia da Paraiba.	Paraiba.
14. Provincia do Rio Grande do Norte.	Cidade do Netal, ou Natal.
15. Provincia do Ceará.	Ceará, ou Portalegre.
Comarca do Ceará.	*Idem.*
— do Crato.	Crato.
16. Provincia de Piauhy.	Oeiras.
17. Provincia do Maranhão.	Maranhão, ou S. Luiz.
18. Provincia do Pará.	Belem, ou Pará.
Comarca do Pará.	*Idem.*
— de Marajó.	Villa de Monforte, ou Villa Goyana.
— do Rio Negro.	Barra do Rio Negro.

A nova provincia das Alagôas situada entre 9° e 10° 30′ de latitude meridional, foi destacada da parte oriental de Pernambuco; esta provincia tambem perdeo a oéste de S. Francisco toda a comarca do mesmo nome, que faz parte de Minas-Geraes. A antiga provincia de Porto Seguro forma actualmente a comarca do mesmo nome da provincia da Bahia. O Brasil tem cerca de 25:000 legoas (de 20 ao grao) quadradas de superficie.

DO TERRENO DO BRASIL.

Huma grande parte do interior do Brasil he occupada por vastas planicies estereis e densos bosques. Na provincia do Pará o solo he em geral plano, fertil, coberto de arvoredo. O do Maranhão, pelo contrario, he montuoso, sem todavia termontanhas elevadas: he mais fertil e abunda em excellentes madeiras.

A provincia do Ceará, não tem altos montes excepto as serranias que a cercão quasi inteiramente. As terras baixas são estereis, mas os outeiros são ferteis e frondosos.

A do Rio-Grande do norte he terreno montuoso sem grandes serras. O solo he pouco fertil; mas em alguns sitios se cultiva a canna doce e o algodoeiro.

Os dois terços da Paraiba são fragosos e mal cultivados; o resto he fertil, e tem muito arvoredo, particularmente nas vizinhanças dos rios.

O territorio de Pernambuco he fertil e mais proprio á cultura da canna, do algodão, e produz madeira de excellente qualidade, tanto para tinturaria como para construcção e marcenaria.

A parte oriental de Seregipe abunda em matas; a occidental he agreste, pouco fertil, falta de aguas, e mal cultivada.

A Bahía tem hum terreno montuoso e fertil, proprio á agricultura e abundante em arvoredo. Dá muito algodão e assucar. Porto-Seguro he coberto de bosques que dão excellentes madeiras. A Serra dos Aymores, que atravessa parte d'esta provincia, e da da Bahia, se prolonga até ao mar, de hum lado, e se extende pelo sertão, do outro. O territorio do Espirito-Santo he cortado por muitas serras cobertas de arvoredo. O terreno he fertil, mas pouco cultivado.

A provincia do Rio de Janeiro he montuosa, excepto no districto de Goytacazes. Os campos que se extendem desde Paraíba até Macahé são mui ferteis e productivos. A de S. Paulo offerece huma grande diversidade de terreno. A parte oriental encerra a Serra de Cubatão que se extende em direcção parallela á costa; he coberta de arvoredo, e regada por muitos rios, dos quaes huns desaguão no mar, e outros se perdem no sertão. Santa Catherina he montuosa, fertil e coberta de arvoredo. Tem algumas terras pantanosas.

A provincia do Rio-Grande do Sul he atravessada por huma serrania; mas o terreno he em geral plano, mui fertil, e abundante em pastos.

Mato-Grosso he hum paiz chato, com muito arvoredo nas margens dos rios. Parte do districto de Campuania de huma extensão de 70 milhas, he annualmente inundado pelo Paraguay. Paraná he tambem plano. O clima he temperado, e o solo he susceptivel de dar quasi todos os productos da Europa. Outro tanto se applica á provincia do Uruguay.

As duas provincias do Uruguay, Solimões e Piauhy são mui ferteis.

A provincia de Minas-Geraes he a mais montuosa do Brasil. O aspecto da de Goyaz he montuoso, e o terreno

pouco favoravel á agricultura, excepto em alguns sitios. Os *Campos Geraes* do Brasil oriental, diz o conde Maximiliano de Neuwied, são como hum mundo novo; planicies immensas nuas de arvoredo, ou huma continuação de outeiros cobertos de hervas altas e seccas, e de alguns arbustos dispersos. Os campos que se extendem até ao rio de S.-Francisco e no Goyaz são cortados por valles onde nascem diversos rios, e parte d'elles dá bons pastos e está coberta de arbustos.

MONTANHAS, LAGOS, RIOS, ETC.

Diversas serranias correm ao longo da costa desde o 10° até ao 30° de latitude meridional. A serra que se prolonga da extremidade septentrional da provincia da Bahia até S.-Catherina, dista 150 legoas da costa. Outra serra mais consideravel começa entre as provincias de Pernambuco e Maranhão, e se extende até á grande cordilheira do Brasil da qual nascem os seus principaes rios. Huma terceira serrania se prolonga por alguns centenares de milhas ao longo da borda oriental do Tocantins.

A alta serrania que atravessa as provincias de Minas-Geraes, Goyaz e Pernambuco he separada da serrania da costa oriental por immensos bosques, que se extendem desde o Rio de Janeiro até á vizinhança da Bahia, em distancia de 11 graos de latitude ou 198 legoas portuguezas. Na provincia do Rio-Grande do Sul huma serrania se dirige ao norte, proxima ao mar até á latitude de 29° 30′, onde se desvia para oéste, e depois a noroéste. Dá passagem a varios rios, dos quaes o Paraná he o mais consideravel.

Na capitania de S.-Paulo, a alta serrania chamada do *Cubatão* coberta de arvoredo, he parallela á costa e se

inclina para o interior. Dá origem a muitos rios, que desaguão, huns no Paraná, outro no mar.

Altura das montanhas. A elevação média das provincias montuosas no interior tem sido avaliada em 450 braças acima do nivel do mar. O terreno o mais elevado se encontra em Minas-Geraes, mas a elevação média de Mato-Grosso he maior. Nenhuma montanha do Brasil attinge a altura do nivel das neves perpetuas.

A serra de Itambé, em Minas-Geraes, tem 5590 pés francezes acima do nivel do mar. *A Fazenda de Gama*, situada entre Barbacena e Padre Anastasio, tem 3330 pés. A serra dos Orgãos, na provincia do Rio de Janeiro tem 1099 metros acima do nivel do mar. A montanha do Corcovado tem 2329 pés acima do nivel do mar, segundo as observações dos capitães Fitzroy e King. O ponto mais alto da estrada na serra de Mantiqueira, tem 3160 pés de altura.

As mais altas montanhas que se tem medido não excedem 900 braças: taes são a de Itacolumi perto de Villa-Rica, a de Itambé, a de Cares, etc.

Volcões e Terremotos. Não existe volcão algum no Brasil, mas observão-se vestigios de hum nas montanhas do Espirito-Santo. A 24 de Septembro 1744 ao meio dia, sentio-se hum tremor de terra em Mato-Grosso. O terremoto que destruio a cidade de Lima em Outubro de 1746 fez-se tambem sentir nesta provincia.

Aguas thermaes. Ha cinco nascentes de aguas thermães, chamadas Caldas de S.-Felix ou de Frei Rainaldo, a 10 legoas do Arraial do mesmo nome, no districto de Paraná da provincia de Goyaz.

Lagos. O maior lago do Brasil he o dos Patos, situado na provincia de Rio-Grande do Sul, e parallelo á beira-mar. Tem 45 legoas de extensão do N. E. ao S. O., e 10

na sua maior largura. Navios de mediana grandeza podem navegar neste lago, mas encerra muitos baixos perigosos. Na parte meridional as aguas do lago são salgadas. Recebe a maior porção das suas aguas da parte septentrional e oriental da provincia, pelo Jacuhy, ao norte, e o rio de S.-Gonçalo, ao sul. Desagua no Oceano pelo Rio-Grande de S.-Pedro que tem 3 legoas de longo e huma de largo. As bordas d'este lago são baixas, e o seu leito muda ás vezes.

O lago Mirim ou *Menor*, assim denominado por comparação com o dos Patos, tem 26 legoas de longo, e 7 na sua maior largura. Extende-se ao longo da beiramar, e desagua no lago dos Patos pelo rio S. Gonçalo.

O lago Mangueira, situado entre a beiramar e o lago Mirim, com o qual communica, tem 23 legoas de extensão.

O lago do Peixe, chamado tambem Mostardas, situado na peninsula entre o lago Mirim e o mar, tem 9 legoas de extensão e 5 a 6 palmos de fundo.

O grande lago de Saracá, na provincia do Rio-Negro, a 9 legoas do Maranhão, communica com elle por seis canaes, dos quaes os dois extremos distão entre si 13 legoas. O inferior recebe as aguas do Unaina, pelo qual os Hollandezes, no meiado do XVIII seculo commerciavão com os indigenas de Surinam e de Essequibo.

O lago Ibera ou Caracares, situado na provincia de Paraná, tem huma grande extensão. Communica, pelo Mirinay com o Uruguay, e pelo rio das Correntes com o Paraguay. Segundo alguns mappas tem 44 legoas de longo, e hum pouco menos de largo. Outros lhe dão só 25 de longo, e 6 de largo.

O Japaranan, na provincia de Porto-Seguro, a 7 legoas

do mar, tem quatro legoas de circuito; está rodeado de arvoredo, e he abundante em peixe.

Rios. Geralmente fallando, quasi todos os rios do Brasil são affluentes do Maranhão, ou do Rio da Prata. Os primeiros regão a parte septentrional, e os segundos a meridional.

O Rio Maranhão, assim chamado pelos Hespanhoes do termo *maraña*, enredo, maranha, em razão da sua intricada navegação na foz, foi chamado *Mar doce* por Pinzon, e Rio das Amazonas por Gonçalo Pizarro, em razão das mulheres guerreiras que encontrou nas suas margens na latitude de 2° sul. Tambem foi chamado Rio Orellana. Os indigenas o denominão *Paraná-Açu* que significa Grande rio, e tambem Guyenna. He incontestavelmente o maior rio conhecido, pois tem 1200 legoas portuguezas de curso. Os Portuguezes lhe dão o nome de Amazonas até á juncção do Rio-Negro; d'alli ao confluente do Uçayalé e do Tanguragua dão lhe o nome de Solimões, e mais acima, o de Rio Maranhão. O nome de Solimões vem de huma nação indigena chamada *Soriman*.

O Tanguragua sahe do lago Hiauricocha, situado em 10° 30' lat. merid., no districto de Huanaco, cerca de 30 legoas portuguezas a N. N. E. de Lima. Corre N. N. E. por espaço de 100 leguas entre as duas cordilheiras dos Andes até á cidade de Jaen de Bracamoros, onde começa a ser navegavel. Recebe alli o Chincipé que vem do N.-O. e o Chachapoias do S. E.; hum e outro navegaveis. A 40 legoas mais abaixo recebe tambem o Santiago, que desce das montanhas de Loxa. No lugar d'esta juncção o Tanguragua tem 1500 pés inglezes de largo, e meia legoa mais abaixo correndo a léste a través da cordilheira interior dos Andes, o seu leito não tem mais de 25 toezas de largo, no lugar o mais estreito. Por este canal

chamado *Pongo*, de duas legoas de longo, a corrente desce em huma hora. Na sua extremidade está situada a cidade de Borja. Perto de 20 legoas mais abaixo, o Tanguragua recebe, da banda esquerda, o Rio Marona que vem do volcão de Sangay; e 12 legoas mais abaixo, da mesma banda, o Pastaça, que nasce da mesma serrania. Dez legoas mais abaixo, desagua nelle o Guallaga, que nasce em 10° de latitude ao norte do lago Chiquiacoba, no districto de Huanaco; depois o Chambira e o Tigre. Estes dois rios correm do noroéste, o segundo tem 100 legoas de curso.

Em distancia de 20 legoas abaixo da foz do Tigre, se opera a magnifica juncção do Tanguragua com o Ucayalé. Este nasce na latitude de 18° ao sudéste do grande lago Chucuito ou Titicaca; e a 36 leguas E. N.-E. da cidade de Arica. Corre ao norte e nordéste com o nome de *Benni* até á sua juncção com o Apurimaco na lat. 11° onde toma o nome de Ucayalé.

O Aparimaco nasce algumas legoas ao norte da cidade de Arequipa, entre o lago Chucuito e o oceano Pacifico, de que dista só 15 legoas. No seu curso tortuoso para o norte recebe da banda esquerda os Pampas em lat. 13° 10′, e da banda direita, o Urubamba, em lat. 12° 15′, e o Montaro, em lat. 12° 6′. Dirigindo-se então ao nordéste, recebe o Perene da esquerda, e o Paucartamba, da direita, a 3 legoas da sua juncção com o Benni, em de 11° de latitude meridional.

O Montaro nasce do lago Chinchaiocha em 11° lat. merid. no districto de Huanaco, e corre ao longo de cordilheira para o sudéste em distancia consideravel.

O maior affluente do Ucayalé, depois que toma este nome, he o Pachitea, que faz a sua juncção da banda esquerda em lat. 8° 30′. O seu curso he de 60 legoas.

O Maranhão, no confluente em que toma este nome, corre a nordéste em distancia de 30 legoas, e recebe da banda esquerda o Napo, que nasce dos Andes na vizinhança de Quito, corre ao sudéste, e depois de hum curso de 160 legoas, desembocca por varios canaes formados por ilhas acima das quaes tem 600 braças de largura. Depois da juncção do Napo, o Maranhão tem 900 braças de largo. A sua distancia até ao Oceano, em linha recta, he de 400 legoas. D'este ponto se dirige a léste, e depois de hum curso de 13 legoas, recebe da banda direita o Cassiquim, que vem do sul e tem 100 legoas de curso. Vinte e quatro legoas mais abaixo o Maranhão recebe o Hiabary ou Javary, que nasce no territorio dos Toromonas, em lat. 11° 30′. Mais adiante, cousa de 34 legoas está a foz do grande Içá, o qual com o nome de Putumayo, nasce perto da dita serrania, ao nordéste de Napo, e na vizinhança de S. João de Pasto.

Depois se lhe junta o Hiutahy, o Hiuruha, menor que o precedente; e o Teffe, o Cuary, e a Purús que desaguão por diversas boccas.

O Teffe cujas aguas são claras e côr de ambar, he navegavel por navios de grande porte, a huma distancia consideravel do Maranhão. As barcas gastão dois mezes a remontá-lo. A sua origem, e os seus affluentes são desconhecidos. O territorio que elle banha he occupado pelos Murás, que tem expulsado todas as outras tribus.

O rio das Trombetas, chamado tambem Orixímana, he hum dos maiores affluentes do Maranhão acima do rio Negro; tem na sua juncção 869 braças de largo, e ainda se lhe não achou fundo. As margens d'este rio, segundo Orellana, erão a residencia das suppostas Amazonas.

O rio Hiapurá, chamado Caquetá perto da sua nascente, e Japurá ou Iapurá, pela maior parte dos escriptores,

nasce na provincia de Popayan, ao norte do Putumayo, e corre parallelo ao Maranhão em grande distancia. No seu curso a sudéste, este rio rega hum terreno de 320 legoas da provincia de Guyana, e desemboca no Amazonas por 9 canaes, dos quaes o primeiro dista 100 legoas do ultimo. Os seus nomes são : Anatiparanã; Cuiratiba; Manhaná; Uaranapú; Hiapurá; Unaná; Copeia-Hiacará; e Cadayá. O Hiapurá communica com o Rio-Negro por meio de lagos e de correntes. O seu curso he tão rapido, que não seria navegavel, a não ser obstruido por innumeraveis ilhas de diversas grandezas, formadas pelas sinuosidades do seu leito. Depois do Rio-Negro o Hiapurá he o maior affluente do Maranhão.

Segundo La Condamine, o Maranhão tem de 1000 a 1200 braças de largura, 8 legoas abaixo do Purús, e tem mais de 103 braças de fundo.

O Rio-Negro, cujo nome entre os indigenas, he Guyari, he quasi igual em volume de agua e em largura ao rio em que desembocca. Nasce na provincia de Popayan, ao nordéste do Hiapurá cuja direcção he parallela em igual distancia. A 12 legoas da sua entrada, divide-se em dois canaes, dos quaes o mais septentrional, em distancia de 10 milhas do Maranhão, tem, segundo M. de la Condamine, 1728 pés de largura. Na sua juncção com este rio tem cerca de huma milha de largo, mas mais acima tem 4 a 6 legoas. Encerra muitas ilhas. As suas aguas, que parecem negras como tinta, são todavia puras e saudaveis. As suas margens não são infectadas de insectos, nem doentias, como as do Maranhão. He por isso que os barqueiros indigenas fazem exclamações de alegria quando entrão neste rio. Entre o forte S. José e Lamalonga, em distancia de 112 legoas, o Rio-Negro recebe muitos affluentes que communicão por canaes na-

turaes; e na estação das chuvas, por pantanaes. 35 legoas acima de Lamalonga a navegação do Rio-Negro he obstruida por rochedos, e mais acima, por outros obstaculos. A juncção d'este rio com o Maranhão he em 3° 9′ de latitude merid. Para verificar a communicação entre o Orinoco e o Rio-Negro M. de Humboldt entrou (em 1800) neste segundo rio, pelo Apure, e depois de huma ardua navegação attingio o forte de S. Carlos, limite dos dominios portuguezes, e voltou á Guyana pelo Cassiquiary, grande affluente do Orinoco, e cuja entrada está em lat. 3° 30′.

A vinte legoas abaixo do Rio-Negro, se encontra o Madeira ou Caiary que se lança no Maranhão em latitude de 3° 20′. Deo-se-lhe o primeiro nome em razão dos grossos troncos d'arvores que leva na sua corrente. Foi descoberto em 1725 pelo sargento-mór Fernando de Mello Palheta. Em 1741 foi remontado até ás vizinhanças de Santa Cruz de la Serra, cidade do Alto Peru (hoje Bolivia) situada em 17° ½′ latitude meridional. Toma o nome de Madeira no confluente do Guaporé com o Mamoré em latitude 10° 22′. Quarenta legoas abaixo d'esta ponta na latitude de 13°, o Madeira communica com o Benni pelo rio Exaltação, que sahe do lago Rogagualo, d'onde outro rio de pequena extensão corre para se ajuntar ao Mamoré. Defronte do angulo da juncção dos dois rios, está huma ilha formada por hum rochedo que os domina ambos. D'esta ponta até á foz do Madeira contão-se 260 legoas. No decurso das primeiras 60 ha 12 grandes cachoeiras que obstruem a navegação. O Salto do Theotonio he a primeira em latitude de 8° 48′. Huma canoa gasta tres mezes a navegar desde esta cachoeira até á de Guajirumirim do Guaporé. Desde a cataracta do Theotonio até ao Maranhão, o Madeira encerra mais de

30 ilhas, de huma a tres legoas de extensão. A de Minas situada a 17 legoas abaixo do Rio-Marmellos, tem 10 milhas de longo e 3 de largo. Estão todas cobertas de arvoredo.

O Maranhão engrossado pelas aguas do Rio-Negro e do Madeira, tem de ordinairo huma legoa de largo, e o dobro, nos sitios onde ha duas ilhas parallelas.

A 60 legoas em linha recta, e 90, seguindo a corrente do rio, abaixo do Madeira, se encontra a foz do grande rio Tapajoz, e 60 legoas mais a léste, o rio Xingu, o qual na proximidade do seu nascente se denomina Arinos, nome de huma nação hoje extincta. Nasce perto das origens do Paraguay, ajunta-se ao Juruenna, para formar o Tapajoz ou Tapajó. O Juruenna nasce em latitude 14° 42′, e tem hum curso de 120 legoas : os seus affluentes estabelecem communicações faceis com o Guaporé. M. Mawe observa, que a communicação entre a cidade do Pará e as minas de Mato-Grosso e de Cuiabá por estes rios, he 200 legoas mais curta que pelo Madeira e Guaporé.

O Arinos foi descoberto em 1746 pelo capitão João de Sousa de Azevedo. Em 1805 foi explorado por João Viages, e em 1812, por Antonio Thomé de França.

Nas planicies arenosas de Parycis se encontra o Tapajó, que nasce na capitania de Mato-Grosso, corre para o norte entre o Madeira e o Xingu em distancia de 300 legoas, e se lança no Maranhão em latitude 2° 24′, e longitude de Greenwich 55°, a 118 legoas da cidade do Pará em linha recta, e 162 pela mais curta navegação.

O Xingu ou Zingu, chamado Paranaiba pelo Padre Acuña, e Aoripana, pelo padre Fritz, rega o districto de Tapajonia, na provincia do Pará. Os seus nascentes, assim como os do Tapajó, estão no districto de Cuiabá, mas

ainda não são bem conhecidos. Cada hum d'estes rios tem pelo menos, 230 legoas de corrente. Gastão-se 8 dias em navegar até ás primeiras cachoeiras, e remonta-se em dois mezes.

O Maranhão depois de ter recebido as aguas do Xingu dirige-se a nordéste por espaço de 40 legoas, e augmenta de largura approximando-se do equador. Emfim desemboca no Oceano por huma foz de 7 a 8 legoas de extensão. Alguns escriptores dão ao Maranhão 80 legoas de emboccadura; mas segundo os melhores mappas, tem 50 legoas desde a ponta de Tigioca até Macapá, e nesta distancia se acha a ilha de Marajó.

Vinte e quatro legoas abaixo da entrada do Xingu existe hum canal chamado Tagipurú que se extende ao nordéste e a léste cujas aguas se lanção no Rio Tocantins. Em muitos lugares a canal he estreito; mas na proximidade do rio Annapa tem 4 legoas de largo, com muitas ilhas.

O Tocantins nasce no centro do provincia de Goyaz., dirige-se ao nordéste, e augmentando em largura, se lança no Oceano por huma emboccadura igual á do Maranhão. Em distancia de 40 legoas da foz tem 10 milhas de largo, e a 26 legoas mais arriba a navegação he facil. A maré faz-se sentir até Arroios, onde se registrão as canoas e barcos. Numerosas ilhas retardão a corrente e servem de abrigo nos temporaes. As embarcações que partem do Macapá para remontar o Maranhão, passão pelo Tocantins, afim de evitar as rapidas correntes e as enchentes extraordinarias d'este rio chamadas *Pororocas*.

Em 1798 a côrte de Lisboa mandou fazer huma exploração do Tocantins. Elias Ferreira de Barros habitante de Pastos-Bons fez partir em huma barca Manoel Alves Grande, o qual depois de dia e meio de navegação entrou

neste canal e foi ter ao Parà, d'onde abrio hum commercio com o alto Maranhão.

A maré faz-se sentir no Maranhão até á cidade de Obidos, a mais de 150 legoas acima de Macapá seguindo o curso do rio. Desde Borja onde acabão as cachoeiras, tem as margens planas e cobertas de arvoredo. A corrente he sempre rapida no tempo das cheias, e muitas ilhas se formão ou se unem, e outras desapparecem.

O Rio da Prata ou Paraguay nasce na planicie da Serra de Pari ou Lage, que faz parte da de Parycis, na provincia de Mato-Grosso, e nas Sete Lagôas que communicão entre si. Hum pouco abaixo do ultimo d'estes lagos o rio corre ao norte atravessando hum terreno pantanoso; depois, a pequena distancia a oéste, dirige-se ao sul. O primeiro affluente he o Rio-Diamantino, que recebe as aguas do Corrego-Rico ou Rio-do-Oiro. O Rio-Novo descoberto em 1786, affluente oriental do Paraguay, he formado das ribeiras Santa Anna, Gomes e outras, a través das quaes passa a estrada de Cuiabá.

O Jaúru he o primeiro grande affluente do Paraguay; nasce nas planicies já mencionadas em latitude 14° 42′, e longitude de Greenwich 58° 38′. Corre ao sudéste por espaço de 34 legoas, e depois de hum curso de 60 legoas desagua no Paraguay em latitude 16° 24′, a 7 leguas ao sul de Villa-Maria.

A borda oriental do Paraguay he muito elevada em toda a sua extensão, e tem 7 legoas portuguezas alem do Jaúru até á ponta Escalvada, onde as duas bordas se abaixão e são cortadas pelos lagos Oberaba, Gahiba e Mandiore: o primeiro tem tres legoas de diametro, e o ultimo cinco. A 20 legoas abaixo da ponta Escalvada a margem occidental he ladeada por huma serra estreita e cujas quebradas dão passagem á agua dos ditos lagos.

O S. Lourenço ou Porrados nasce no 15° de latitude meridional. O Cuiabá, grande affluente do S. Lourenço, nasce na mesma latitude que o Paraguay, e he formado por dois affluentes, o Cuiabá-Mirim e o Casca. Depois de engrossado por muitos outros, torna-se navegavel a mais de 20 legoas acima da capital, mas corre com difficuldade, em razão das muitas catadupas. Abaixo de Villa-Real augmenta em largura, e corre rapido atravessando hum terreno plano, que he submergido nas cheias periodicas. Desagua no S. Lourenço em latitude de 17° 20′. Quando atravessa o caminho de Goyaz, o S. Lourenço he já hum rio caudaloso; depois recebe as aguas do Paranaîba, que tambem recebe as do Sucuri. Hum pouco abaixo do Paranaîba está a ultima cachoeira, d'onde corre para o sudoéste atravessando hum paiz chato, e desembocca por dois canaes no Paraguay, em latitude 18° 45′. O canal de léste he conhecido debaixo do nome de Rio-Chaynez. Na sua juncção o S. Lourenço iguala em grandeza o Paraguay.

O Tocoary tem o seu principal desaguadouro na latitude de 19° 15′ defronte da serra do Chaynez. Este rio nasce na provincia de Mato-Grosso perto dos limites de Cayapenia ao norte de Camapua. Na sua juncção com o Cochim, o Tocoary he já mui caudaloso. Tem 113 catadupas desde o porto de S. Felix até Cuiaba; a ultima d'ellas he chamada Belliago. A 20 legoas mais ao sul estão as boccas do rio Mondego, chamado pelos indigenas Aranhahi ou Embotateu. He navegavel quasi desde a sua origem, que he perto da do Anhandubi-Guaçú. Neste affluente o Paraguay corre em dois canaes de 20 legoas de longo. O mais oriental se chama Paraguay-Mirim. Em distancia de onze leguas ha dois montes muito altos e defronte hum do outro. No declive do

mais occidental, está situado o forte de Nova-Coimbra. Na mesma distancia d'este forte se encontra a bocca da Bahia-Negra; 17 legoas mais abaixo o Paraguay recebe da banda de léste o rio Quapa. A 8 milhas abaixo d'este rio en lat. de 21°, da banda do oéste, se acha o morro sobre o qual está o forte Borbon; a que os Paulistas chamão Monte de Miguel José.

Descendo mais 8 legoas ao sul d'este morro, na latitude de 21° 20′, huma pequena serra ladêa o Paraguay, que corre rapido em dois canaes estreitos, separados por huma ilha de rochas. Este lugar chamado Fecho dos Morros separa o alto do baixo Paraguay. Alli terminão as margens pantanosas d'este majestoso rio, que tem 100 legoas de longo desde a ponta Escalvada. No tempo das cheias, que começão em Abril e continuão até Septembro, tem de 20 a 40 legoas de largo. As suas aguas formão hum immenso lago, chamado Xarais, do nome de huma nação hoje extincta. Durante as cheias, as terras altas tem a apparencia de ilhas. O leito dos rios S. Lourenço, do Tocoary, do Mondego e outros da banda de léste, assim como os lagos e os bosques da outra banda formão parte d'este mar Caspio periodico.

Partindo do Fecho dos Morros, as duas margens do Paraguay começão a offerecer terreno firme, particularmente da banda de léste. D'este lado se encontra o pequeno Tipoty, o rio Correntes, o rio Branco, que parece ser o mesmo que o Correntes, o Appa, que se julga ser o Paraby dos antigos Paulistas, o Guidava, o Ippanés-Guaçú, o Ippanés-Mirim, e o Chichuhy. O Rio-Branco he consideravel; lança-se no Paraguay 14 legoas abaixo do Fecho dos Morros. O Ippanés-Guaçú lança-se no Paraguay 30 legoas abaixo de Correntes. O Chichuhy ou Jejuhy, formado dos dois pequenos rios, o Iguary-Açú

e Iguary-Mirim, desagua no Paraguay, na latitude de 24° 12′.

A borda aspera do Huguruguita começa no Chichuhy e se extende por dez legoas até ao Suobogo, onde começa a costa de Pataque que termina no Tabixu. Estes dois rios desemboceão no Paraguay da banda esquerda.

A 18 milhas sul da cidade da Assumpção situada em lat. 25° 22′, descobre-se o primeiro braço do grande Pilcomayo, que desce da cordilheira dos Andes no districto de Potosi. Doze legoas mais abaixo está a entrada do segundo braço, e quatro mais longe, se encontra o terceiro braço, que he o mais meridional. Este rio tem hum curso de perto de 200 legoas, e he navegavel perto da sua origem.

Da banda de léste o Paraguay recebe as aguas do Piraju, do Cannabé e do Tibiquary. O Cannabé, que nasce na provincia de Paraná, tem hum curso de 30 legoas : desagua no Paraguay 15 legoas ao norte do Tibiquary ou Tibicoary. Este rio he consideravel, e lança-se no Paraguay 25 legoas acima do confluente do Paraná.

Na latitude de 26° 50′ o Rio-Verde, Parsa, ou Colorado, lança as suas aguas no Paraguay, depois de hum curso de mais de 200 legoas. Doze legoas mais ao sul, vê-se a união majestosa d'este rio com o Paraná, que lhe he quasi igual em grandeza.

O Rio Paraná he formado de dois grandes affluentes, o Paranaíba que vem do centro de Goyaz, e o Rio-Grande que nasce no interior de Minas-Geraes. Os outros principaes affluentes são : 1° o rio Curúhury, que vem do interior de Goyaz, atravèssa o territorio de Cayapós, e desagua no Paraná abaixo da grande cataracta de Urubu-Pungá que intercepta a passagem dos peixes. 2° O Rio Tieté, ou Anhemby que entra pela banda oriental tres legoas mais abaixo. Tem hum curso de 7 a 800 milhas; mas a sua nave-

gação he obstruida por cincoenta cachoeiras rapidas. 3° O rio Sucurihu, que faz a sua juncção mais abaixo da banda occidental. A legoa e meia está a ilha Comprida, que tem seis legoas de longo. 4° A duas legoas e meia abaixo da sua extremidade meridional o Rio Aguapehy se une aô Paraná do lado esquerdo por huma emboccadura de quatro braças de largo. 5° Quatro legoas mais abaixo se encontra o Rio-Verde, que vem do oéste. Defronte da sua foz ha duas ilhas parallelas huma á outra, que tem menos de huma legoa de largo; 6° dez legoas mais adiante está a entrada do rio Onça do mesmo lado, e 15 legoas mais abaixo o rio Pardo que vem de norte e communica com o Camapuan. Este rio tem muitas catadupas e são precisos dois mezes para o remontar até á sua origem. 7°. Legoa e meia mais abaixo está o Rio de S. Anastasio que corre de léste. 8° Vinte legoas alem se encontra o Paraná-Panema, em frente de cuja juncção está huma ilha de quasi duas legoas de extensão. 9° Perto de legoa e meia abaixo da extremidade meridional d'esta ilha está a emboccadura central do Rio Ivinheyma que vem do oéste. Neste lugar o Paraná tem quasi duas legoas de largo, e encerra muitas ilhas extensas. 10° Oito legoas mais abaixo o Ivahy faz a sua juncção vindo de léste. 11° Seis milhas alem está huma ilha de 4 legoas de extensão defronte da qual se vê a entrada do Rio-Amambahy, que vem do oéste. Perto d'este affluente, está a Ilha-Grande, que tem quasi vinte legoas de extensão, e huma largura consideravel. A sua extremidade está huma legoa acima das Sete Quédas. 12° Pouco mais de duas legoas acima da ponta meridional d'esta ilha, se vê o Rio Iguatimy do lado occidental, na latitude de 24° 40'. Abaixo da grande ilha, a corrente do Paraná he forte, e se torna ainda mais rapida atravessando a serra de Maracaju, onde este

mmenso volume de aguas represado em hum espaço de 50 braças, se precipita, com estrondoso ruido. por 7 canaes formados por 6 ilhas de rocha; 13° doze legoas abaixo das sete Quédas está a emboccadura do Jaguaré, na margem esquerda; e 18 legoas mais abaixo, o Iguaçu. Mais longe o Paraná se dirige a oéste, e lança-se no Paraguay, na lat. de 27° 20′. O Paraná abunda em peixe. Acima da missão de Corpus as margens d'este rio, e as dois seus affluentes são habitadas por nações indigenas.

Trinta legoas alem da juncção do Paraná com o Paraguay, se encontra o affluente septentrional do rio Salado, e 50 legoas mais ao sul, o affluente meridional denominado Xalupoy. No angulo meridional d'esta juncção está a cidade de Santa-Fé em lat. 31° 35. Hum pouco alem o Paraguay recebe do lado direito o Terceiro ou Carcapal, cujo curso tem perto de cem leguas.

O Paraguay, que desde o parallelo de 20°, se inclina hum pouco ao S. S. O., muda de direcção neste ultimo rio para E. S. E., em distancia de 40 legoas, e recebe as aguas de varios rios pouco caudalosos até á latitude de 34°, onde recebe o Uruguay, que he o seu ultimô afflnente.

O Uruguay, que os Hespanhoes denominão Rio da Prata, he formado de varios affluentes que regão a provincia do Rio Grande do Sul. Depois de engrossado com as aguas do Pilcomayo tem algumas legoas de largo, e encerra muitas ilhas baixas chamadas Paranás. O Ibicuy que une as suas aguas ás do Uruguay na lat. de 29° 30′, tem 400 braças de largo a alguma distancia da sua juncção. Outro affluente, o Negro, rega hum paiz de 80 legoas de extensão. Outro affluente, o Gualeguay, tem hum curso de mais de 40 legoas. Desde o Pilcomayo, a margem esquerda do Paraguay se extende para léste até ao cabo Santa Maria, e a direita a S. E. a partir do mesmo rio até a mais de 30

legoas da ponta das Carretas, onde a sua foz tem mais de 15 legoas de largo. O Uruguay he navegavel por grandes barcas até á primeira catadupa dez legoas abaixo do confluente do Ibicuy. As canôas remontão até aos Campos da Vaccaria, mas com difficuldade, em razão das muitas catadupas, e rapidez das correntes.

O Sipotuba, cujo curso he de 60 legoas se une ao Paraguay em lat. 15° 50′. Depois de receber este affluente o Paraguay não offerece mais catadupas, e tem grande fundo.

O Paraguay corre desde 12° de lat. até 24°. Depois de hum curso de 600 legoas, desagua no Oceano, com o nome de Rio Paraná. Na sua emboccadura as aguas se lanção com tal impeto, que se conservão doces em distancia de muitas legoas ao mar. He navegavel desde o Jaúru quasi na sua origem, em distancia de 70 legoas, á excepção de huma catadupa.

O rio S. Francisco, o maior de todos os que se lanção no mar entre o Maranhão e o Paraguay, nasce na serra da Canastra, na provincia de Minas-Geraes, en 20° 40′ lat. onde forma huma magnifica cascata. Depois de correr longo espaço ao N. E. recebe, da banda esquerda, o rio Bambuhy, e 8 legoas mais abaixo, o rio Lambary, o qual vindo da banda opposta rega o grande districto de Tamanduá. A igual distancia ao norte, se encontra o rio Marmelada que vem da serra dos Quatys. Cinco legoas mais abaixo o S. Francisco se engrossa com as aguas do Pará, que tem 40 legoas de curso. Segue-se o Paraupeba, que nasce perto da cidade de Queluz, e cujo curso he de 60 legoas. Sete legoas mais abaixo está o Andayá, que tem hum curso de mais de 30 legoas, e pouco adiante o Barrachuda, quasi tão consideravel como o precedente. Ambos correm ao longo de huma serrania e desemboccão da banda esquerda. Cinco legoas mais abaixo da mes-

ma banda está o Abayté formado por dois affluentes do mesmo nome, cujas origens distão mais de 30 legoas huma da outra. 16 legoas mais adiante vê-se a grande cachoeira de Pirapora, e a 4 leguas alem está o Rio-das-Velhas, chamado pelos indigenas Guaycuhy, que tem a mesma significação. Este rio nasce na vizinhança de S. Bartholomeo, e tem hum curso tortuoso de 60 leguas. Hum pouco abaixo o S. Francisco recebe da banda direita o Jequetahy e o Pacuhy, e mais abaixo, do lado opposto, o grande Paracatu, navegavel até perto do Corrego-Rico. Seis legoas mais ao norte o S. Francisco recebe o Urucuya, grande rio navegavel que nasce perto dos limites de Goyaz. Depois encontrão-se na borda occidental os affluentes seguintes: o Acary, o Pardo, o Pandeiro, o Salgado, o Pindahiba, o Itacaramby e o Japoré. O Pandeiro corre por hum grande espaço atravessando magnificos bosques. Algumas legoas abaixo do Japoré, o grande rio Carinhenha he navegavel. Nasce nas Chapadas de Santa Maria, perto dos limites de Goyaz. A sua corrente he rapida, e as aguas claras.

Desde o Carinhenha até á emboccadura do S. Francisco, existem só cinco affluentes consideraveis, a saber: o Rans, o Parimirim, o Verde, da banda direita; o Correntes 30 legoas abaixo do primeiro, e 40 mais abaixo, o Rio-Grande, na margem esquerda. O Rans nasce nos montes altos da provincia da Bahia, e desagua no S. Francisco, 30 milhas acima da Capella do Bom Jesus da Lapa. O Paramirim nasce do Morro das Almas, na provincia da Bahia, e vai juntar-se ao S. Francisco 30 milhas abaixo do Arraial do Bom Jardim. O Verde corre ao norte atravessando hum grande espaço de terreno, e vai unir-se ao S. Francisco perto da passagem que conduz do Pilão-Arcado.

§. O Correntes nasce de hum lago na provincia de Pernambuco, d'onde corre com o nome de Rio-Formoso,

recebe varios affluentes, e depois de hum curso de 40 legoas desagua no S. Francisco 10 milhas abaixo da Capella do Bom Jesus da Lapa. He navegavel a distancia consideravel da foz.

O Rio-Grande nasce na serra de Paranan, na provincia de Pernambuco. Depois de hum curso consideravel recebe as aguas do Mosquito; 5 leguas abaixo as do Femeas, e 12 mais adiante o Ondas; 4 alem, o Rio-Branco, navegavel até a juncção do Riachão e o Janeiro, chamada Tres Barras. Vinte legoas mais adiante junta-se-lhe o Rio-Preto, que he o seu maior affluente. O Rio-Grande lança-se no S. Francisco 20 legoas abaixo do Preto, e he návegavel até ao Ondas. Depois desta juncção o S. Francisco se dirige a léste, e depois a E. S. E. conservando a mesma largura até á aldeia de Vargem Redonda. Neste lugar o canal se estreita, e a corrente se torna mais rapida até á pequena aldeia de Canindé, limite da navegação superior. Neste intervallo de 20 legoas, tem muitas catadupas, das quaes a principal he a de Paulo Affonso. O S. Francisco he cheio de ilhas: contão-se 300 desde esta cataracta até á emboccadura no Oceano, que tem duas legoas de largura. Este rio he navegavel até 40 legoas do mar. No lugar em que tem huma milha de largo, as suas aguas não se elevão mais de 3 pés nas fortes marés; mas nas cheias causadas pelas chuvas, sobem a 20 pés, e inundão os campos a huma legoa de distancia no 10° 50′ de lat. meridional. O S. Francisco desembocca por dois canaes de grandeza desigual; o do norte tem meia legoa de largura, mas he pouco fundo, e só admitte sumacas. M. de Saint-Hilaire diz que o S. Francisco he navegavel desde o Rio das Velhas até á Vargem Redonda, em huma extensão de 340 legoas, a saber: 200 de Salgado ao Joazeiro, e 140 d'alli á Vargem Redonda, onde se encontra a grande catadupa

de Paulo Affonso, que intercepta a navegação em huma distancia de 26 legoas. D'este ponto até á emboccadura que dista 37 legoas não, he interrompida a navegação.

Segundo o coronel d'Eschwege, a profundidade do S. Francisco no passo do Pará, perto do confluente do Parapeba he de 1777 pés; d'alli até á catadupa de Pirapora, o rio baixa 94 pés, e algumas legoas mais adiante tem só 1602 pés acima do nivel do mar.

MM. Spix e Martius dão as seguintes informações relativamente á navegação e affluentes do Paraná.

A navegação do rio Tieté, affluente do Paraná, he difficil em razão das sinuosidades, que resultão das muitas cachoeiras, cujos nevoeiros densos que se formão depois do pôr do sol tornão aquelles sitios doentios. A sua entrada dista só 45 legoas de Porto Feliz em linha recta, mas pelo rio a distancia he de 130. Tem 13 cachoeiras em que os barqueiros são obrigados a desembarcar a carga. Nas de Avahandavassu, e em Itapuré que tem 30 pés de quéda, he preciso arrastar por terra os barcos carregados. A ultima cachoeira está a 7 legoas da juncção dos dois rios. Tendo passado a grande cataracta de Urubu-Punga, situada 3 milhas mais ao norte, e a corrente perigosa do Jupiá, attinge-se a emboccadura do Rio-Pardo, de ordinario no quinto dia. O Paraná neste lugar tem meia legoa de largura, e a navegação he arriscada, quando o vento he rijo. O Rio-Pardo atravessa hum paiz pittoresco e tem 32 cachoeiras. O seu curso he de 80 leguas; mas a navegação he tão difficil, que leva muitas vezes dois mezes.

O Mearim ou Meary, chamado algumas vezes Maranhão, nasce na parte meridional da provincia d'este nome. He hum grande rio, profundo e rapido, navegavel desde a sua emboccadura na bahia de S. Marcos até

ao centro da provincia, onde a sua navegação he obstruida por huma catadupa. Na foz he tão pouco fundo que só ajudados da maré podem as embarcações entrar nelle. O Mearim he notavel por sua extraordinaria Pororoca, cuja força he tal que por nove horas repelle a maré, a qual por fim vence o obstaculo, e remonta cinco legoas com impeto e estrondo tremendo, por tempo de tres horas. O Mearim nasce nas montanhas de Canella e de Negro, corre ao sul e ao sudoéste 126 legoas.

O Parnaîba ou Paranaîba, que forma o limite do Maranhão e do Piauhy, nasce na serra de Tungatinga, em 12° lat. He formado por tres ribeiras e recebe depois os affluentes Balsas e Urussuhy, 24 legoas mais abaixo está o Gurgueá, a 30 mais adiante o Canindé, a 20 leguas o Poty, e a 40 legoas a foz do Longá. A seis legoas d'este ultimo o Parnaîba se divide em dois braços, e deságua no Oceano por seis boccas formadas por cinco ilhas que nunca são submergidas. As duas boccas exteriores estão 12 legoas distantes huma da outra. He navegavel por grandes barcas até ao Rio-Balsas, e as canoas o remontão até quasi ao nascente, indo á vela oito dias, e depois a remo e vara.

Segundo o Sn^r. Lago este rio tem 240 legoas de curso; a sua maior largura he de 680 braças, com fundo de huma até cinco. Canoas grandes podem navegar até Manga, a 140 legoas da sua foz, mas são obrigadas a descarregar perto de S. Gonçalo, em razão de duas cachoeiras. De inverno a corrente he violenta, e a navegação difficil, e de verão tem muitos baixos e bancos de areia.

O Jaguaribe ou Rio dos Jaguars, que rega a provincia do Ceará, nasce na serra da Boa-Vista, no districto de Inhamu, e corre para o norte até ao Oceano, cuja

marés se fazem sentir a 30 milhas da emboccadura.

O Appody ou Upanema atravessa, na provincia do Rio-Grande do Norte, huma extensão de perto de 130 milhas de longo. O Paraíba, que rega a provincia d'este nome, nasce no districto de Cayriris-Velhos da serra de Jabitacá, perto da origem do Capibaribe, e corre a E.-N.-E. até ao Oceano, em que se lança por dois braços formados pela ilha de S. Bento que tem huma legoa de extensão. As sumacas remontão até á capital, e as canoas até á cidade do Pilár.

O Rio-Real atravessa a provincia de Seregipe d'Elrei em distancia de 140 milhas. He navegavel até 30 milhas da sua emboccadura no mar, onde se lança 25 legoas ao nordéste de Itapicurú.

O Cotindiba recebe a 8 milhas de mar o Seregipe. As sumacas o remontão até 18 milhas da foz.

O Rio Itapicurú, da provincia do Maranhão, nasce no districtos de Balsas, e desagua na bahia de S. José. Corre a nordéste até Caxias. Trinta legoas acima d'este confluente une-se ao Alpercatas, rio de igual grandeza, que vem das terras habitadas pelos Indios Timbyras. A corrente he rapida, e o seu curso tortuoso.

O Capibaribe, ou Rio das Capibaras, que rega a provincia de Pernambuco, nasce no districto de Cayriris-Velhos da mesma provincia, e a perto de 50 legoas do mar, onde elle desembocca por duas fozes, huma na praia de Recife, o outra a huma legoa ao sul no Arraial dos Afogados, onde tem huma ponte de 260 passos de longo.

O Rio-Grande ou Potengy, nasce no centro da provincia do Rio Grande do Norte, e desembocca no mar 4 leguas ao sul do Cabo de S. Roque. He navegavel por grandes barcos de 150 tonneladas, a onze legoas de distancia da foz.

O Rio-Doce, que atravessa a provincia de Porto-Seguro, he assim chamado, porque as suas aguas se conservão doces a alguma distancia do mar, nasce na serra do Espinhaço no centro de Minas-Geraes. Passando perto da provincia do Porto-Seguro, a navegação he obstruida por tres cachoeiras, chamadas Escadinhas, que tem huma legoa de extensão. O rio atravessa depois huma vasta extensão de paiz chato, e desemboca no mar, a 46 legoas do Rio de Santa Cruz. Tem muitas ilhas, e abunda em peixe. He navegavel a huma grande distancia da foz, e parece proprio para formar o melhor canal de communicação para o transito dos generos do interior do Brasil. Perto de 20 legoas da sua emboccadura communica com o lago Japaranan, que tem 4 legoas de circuito. Foi explorado pela primeira vez em 1572 por Sebastião Fernandes Tourinho, habitante de Porto-Seguro, que o remontou até á nascente, descendo pelo Jequitinhonha.

O Jequitinhonha ou Rio-Belmonte, tão celebre pela grande quantidade de diamantes que se tem extrahido d'elle, nasce no Serro do Frio, perto de Tijuco, na provincia de Minas-Geraes. Depois de receber alguns grandes affluentes, atravessa as montanhas dos Aymores, onde as suas aguas se precipitão de huma altura de 20 braças, com hum ruido que se ouve a quatro legoas de distancia; corre depois por entre grandes bosques, e desemboca no mar em 15° 40′ de latitude meridional. A sua foz tem de 5 a 600 passos de largo, mas he obstruida por bancos de areia. No tempo das enchentes a sua corrente he impetuosa. He navegavel até á aldeia dos Tocoyos, situada a 96 legoas do mar. Entre essa aldeia e S. Miguel, as rochas tornão a navegação difficil. D'alli até ao mar, he forçoso descarregar as embarcações tres vezes: 1° em Cachoeira-Inferno a 28 legoas de S. Miguel; 2° no Salto

Grande a 48 legoas, e 3° na Cachoeirinha, a 18 legoas do Oceano. Em 1804 João da Silva Santos, capitão-mór de Porto-Seguro se embarcou no Rio-Grande, e tendo chegado perto de Tocoyos cousa de 86 legoas de Belmonte, encontrou hum colono portuguez que lhe disse ser este rio o Jequitinhonha. Depois de ter recebido as aguas do Arassuahy toma o nome de Rio-Grande, e abaixo de S. Miguel, o de Rio-Grande de Belmonte.

O Rio Paraíba, o mais consideravel da provincia do Rio de Janeiro, nasce de hum pequeno lago situado na serra da Bocaina, continuação da serra dos Orgãos. Com o nome de Paratinga corre entre esta serrania e a de Mantiqueira. Entrando na provincia de S.-Paulo recebe na margem esquerda o pequeno rio Jacuhy, hum pouco acima da cidade de S.-Luiz, e hum pouco abaixo da Paraíbuna que nasce na serra de Ubatuba, e alli toma o nome de Paraíba; corre então na direcção do mar, depois se desvia a N. N. E. e corre ao longo da bahia da serra de Itapeba, e atravessa a cidade de Jacaréhy. Depois de hum curso de 20 legoas, dirige-se a léste e E. S. E. e depois vai ter ao Rio de Janeiro. Durante a sua direcção N. E. recebe as aguas de Piauhy, e algumas legoas mais abaixo, as do Paraíbuna, da banda opposta. Esta juncção chama-se Tres-Rios. Dez legoas mais abaixo está a entrada do Rio-Pomba, na margem septentrional, e mais abaixo o Bengalas. Depois d'este confluente o Paraíba se precipita, formando o salto de S.-Felix. Oito legoas dalli se encontra o Muriahé, que desagua na margem septentrional, e seis legoas mais abaixo está a embocadura do Paraíba. Dalli até ao Salto de S.-Felix que he a primeira cachoeira, encontrão-se 72 ilhas, e remontando, são ainda mais numerosas. A oito legoas abaixo de Lorena as suas aguas estão estreitadas entre rochas que tem mais de

60 pés de elevação e 1800 pés de longo; o alveo do rio não tem alli mais de 30 pés de largo. O rio he navegavel até ao rio das Balsas a mais de 100 legoas da embocadura. Navegão as embarcações á vela os primeiros oito dias, e depois vão a remo e á vara.

Bahias. A bahia de Rio de Janeiro tem 6 legoas do norte ao sul, 4 de largo, e 32 de circumferencia, e tem fundo para navios do maior porte. A entrada tem 850 braças, e 14 de fundo. No centro está a ilha da Lage defendida por hum forte. A léste está o forte de Santa-Cruz, e a oéste as baterias de S.-José e de S. Theodosio, perto de hum enorme rochedo que tem 97 braças de altura, denominado pela sua fórma Pão-de-assucar. O forte de Santa-Cruz está situado junto ao monte do Pico, assim chamado em razão da seu cume agudo. O nome primitivo d'esta bahia era Nitheroy ou Nitherohy, formado dos termos *nitheró* que significa occulto, e *hy* ou *hi* agua. E com effeito está occultada por montes que a cingem á entrada.

Rio de Janeiro, era a principio hum lago de agua doce. A entrada está entre dois rochedos mui altos distantes meia milha hum do outro. O ancoradouro tem 17 leguas de circumferencia. No meio do estreito ou barra está hum rochedo de 100 pés de altura e 60 de largura.

A Bahia de Todos os Santos parece ter sido formada pela irrupção de hum grande lago. A entrada, situada ao sul, entre o continente á direita e a grande ilha de Itaparica á esquerda, tem tres legoas de largo. Esta bahia que recebe as aguas de muitos rios navegaveis, tem toda ella grande fundo, e pode conter as esquadras de todas as potencias do globo.

Portos. Os principaes portos são: Rio de Janeiro, Bahia. Pará, Maranhão, Olinda ou Pernambuco, Pa-

raiba, Porto Seguro, Espirito Santo, Santa Catherina, e Rio-Grande do Sul.

A distancia do Cabo S.-Roque ao ponto o mais proximo do continente Africano, pode avaliar-se em 500 legoas.

Navegação costeira. Gastão-se de ordinario 22 a 23 dias para ir da emboccadura do Rio da Prata ao Rio de Janeiro; 15 a 26, de Santa Catherina ou do Rio-Grande do Sul; 8 a 15, de Porto-Seguro; 12 a 20, da Bahia, conforme os ventos que reinão nas diversas estações do anno.

Clima. A pezar da immensa superficie do vasto continente do Brasil, he em geral o seu clima temperado, até na proximidade do Equador. Pelas observações de M. d'Eschwege, o thermometro de Fahrenheit nunca se eleva em terras baixas a mais de 82° (27° 77 cent.), e não baixa de 54° (12° 22 cent.). Na provincia de S. Paulo ha geadas no inverno. Nos Campos-Geraes a atmosphera está nublada de inverno, e os ventos são continuos. De verão o calor he mui intenso e abafadiço, a herva sécca por falta de agua. O mesmo acontece em Mato-Grosso, onde os bosques ardêrão durante a grande sêcca de 1744 a 1749. No Ceará as ribeiras seccão de verão. Quando faltão as chuvas as consequencias são funestas. No Maranhão a mais alta temperatura não passa de 92° Fahren. (33° 33 cent.) e isso só no mez mais quente de todo anno. Ao longo da costa as noites são refrescadas pela viração do mar, e cahe orvalho que conserva a herva verde. Em geral o Brasil he sadio, e só sujeito a doenças causadas por pantanos e terras alagadiças. A febre amarella, o cholera-morbo são desconhecidos em toda a extensão do Brasil.

Reino mineral. As minas de oiro começárão a ser exploradas em 1681. Em 1689 os Paulistas descobrírão a rica mina de Jaragua, na serra do mesmo nome e

perto de 25 legoas de S.-Paulo, as de Villa-Rica, e do Sabará. Outras minas fôrão consecutivamente descobertas em Minas-Geraes. Em 1714 se descobrîrão as minas da Jacobina, no interior da Bahia, das quaes se tem extrahido as massas metallicas as mais volumosas de todo o Brasil. Em 1718 o Paulista Antonio Pires de Campos descobrio as minas de Cuiabá situadas ao oeste de S.-Paulo, as quaes no primeiro mez de exploração derão 400 arrobas de oiro. Em 1726 os Paulistas descobrîrão as minas de oiro de Goyaz, e em 1733 se encontrárão diamantes no Serro do Frio. Bernardo da Fonseca Lobo descobrio o *Districto diamantino* em Minas-Geraes, sem conhecer o valor dos diamantes nelle encerrados. Tem hum diametro de 14 legoas. Em 1800 tres crimonosos achárão hum diamante octogono que pesa 7 oitavas. Perto do arraial de Agua-Quente, districto de Paranan, na provincia de Goyaz, achou-se huma massa aurea do peso de 45 arrateis, que foi mandada ao Museo de Historia Natural de Lisboa.

Producto das minas de oiro. Em 1735 as minas de Goyaz, S.-Paulo, Mato-Grosso e Cuiabá rendião acima de 11 milhões de cruzados. As de diamantes, crysolitas, topazios, rubis, amethystas e jacintos, descobertas depois de 1730 no Rio Caravelas e no Serro do Frio, rendião annualmente perto de milhão e meio.

Em 1773 o oiro extrahido em Minas-Geraes montou a 118 arrobas; e desde então até 1812 tirárão-se 6895 arrobas ou 85 milhões de cruzados. Hoje se extrahem d'ellas apenas 24 arrobas por anno. As minas de oiro do Brasil davão no principio d'este seculo, de 8 a 9 milhões de cruzados cada anno. Desde 1810 o producto annual não excede dois milhões e meio de cruzados.

O governo portuguez arrendou a principio as minas por

certo numero de annos, e por huma somma determinada, depois abolio o privelegio e estabeleceo como direito o quinto do oiro extrahido, que depois se diminuio; mas a legislação a este respeito tem variado muito.

Cobre. Acha-se muito cobre no districto da Cachoeira e na serra de Ibiapaba do Ceará. Huma massa do peso de 2666 arrateis foi ha annos mandada ao Museo de Lisboa onde se acha ainda.

Platina. Acha-se este metal perto do Sumidouro.

Ferro. A serra Arassoiava na provincia do S. Paulo encerra abundante mineral de ferro puro. Em 1818 alguns mineiros suecos dirigidos pelo coronel Frederico Varnagem começárão a extrahi-lo em Minas-Geraes.

Salinas. Ha salinas mui productivas perto de Cabo-Frio, Cabo de S. Roque, em Alcantara, a tres legoas de S. Luis, em Pilão-Arcado em Pernambuco; e fontes salgadas, chamadas *bebedouros* nas fronteiras de Goyaz, S. Paulo e Minas-Geraes. Antes da descoberta do lago Salgado ou Salina de Almeida, perto do rio Jaûru, não havia sal no districto de Mato-Grosso. Hum punhado de sal valia o seu peso em oiro.

Salitre. Acha-se salitre nas cavernas do Sertão de Minas-Geraes.

Ossos fosseis. Tem-se achado ossos fosseis de Mastodonte e de outros animaes cujas especies estão extinctas. M. A. de Saint Hilaire remetteo ao Museo de Historia Natural de Paris hum dente de mastôdonte que desenterrou na Villa do Fanado.

Animaes. Ha muitas especies de monos, e macacos, mas não as duas especies de *Orang-otang* e *Chimpanzé* da Asia e da Africa. Ha cães de huma especie particular, cinco especies de gamos e veados, que era o maior quadrupede do Brasil antes do introducção pelos Portuguezes

do cavallo, do burro, do boi, etc. O tapir ou anta, o tamanduá; o pecari ou porco do mato; o tatú; o capibara, o *bradypo* ou *preguiça* do Brasil; o agoli, tres especies de gatos montezes: os cinzentos chamão-se *mariscos*, e os avermelhados *maracaias*; o *caxinglé* especie de esquilo; o coelho que tem o rabo mais grosso que o da Europa; o *cuica*, ou rato amphibio; o porco-espim e o *cuim* que tambem tem espinhos; o *hyrara* ou *papamel* parecido com o macaco; a lontrá, o *mócó*, semelhante ao coelho, mas sem orelhas nem rabo, e grande inimigo das ratazanas; o *paca* ou *agoti*, pequeno animal semelhante a hum bácoro, mas que tem só dois palmos de comprido, e bom para comer; o *prehá*, da grossura de huma lebre; o *saviá* semelhante a hum laparo; o *sarohé* ou *gambá*, e o *jaraticaca*, ou *cangambá* especies de *opossum*; a raposa; diversas especies de ratos e ratazanas, e entre ellas o *rato de espinho* que tem garras, e se come; cinco variedades de onça ou jaguar, das quaes a maior tem 12 pés de longo, a onça preta, o conguar, a onça vermelha; o *manati* ou peixe-boi cuja carne he delicada, e cuja gordura dá muito azeite.

O morcego voraz (*phyllostomus Spectrum*) chupa o sangue dos animaes, e faz grande estrago nos gados.

Reptis. O jacaré ou crocodilo de 6 a 9 pés de longo habita en todos os rios do Brasil. No Maranhão alguns tem até 30 palmos de longo. Abundão em pantanos, e nos rios pouco rapidos. O lagarto cuja carne he gostosa. A enguia electrica encontra-se no Rio Itapicurú.

Tartarugas. Existem no Brasil varias especies de tartarugas. Era antigamente o principal alimento animal dos indigenas. O azeite extrahido da tartaruga usa-se na cozinha, e tambem serve para luzes.

Serpentes e Cobras. As mais notaveis são: 1° a *giboia*

ou cobra d'agua (*boa constrictor*); 2° a cobra de cascavel; o *surucucú* (*crotalus mutus* L. e *lachesis mutus* de Daudin), cobra de 7 a 8 pés de longo, e tão venenosa que a sua mordedura mata em menos de 6 horas, cahindo logo o corpo e o sangue em putrefacção: encontra-se em todo o Brasil. 4° a cobra de coral; 5° a cobra de cabeça côr de laranja (*Coluber formosus*); 6° a cobra de capello; 7° a vibora verde, ou *jararaca*, reptil atroz de genero trigonocepho, que tem de 5 a 6 pés de longo; 8° o *sucury* e o *sucuriu*; o primeiro he cinzento e o segundo denegrido: tem ambos dois grandes e fortes ganchos no rabo com que se firmão nas arvores ou nos rochedos quando se querem lançar sobre algum animal corpulento, como bois. Comem os pombos e os ovos. Algumas d'estas cobras tem 80 palmos de longo.

Cetaceos. Havia antigamente muitas baleias no costa do Brasil, e principalmente na proximidade do Rio de Janeiro e da ilha de S. Catherina. Hoje são raras, e a pescaria antigamente muito productiva cessou de todo.

Crustaceos. Na ilha de S. Vicente ha ostras de grandeza enorme, cujas cascas servem de pratos. Ha tambem outras pequenas que se pegão ás arvores. Ha muitas especies de caranguejos. M. Mawe achou nas bordas da bahia dos Ganchos cascas do genero *murex* que dá a bella côr escarlate ou purpurina dos antigos.

Insectos. Abelhas. Ha varias especies de abelhas. Huma d'ellas faz as colmêas em troncos de arvores, outras em covas.

Ha innumeraveis insectos summamente incommodos, taes são os mosquitos que inção os terrenos humidos, os bichos dos pés, o pernilongo, a broca, as chicas, a *murocoça* que pica a pelle penetrando o panno de lan, as

vespas, e as carapanas que apparecem e desapparecem de seis em seis mezes.

Reino vegetal. O Brasil abunda em arvores, e plantas. Entre as primeiras se distinguem os pinheiros, que ao norte do districto de S. Francisco, sobem a 80 pés de altura, com tronco limpo de ramos até 55 pés. Dão mastros para navios de 2 a 300 tonneladas. Ha arvores de enorme grandeza. La Condamine medio huma que tinha 84 pés entre a raiz e os primeiros ramos, e 24 pés de circumferencia no tronco secco e limpo de casca. Tambem vio huma mesa inteiriça de 8 a 9 pés de comprido sobre 4 de largo, de madeira dura e polida. O Coqueiro cresce em Minas a 30 pés de alto, e contão-se 12 especies d'elle.

Ha muitas madeiras de construcção e de tinturaria, outras balsamicas, e grande variedade de arvores fructiferas. A sarsaparilha, a canafistula, ou cannella branca, a noz moscada, a baunilha, o anil, a cochenilha, o algodoeiro, são productos naturaes do paiz. Quasi todas as plantas da Asia, da Africa e da Europa central prosperão no Brasil. A mandioca e o *aypî* ou mandioca doce, abundão em todo este paiz [1].

[1] M. Southey, de ordinario tão exacto, enganou-se disendo que nenhum autor tinha feito menção de ser cultivada no Brasil a mandioca não venenosa. Lery diz expressamente que a raiz do *aypi*, (ou mandioca doce) se come cozida no borralho, e tem o gosto da castanha (V. Voyage, Édit. de 1578, pag 136). E o padre A. Ruiz de Montoya, que escreveo em 1637, affirma (*v. Thes. ling. guaran*, 24 *bis*) que o termo *aypi* significa em Guarani huma especie de mandioca doce, e que a mandioca ou *aypi macaxera*, segundo Pison (Hist. nat. 1117) se come torrada ao lume sem carecer de preparação. Os indigenas tinhão por tradição, que a mandioca lhes viera de fóra.

Agricultura. O Brasil foi a primeira colonia Americana agricultural. Em 1531 introduzirão os Portuguezes a canna de assucar, trazida das ilhas de Cabo-Verde e da Madeira, na capitania de S. Vicente e na de Mato-Grosso. Em nossos dias se introduzio a canna de Tahiti.

Julga-se que o arroz he indigena do Brasil. Em 1765 se introduzio no Maranhão a cultura do da Carolina.

Em 1770 começou a cultivar-se o trigo e o café. O milho geralmente cultivado amadurece em 4 mezes, e dá 200 por hum.

Em 1554 forão introduzidas no Rio da Prata vaccas e touros de Hespanha, e pouco depois no Brasil. Multiplicão mais que na Europa, mas são mais pequenos, e a carne he inferior. Na capitania do Piauhy huma fazenda dá annualmente de 800 a 1000 bezerros.

Os primeiros cavallos forão levados de Cabo-Verde á Bahia em 1581, mas só nas margens do Paraguay e do Uruguay he que tem multiplicado de modo prodigioso. Ha muitos machos e mulas no Rio-Grande do Sul, onde he costume capar os machos.

Os carneiros e as cabras tem multiplicado muito, mas degenerão, assim como os porcos.

População. Em 1798 era avaliada a população total do Brasil em mais de 3.000:000, e em 1818 por hum censo imperfeito, montava a 3,617.900 individuos, a saber:

1.728:000	escravos negros
426:000	homens livres, mulatos, mestiços, mamalucos
159:500	negros livres, ou forros
202:000	escravos mulatos
259:400	indigenas domesticados
843:000	brancos
3.617:900	

Hoje suppõe-se montar a perto de 4 milhões, mas não ha bases sufficientemente exactas para estabelecer hum juizo. Alguns a fazem exceder cinco milhões, sem produzirem provas cabaes d'esta asserção : provavelmente exagerão o numero dos indigenas domesticados.

Escravos Africanos. A importação annual do negros da costa de Africa tem variado muito. Nos primeiros annos da creação das Companhias do Pará, e Maranhão montárão a mais de 100:000 cada anno. No Rio de Janeiro tem variado de 22 ou 23:000 a 43:000 cada anno, e na Bahia e Pernambuco á proporção. Pode em geral avaliar-se, termo medio, de 50 a 60:000 por anno. Hoje, a pezar da cessação legal do infame commercio de escravatura, entrão 35 navios cada anno no Rio de Janciro carregados delles, vindos de Angola, Cabinda, etc.

Longevidade. Ha muitos exemplos de indigenas cuja idade excede cem annos, conservando-se ainda vigorosos; e tambem muitos mestiços e brasileiros attingem idade mui provecta.

Doenças. As unicas molestias proprias do paiz são algumas doenças herpeticas, as mais dellas introduzidas pelos negros de Africa, e certas inchações glandulares, particularmente dos testiculos, papeiras, etc. Tambem Piso descreve huma especie de doença hereditaria, semelhante á syphilis, chamada *miá* pelos indigenas, e *bubas* pelos Portuguezes e Hespanhoes.

O leitor que desejar adquirir hum perfeito conhecimento dos productos naturaes do Brasil, deverá consultar as excellentes obras de MM. Spix e Martius, de M. Eschwege, do principe de Neuwied, de M. Auguste S. Hilaire, onde achará amplas e exactas descripções de todos os ramos de Historia Natural d'aquelle vasto continente, tão rico em variadas producções. Entre os autores na-

cionaes a quem se devem interessantes memorias sobre botanica, agronomia, mineralogia, etc., merecem particular menção os senhores Manoel da Camara Bettencourt, José Bonifacio de Andrada, o padre Leandro do Sacramento, a quem M. A. S. Hilaire faz justiça, José de Sá Bettencourt, Arruda, etc. O padre Manoel Ayres do Casal he o pai da geographia do Brasil. He de lamentar que este digno escriptor se ache por falta de meios pecuniarios impossibilitado de publicar a segunda edição da sua interessante *Corografia.*

HISTORIA

DO BRASIL.

CAPITULO Iº.

Do Descobrimento do Brasil, e origem d'este nome.

Incitados pelo exemplo dos illustres navegantes portuguezes, quizerão os Hespanhoes competir com elles, descobrindo novas terras, e explorando incognitos mares. Descoberta a America por Christovão Colombo, Vicente Yañez Pinzon, hum dos tres irmãos que o havião acompanhado na sua primeira viagem, animado da nobre emulação de emparelhar com aquelle illustre Genovez, armou em Palos de Moguer huma expedição de quatro caravelas, com que se fez á vela d'aquelle porto a 18 de Novembro de 1499. Deixando após si as Canarias, e ilhas do Cabo Verde, fez derrota ao suduéste, e havendo navegado cousa de 700 legoas, atravessou o equador. Sobreveio-lhes hum furioso temporal de que escapárão a custo, e em vão procurárão avistar a estrella do norte. Não obstante, o intrepido Pinzon proseguiò cousa de 240 legoas no rumo do oéste, e es-

tando na altura de 8 graos de latitude meridional, no dia 25 de Janeiro 1500, avistou em grande distancia a terra hoje denominada Cabo de Santo Agostinho, a que elle poz o nome de *Santa Maria de la Consolacion*, que, como todos sabem, forma a parte a mais proeminente do immenso continente do Brasil. Aqui desembarcou Pinzon, acompanhado do escrivão da caravela, e de alguns companheiros, e tomou posse solemne da terra em nome d'El-Rei de Castella. Não vírão habitante algum, mas notárão pégadas, indicio certo da proximidade de gente. No dia seguinte mandou o chefe desembarcar 40 homens bem armados, e ao encontro d'elles vierão muitos indigenas de aspecto feroz e ameaçador, armados de arcos e frechas; e foi impossivel determinâ-los a entrar em trato amigavel, rejeitando espelhos, vidrilhos e outros objectos com que os convidarão. Deixando tão inhospita costa, dirigio-se Pinzon ao noroéste, e aportou na emboccadura de hum rio onde, por pouco fundo, não puderão surgir as embarcações, ficando ao largo em quanto elle mandou reconhecer a terra por hum troço de homens bem armados. Achárão a praia coberta de selvagens que parecendo a principio corresponder ás demonstrações amigaveis dos Hespanhoes, os assaltárão em breve com singular furia e denodo, obrigando-os a

acolher-se ás embarcações. A peleja foi porfiada, e nella morrêrão não poucos Hespanhoes, e hum maior numero de indigenas. Tornou Pinzon a dirigir-se a noroéste, até que na proximidade da linha equinoxial descobrio as ilhas verdejantes que se elevão na foz do rio Maranhão. Com grande admiração observou Pinzon ser a agua em torno d'estas ilhas doce como a de hum rio; della encheo os barris, e não tardou a reconhecer a emboccadura d'este incomparavel rio, que, ao entrar no mar tem 30 legoas de largo, e cujas aguas se conservão doces até 40 legoas no Oceano. Os indigenas se mostrárão pacificos, e fizerão bom acolhimento aos navegantes. Visitou depois a costa, as boccas do Orinoco, e o golpho de Paria onde cortou pao brasil, o primeiro que daquelle continente veio á Europa.

No mesmo anno descobrio Pedro Alvares Cabral a costa e terra a que poz nome *Santa Cruz*. Vamos transcrever a relação que d'este acontecimento dá o nosso illustre João de Barros. Decad. I, liv. V, cap. 2. Conservo a orthographia da edição de 1628.

« Ao seguinte dia, que erão nove do mes de Março defferindo suas velas que estavão a pique: saio Pedralvarez com toda a frota, fazendo sua viagem ás ilhas do Cabo Verde, pera ahi fazer aguada, onde chegou em treze dias. Però antes

de tomar este cabo, sendo entre estas ilhas, lhe deu hum tempo que lhe fez perder de sua companhia o navio de que era capitão Luys Pirez, o qual se tórnou a Lisboa. Junta a frota depois que passou o temporal, por fugir da terra de Guiné onde as calmarias lhe podião impedir seu caminho, empêgou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o cabo de Boa Esperança. E avendo já hum mes que hia naquella grão volta, quando veo â segunda octava da Pascoa que erão vinte e quatro de Abril, foi dar em outra costa de terra firme, a qual segundo a estimação dos pilotos lhe pareceo que podia distar pera aloeste da costa de Guiné quatro centas cinquoenta legoas, e em altura do pólo Antartico da parte do sul dez graos. A qual terra, estavão os homens tão crentes em não haver alguma firme occidental a toda a costa de Africa, que os maes dos pilotos se affirmavão ser algũa grande ilha assi como as terceiras, e as que se acharão por Christovão Colòm que erão de Castella, a que os Castelhanos cõmũmente chamão Antilhas. E por se affirmar no certo se era ilha ou terra firme, foi cortando ao longo della todo hũ dia; e onde lhe pareceo mais azada pera poder anchorar, mandou lançar hũ batel fora. O qual tanto que foi com terra, virão ao longo da praia muita gẽte nùa, não preta e de cabello torcido como

a de Guinê; mas toda de cor baça, e de cabello comprido e corrido, e figura do rostro cousa mui nova. Porque era tão amaçado, e sem a cõmũ semelhança da outra gente que tinhão visto, que se tornarão logo os do batel a dar razão do que virão, e que o porto lhe parecia bom surgidouro. Pedralvarez por aver noticia da terra encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que se chegasse bẽ a terra, e trabalhasse por aver â mão algũa pessoa das que virão, sem os amedrentar com algũ tiro que os fizesse acolher. Mas elles não esperarão por isso, porque como virão que a frota se vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez â praia, fugirão della, e puzerã-se em hum teso soberbo, todos apinhoados a ver o que os nossos fazião. Os do batel, em quãto Pedralvarez surgio hũ pouco largo do porto, por não amedrentar aquella nova gente maes do que o mostrava em se acolher ao teso: pozerã-se debaixo no mesmo batel e começou hum negro grumete falar a lingua de Guiné, e outros que sabião alguas palavras do Aravigo, mas elles nem a lingua nem aos acenos em que a naturreza foi cõmũ a todalas gẽtes nunca acodirão. Vendo os do batel que nem aos acenos nem ás cousas que lhe lançarão na praia acodião, cansados de esperar algum sinal de intendimento delles, tornarão-se a Pedralvarez,

cõtando o que virão. Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis e gente fora : saltou aquella noite tanto tempo com elles que lhe conveo levar as anchoras, e correrão cõtra o sul sempre ao longo da costa, por lhe ser per aquelle rumo o vento largo, té que chegarão a hum porto de mui bom surgidouro, que os segurou do tempo que levavão, ao qual por esta razão Pedralvarez poz o nome que ora tem, que he Porto seguro. Ao outro dia como a gẽte da terra ouve vista da frota, posto que toda aquella fosse hũa: parece que permittio Deos não ser esta tão esquiva como a primeira, segundo logo veremos. E porque em a quarta parte da escriptura da nossa conquista, a qual como no principio dissemos se chama Sancta Cruz, e o principio della começa neste descobrimento : lá faremos maes particular menção desta chegada de Pedralvarez e assi do sitio e cousas da terra. Ao presente basta saber que ao segundo dia da chegada que era domingo da Pascoa, elle Pedralvarez saio em terra com a maior parte da gente : e ao pé de hũa grande arvore se armou hũ altar em o qual disse missa cantada F. Henrique guardião dos religiosos, e ouve pregação... Pedralvarez vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, dali espedio hum navio, capitão Gaspar de Lemos com nova pera

elRey dom Manuel do que tinha descuberto: o qual navio com sua chegada deu muito prazer à elRey, e a todo o reyno assi por saber da boa viagem que a frota levava, como pola terra que descobrira. Passados algũs dias em quanto o tempo não servia, e fizerão sua agoada, quãdo veo a tres de Maio que Pedralvarez se quis partir, por dar nome áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar hũa cruz mui grande no maes alto lugar de hũa arvore, e ao pé della se disse missa. A qual fõi posta cõ solẽnidade de benções dos sacerdotes: dando este nome â terra, Sancta Cruz... que soa milhor entre prudentes que Brasil posto per vulgo sem consideração. »

Antes de partir tomou Cabral posse da terra novamente descoberta em nome d'Elrei de Portugal, elevando hum padrão de pedra com as armas reaes. Cabral deo ao monte mais elevado, e que primeiro havia avistado, o de *Monte Pascoal*, e á terra que tomou por huma grande ilha, o de Santa-Cruz. O piloto Affonso Lopes sondando o porto, apanhou dois dos indigenas que trouxe ao almirante, o qual depois de os ter vestido á Portugueza, os mandou pôr em terra acompanhados de hum homem condemnado á morte e cuja pena Elrei tinha commutado em degredo perpetuo. Em breve corrêrão á praia mais de 200 selvagens dansando, cantando e tangendo

frautas e bozinas, e sem arcos e frechas; trazião pedaços de ossos pendurados nas orelhas e nos beiços. Não quizerão aceitar pão, peixe secco, nem vinho; mas aceitárão varios dixes, e derão em troco farinha de mandioca, batatas doces, milho, fruta e papagaios. Em distancia de legoa e meia da costa se vião nove a dez cabanas de madeira cobertas de hervas, e podendo conter cada huma 30 a 40 pessoas. Os selvagens ajudárão os marinheiros a cortar lenha e a conduzî-la a bordo das embarcações. Cabral deixou aqui dois degradados, de vinte que tinha trazido de Portugal, para observarem os costumes da gente : hum d'elles chamava-se Affonso Ribeiro. Forão acolhidos dos indigenas com ardentes mostras de commiseração. A 9 de Maio Cabral perdeo quatro dos 13 navios de que constava a sua frota; os outros dobrárão o cabo de Boa-Esperança, e entrou no golpho de Moçambique a 24 de Julho.

No mesmo anno (1500) Diego de Lepé, que partira de Palos nos fins de Dezembro de 1499, pouco depois de Vicente Yañez Pinzon, depois de passar diante da Ilha do Fogo, huma das de Cabo-Verde, dirigio-se ao sul e depois a léste, avistou o cabo de Santo Agostinho, que dobrou, e aportando em varias partes da costa, tomou posse da terra em nome da corôa de Castella. Vio alli huma arvore de prodigiosa

grandeza, cujo tronco 16 homens não bastavão a abranger. Lepé entrou depois na embocca-dura do rio Maranhão, e depois no golpho de Paria.

1501. Tres navios partirão de Lisboa no mez de Maio d'aquelle anno, mandados por Elrei D. Manoel a proseguir o reconhecimento do continente descoberto por Cabral. Não consta com certeza quem fôra o chefe d'esta expedição. Alguns crêem ter sido Gonçalo Coelho; outros com mais razão suppõem que foi Christovão Jaques; mas nenhum escriptor portuguez ou hespanhol do XVI seculo faz menção de Vespucci, que muitos historiadores estrangeiros representão como capitão della. Esta expedição chegou á costa do Brasil pelos 5° de latitude meridional e se adiantou até aos 32° onde experimentárão intenso frio e soffrêrão hum tremendo temporal no mez de Abril do seguinte anno (1502). Voltárão a Lisboa no mez de Septembro depois de 15 mezes de viagem.

1503. A 10 de Junho d'este anno mandou Elrei D. Manoel Gonçalo Coelho com seis navios afim de examinar as costas e terra de Santa-Cruz. Nesta expedição tornou a embarcar-se o florentino Amerigo Vespucci como piloto. Coelho correo grande parte da costa, descobrio muitos portos, enseadas, e elevou padrões de pedra com as armas reaes de Portugal em di-

versos sitios : hum d'estes padrões com a data de 1503 subsiste ainda na bahia de Cananéa. Descobrio a Bahia de Todos os Santos onde levantou hum padrão. Deteve-se alli 2 mezes e 4 dias, mas não recebendo novas dos mais navios, fez-se á vela, e correndo a costa ao sul em distancia de 260 legoas, surgio em hum porto em 18° de latitude e 35° longit. do meridiano de Lisboa. Alli se demorou cinco mezes, e construio hum forte que guarneceo de 12 peças e 24 homens, com mantimentos para seis mezes e munições. De seis caravelas com que partira, só salvou duas carregadas de pao brasil, em que trouxe tambem grande numero de macacos e papagaios, com que voltou a Lisboa em 18 de Junho de 1504.

A relação de Amerigo Vespucci, ou attribuida a elle, e publicada muito depois da morte d'este navegante, differe em alguns pontos do que referem os historiadores portuguezes do XVI seculo, dos quaes nenhum faz menção de Vespucci; o que torna duvidosa a authenticidade ou a veracidade das cartas que este florentino dirigio ao seu amigo Pietro Soderini á cerca das duas viagens de descoberta feitas por ordem de Elrei D. Manoel de Portugal. O que parece certo he que este monarcha chamára Amerigo Vespucci de Sevilha, e o convidára a acompanhar, em qualidade de cosmo-

grapho e habil navegante, as expedições que meditava para continuar a exploração de novas terras e mares. He de crer que Vespucci obteve licença d'Elrei de Castella, a cujo serviço se achava, havendo acompanhado Ojeda nas suas duas primeiras viagens em qualidade de piloto e cosmographo; porquanto he certissimo que morreo em Sevilha a 25 de Fevereiro de 1512, e que em 1508 fôra nomeado piloto-mór com o ordenado de 50:000 maravedis por Elrei de Castella, por huma cedula regia datada de Burgos a 22 de Março, e por outra cedula da mesma data lhe foi concedida huma gratificação de 25:000 maravedis (1). Accresce ainda que, em huma carta datada de Santarem a 29 de Julho de 1501, Elrei D. Manoel dá parte a Elrei e á Rainha de Hespanha da viagem de Cabral, e não diz huma só palavra de Vespucci, o qual, segundo a sua relação, havia partido de Lisboa a 13 de Maio do mesmo anno. Se com effeito Vespucci navegou nas duas expedições de 1501 e 1503 ao serviço de Portugal, foi em qualidade de cosmographo e piloto, e não de chefe. Isto se collige claramente do que elle diz na relação

[1] V. Don M. E. Navarrete. *Relacion de los viages y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo* xv, Tom. 1. Introducção, pag. 139. Madrid, 1825.

da segunda viagem de Gonçalo Coelho, a quem reconhece por commandante, e que increpa de presumpçosa obstinação; e na relação da primeira destas duas viagens reconhece igualmente a existencia de hum chefe a quem elle obedecia, e o qual não consentio que tirassem os Portuguezes vingança dos selvagens por matarem hum desgraçado que se tinha afoutado a ir a terra, e o terem comido, depois de assar os pedaços da sua carne ao fogo [1]; mas como não diz o nome do commandante, não se pode colligir quem fosse, visto não se achar nomeado por autor algum nacional e contemporaneo. Por conseguinte mui pouco se sabe com certeza desta expedição de 1501 composta de tres navios, que forão encontrados pelos de Cabral em Besenegue perto de Cabo Verde na sua volta da India. Claudio Bartolomeo assevera no seu *Orbis Maritimus*, que Vespucci nesta viagem descobrira o rio da Prata, o que não tem a menor probabilidade. A expedição, quando muito, attingio o Rio-Grande do Sul e a Lagôa dos Patos. Em quanto a ter Vespucci navegado até aos 52° de latitude meridional, he inadmissivel

[1] « *Et ita tam magnam ac tam gravem injuriam passi, cum malevolo animo et grandi opprobrio nostro, efficiente hoc navi præceptore nostro, impunitis illis abcessimus.* » Grynæus, pag. 156.

supposição, se bem que admittida como facto historico por M. Southey na sua Historia do Brasil, assim como outras asserções contidas nas duas cartas (verdadeiras ou suppostas) de Vespucci a Soderini. Huma simples observação basta para fazer ver quão pouca sensação fez em Portugal a expedição de 1501 (se he que ella existio) : he o absoluto silencio que á cerca d'ella guardárão todos os escriptores portuguezes e hespanhoes contemporaneos. Como he crivel que huma tão atrevida navegação, e a descoberta do rio a que João Diaz de Solis poz em 1515 o nome de *Mar dulce* (doce), fosse ignorada á partida de Gonçalo Coelho em 1803, e continuasse a sê-lo até á volta de Solis a Hespanha [1] !

1508—9. El Rei de Castella tendo resolvido proseguir a exploração das costas do Brasil para o sul, mandou a este fim Vicente Yañez Pinzon, e João Diaz de Solis. Partírão de Sevilha em duas caravelas, abordárão ao Cabo de Santo Agostinho, e corrêrão a costa para o sul até 40°, desembarcando em varios portos e

[1] A volta de Gonçalo Coelho a Lisboa com os dois navios que escapárão do naufragio, desmente Vespucci, que na sua segunda carta dá a entender que Coelho morrêra naufragado, e que elle Vespucci he que voltou a Lisboa com os dois navios. Se isto fosse verdade, como poderia ser facto ignorado de todos os autores contemporaneos

enseadas, e tomárão posse d'ella para a corôa de Castella.

1510.— Hum navio portuguez naufragou na costa da Bahia; a maior parte da tripolação se salvou, e 25 annos depois achárão os Portuguezes nove d'esses marinheiros vivendo tranquillamente neste porto com os indigenas. Damião de Goes conta que em 1513 Jorge Lopes Bixorda apresentou a ElRei D. Manoel tres indigenas do Brasil acompanhados de hum interprete portuguez versado na lingua brasilica.

1515—16. Havendo o navegante hespanhol Balboa descoberto o *Mar do sul* ou *Pacifico* em 1513, elrei de Hespanha fez partir dois navios debaixo do mando de Solis para continuar a exploração das costas do Brasil, e buscar huma passagem ás Moluccas. Partio Solis de Lepé perto de Cadiz a 8 de Outubro 1515, seguio sua derrota ás Canarias, tocou em Santa Cruz de Tenerife, navegou para Cabo Frio e a costa de S. Roque situada em 6° lat. Dirigindo-se ao sul dobrou o Cabo da Natividade, passou a emboccadura do rio dos Innocentes (23° 1|4), o Cabo de Cananéa (25°), a ilha dos Patos, a bahia dos Perdidos (27°), o cabo das Correntes, e tomou terra pelos 29°, entrou no porto de *Nossa Senhora das Candeias* (33°) passou o rio dos Patos e veio emfim dar em hum rio a que poz o

nome de *Mar doce*, rio depois denominado *da Prata*, que remontou até huma ilha situada em 34° 1|3. Enganado pelas demonstrações pacificas dos naturaes desembarcou, mas cahio em huma emboscada, e foi morto ás frechadas com cincoenta companheiros, que os selvagens assárão e comêrão. Os dois navios voltárão ao Cabo Santo Agostinho, onde carregárão pao brasil, e voltárão á Europa.

1516. — Neste anno o cavalheiro Thomás Perth acompanhado de Sebastião Caboto, fez por ordem d'ElRei de Inglaterra Henrique VIII, huma viagem ao Brasil que não teve resultado.

1519. — Fernão de Magalhães entrou a 13 de Dezembro no porto que denominou de *Santa Luzia*, e a que depois se chamou *Bahia de Janeiro*, ou *Rio de Janeiro*, nome improprio que tem prevalecido. Aqui foi Magalhães bem acolhido dos indigenas, fez abundante provisão de batatas doces, de ananazes, cannas doces, gallinhas, carne de tapir ou anta, a troco de espelhinhos, vidrilhos, campainhas, fitas e outras frioleiras.

Em 1520 os tres irmãos Parmentier, naturaes de Dieppe, mui practicos na navegação, partîrão d'este porto, e apôrtárão a Pernambuco d'onde trouxerão a França huma carregação de pao brasil.

1525.—Havendo ElRei D. Manoel fallecido a 13 de Dezembro de 1521, D. João III, seu filho e successor, resolveo mandar ao Brasil Christovão Jaques, fidalgo da sua casa, com o titulo de *capitão-mór*, para continuar a exploração, e verificar a exacção da relação apresentada por Gonçalo Coelho a D. Manoel. Partio com algumas caravelas, e reconbeceo ou descobrio a bahia que denominou *de todos os Santos*, em razão de ser no 1° de Novembro que nella entrou (1). Sondou muitas bahias, e rios, e descobrio novos portos. Entrando no rio Paraguaçu encontrou dois navios francezes, que afundio. Estabeleceo huma feitoria no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente, para facilitar a extracção do pao brasil, e obstar a que navios estrangeiros viessem tomar parte neste commercio. Elevou varios padrões de pedra com as armas de Portugal; deixou em Porto-Seguro dois padres franciscanos e mais alguns portuguezes, e voltou a Portugal.

1525—1526. Sebastião Caboto, encarregado pelo Imperador Carlos V de ir pelo estreito de Magalhães á descoberta do supposto Ophir, das ilhas de Torsis e Cipango, que se julgava ser

[1] Alguns autores querem que a bahia descoberta por Gonçalo Coelho, fosse mais meridional de 6 graos.

huma dependencia do Japão, visitou e remontou o rio de Solis (da Prata) e a ilha *dos Patos* (Santa-Catherina) onde desembarcou, e remontou o Paraná até ao rio Paraguay. No anno de 1626 Diego Garcia natural de Moguer partio do cabo Finisterra a 15 de Agosto de 1526, chegou nos fins do mesmo anno á costa do Brasil pelos 17° lat. merid., e proseguio até á bahia de S. Vicente pelos 24° onde encontrou hum Portuguez que lhe forneceo provisões frescas; d'ahi passou á ilha *dos Patos* (Santa Catherina) pelos 27°, onde recebeo viveres dos indigenas denominados *Carriores*. D'alli expedio a S. Vicente hum navio, destinado a tomar a bordo 800 escravos destinados para Portugal, em virtude de huma convenção feita com o sobredito Portuguez. No principio de 1527 entrou no Rio de Solis, que appellidou *da Prata*, por haver obtido dos indigenas varias peças d'este metal vindas do Perú.

1531.—No principio d'este anno Diego de Ordás partio de Sevilha, e chegando á costa do Brasil entrou no rio Maranhão, que não pôude navegar em razão dos baixos e correntes, passou depois a Paria, e foi invernar no Viapari onde perdeo quasi toda a sua gente por naufragio e outros accidentes, e voltou com o resto a Hespanha.

O padre Jorge Fournier, nas suas *Memorias*

da marinha franceza (1), diz que os Normandos e Bretões asseverão ter descoberto o Brasil antes de Cabral, e que havia muito tempo que commerciavão no rio de San Francisco, d'onde trazião o pao que elles denominavão *brasil* (*brésil*) proprio á tinturaria.

Aqui terminamos a noticia do descobrimento dos principaes portos, rios, e pontos da costa do Brasil. Em outro capitulo continuaremos a historia da colonisação d'aquella vasta região. Agora daremos alguns esclarecimentos relativamente aos nomes *Brasil* e *America*, á cerca dos quaes resta ainda muita discrepancia e incerteza nos autores geographicos.

Que o nome *Brasil*, mui anteriormente ao descobrimento d'aquella região por Cabral, designava o pao usado na tinturaria, he incontestavel, como o he igualmente o conhecimento d'esta madeira, que se encontra em varias partes da Asia. O celebre viajante Marco Polo diz que no Lambri, reino sujeito ao Gran Khan, se acha em abundancia o *pao brasil*, de que elle trouxera estacas a Veneza para as cultivar, mas onde não vingárão em razão do clima. E o celebre autor arabico Abulfeda diz

Hydrographie contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation, livre VI, chap. XII, 2e. édit. in-fol. Paris, 1679.

(na traducção latina) : *Zamora est matrix ligni Brasilii et Cannæ Indiæ* Tabul. XVI *exhibens insulas maris orientalis*. A terra chamada *Santa Cruz* por Cabral foi portanto denominada vulgarmente *Terra do pao Brasil* por ser esta mercadoria quasi a unica que por muito tempo de lá foi trazida á Europa. Mas o nome, posto que derivado do mesmo radical grego (*brazô*), que o nome brasa ou *braza*, não he de origem portugueza, nem castelhana, mas sim franceza. Na lingua Roman ou Francez antigo, o verbo *brasiller* significa torrar, tostar.

O termo *America* era já usado em Portugal em 1530, porquanto por hum alvará de 20 de Novembro do dito anno foi Martim Affonso nomeado por el Rei D. João III Governador da *America Lusitana* ou *Terras Brasilianas*. Ora não he crivel que os Portuguezes adoptassem esta denominação em honra de Amerigo Vespucci, apenas conhecido entre nós, antepondo o nome de hum estrangeiro que nunca capitaneou expedição alguma portugueza ou hespanhola, ao de Cabral. Não he menos inverosimil que os Castelhanos esquecendo os illustres nomes de Ojeda, Pinzon, Solis e Balboa, lhes preferissem o de hum piloto italiano. Parece-me pois que a opinião geralmente admittida que attribue o nome de America a Amerigo Vespucci, he sem fundamento.

He tambem inadmissivel a supposição de M. Luccock. Pretende elle que o nome de America fôi dado pelos primeiros descobridores ao novo continente, em razão do termo *maricá* da lingua *tupi*, que significa cousa ouca, concava, e que os indigenas applicárão talvez aos navios. *Maricá* designa particularmente huma cabeça de abobra ou outro fructo semelhante. Não me demorarei em refutar opinião tão gratuita e extravagante. Eis a minha conjectura. He bem sabido que na epocha que se seguio ao descobrimento do Novo-Mundo era geral entre os eruditos o estudo da lingua grega, e a mania de traduzir em grego até os nomes proprios, v. g. o de *Melanchton*, traducção de *Schwartzerde*, terra preta, nome do celebre heresiarca; não he portanto de estranhar que se desse ao novo continente hum nome composto de radicaes gregos. Eu creio o nome formado de *meiró* separar, dividir, e *gaia* terra, e *a* augmentativo: *ameirogáia*, isto he, terra mui remota do antigo mundo, ou *terra do ultramar*; ou de *myrios*, muito grande, muito extenso, ou muito distante.

CAPITULO II.

Aspecto do paiz, costumes e lingua dos indigenas.

Não podemos dar ao leitor idéa mais exacta do effeito que fez o aspecto da terra, e o dos seus habitantes nos primeiros descobridores, que valendo-nos da excellente traducção que da obra do bispo Jeronymo Osorio fez o illustre Francisco Manoel, e aproveitando-nos tambem da carta que de Porto-Seguro enviou o escrivão Pedro Vaz de Caminha a el Rei D. João III, no primeiro de maio de 1500, e das noções adquiridas posteriormente.

« A terra he fertil e amena e sadia de seu natural; muitos e grandes rios a humedecem, e as fontes de agua doce e perennal que tem, são fora de algarismo. Tem larguissimas campinas que se tapizão de mui graciosas pastagens: seus portos são bonissimos, de mui facil embocadura, em que as naos achão seguro abrigo contra os vendavaes, e não tem baixos ou restingas em que periguem. A maior parte d'aquella região he empollada de montes, que abrem grandes valles; as florestas densas e

sombrias tem arvores de muita diversidade, nunca d'antes conhecidas dos nossos; entre ellas huma, da summidade de cujas folhas cortadas destilla hum genero de balsamo. As arvores, de que se tira a côr vermelha com que se tingem as lans, são alli mui triviaes e muito altas. Brota alem disso a terra plantas muito medicinaes, e entre ellas a herva santa, muito proveitosa para chagas, apertos de amiudado anhelito, e tambem para cancros, e para a gangrena. São os homens fulos de côr, tem corredio o cabello, negro e comprido; não tem barba, e ainda algum pello que pelo corpo lhes aponta, com pinças o arrepellão. Letras nenhumas conhecem, nenhuma religião cultivão, nenhumas leis os ligão, nem se servem de alguns pesos e medidas, nem ao governo de algum rei vivem sujeitos. Quando todavia entre elles se levantão guerras, elegem hum General que julgão por de todos o mais forte, e mais acerrimo em dar batalhas. Vulgarmente se não cobrem com traje algum, sómente os que entre elles realção por nobreza, se cingem de tecidos de pennas de papagaio, e de aves de outras côres. Com cocares das mesmas pennas enfeitão as cabeças, e compõem braceletes, que passão por cima do cotovello. Descem-lhes estes saios de plumas do embigo até ás curvas. As mulheres deixão crescer o cabello; mas os

homens o raspão desde a fonte até ao toutiço. Os que porêm caprichão de garridos, furão as orelhas, os labios e os narizes e até as faces, para as permeiarem pelos furos de pedrinhas de côres variadas, de ossos ou peças de pao. As mulheres, em vez de pedras se servem de miudas conchinhas, que ellas estimão a mui alto preço. Usão de arcos em suas pelejas, e com tanta arte atirão huma flecha, que a qualquer parte do corpo a que acenem, lá a empregão. Para as pontas das flechas servem-se de espinhas de certos peixes em vez de aço, e profundão não obstante, tal ferida, que traspassão com o furo qualquer plancha. Vivem do que cação, comendo macacos, lagartos, cobras, ratos; que nenhum d'estes manjares os antoja. Usão de canoas compostas de troncos excavados de robustissimas arvores, e d'ellas ha que podem conter trinta pessoas no bojo. Quando querem pescar, vão huns d'elles remando, e outros batendo a agua com varapaos para amotinar o peixe, que espantidiço vem boiando á flor da agua. Então os que para tal ficão de apresto, tem cabaços grandissimos seccos e oucos descidos ao revéz da corrente, e nelles vem de si mesmo encovar-se o peixe. Não semeião trigo, mas fazem pão da raiz de huma herva do porte da beldroega (mandioca), que com tudo encerra veneno tão mortifero,

que morre em breve quem a come crua; mas elles pisão-na, e pisada a espremem, que gotta lhe não reste de sumo venenoso, e então a seccão ao sol, e moida entre pedras, lhe extrahem a farinha. Os pães que d'esta farinha fazem, não sómente são saudaveis, mas tem ainda mui regalado sabor. D'ella e de milho compõem huma bebida mui parecida com a cerveja, na qual quando se enfrascão, o que mui de uso lhes acontece, mais que ordinarias fraudulencias e traições machinão. Observão agouros, e são dados a empeçonhamentos. São entre elles em muita honra certos homens maleficos, a quem vão consultar nos casos duvidosos: chamão-lhes *pagés*. Trazem estes na ponta d'huma setta, huma cabaça com figura de homem, e cada vez que lhes dá na vontade mettem brazas na cabaça, e de sobrepostas hervas sahe fumo, que resfolgão pelos narizes, até bebidos tremelhicarem, se espojarem, e sahirem de sí. Que tem tal força aquellas hervas, que com seu fumo, como se fora sobejidão de vinho, os privão do entendimento. Logo começão a ranger os dentes, a escumar a bocca, a revirar os olhos, a ameaçar muitos de morte, e amedrontar com turbulentos esgares e mencios os circumstantes; e ninguem suspeita que sem instincto de espirito divino elles profirão tão horrendas vozes. Ora se al-

gum dos a quem aquelle homem assim eivado agoirou desastre, passou por sinistro acontecimento, logo crêm que aquelle agoiro cabe reportar como em castigo. São agasalhados com summa veneração, espadanão-lhe os caminhos, cantão-lhes versos a seu modo acompanhados com frautas, dansão-lhes bailes; trazem-lhes ao aposento moças formosas, humas d'ellas virgens, e outras já casadas, porque tem para si estes pobretes, que tudo lhes virá a seu desejo, se os tiverem ameigados. Não he dado entre elles casarem pais com filhas, nem irmãos com irmans; com as mais mulheres se conjungem indiscriminadamente, e tambem as deixão se d'ellas se julgão aggravados. Matão-nas porêm, ou as vendem como escravas, se as apanhão em adulterio. Não os pais, mas os irmãos tem poder nas filhas e as põem em venda quando bem lhes parece, e esta venda consiste em escambo por outras cousas, que moeda não a tem. São mui preguiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao jogo, e descanso; todo o tempo que não empregão na guerra, o dão aos banquetes, ao canto e dansa sem teor algum. Toda a sciencia de sua dansa está n'huma roda, que vai sempre saltando, e no canto em huma nota monotona, que não sobe nem desce na entoação das coplas. Alli se recitão as proezas que na guerra

acabárão, a que dão consummados elogios, e todas as canções tornão em applauso do esforço militar. O acompanhamento d'essa musica lho fazem elles assobiando e batendo com os pés. Andão em tanto os outros occupados a dar de beber aos dansantes, até que embriagados cahem sem sentidos. Fabricão suas casas de madeira, e as cobrem de unidos colmos, e as circumvallão de dois e de tres muros, em razão das guerras em que de continuo lidão. Em huma só casa (porque são mui compridas), assistem muitas familias, porquanto se amão todos fraternalmente, e com gosto arrojão a vida a todo e qualquer risco, por acudir a cada hum d'aquelles com quem vivem. Guerras nunca as emprehendem por defender ou dilatar suas fronteiras, mas sim por pundonor, quando concebem que forão aviltados por seus convizinhos, ou qualquer outra arredada nação. Nesse caso anciãos, que já na guerra esclarecêrão seus nomes quando moços, entrão no conselho, e antes que deliberem, cada hum toma tanta bebida quanta seu animo lhe pede; e logo mettem suas forças e vontades a pôr por obra quanto á cerca da guerra e da paz foi pelos velhos decretado. Escolhem, como já dissemos, por general o acerrimo em seu conceito, honra de que subito o despojão, se em alguma occurrencia teve o menor desar de

cobardia, e lhe substituem outro no seu posto. Vai o general de casa em casa convidando a todos com grandes gritos para a guerra, e avisando-os de como tem de se aviar para ella, e quanto lhes he necessaria a valentia. Só usão de arcos e flechas, mas com espadas tambem lavradas de madeira durissima, quebrão e fendem os membros dos inimigos. Tração frequentes emboscadas, e põem o ponto em acommetter de sobresalto os seus contrarios. Os prisioneiros de guerra, mórmente se velhos são, sem tardar os comem; os mais os prendem. A quantos dos seus na guerra perecêrão fazem mui pranteados funeraes, em cuja celebração fazem o encomio de seu valor. Dão mui bem de comer a seus cativos, e até lhes dão mulheres para com elles dormirem, e quando chegão seus dias de festividade, atão com cordas hum prisioneiro de guerra, que lhes parece já bem nutrido e gordo, e antes que tudo a sua amiga em sinal de amor lhe lança huma corda ao pescoço e arrasta ao supplicio o seu querido. Cercão-no depois os homens que lhe garrotão braços, pernas e ventre, e atado a huma columna, o pintão de varias côres, e o enfeitão de plumas. E para não parecerem deshumanos, lhe relaxão as prisões, e lauta e liberalmente o convidão com bebidas e manjares. Em tanto todos se põem a comer,

e a se engolfar naquelle licor de que já fallámos. Saltão depois, cantão e dansão pateando, e neste jogo mui apparatoso empregão tres dias cheios até que, findado o triduo, desimpedido dos laços dos pés e das mãos, o conduzem a hum subterraneo, onde mulheres e meninos o tirão pela corda que lhe cinge o peito; o resto dos homens e mulheres lhe atirão com limões e outras fructas, e o preso quantas d'ellas pode apanhar, as revira contra os que com ellas o magoárão. Em tanto bebe, e ao que parece mui contente, que bebida e comer não se lhe refusa, demonstrando em tudo não mediana alegria. Elles ao valentinho, e que como tal blazona, lanção injurias e hum sem numero de vituperios, e lhe dizem: « Homem muito malvado e muito facinoroso pagarás agora os males que fizeste, e vingarémos no teu sangue os manes de quantos na guerra nos morrêrão. Que temos de tirar-te a vida, despedaçar-te e comer-te assado. » « Prompto me tendes (lhes responde), que o não haveis vós com hum cobarde, que esquive o supplicio. Sempre me portei com brio em meus deveres, e se tendes de matar-me, já muitos de vós ás minhas mãos morrêrão; e se de minhas carnes ides saciar-vos, já eu das carnes de muitos me saciei tambem. Tenho demais irmãos, tenho inda parentes, que certo estou não deixarão

impunida a minha morte. » E assim dizendo vai entrando no subterraneo, e logo aquelle, sob cuja guarda estava, entra com elle no mesmo subterraneo todo pintado pelo corpo, e o pescoço bem adereçado de plumas, vibrando em suas mãos huma desmedida clava, e vem cantando e assobiando em quanto a esgrime. O preso põe todo o esforço em lha arrancar das mãos, mas em quanto faz lanço a correr a esta parte, as mulheres e meninos que nas mãos tem o cabo da corda que o amarra, o tirão a si; e se volta a outro lado, da mesma sorte as mulheres lhe dão contrario torcimento. Tão amarrado o tem alli, que não pode dar passo do lugar em que se acha; então o valente gladiador o magôa a seu salvo, e o atenua a golpes de clava, até que por ultimo com hum, que á mão tenente lhe descarrega sobre a cabeça, lha fende, e os miollos lhe derrama. Corta-lhe depois as mãos, e vem logo as mulheres, que lanção o cadaver sobre o fogo, para que, queimado todo o pello, possa o corpo com mais aceio ser lavado. Aberto pelo ventre, lhe arrancão as entranhas e intestinos, depois o fazem em chacina, e por não dizer mais mordem mui regaladamente naquellas carnes. Outros homens ha montanhezes e silvestres, que porfiadamente guerreião com estes que habitão barracas, e se

enlodão nos mesmos crimes e feridades (1). Nenhum delicto, senão o homicidio he punido entre elles; mas os mesmos proprios parentes do homicida são forçados de entregá-lo aos que em razão de commum consanguinidade tem acção de requerer-lhe a morte. Ora estes lhe dão garrote e o enterrão; e com muitas lagrimas e carpiduras de todos os parentes, celebrão as exequias de hum e outro defunto, e dão banquete, a que assistem, depostas as inimizades, todos os parentes. Se porêm por algum accidente poude escapar o homicida, então suas filhas, ou suas irmans, ou já parentas, são entregues á serventia dos parentes do morto, com o que toda a desavença entre os dois bandos fica sepultada no olvido. »

He difficil formar huma ideia exacta dos antigos habitantes do Brasil, povoado de mais de 400 nações ou tribus. O que se pode deduzir do pouco que deixárão escripto com alguma individuação e clareza os antigos historiadores, e do que em tempos posteriores tem observa-

(1) Algumas nações comião as crianças tomadas ao inimigo depois de as engordarem, e quando chegavão á idade de puberdade; outrotanto fazião ás que provinhão da cohabitação das mulheres com os prisioneiros destinados a morrer. Ellas porèm muitas vezes fugião com elles ou se fazião abortar.

do viajantes instruidos, he que o immenso continente comprehendido entre o rio Amazonas e o da Prata era habitado por homens de raças diversas, pelo menos duas ou tres, e fallando dialectos de outras tantas linguas primitivas. Nas margèns do Paraguay, assim como no Brasil, notavão-se duas raças mui differentes em estatura, côr e feições, huma quasi tão alva como os Europeos, de alta estatura e feições regulares, outra de estatura mais pequena, feições menos europeas e côr fula mais ou menos avermelhada. Nos costumes não differião menos. Huns erão rudes, anthropophagos, vivendo da caça e pesca, e dos fructos e raizes que a terra dá sem cultura, quasi nus, e com pouca barba e pello. Outros erão barbudos. Os *Omaguas* tinhão a cabeça achatada de nascença, e ainda mais pela compressão do craneo das crianças. Havia nações que não comião os prisioneiros, e se davão á cultura da mandioca e de algumas plantas leguminosas, e se vestião de pelles de animaes : taes erão os *Carijós* que habitavão as bordas do rio Cananéa, São Vicente até ao Rio da Prata, e os *Caaguás*. A' vista do caracter da physionomia de differentes raças como a dos Guaranis, Tupis, Omaguas, parece provavel que algumas das raças brasilicas tinhão vindo do Peru, Chili, e até da Patagonia, regiões habitadas por huma

raça de homens guerreiros de alta estatura, bellas feições e proporções, e côr branca, sem mistura de côr de cobre. Em quanto ás linguas, a pezar dos trabalhos dos Hespanhoes, colligidos, analysados e comparados por Hervás, por Vater, e das noções dadas pelos sabios viajantes Spix e Martius, o principe de Neuwied, St. Hilaire, Eschewege etc., subsiste ainda grande obscuridade. A lingua *guarani* parece ser a mãi do maior numero dos idiomas fallados pelos indigenas desde o Rio da Prata e Uruguay até á Guyana. O *tupi*, d'ella derivado, he a base do idioma a que nós démos o nome de *Lingua geral brasilica*. Todavia existem muitos outros idiomas que não tem semelhança alguma com os radicaes guaranis, e pertencem a outras familias.

Os Tupiniquins que acolhêrão Cabral erão hum ramo da nação Tupi, assim como os Tupinambas, Tupinaes, Cahetés, Carihós ou Carijós, Pitaguares, Tabayares, Tamoyos. Os Tapuyas era a mais antiga e numerosa nação brasilica, e contava 76 povos d'ella emanados, entre os quaes são os *Aymores* que os Portuguezes denominárão Botocudos, do pao em fórma de botoque que trazem pendente do beiço. Cada tribu tinha seu chefe, e occupavão toda a costa desde a embocadura do rio da Prata até ao Amazonas, e no interior se

extendia muito a sua dominação. As tribus se tornárão hostis humas ás outras; isto suscitou guerras que reduzirão muito a povoação, e acabárão por expulsar os que occupavão d'antes as costas. Os Tupis se apoderárão de toda a costa do Brasil quando os Tapuyas forão d'ella expulsados para o sertão, e se dividírão em 16 tribus, das quaes as principaes erão: os Cahetés, os Carihós ou Carijós, os Pitagoares, os Tabayares, os Tamoyos, os Tupinanabas, os Tupinaes, os Tupiniquins etc.

A pezar da diversidade dos povos que habitavão esta região, havia grande conformidade de usos e costumes entre elles. Quasi todos pintavão o corpo com urucu e outras plantas; usavão de arcos, frechas e clavas, vivião de caça, pesca, mel, milho, yucca, mandioca, e preparavão grande variedade de bebidas espirituosas fazendo fermentar diversos succos vegetaes, e o mel. Os homens tomavão mulher de 10 a 18 annos, e ás raparigas casavão de 10 a 12, mas erão pouco prolificas, talvez por isso mesmo que em idade demasiado tenra começavão a conceber. Em geral os indigenas vivião largos annos, e frequentes exemplos de centenarios se encontrão ainda hoje nas aldeias delles. Os viajantes affirmão que alguns attingião 120 e até 140 annos de idade.

Posto que todos estes povos se achassem

mui atrazados em civilização, tinhão todavia alguma industria. Acendião lume fazendo gyrár rapidamente a ponta de hum pao secco no buraco de outro. A casca do *pao-estopa* lhe servia de isca. Alguns construião, com bastante arte, cabanas de madeira e terra cobertas de folhas de palmeira, e macas mui curiosamente tecidas de *embira* que suspendem aos ramos de arvores. Fazião machados de pedra nephritica ou jade, e machadinhas da casca da barriga da tartaruga, que afiavão sobre huma pedra, e que fixavão em cabos de pao. Fazião cordas das fibras das folhas de huma especie de *bromelia*, do *pao-estopa*, do *pao de embira*, do *embira broma*, do *barriguedo* (*bombox*). Os Omaguas fabricavão alguns tecidos de algodão. Tinhão vasos de barro cozido; tecião cestos e cabazes de diversas plantas flexiveis, como folhas de palmeira. Cozião o pão de yucca em fornos. Muitos erão insignes na construcção de canoas e jangadas. Os arcos erão de ordinario de pao da palmeira *airi* que he duro e massiço; a corda he da fibra de *gràvatá* (*bromelia*). As frechas de seis pés de longo são de *taquara*, especie de canna nodosa e solida que cresce nas matas e em terrenos seccos, ou de outras plantas. As frechas de guerra tem a ponta feita da canna chamada *taquarara* (*bambusa*). Alguns usavão de lanças de pao

duro. As clavas erão arredondadas no punho e chatas na extremidade. A's vezes envenenavão as pontas das frechas. Muitos usavão de broqueis de anta, ou de pelle de jacaré. Fazião flautas de canna, e trombetas do osso femur do homem, ou de cornos de animaes. Humas nações queimavão os cadaveres com todos os móveis que tinhão pertencido ao morto; outras os mettião acocorados em grandes vasos de barro; outros os enterravão ao pé de grandes arvores com diversas ceremonias e ritos. Os Guayacurus os enterrão em cimeterios compostos de galerias cobertas de juncos. Não era conhecido no Brasil quadrupede algum semelhante ao *lhama*, *alpaco* ou *guaco*, e só diversas especies de gamos.

Contavão por luas, e tinhão algum conhecimento das constellações correspondentes aos quatro pontos cardinaes. Entre algumas nações conservão-se vagas tradições da vida de homens brancos do oriente, que evidentemente tiravão a sua origem do Peru, ou do Mexico. He de notar que as testas achatadas e cabeças alongadas dos Omaguas tem grande semelhança com as figuras representadas nos antiquissimos templos de Guatemala. A lingua dos Omaguas do Peru tem a maior analogia com o Guarani.

O estado de infancia que caracterisava todas

as nações que habitavão a America occidental e meridional, a falta total de restos de monumentos antigos, assim como a de crenças religiosas, de todo e qualquer culto, e a simplicidade das linguas cujos vocabulos não exprimem senão objectos sensiveis e affectos do animo, ou sons imitativos; tudo attesta que esta vasta região separada do Peru por vastas campinas desertas, por altissimos montes e densas florestas, não teve communicação com os povos civilisados da costa oriental; e se alguma emigração se effectuou de lá para o Brasil e Paraguay, foi anterior ao progresso da civilisação das nações Peruvianas, e outras orientaes.

Relativamente á religião, he incontestavel que os mais dos indigenas não tem culto algum, nem adorão o Sol, a Lua e os astros, nem cogitão de causas invisiveis dotadas de energia intellectual. Hum amigo meu que viveo bastante tempo entre os Cahetés do Pará, cuja lingua fallava correntemente, me assegurou que não achára entre elles o menor indicio de crença religiosa, ou de usos superstíciosos. Parece comtudo que algumas nações tinhão ideias vagas da persistencia da alma depois da morte, e de hum principio bom e outro mao; alguns reverenceião a lua, a que attribuem o trovão, o raio e relampagos e mil outras influencias. Barlow diz que os Tapuyas

admittem hum inferno onde são castigadas as almas dos maos, e o collocão ao accidente (como os antigos Egypcios), e admittem hum Elyseo onde as almas dos bons vivem folgadamente de mel e de peixe. Entre muitas d'estas nações havia feiticeiros adivinhos, que erão ao mesmo tempo curandeiros. O fumo do tabaco respirado era o mais poderoso remedio usado entre elles.

Dizem alguns autores que os Pagés do Iapurú affirmavão que o sol se não movia, e que a terra he que gyrava em torno d'elle. Se he verdade esta asserção, parece prova de antiga communicação com alguma nação mui adiantada em astronomia. Hoje he bem sabido que os antigos sabios Egypcios conhecião o verdadeiro systema do mundo. Se em tempos remotos houve comunicações entre as nações do antigo mundo e a America, como parece provavel [1], he de crer que tiverão lugar nas costas septentrionaes e occidentaes daquelle continente, e na costa oriental d'elle, e que o Brasil não foi visitado antes de fins do seculo XIV°.

[1] He hoje bem sabido que os navegantes da Noroega visitárão parte das costas septentrionaes da America, no principio do XI° seculo. Na mesma epocha alguns Mouros residentes em Lisboa navegárão até ás ilhas Açores, e de lá attingírão diversas ilhas da America.

CAPITULO III.

Estado do Brasil desde 1530 até 1580.

1530. *Estado do Brasil segundo Herrera.* —A costa do Brasil, em 1530, estava dividida em nove capitanias [1]. A primeira a da ilha de *Itamaracá ;* tem tres legoas de comprido e duas de largo, e a sua jurisdicção se extende a 35 legoas ao longo da costa. Encerra perto de cem casas e alguns engenhos de assucar. 2°. *Pernambuco*, 5 legoas ao sul de Itamaracá pelos 8° lat. sul, contêm duas cidades, Olinda e Garasú (*Iguarassú*), situadas a 4 legoas huma da outra; contêm cousa de 1000 familias e 23 engenhos de assucar, cujo producto annual he de 250:000 arrobas. 3°. *Bahia de todos os Santos*, a cousa de 100 legoas de Pernambuco, em 13° de latitude sul, onde reside o Governador, o bispo e o auditor geral de toda a costa. Esta capitania encerra duas cidades portuguezas, a saber Villa-Ve-

[1] Herrera. Dec. IV, lib. VIII, cap. 12 *De la descripcion de la costa del Brazil i cosas de ella.*

lha, a mais antiga da capitania perto da barra de São Salvador, fundada por Thomé de Sousa; e a cidade de Paripé a 4 legoas no interior, cuja povoação he de 1100 familias: tem 18 engenhos de assucar, mas dão-se de preferencia á cultura do algodão. A cidade tem 5 igrejas e hum collegio de Jesuitas. 4°. A capitania dos *Ilheos*, distante 30 legoas da Bahia de todos os Santos, na latitude de 14° 40'; tem huma povoação de 100 familias, hum collegio de Jesuitas e 8 engenhos de assucar. 5°. A capitania de *Porto-Seguro*, a 30 legoas dos Ilheos em 16° 30' de latitude. Comprehende tres cidades: Santo Amaro, Santa Cruz, e Porto-Seguro, com huma povoação de 220 familias. Tem huma casa de Jesuitas e 5 engenhos de assucar. 6°. A capitania do *Espirito Santo*, a 50 lèguas de Porto Seguro, em 20° de latitude, habitada por 200 familias que cultivão o algodão. Tem hum só engenho de assucar e hum collegio de Jesuitas. 7, A capitania do *Rio de Janeiro*, na latitude de 23° 20' tem 200 casas, a cidade de S. Sebastião, hum só engenho de assucar, e huma casa de Jesuitas. 8°. *S. Vicente*, a 70 legoas do Rio de Janeiro, na latitude de 24° contêm tres cidades, 300 casas, quatro engenhos de assucar e hum forte na ilha denominada Britioga (*Bertioga*), proxima ao continente, para proteger os estabelecimentos

contra os Indios e os piratas. A principal cidade he Santos, onde ha huma casa de Jesuitas.

Nem Herrera, nem Pedro de Magalhães Gaudavo, o mais antigo historiador do Brasil, fallão na nona capitania. O segundo conta oito capitanias, mas omitte a de Pedro de Goes. O celebre João de Barros, hum dos primeiros donatarios, diz que o Brasil fôra dividido em 12 capitanias, cujos nomes não refere.

A historia conserva os nomes de nove donatarios, a saber: João de Barros, Duarte Coelho Pereira, Francisco Pereira Coutinho, Jorge de Figueiredo Corrêa, Pedro do Campo Tourinho, Vasco Fernandes Coutinho, Pedro de Goes, Martim Affonso de Sousa, e seu irmão Pedro Lopes de Sousa.

Decorrêrão trinta annos depois do descobrimento do Brasil sem que o governo portuguez se occupasse de o colonisar, pondo todo o seu fito na India. Os Francezes aproveitando-se d'esta incuria, estabelecêrão povoações na proximidade da costa; e os Hespanhoes formárão estabelecimentos nas margens do Paraguay. Emfim D. João III resolveo dividir o territorio do Brasil em capitanias hereditarias, instituidas a favor de fidalgos ou outros particulares que se havião distinguido pelos seus serviços na India. Estas capitanias comprehendião de 50

á 60 legoas de costa, e podião extender-se indefinidamente pára o sertão. Conforme ao plano de colonisação que tinha prosperado na ilha da Madeira e nos Açores, os donatarios tinhão poderes illimitados, tanto em materias civis como crimes. Elrei se reservava o dizimo dos productos, e o direito de cunhar moeda.

Por hum alvará de 20 de Novembro 1530, Martim Affonso de Sousa, do conselho d'elrei, foi nomado *Governador da America Lusitana*, ou *Terras Brasilianas*, para alli construir fortificações, e distribuir terras aos colonos. Os seus poderes suspendêrão ou limitárão os que havião sido concedidos aos donatarios das differentes capitanias. O doutor Pedro Borges foi nomeádo Ouvidor-geral, para registrar os actos de todas as capitanîas, e Antonio Cardoso de Barros, Procurador da fazenda.

Martim Affonso de Sousa, fez-se á vela de Lisboa nos fins de 1530, e abordou ao Cabo Santo Agostinho. Para explorar o terrêno, desembarcou perto da ponta elevada chamada *Pão d'assucar*, em huma pequena praia chamada *Pôrto de Martim Affonso*, e depois *Praia Vermelha*. Seguindo a costa, entrou na Bahia de Todos os Santos, onde tomou dois navios francezes. João de Sousa, capitão de hum dos navios da expedição foi expedido a Lisboa para annunciar esta preza a Elrei. Prolongando a

costa na direcção do sul tomou refresco em Porto-Seguro, e depois descobrio a bahia de Santa Luzia, a que poz o nome de *Rio do Janeiro* porque entrou no porto no primeiro d'este mez 1531. Os Tamoyos a denominavão *Nhiteroi*, que significa *mar morto*. Levando ferro navegou ao oéste, e a quatro legoas de distancia descobrio a barra de *Tejuca*, e quasi na mesma distancia, a de *Guaratiba*. Continuando a costear foi ter á ilha *Marambaia*, de cinco legoas de extensão, e á *Ilha grande*, em 23° 19′ de latitude. Entre esta ultima ilha e o Morro de Marambaia entrou a 6 de Janeiro com a armada em huma enseada de duas legoas de largo, e lhe deo o nome de *Angra dos Reis*. Sahindo d'ella passou á de *Cairuçú*, d'alli á *Ilha dos Porcos*, seguio viagem até á *Enseada dos Maramomis*. Mais adiante em latitude de 23° 48′ descobrio a 20 do mez huma ilha que appellidou de S. Sebastião. Oito legoas mais adiante chegou no dia 22, á emboccadura de hum rio com fundo sufficiente para admittir navios de mediano porte. Denominou-o *Rio de S. Vicente*, em honra do padroeiro da colonia.

A ilha de S. Vicente sendo mais favoravel á cultura, Sousa transportou para ella os colonos, em 1531, com todo o gado, e lançou os primeiros fundamentos de huma cidade denomi-

nada S. Vicente, e destinada a ser a cabeça da capitania.

Esta capitania comprehendia 100 legoas de costa, e se extendia do rio Macahé até a 12 legoas ao sul da ilha de Cananéa, onde estava situada a barra de Paranaguá, excepto huma superficie de 10 legoas comprehendidas entre o rio *Curupau* (*Juquiriqueré*), e o de S. Vicente.

Os Goyanazes, senhores então d'aquella parte da costa, tinhão já ajuntado todas as suas pirogas para resistirem aos invasores, quando d'esse intento forão dissuadidos pela influencia de hum portuguez chamado João Ramalho, que tinha sido lançado na costa pela expedição de Gonçalo Coelho. Em premio dos uteis serviços feitos aos indigenas, este homem tinha casado com a filha de *Tebireça*, chefe o mais poderoso d'esta nação que habitava as planicies de Piratininga, e negociou hum tratado de alliança perpetua entre esta tribu e os Portuguezes.

Tendo provido á segurança da nova cidade, e á da *Conceição*, o governador proseguio a sua navegação para explorar a costa até ao Rio da Prata, onde chegou no primeiro de Dezembre. Entrou neste rio, e navegando por elle arriba por espaço de alguns dias, perdeo algumas embarcações nos baixos. Não havendo en-

contrado estabelecimento algum hespanhol, voltou á sua colonia, que em pouco tempo se tornou florescente. Fez vir da Madeira a canna doce, e estabeleceo o primeiro engenho de assucar; outros se elevárão logo á imitação do primeiro. Mandou 80 homens ao sertão para descobrir minas, e tomar posse da sua capitania; mas todos forão mortos pelos indios Carijós. Felizmente os Goyanazes, vizinhos dos Tamoyos, não obstavão ao progresso da colonisação, e vivião em boa intelligencia.

Martim Affonso chamado á côrte por elRei, foi nomeado Governador da India. Entretanto S. Vicente continuou a prosperar. De volta a Portugal, onde foi nomeado conselheiro d'estado, enviou muitos colonos ao Brasil, e promoveo o estabelecimento de novas plantações e engenhos de assucar, assim como o transporte de diversas mercadorias para trato mercantil. Seu filho Pedro Lopes lhe succedeo na capitania.

1531. *Capitania de Paraïba* ou *Parahiba*, ou de *São Thomé*. Pedro de Goes, fidalgo de grande merecimento, tinha acompanhado Lopes de Sousa ao Brasil. Encantado da belleza da terra, pedio e obteve a concessão de 30 legoas de costa, partindo da capitania de Coutinho, e sem poder extender-se alem dos baixos de Pargos, ainda no caso de não estarem pre-

enchidas as 30 legoas. Esta concessão estava comprehendida entre a capitania de São Vicente e a do Espirito Santo.

Goes armou navios á sua custa, ajuntou colonos e tudo quanto podia contribuir ao bom exito da sua empreza, e desembarcou na foz da Paraîba onde se fortificou e lançou os fundamentos de huma cidade. No cabo de dois annos passados em paz com os Goytacazes, estes povos se tornárão hostis e não cessárão de assaltar os colonos durante o espaço de cinco ou seis annos, usando de mil estratagemas para destruir a cidade. Muitos colonos perdêrão a vida nestes ataques repetidos; os outros, padecendo da falta de viveres, instárão com o governador para que abandonasse a colonia. Elle, não recebendo reforços, vio-se obrigado a consentir, e embarcou-se para a capital do Espirito Santo, a bordo de huma das caravelas que lhe expedio Vasco Fernandes Coutinho.

Depois d'este desastre, Pedro de Goes, voltou a Portugal, mas logo regressou ao Brasil com o titulo de capitão-mór, acompanhado por Thomé de Sousa, a quem ajudou a fortificar e povoar a cidade de S. Salvador. Goes tinha não só dispendido todo o seu cabedal na formação da sua colonia, mas até ficou endividado de alguns mil cruzados a Martim Ferreira.

1531 a 1540.—*Capitania da Bahia.* Esta ca-

pitania que se extendia desde a ponta do Padrão (S. Antonio) e o Rio S. Francisco, foi concedida por D. João III, a Francisco Pereira Coutinho, em recompensa dos serviços que elle fizera na India, e lhe ajuntou depois todo o Reconcavo.

Coutinho, tendo armado á sua custa alguns navios em Lisboa, se embarcou neste porto, levando comsigo grande numero de colonos, de soldados e aventureiros para fundar hum estabelecimento duravel. Depois de huma feliz viagem aportou á Bahia, desembarcou na ponta do Padrão, e se fortificou em hum lugar chamado depois *Villa Velha*. Os primeiros annos se passárão sem hostilidades da parte dos indigenas; varias plantações se fizerão, e alguns engenhos de assucar. Mas no fim d'este tempo os Tupinambas atacárão os estabelecimentos e continuárão a guerra durante sete ou oito annos. Finalmente o chefe da colonia tendo perdido o seu filho bastardo, e os colonos soffrendo de doenças e de escassez de viveres, se embarcou com a gente que lhe restava a bordo de duas caravelas, e se dirigio á capitania vizinha dos Ilheos, onde os Portuguezes debaixo da direcção de Jorge de Figueiredo, vivião em paz com os Tupiniquins.

Depois da sua partida os Tupinambas, arrependidos do seu procedimento, o convidárão

a voltar, e elle tendo feito hum ajuste com alguns dos chefes, embarcou-se com os seus colonos a bordo das suas caravelas. Estando já perto da entrada da Bahia de Todos os Santos, foi acolhido por hum temporal, que o fez encalhar nos baixos da ilha de Itaparica. Todos os que escapárão do naufragio, e puderão ganhar a costa, forão mortos e devorados pelos Tupinambas, excepto Diogo Alvares da Cunha, ou Diogo Alvares Corrêa, segundo o autor da *Corografia Brazilica*, appellidado *Caramurú*, o qual fallava a lingua dos indigenas, e que tinha acompanhado Coutinho na sua fugida.

Segundo alguns historiadores portuguezes e estrangeiros, Diogo Alvares Corrêa, natural de Viana, indo buscar fortuna á India, foi lançado por hum temporal na costa do Brasil, e o seu navio naufragou nos baixos ao norte da barra da Bahia. Parte da tripolação morreo; os outros havendo ganhado a costa, forão devorados pelos Tupinambas, excepto Corrêa, o qual tendo salvado huma espingarda e alguns barris de polvora, e matado hum passaro a tiro diante dos selvagens, estes cheios de admiração exclamárão *Caramurú*, isto he, *homem de fogo*, nome que elle conservou depois d'este successo.

Caramurú lhes ensinou o uso do ferro, que tirou dos destroços do navio. Marchou com

elles contra os Tapuyas, os quaes fugirão á vista da sua temivel arma, que reputavão sobrenatural. Desde então adquirio grande preponderancia; os chefes lhe offerecêrão suas filhas em casamento, e penetrado de reconhecimento, deo a esta magnifica bahia o nome de *São Salvador*, e escolheo para se estabelecer o sitio onde depois foi fundada *Villa Velha*. Estava occupado em construir alli cabanas e pequenas barcas dos restos do navio naufragado, quando hum navio francez aportou alli, expedido de Dieppe para commerciar. Corrêa se embarcou para França neste navio levando comsigo a sua esposa favorita *Caramurú-Assu;* foi bem acolhido do rei Henrique II e da rainha Catherina de Medicis, os quaes a fizerão baptizar debaixo do nome de Catherina Alvares. Esta potencia querendo ter parte no commercio do Brasil, nomeou Caramurú chefe de huma expedição mercantil de dois navios para a costa da Bahia, onde aportou com grande satisfação dos Tupinambas.

Alguns historiadores dizem que á sua chegada a Padrão, Coutinho recorreo a Caramurú, que se dava inteiramente á civilisação; mas concebendo ciumes d'elle o fez prender e conduzir ao seu navio. A mulher de Caramurú, julgando-o morto, armou toda a sua nação e a dos Tamoyos seus vizinhos contra os Portu-

guezes; o que obrigou Coutinho a soltá-lo [1].

1532. — *Capitania de Santo Amaro, e d'Itamaracá.* D. João III, informado que os Francezes tinhão feito hum forte em Itamaracá, guarnecido de 100 soldados, e que os seus navios vinhão buscar pao brasil a esta ilha e no continente vizinho, expedio huma esquadra ás ordens do capitão-mór Pedro Lopes de Sousa, para expulsar os Francezes e todos os estrangeiros que se achavão na *Nova Lusitania*, ou que commerciavão nos portos.

No mesmo tempo, elRei concedeo a este capitão 50 legoas de costa, em duas porções differentes, em vez de huma só, em conformidade do seu peditorio; a saber: Santo Amaro que confinava com S. Vicente, e Itamaracá, lugar o mais proximo da linha que separava Pernambuco da Paraîba [2]. Lopes armou alguns navios, partio de Lisboa e desembarcou em S. Vicente. Depois de varios combates contra os Petiguares, que rechaçou,

[1] Na igreja dos Bentos, no suburbio de Victoria lê-se a inscripção seguinte: Sepultura de D. Catherina Alvares, senhora d'esta capitania da Bahia, a qual ella, e seu marido Diogo Alvarez Corrêa, natural de Viana derão aos senhores reys de Portugal: Fez e deu esta capella ao patriarca S. Bento, anno de 1582.

[2] Herrera, Dec. V. lib. VIII. cap. 8.

estabeleceo duas colonias, huma de que *Santo Amaro* foi a capital, a outra na ilha de Itamaracá, separada do continente por hum canal. Dispendeo muitos mil cruzados nestes estabelecimentos, que não disfrutou muito tempo, havendo perdido a vida em hum naufragio no Rio da Prata. Quarenta annos depois da fundação da colonia d'Itamaracá, toda a povoação da ilha não excedia 200 familias, e não havia senão tres engenhos de assucar.

1534 e 1535. — *Capitania de Pernambuco. Fundação da cidade de Olinda.* ElRei D. João III em recompensa dos serviços de Duarte Coelho Pereira, lhe concedeo a capitania de Pernambuco [1], comprehendendo 50 legoas de costa desde a emboccadura do Rio S. Francisco ao nordéste até Itamaracá, limitada pelo Igaraçú. Huma feitoria que se tinha estabelecido nesta capitania foi tomada por hum corsario de Marselha, que deixou alli 60 homens de guarnição. Mas na viagem que fez para voltar a França foi apresado pelos Portuguezes, que não tardárão em expulsar os Francezes d'esta costa.

Coelho armou alguns navios nos quaes se embarcou em Lisboa com sua mulher, filhos

[1] Pernambuco he corrupção de *Paraná buco*, que na lingua dos Cahetés significa *excavado pelo mar*.

e grande numero de parentes e amigos, acompanhados igualmente de suas familias. A' sua chegada ficou tão encantado com o aspecto da terra, que exclamou : *oh que linda situação para se fundar huma villa!* D'aqui veio o nome de Olinda (ó linda) fundada por elle. Durante alguns annos vio-se obrigado a defender-se contra as incursões dos Cahetés, tribu numerosa e barbara que occupava toda esta costa e 50 legoas no interior, e tinha feito alliança com os Francezes que alli vinhão commerciar. Coelho foi atacado na cidade, perdeo alguma gente e foi mesmo ferido; mas o seu valor triumphou, e conseguio rechaçar os Cahetés, fortalecendo-se por huma alliança que fez com os Tabayazes.

A formação d'este estabelecimento custou muitos mil cruzados a Coelho; mas colheo bom fructo d'elle, deixando 10:000 cruzados de renda a seu filho, procedente da cultura e fabricação do assucar, e da pesca.

1534.—*Capitania do Espirito Santo*. Esta capitania vizinha da de Santo Amaro, e comprehendendo 50 legoas de costa, foi dada por D. João III a Vasco Fernandes Coutinho em remuneração dos serviços militares que tinha feito na Asia. Depois de haver disposto tudo o que convinha, fez-se á vela de Lisboa com 60 fidalgos da casa real, e aportou com a sua frota

a huma bahia a 60 legoas do Rio de Janeiro. Alli desembarcou, e com o pequeno numero de homens que levava, expulsou os Goyanazes que occupavão a terra, e lançou os fundamentos de *Nossa Senhora da Victoria*, chamada depois *Vilha Velha*. Fez construir hum forte, e voltou á Europa a buscar novos colonos. Entretanto os colonos se derão á agricultura, plantárão vinhas e cannas, e estabelecêrão quatro engenhos de assucar; mas os Goyanazes renovárão as hostilidades e matárão em hum combate Jorge de Menezes, que Coutinho tinha nomeado capitão durante a sua ausencia. Auxiliados pelos Tupiniquins obrigárão os colonos capitaneados por Simão de Castello Branco a se retirarem para as margens do rio Circaré. Os selvagens destruîrão os engenhos e plantações e matárão muita gente. Finalmente os colonos não tendo forças para resistirem aos ataques dos Indios se refugiárão na ilha de Duarte de Lemos, e se dispersárão por diversas capitanias. Quando voltou, achou Coutinho o seu estabelecimento abandonado. Depois de varios esforços para repellir os indigenas, vio-se em tal aperto por escassez de gente e munições, que estava a ponto de se embarcar quando lhe chegou hum reforço mandado por Mendo de Sá, governador da Bahia. Com estas forças atacárão os Indios, e a principio os repellírão,

mas elles voltárão, e renovárão a peleja com tal furia, que obrigárão os Portuguezes a acolher-se ás suas embarcações em debandada, deixando muitos mortos, entre os quaes se achava Fernão de Sá, filho do Governador.

Coutinho havendo esgotado todo o seu haver no estabelecimento da colonia, vio-se reduzido a pedir esmola. Seu filho e successor viveo ignorado e pobre na capitania de seu desgraçado pai.

1534. — *Capitania de Porto Seguro.* Esta capitania que demarcava com a de Jorge de Figueiredo Corrêa, e se extendia para o sul, comprehendendo 50 legoas de costa, foi concedida por D. João III a Pedro de Campos Tourinho, natural de *Viana da Foz do Lima*, homem nobre, e perito na navegação. Partio de Viana com sua mulher Inês Fernandes Pinto, seu filho Fernão de Campos, e alguns parentes, amigos e outras pessoas. Aportou a Porto Seguro e se fortificou no mesmo sitio onde depois foi assentada a capital da provincia. Achou alli alguns Portuguezes que habitavão a terra havia 30 annos, e que de mulheres americanas tinhão filhos mestiços denominados *mamalucos*. Hum dos dois degradados que Pedralvares Cabral tinha deixado alli em 1500, servio de interprete. Os Tupiniquins, que habitavão entre os rios Camamu e Cirtaré, se oppozerão ao

estabelecimento; pozerão-lhe cerco e matárão alguma gente, mas depois fizerão a paz. Tourinho cuidou então em augmentar a colonia, e as cidades de Santa Cruz e Santo Amaro, que acabava de fundar, a primeira na bahia *Cabralia* e a outra huma legoa ao sul de Porto Seguro. Os indigenas ajudárão aos trabalhos da agricultura. Dentro de pouco tempo esta colonia começou a expedir para Lisboa navios carregados de assucar e pao brasil.

1535-1536. *Capitania do Maranhão*. Esta capitania concedida a João de Barros, comprehendia, como as mais, 50 legoas de costa, a partir dos limites da de Itamaracá. O donatario associou-se com Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha, para estabelecer huma bella colonia. Armárão á sua custa em Lisboa dez navios, a bordo dos quaes embarcárão 900 homens e 113 cavallos, e todo o provimento necessario para formar o estabelecimento de que os dois filhos de Barros devião tomar a direcção. A frota capitaneada por Ayres da Cunha chegou á visita da ilha do Maranhão, e alli naufragárão todos os navios nos cachopos e baixos que a cingem. Algumas pessoas escapárão e se refugiárão na ilha *do Medo* ou *Boqueirão*, á entrada da bahia, mas não achando o sitio proprio para assentar huma colonia, voltárão a Portugal no primeiro navio que se lhes offereceo.

Os dois filhos de João de Barros tinhão escapado do naufragio, e se havião refugiado em huma ilha na emboccadura do rio; alli permanecêrão alguns annos, mas não puderão communicar com Pernambuco nem com as mais capitanias. João de Barros mandou alguns navios ao soccorro dos filhos, mas chegárão quando estes tinhão abandonado a ilha, e encaminhando-se ao longo da costa cahîrão nas mãos dos Pitiguares e forão mortos por estes Indios. Na foz do *Rio Pequeno*, chamado *Babique* pelos indigenas, a 3 legoas do Rio Grande pelos 5° 1/6 de latitude. O autor do *Roteiro Geral* attribue a morte dos fihos de João de Barros aos conselhos dos Francezes que então vinhão carregar alli pao brasil, mas he supposição gratuita, e sem fundamento. Barros tinha dispendido bastante cabedal sem proveito, e ficava ainda devendo á corôa 600:000 réis por artilharia e munições, que lhe forão perdoados por el-rei D. Sebastião. A perda de seus filhos e da fazenda fez renunciar Barros á capitania, que foi dada a Luiz de Mello da Silva.

1540. *Capitania dos Ilheos*. Esta capitania assim chamada de tres ilhetas situadas na emboccadura do principal rio d'ella, foi concedida a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da fazenda, e comprehendia 50 legoas de costa, partindo da Bahia do Salvador. Corrêa não po-

dendo em razão do seu cargo transportar-se á capitania, enviou Francisco Romero, cavalheiro castelhano, com alguns navios e colonos para tomar posse d'ella. Este desembarcou no porto de Tinharé, e assentou a colonia na altura chamada *Morro de S. Paulo;* mas pouco satisfeito do sitio, escolheo outro na emboccadura do rio dos Ilheos que elle vinha de descobrir, e alli lançou os fundamentos da cidade dos Ilheos, ou de S. Jorge, assim nomeada em honra do proprietario. Nos primeiros annos teve que se defender contra os Tupiniquins, com quem depois assentou pazes. O filho do donatario, com o beneplacito regio, vendeo a sua capitania ao Florentino Lucas Giraldes, que estabeleceo nella oito ou nove engenhos de assucar, que mais tarde forão destruidos pelos Aymores, que matárão parte da povoação : o resto se acolheo á Bahia, em 1570.

1530 a 1532. *Guilherme Hawkins* de Plymouth, pai do cavalheiro João Hawkins, fez duas viagens ao Brasil, em hum navio de 250 toneladas e duas outras embarcações mais pequenas. Na sua segunda viagem trouxe comsigo hum chefe Indio que foi apresentado ao rei Henrique VIII, no palacio de Whitehall.

1539. *Expedição de Luiz de Mello da Silva.* Havendo João de Barros renunciado aos seus direitos sobre o Maranhão, D. João III fez mercê

d'esta capitania a Luiz de Mello, e lhe deo tres navios e duas caravelas para penetrar pelo rio Amazonas, até ás minas, a léste do Perú. O novo donatario fez-se á vela, e chegando perto dos baixos onde os navios de Ayres da Cunha tinhão naufragado (que se suppõe ser os *Atins* ou *Corôa grande*), teve a mesma sorte. Perdeo todas as embarcações, á excepção de huma caravela a bordo da qual voltou a Lisboa.

1539. *Viagem de descoberta de Francisco Orellana no rio Maranhão* que elle tinha chamado *Rio Orellana*. Gonçalo Pizarro havendo sido nomeado governador da provincia de Quito por seu irmão, o marquez D. Francisco Pizarro, tentou fazer a conquista de hum paiz chamado *Terra da Cannella*. Com este intento partio de Quito em fins de Dezembro 1539, com 400 Hespanhoes, 4000 Indios que levavão a bagagem, e 4000 cabeças de gado, vaccas, carneiros, porcos, para sustento da gente; dirigindo-se ao norte entrou no paiz de Quixós, e d'alli no val de Zumaque, a 100 legoas de Quito, onde achou D. Francisco Orellana, fidalgo de Truxillo, em Hespanha, que se associou com elle para descobrir outro Perú. Entrárão ambos com 100 soldados e alguns Indios na provincia de Coca cujo Cacique lhes fez bom agasalho, e lhe deo informações á cerca de hum rio muito maior que o Coca, o qual cortava ter-

ras fertilissimas, e cujos habitantes trazião o corpo coberto de chapas de ouro. Encantado d'esta nova, Gonçalo, tendo ajuntado toda a sua tropa e gente da comitiva, depois de alguns dias de descanso, poz-se em marcha seguindo a borda d'agua por espaço de 43 dias, sem achar viveres nem meios de atravessar o rio, até que deparou com hum lugar em que, estreitado entre dois rochedos não offerecia mais que 20 pés de largura. Lançou alli huma ponte, sobre a qual fez passar a sua gente. Todavia na outra margem o caminho não era melhor, nem a terra mais fertil. Os mantimentos cada vez escasseavão mais; isto o decidio a fazer alto no confluente dos rios Napo e Coca, chamado *la Junta de los Rios*, para construir hum bergantim destinado a levar os doentes e 100:000 arrateis de ouro que possuia; confiou o commando d'esta embarcação a Orellana, dando-lhe ordem de se não arredar d'elle; mas vendo-se mui falto de viveres ordenou-lhe que fosse em busca d'elles. Orellana ganhou o meio do rio Coca, e adiantou-se 100 legoas em tres dias levado pela corrente, sem carecer de véla nem de remos, e foi ter ao grande rio, que havia tempo se buscava em vão. Desde logo resolveo seguì-lo até ao mar, e começou a haver-se como chefe, declarando que devia tudo a si proprio e a el-rei, e nada a Gonçalo Pizarro. Hum

religioso e hum fidalgo que ousárão fazer-lhe representações contra tão desleal procedimento, forão postos em terra sem viveres nem armas. Os soldados o reconhecêrão por chefe; então desembarcou para procurar mantimento, e conhecer os habitantes, e deo ao grande rio o nome de rio de Orellana. Foi atacado pelos indigenas com grande coragem, e havendo notado que as mulheres combatião com valor varonil, aproveitou-se d'esta circumstancia para fazer acreditar que tinha descoberto o paiz das Amazonas. Tal he a origem do nome improprio dado ao rio Maranhão.

Proseguindo sua viagem encontrou povos menos guerreiros; alguns d'elles mui pacificos lhe derão mantimentos em abundancia. Orellana valeo-se da opportunidade favoravel para construir hum bergantim maior, no qual se embarcou, e depois de alguns dias de navegação attingio o mar, e costeando o Cabo *do Norte* foi demandar a ilha da Trindade onde comprou hum navio, em que passou a Hespanha. Depois de huma residencia de sete annos na Côrte de Madrid, obteve do imperador Carlos V tres navios para voltar ao paiz d'onde viera, para tomar posse d'elle em nome d'este principe, e erigir alli fortes e cidades. Partio com effeito; mas chegado á altura das Canarias, perdeo parte da tropa que levava por

doença, que continuou a ser fatal ás tripolações até ás ilhas de Cabo Verde. Chegou á emboccadura do Amazonas onde abandonou dois dos navios, e em breve vio-se obrigado pela continuada perda de gente a conservar só dois grandes barcos com os quaes tentou em vão penetrar pelo rio. Foi lançado sobre a costa de Caracas, depois sobre a ilha de Margarita, onde perdeo o ultimo companheiro, e morreo pouco depois de pezar e de doença.

1540.—*Expedição ingleza á Costa do Brasil.* Os negociantes inglezes de Southampton, *Roberto Reniger*, *Thomás Borey* e outros fizerão huma viagem mercantil proveitosa á costa do Brasil. Outro negociante denominado *Pudsey*, partio do mesmo porto em 1542, e construio hum forte junto á Bahia.

1540 a 1545. —*Viagem de Alvaro Nunez Cabeça de Vaca.* Este official, mandado por Carlos V a fazer novas explorações, tomou posse da ilha de Santa Catherina, e alli formou o projecto de huma viage da costa vizinha até Buenos-Ayres. Expedio hum navio com parte da sua gente ao Rio da Prata, mas não lhe foi possivel abordar em razão da opposição dos Indios. Então partio elle mesmo, e depois de se demorar algum tempo na ilha de Martim Garcia, entrou pelo rio Itabucú a 20 legoas de Santa Catherina, e desembarcou com a sua

gente bem armada na margem septentrional do Rio da Prata; atravessou altos montes, e rios que encontrou em huma extensão de 100 legoas de terras desertas antes de chegar aos primeiros estabelecimentos chamados *del Campo*, habitados por diversas nações, comprehendidas todas debaixo do nome de *Guaranis*, que significa guerreiro. Fez hum commercio proveitoso escambando as suas fazendas por prata e outros generos, e denominou o paiz *Provincia de la Vera*; embarcou-se por fim e seguio a corrente do rio, passou á banda opposta, e foi tomar posse do governo de Buenos Ayres.

1546. — A villa de Santos situada na costa septentrional da ilha de S. Vicente, provincia de S. Paulo, pelos 23° 56′ de latitude, foi erigida em cidade.

1548. — Opprimidos pelos colonos de Pernambuco, os Cahetés tomárão as armas, e 8000 d'elles vierão atacar o estabelecimento portuguez, situado a seis legoas ao norte de Olinda, e a duas milhas da emboccadura do Iguarassu. Estava cercado de huma estacada, e defendido por 90 europeos e 30 negros escravos. Os Indios empregárão todo o genero de ardis para reduzir os sitiados pela fome, e lançando frechas acesas para incendiar o forte; mas no cabo de hum mez vendo baldados to-

dos os seus esforços, fizerão a paz e se retirárão. Hans Stade, natural da Hesse, ajudou muito a defender o forte de Iguarassu como artilheiro. Este homem havia sido prisioneiro dos Tupinambas cuja historia escreveo; tinha passado a Portugal com tenção de se embarcar para a India, mas aceitou o posto de artilheiro a bordo de hum navio tripolado por degradados, e destinado a aprezar os navios francezes que commerciavão na costa do Brasil. Chegou a Pernambuco a 28 de Janeiro 1548, com 88 dias de viagem.

1549. — *Expedição de Thomé de Sousa nomeado governador geral do Brasil. Fundação de S. Salvador.* Depois da morte de Coutinho, o territorio da Bahia tinha ficado devoluto. el-rei D. João III informado da fertilidade da terra, resolveo mandar Thomé de Sousa filho bastardo de hum fidalgo, e pessoa de toda a sua confiança que se tinha distinguido na India, e lhe conferio o titulo de *governador geral do Brasil* ou *Nova Lusitania*, revestido de plenos poderes em materias civeis e crimes. Para obviar os numerosos abusos de que os colonos se queixavão, nomeou o Doutor Pedro Borges ouvidor geral ou juiz auditor, e Antonio Cardoso védor da Fazenda real. Outras pessoas forão igualmente escolhidas para diversos cargos, e alguns Padres da Companhia forão

escolhidos para formarem hum collegio, converter os Indios e administrar os Sacramentos. Ao novo governador ordenou el-rei que fundasse huma cidade na Bahia de Todos os Santos, e a fortificasse de maneira a poder resistir aos ataques dos Indios e de qualquer nação estrangeira. Esta cidade devia ser o assento do governo, e denominar-se São Salvador.

Thomé de Sousa partiò de Lisboa, a 2 de Fevereiro, com huma frota de tres navios, duas caravelas e hum bergantim, debaixo do mando de Pedro de Goes. Levava a bordo 300 soldados, 400 degradados, e perto de 300 colonos. Depois de dois mezes de navegação, tomou terra, a 29 de Março, na Bahia. A huma pequena distancia da cidade abandonada, Sousa encontrou o velho Caramurú Diogo Alvares, que se tinha fortificado com cinco dos seus parentes e outras pessoas escapadas ao naufragio (em 1510). Vivião em paz com os Indios seus vizinhos, que consentîrão a ajudar os Portuguezes a construir a nova cidade. O governador desembarcou a sua tropa em Villa Velha; não satisfeito com esta situação, foi reconhecer a bahia e escolheo outro sitio para erigir a nova cidade, a meia hora de distancia e cercada de bons nascentes de agua. Alli fundou a cidade de S. Salvador ou da Bahia, que

foi por muito tempo a capital do Brasil. Está situada na foz do rio Paraîba, a 600 pés acima do nivel do mar em latitude 12° 59′ sul. Dentro de quatro mezes cem casas se tinhão construido, e se havião lançado os fundamentos de huma cathedral, de hum collegio de Jesuitas, huma casa para a residencia do governador e outra para alfandega. Sousa a cingio de hum muro de taipa, e fez construir cabanas de madeira cobertas de folhas de palmeira. Estabeleceo seis bateries de artilheria, quatro dirigidas contra o interior, e duas na direcção do mar. Depressa se elevárão engenhos de assucar.

Hum acontecimento infausto esteve a ponto de arruinar a colonia. Hum dos colonos foi morto por hum Indio, em distancia de oito legoas da cidade, que ainda não estava em estado de resistir aos ataques dos Tupinambas. Felizmente o Indio foi declarado o aggressor, e por huma lei d'esta nação elles o entregárão ao governador, o qual para inspirar terror aos Indios, o fez atar á bocca de hum canhão a que mandou pôr fogo. O padre Manoel de Nobrega e cinco missionarios Jesuitas que o governador tinha trazido para catechizar os Indios, e lhes administrar os sacramentos, começárão a sua missão. Forão os primeiros Jesuitas que aportárão ao Novo-Mundo.

1550. — Neste anno chegou á Bahia outra expedição composta de galeras e navios mercantes, ás ordens de Simão da Gama de Andrade, que trazia a seu bordo o bispo Pedro Fernandes Sardinha, acompanhado de clerigos, com vestimentas, ornatos de igreja, sinos, vasos, e animaes domesticos. Estes dois armamentos custárão á Corôa 300:000 cruzados.

1551.—Este anno chegou outro armamento capitaneado por Antonio de Oliveira, com alguns colonos casados, e alguns degradados, e raparigas orphans de familias nobres, que tinhão sido educadas no Recolhimento das Orphans em Lisboa. A rainha D. Catherina as tinha recommendado ao governador para que as casasse com os mais distinctos colonos. Esta expedição trouxe tambem escravos africanos, gado, e eguas para serem distribuidas aos habitantes, com obrigação de pagarem o valor em jornaes, ou em generos cujos preços serião regulados pelos de Lisboa. Em cada hum dos annos seguintes el-rei continuou a mandar degradados, orphans, e mercadorias á colonia que foi florescendo, e cuja prosperidade se communicou ás outras capitanias.

Passados quatro annos, Thomé de Sousa, tendo acabado de visitar as outras capitanias, em que estabeleceo a ordem e a tranquillidade,

solicitou e obteve licença de voltar a Portugal. D. Duarte da Costa, do conselho d'el-rei, foi nomeado em seu lugar. Pouco depois da sua chegada os Indios se levantárão contra a colonia; mas elle deo tão boas providencias com a ajuda de seu filho Alvaro da Costa, que conseguio apaziguar os levantados. A gente que continuamente lhe chegou de Portugal augmentou as suas forças.

Sete Jesuitas tinhão acompanhado D. Duarte da Costa; hum d'elles era José Anchieta. Segundo as instrucções de Loyola fundador da Sociedade de Jesus, o padre Manoel de Nobrega e Luiz da Gram forão nomeados conjunctamente provinciaes do Brasil, como de provincia independente.

A D. Duarte da Costa succedeo Mendo de Sá. No espaço de 14 annos que durou o seu governo conseguio subjugar os Tupinambas do districto da Bahia e de todos os outros até ao Rio de Janeiro, sem que depois da morte d'el-rei tivesse recebido de Portugal outro auxilio mais que huma galera cada anno. Tinha destruido 30 aldeias de Indios na vizinhança da cidade, soccorrido a capitania dos Ilheos, a de Porto Seguro e a do Espirito Santo, e tinha duas vezes expulsado os Francezes do Rio de Janeiro.

1552. — O primeiro bispo do Brasil, Pedro

Fernandes Sardinha, que tinha vindo em 1550, fundou a cathedral de S. Salvador. Este prelado tinha feito os seus estudos na Universidade de Paris, e occupado o cargo de vigario geral na India.

1553.—O jesuita Manoel Nobrega fundou o *Collegio dos trabalhos apostolicos* na planicie de Piratininga, a 10 legoas do mar, e perto de 13 de S. Vicente. Treze padres, debaixo da direcção de Manoel de Paiva, forão mandados a fórmar alli hum collegio que foi chamado de S. Paulo, o qual deo nome á cidade que alli se fundou em 1554, e que foi depois (1560) transferida para tres legoas mais longe, no angulo formado pela juncção das aguas do rio Tamandatahy e do Hinhagabahu, dois affluentes do Tieté, em hum terreno elevado de 350 braças acima do nivel do mar.

Os padres d'este collegio em pouco tempo conseguîrão fazer-se amar e respeitar dos Indios, que lhes fornecião liberalmente mandioca, aves, peixe e fruta. Anchieta decidio alguns Indios, e mestiços ou *mamalucos* a virem estudar a lingua latina, em quanto elle aprendia com elles a lingua tupinamba, de que compoz huma grammatica e hum vocabulario. Este padre tinha algumas noções de medicina e de cirurgia, e com hum simples canivete fazia todas as operações. Como a regra de Loyola

vedava o derramar sangue, Anchieta consultou o fundador sobre a questão de lhe ser ou não licito sangrar. Loyola respondeo que a caridade abraça tudo. Neste collegio exigia-se dos rapazes que se flagellassem todas as sestas feiras com disciplinas.

1554. — *Estabelecimento da cidade de São Paulo*, capital da provincia do mesmo nome. Em 1542 João Ramalho, que tinha tomado por mulher huma rapariga dos Goyanazes, se estabeleceo na planicie de Piratininga, de que foi nomeado alcaide-mór em 1553, por Antonio de Oliveira, lugar-tenente do districto, e que denominou esta povoação *Villa de S. André*. Em 1554 os Jesuitas que tinhão começado no anno precedente a construcção do seu collegio, celebrárão nelle a primeira missa, dia da conversão de S. Paulo.

Os Mamalucos de S. André cujo unico fito era grangear escravos para d'elles tirar partido, fazendo-os trabalhar por sua conta ou vendendo-os, erão hostis aos Jesuitas que procuravão civilisar os Indios, e os protegião com efficacia e zelo. Conseguîrão excitar diversas tribus, que, unidas com os Mamalucos, atacárão Piratininga, mas forão rechaçados e completamente derrotados pelos Indios da missão, sobre os quaes o padre Anchieta e seus companheiros tinhão adquirido grande ascen-

dente. O interesse dos colonos coincidia com o dos mamalucos, porquanto era então uso geral e continuou a sê-lo por muito tempo, apanhar Indios e tratâ-los como escravos; por isso erão mal vistos os Jesuitas que por meios de brandura e persuasão aspiravão manifestamente a dominar as povoações de Indios sujeitando-os ás missões, como fizerão depois nas margens do Uruguay. O numero de Indios que os Jesuitas de S. Paulo tinhão determinado a formar aldeias em torno do novo estabelecimento, e cujos habitos ferinos tinhão algum tanto modificado, era consideravel; mas não merecem credito os escriptores que os representão como convertidos ao christianismo, ou havendo renunciado aos seus costumes, particularmente no artigo da pluralidade de mulheres. A conversão era só apparente, e reduzia-se a actos exteriores do culto.

1555. — *Expedição franceza debaixo da direcção de Nicolao Durand de Villegagnon.* Em quanto a feroz superstição de huma côrte corrompida e dissoluta condemnava ao fogo, ou fazia matar a ferro milhares de Francezes em razão de sua crença religiosa, cujos bens a iniquidade dos magistrados confiscava, o almirante Gaspar de Coligny, hum dos principaes chefes protestantes, attendendo ao que os viajantes contavão da fertilidade do Brasil,

esperou achar naquella região hum asylo onde poderião refugiar-se os protestantes francezes afim de escaparem á perseguição. Com este fito deo a Villegagnon, vice-almirante de Bretanha, habil e intrepido official de marinha, tres navios, cada hum de 200 toneladas, e 10:000 francos para os gastos da viagem, havendo obtido do rei Henrique II licença para estabelecer huma colonia no Brasil.

Villegagnon partio do Havre de Grace, a 12 de Julho 1555, acompanhado de alguns cavalheiros, e de soldados e artifices. Hum temporal o obrigou a arribar a Dieppe onde parte dos companheiros abandonárão a expedição. Fez-se de novo á vela a 14 de Agosto, passou pelas Canarias, chegou a 8 de Septembro ao Cabo Verde, e depois de huma dilatada viagem aportou a 13 de Novembro a huma pequena ilha na emboccadura do *Ganabara* (Rio de Janeiro), d'onde a força da maré o fez sahir, e foi demandar outra ilha deserta de 600 passos de largo e perto de huma milha de circuito rodeada de cachopos á flor d'agua, de maneira que ainda na enchente da maré, os navios não podião avizinhar-se mais que a tiro de canhão. Só pequenas barcas podião abordâ-la por huma abertura de difficil accesso, que lhe servia de porto. Alli levantou hum forte, que denominou de *Coligny*, destinado a proteger os colonos contra

os Portuguezes e os indigenas, e tomou posse de todo o continente, a que poz o nome de *França antarctica*. Não tinha mais de 80 homens, que alojou em cabanas por elles construidas, e ajudados dos Indios attrahidos por alguns presentes. No meio da ilha sobre hum rochedo de 50 a 60 pés de elevação estabeleceo a sua residencia, e fez construir armazens e hum templo. A casa principal era em parte feita de madeira, e protegida por hum recinto de alvenaria. Foi facil a Villegagnon estabelecer relações amigaveis com a tribu de indigenas que habitava aquella costa e erão mui adversos aos Portuguezes. Tinha trazido para lhe servir de interprete hum marinheiro normando, que havendo naufragado na costa du Brasil com outros compatriotas, tinha vivido entre os selvagens, aprendido a lingua d'elles, e passados alguns annos tinha voltado a França. Por meio d'elle e dos outros Francezes que vivião em boa harmonia entre os selvagens, se estabelecêrão relações de amizade. Mas o nimio rigor e escrupulo religioso do chefe calvinista lhe fez perder estas inappreciaveis vantagens, e o expoz a hum perigo de que só escapou por fortuna. Sabendo Villegagnon que o interprete normando vivia com huma India, ordenou-lhe que se separasse d'ella, ou que a tomasse por mulher. O malvado, para se vin-

gar do chefe, ordio huma conjuração com trinta dos colonos mercenarios e alguns dos Francezes que vivião entre os selvagens, para matar Villegagnon e toda a sua gente. Tres Escocezes que servião de guardas ao chefe, lhe descobrîrão o plano da conspiração que foi assim mallograda. Tres dos conspiradores forão enforcados, outros reduzidos á condição de escravos; mas o autor do infame projecto escapou a nado e foi excitar os selvagens contra os Francezes, persuadindo aos primeiros que toda a gente do forte estava contaminada de huma epidemia que infallivelmente communicarião aos indigenas se estes não interrompessem toda a communicação com elles.

1556 e 1557. *Segunda expedição Franceza.* Apenas havia Villegagnon feito as suas disposições na ilheta em que se fortificára, expedio hum navio a França solicitando de Coligny reforços, e ministros do evangelho calvinistas para missionarios. O zelo dos calvinistas de Genebra, e o valimento do almirante Coligny, conseguîrão em breve tempo satisfazer aos desejos de Villegagnon. Philippe Carguilleray, mais conhecido pelo nome de *Dupont*, seu solar, homem respeitavel que em idade avançada se tinha retirado para as vizinhanças de Genebra, offereceo-se para conduzir ao Brasil as pessoas dispostas a auxiliar os planos de Coli-

gny. Calvino designou Pedro Richier, e Guilherme Chartier como ministros do Evangelho, e mais doze partîrão voluntariamente, sendo hum d'elles João de Léry, homem instruido e honrado a quem devemos huma excellente relação dos successos da empreza e dos costumes dos indigenas. Partîrão todos de Genebra a 10 de Septembro de 1556, e forão cumprimentar o almirante Coligny na sua residencia de Châtillon-sur-Loing. D'alli forão a Paris, onde alguns cavalheiros e outros protestantes se lhes aggregárão. Tomárão então o caminho de Rouen, onde se lhes juntou mais alguma gente, e chegárão a Honfleur, porto do embarque. Alli tivérão a imprudencia de celebrar a cêa segundo o rito de Calvino, contra as ordenações regias, o que por tal maneira irritou o povo fanatico, que os assaltou matando hum official chamado *S. Denis*, que era destinado a explorar as minas de ouro.

A expedição, composta de tres bellos navios, foi armada á custa do governo por Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon; levava 18 peças de bronze, e mais de 30 berços de ferro, e mosquetões. Partio de Honfleur, a 17 de Novembro 1556, levando a bordo 300 calvinistas, marinheiros, soldados e artifices, cinco rapazes para aprenderem a lingua dos indigenas, e outras tantas raparigas, com huma mestra.

Bois-le-Comte embarcou-se em qualidade de protector. A pezar do furor fanatico de alguns habitantes, os navios ao sahir do porto forão honrados com huma salva da artilharia do forte, e com musica militar. A expedição, depois de ter experimentado hum temporal que durou vinte dias, chegou a 5 de Decembro á altura do Cabo S.-Vicente, onde encontrou hum navio irlandez ao qual tomárão seis ou sete pipas de vinho de Hespanha, figos, laranjas, e outros mantimentos de que elle estava carregado. Sete dias depois aportárão ás Canarias. Vinte marinheiros se lançárão nas barcas e forão a terra com tenção de roubarem os habitantes, mas forão repellidos pelos Hespanhoes. Todavia aprezárão huma caravela, e destruírão a golpes de machado huma barca e hum batel. Costeando a Barberia a esquadra se apossou, dia de Natal, de huma caravela hespanhola carregada de sal branco, cuja tripolação foi cruelmente abandonada em huma barca sem vélas nem viveres. A 29 de Dezembro tomárão mais duas caravelas, huma hespanhola, a outra portugueza, nas quaes achárão vinho, biscoito e outras provisões. Em huma palavra estes rigidos calvinistas houverão-se como infames piratas. A expedição aportou emfim, a 26 de Fevereiro 1557, a hum lugar da costa do Brasil, que os indigenas de-

nominavão *Huvassu*. Alguns dos marinheiros, que tinhão já feito a mesma viagem, julgárão reconhecer a costa dos Margajás alliados dos Portuguezes. Dispararão alguns tiros de canhão e mandárão huma chalupa a terra para attrahir os Indios á praia, e obter d'elles mantimentos. Apparecêrão logo muitos selvagens trazendo diversas sortes de refrescos, que alegres trocárão por facas, espelhinhos e outros objectos semelhantes. Seis homens e huma mulher saltárão na chalupa, e se deixárão conduzir aos navios.

No dia seguinte se fizerão outra vez á véla, e costeando nove a dez legoas, avistárão o forte portuguez do Espirito Santo. O commandante, tendo reconhecido huma caravela portugueza que os Francezes tinhão aprezado, fez disparar algumas peças contra os navios. A expedição se afastou, e se dirigio a hum lugar chamado *Tapemiry*, cujos habitantes se mostrárão pacificos. Mais adiante, pelos 20° de latitude, a frota passou diante da costa arida e escabrosa dos *Paraíbes*.

No primeiro de Março a navegação se tornou perigosa, em razão dos baixos que obstruião o mar, em frente de huma terra plana, habitada pelos *Ouetacás*, povo feroz. Continuando a costear, corrêrão o maior risco perto das ilhas de Maghé, por hum furacão, que se levantou

de repente quarta feira de cinza. No dia seguinte, avistou a esquadra Cabo Frio com grande satisfação dos Tupinambas, alliados de Villegagnon. A 7 de Março, chegárão á enseada de Rio de Janeiro, e no dia 10 aportárão á ilha Coligny. Forão recebidos com summa alegria por Villegagnon, e alojados em huma cabana de arbustos, provîda de macas de algodão. Não havia outro mantimento a dar-lhes mais que peixe secco ao sol, e farinha de mandioca, e por bebida agua de cisterna, a unica que havia na ilha. Trabalhárão assiduamente por espaço de hum mez na construcção dos fortes e de outros edificios. Villegagnon estabeleceo hum regulamento relativo ao culto, ordenou aos ministros que fizessem orações publicas, todas as tardes, e prégassem duas vezes nos domingos, e huma hora nos mais dias. No dia 21 do mez fez celebrar a cêa, a que só admittio os que professavão a religião reformada. Teve pouco depois huma disputa com João de Cointa, antigo doutor da Sorbonna, sobre a doutrina da eucharistia, o que o decidio a enviar a França hum dos ecclesiasticos a conferir sobre o ponto com os doutores, e particularmente com Calvino. Chartier, encarregado d'esta commissão, embarcou-se, a 4 de Junho, em hum dos navios que voltava carregado de pao brasil, e que levava a bordo

dos naturaes da terra, de 9 a 10 annos de idade, aprezados na guerra, e vendidos como escravos a Villegagnon. Depois da partida d'este navio casou as cinco raparigas francezas, duas com dois dos seus criados, outras duas com dois dos interpretes normandos, e a quinta com João Cointa, que mudou o seu nome pelo de Heitor.

Ao mesmo tempo Villegagnon, informado que alguns dos Francezes escapados ao naufragio, vivião na costa vizinha com mulheres indigenas, prohibio sob pena de morte, todas as relações entre os christãos e as mulheres ou filhas dos indigenas; mas permittia o casamento d'elles com as que estivessem instruidas na religião e baptizadas.

Dia de Pentecostes houve segunda celebração da cêa, e Villegagnon aproveitou a occasião para persuadir á congregação, entre outras cousas, que se não devia misturar agua com o vinho, contra a opinião de S. Cypriano e de S. Clemente; que se devia misturar sal e azeite á agua do baptismo, e que hum ministro da igreja não podia contrahir segundas nupcias. O doutor da Sorbonna lhe respondeo sobre estas materias. Villegagnon, sem esperar a resposta de Calvino, se pronunciou abertamente, e declarou que o considerava como hum vil herege. Desde então rompeo em con-

tinuos excessos contra os protestantes, cuja causa vinha de trahir. A indignação geral dos colonos contra Villegagnon lhe fez recear que o matassem, e este terror o instigou a se haver com a maior crueldade contra alguns individuos, que suspeitava de terem formado o projecto de o lançar ao mar. Tinhão os protestantes celebrado a cêa durante a noite, sem participação sua; isto o irritou ainda mais, e expellio do forte todos elles. Quarenta e cinco se retirárão á margem esquerda da enseada, a meia legoa da praia, em hum sitio que os Francezes tinhão denominado *la Briqueterie*, afim de alli esperarem a partida de hum navio para França. Embarcárão-se com effeito, a 4 de Janeiro 1558, a bordo do *Jacques*, carregado de pao brasil, pimenta, algodão, etc.; a 24 de Maio avistárão a costa de Bretanha, e a 26 fundeárão no porto de Blavet, depois de terem padecido tal escassez de mantimentos, que tinhão comido ratos e ratazanas, e estavão a ponto de se devorarem huns aos outros. Por fortuna d'estes infelizes, os magistrados d'aquelle porto, favoraveis aos protestantes, desprezárão a recommendação dirigida pelo infame Villegagnon ás autoridades do primeiro porto de França onde aportasse o navio, e que elle confiára ao patrão do navio, de os fazer queimar como hereges.

Léry attribue a mudança de Villegagnon ás cartas que o cardeal de Lorena e outras personagens lhe escrevêrão, increpando-o de ter renunciado ao catholicismo, e promettendo-lhe a sua protecção se abandonasse o calvinismo. Calculando ser este o partido o mais proveitoso, trahio Coligny e seus coreligionarios. Todavia, não recebendo reforços de França, e tendo-se desavindo com os ministros de Genebra, partio para França, deixando alguns soldados no forte. Hum numero consideravel de Flamengos e 10:000 Francezes se dispunhão a emigrar para o Brasil, mas esta noticia os fez renunciar a hum projecto, cuja realisação teria provavelmente segurado á França a posse d'aquelle vasto continente.

Villegagnon meditava outra expedição composta de sete navios, com o fim de interceptar a frota portugueza das Indias, e destruir os seus estabelecimentos no Brasil; mas não poude este pirata pôr em obra os seus predatorios projectos. Escreveo contra Calvino, e foi denominado pelos protestantes de França o *Cain da America*.

1556. — *Desavenças entre o governador Mem de Sá e o bispo Sardinha.* O bispo auxiliado dos Jesuitas tinha usado de meios violentos contra os colonos refractarios de S. André; procedimento que o governador reprovou, como usur-

pação da autoridade regia. O padre Antonio Pires os reconciliou em apparencia, mas o prelado se embarcou para Lisboa, esperando que el-rei decidiria o negocio de modo favóravel ás suas pretenções. O navio em que se embarcára deo á costa entre os rios S. Francisco e Curuppu; o bispo conseguio ganhar a costa com cem brancos e seus escravos, mas todos elles forão mortos e devorados pelos Cahetés. Só dois Indios e hum Portuguez escapárão. Para castigo d'esta atrocidade, reduzírão os Portuguezes a escravidão quantos indios Cahetés puderão haver ás mãos.

1560. — *Expedição de D. Pedro de Ursua para explorar o rio Amazonas.* Este cavalheiro natural da Navarra, depois de ter estudado a carta do Perú, formou o projecto que communicou ao vice-rei, marquez de Cañete, e com a approvação e auxilio d'elle, partio de Cusco com mais de 700 soldados escolhidos, e bastantes cavallos vigorosos, e marchou direito á provincia de Mosilones para ganhar o rio Moyabamba. Don Fernando de Guzman, joven hespanhol, e D. Lopez d'Aguirre, biscainho que elle levava na sua companhia, tendo-se namorado da mulher de Ursua, assentárão de o matar, e executárão o seu projecto. A tropa reconheceo Guzman por chefe, mas pouco depois o matárão, e Aguirre tomou o commando

com o titulo de rei. Conduzio as embarcações pelo Amazonas, esperando senhorear-se da Guyana, do Perú e da Nova-Granada, mas não podendo resistir á força da corrente, foi levado por ella á emboccadura do rio, mais de mil legoas alem do lugar de que partira. Passou depois á ilha Margarida, d'ahi a Cumaná e Santa-Martha, matando quantos lhe resistião.

1560. —*Expedição de Mendo* ou *Mem de Sá.* D. João III informado que os Francezes tinhão construido hum forte, em huma ilheta proxima á entrada da enseada, ou Rio de Janeiro, ordenou a D. Duarte da Costa, então governador, que fizesse reconhecer o forte e a barra, o que elle fez com a maior diligencia, transmittindo a el-rei as informações que havia obtido. D. João III as recebeo quando vinha de nomear a Mem de Sá governador, e lhe deo instrucções particulares para expulsar os Francezes do Brasil. D. João tendo fallecido a 11 de Junho 1557, a rainha D. Catherina, sua mulher, foi reconhecida regente do reino, na menoridade de D. Sebastião, que então tinha tres annos. Esta excellente princeza, determinada a executar os projectos de seu defuncto marido, deo ordem a Mem de Sá, que fosse expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, e castigar severamente os Indios alliados d'elles, e conferio a Bartholomeo de Vasconcellos o mando da esquadra que

devia cooperar para este fim. A' sua chegada ao Brasil congregou hum conselho em que houve muitos pareceres oppostos á expedição contra o forte de Villegagnon. O jesuita Nobrega, por seu caracter e influencia, decidio Mem de Sá a cumprir as ordens da rainha, e a armada foi reforçada por algumas caravelas em Bahia-Gava, onde se provêo abundantemente de armas e de munições. A expedição constava de dois navios de alto bordo, e oito menores; levava a bordo 2000 homens, e a 21 de Fevereiro juntárão-se-lhe mais reforços expedidos de Santos e de S. Vicente. Muitas pessoas distinctas da Bahia se embarcárão nos navios da expedição, e alistárão-se para o serviço militar escravos e negros livres. O commandante recebeo ainda reforços de todos os portos do Brasil, e havendo ajuntado todas as suas forças, chegou diante do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. Eis aqui o extracto do despacho em que Mem de Sá participou á rainha-regente a tomada da ilha, e que expedio por hum grande navio francez que tinha aprezado.

« A expedição mandada por V. A., chegou á Bahia no ultimo dia de Novembro. Em conformidade da resolução tomada em conselho, de ir tomar o forte do Rio, parti de Bahia a 16 de Janeiro, e appareci diante do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. Tendo o inimigo

respondido com arrogancia á minha primeira intimação, fiz atacar o forte no dia 15 de Março, e o combate não cessou até que a victoria se pronunciou a nosso favor. A perda do inimigo foi consideravel, a nossa pouco importante. As minhas forças consistião em 120 Portuguezes, 18 soldados bisonhos, que ainda não tinhão visto o fogo, e 140 indigenas mal armados e pouco dispostos ao combate. O forte a principio não tinha por guarnição mais que 74 Francezes e alguns escravos, mas este numero foi augmentado de mais 40 soldados, e de 1000 Indios escolhidos e disciplinados.

« Villegagnon partio ha oito ou nove mezes, com tenção de voltar com huma poderosa armada destinada a combater a nossa frota da India, e a formar hum estabelecimento no Rio de Janeiro; he portanto necessario povoar este lugar quanto antes, para servir de protecção de todo o Brasil. » E terminava a carta pedindo licença para voltar a Portugal, allegando o muito que havia dispendido com esta expedição.

He evidente a exageração da relação de Mem de Sá. Não só as suas forças erão mui superiores ás dos Francezes, mas os Tamoyos armados de arcos e frechas erão pouco para temer em hum assalto e em terreno tão circumscripto. Segundo refere M. Southey, na sua Historia

do Brasil, Mem de Sá tendo a principio tentado em vão sorprender a guarnição, e vendo que não podia chegar-se á ilha com os seus navios, e não ter canôas para desembarcar, nem pilotos peritos que conhecessem a costa e barra do Rio de Janeiro, expedio o jesuita Nobrega a S. Vicente a buscar reforços e practicos. Elle executou a commissão com zelo e intelligencia, e expedio logo com hum bom bergantim, canôas e botes carregados de munições e viveres, e tripolados por marinheiros portuguezes, mamalucos e indigenas, tudo gente que conhecia bem a costa, e acostumados a pelejar contra os Tupinambas e Tamoyos. Com este soccorro entrou pela barra da ilha e se apossou da parte accessivel onde se podia desembarcar. Dois missionarios tinhão conduzido o reforço. Com este auxilio, assestando a artilharia, bateo em vão dois dias e duas noites as fortificações excavadas na rocha viva, nas quaes as balas não fazião a menor impressão, sendo ao mesmo tempo os sitiantes mui maltratados do fogo da fortaleza. Estava já o governador a ponto de embarcar a sua artilharia e gente, renunciando á empreza, quando por hum atrevido assalto conseguîrão os Portuguezes apoderar-se das obras exteriores que dominavão a praia, e do armazem principal da polvora excavado no rochedo. Este successo por tal maneira intimidou

os Francezes e Tamoyos, que na seguinte noite abandonárão as outras fortificações, e lançando-se ás suas canôas se acolhêrão huns aos navios, outros se refugiárão em terra. Neste assalto foi de grande auxilio aos Portuguezes hum indigena baptizado, que tinha tomado o nome de Martim Affonso, cuja intrepidez foi remunerada por huma tença e o habito de Christo.

Outra versão diz que Mem de Sá sorprendêra parte da guarnição de noite, e que achando os Franceses e Tamoyos descuidados, e os mais d'elles dormindo, matára 30, fugindo os mais para as canôas. O certo he que não foi grande façanha. Mem de Sá não occupou o Rio de Janeiro, por não ter forças sufficientes para resistir aos Tamoyos.

Logo depois da sua chegada ao Brasil em 1558, tinha Mem de Sá resolvido por conselho do jesuita Nobrega, prohibir aos Indios alliados dos Portuguezes o comerem carne humana, e fazer guerras sem o consentimento do Governador. Com este duplicado fim procurou fazê-los habitar em aldeias circumvizinhas. Os colonos censurárão esta resolução do Governador, porque das guerras entre as tribus de selvagens tiravão proveito, comprando os prisioneiros para seus escravos. Todavia os Indios obedecêrão, á excepção de hum chefe chamado

Cururpebé (que significa *ran inchada*), que declarou o firme proposito de continuar a devorar os inimigos, e até os Portuguezes, se tentassem vedar-lho. Ao mesmo tempo tres Indios alliados dos Portuguezes, estando á pesca, forão apanhados pelos selvagens, que os devorárão. A tribu a que pertencião os culpados recusou entregâ-los, e ajudada por outras das margens do Paraguassu inquietou a colonia. Mas estes ferozes selvagens depressa forão atacados e dispersados pelos Indios alliados dos Portuguezes.

1560.—*Hostilidades dos Aymores, e sua derrota.* Esta tribu, a mais feroz de todas as que habitão o Brasil (hoje denominada *Botocudos*), infestava as capitanias dos Ilheos e de Porto Seguro, e inquietava os habitantes, que mandárão pedir soccorro a Mem de Sá. O Governador tendo ajuntado forças sufficientes, se embarcou em S. Salvador, e indo desembarcar ao porto dos Ilheos, marchou logo contra os Indios que se tinhão retirado detrás de huma lagôa de mais de huma milha de extensão, que atravessárão em huma ponte feita de arvores. O Governador prolongou a lagôa e conseguio sorprender o campo inimigo de noite, matando homens, mulheres e crianças; poz fogo aos bosques circumvizinhos, e voltou á costa. Durante esta marcha foi assaltado por hum corpo

de Aymores, postos em emboscada, mas forão derrotados e dispersos; muitos morrêrão afogados no mar, perseguidos pelos Indios alliados dos Portuguezes. De novo atacado junto á costa pelós Aymores que havião reunido grandes forças, anciosos de vingarem os desastres da sua tribu, tornou a derrotâ-los e os constrangeo a pedirem paz, que lhes foi concedida. Dizem os historiadores que nesta expedição Mem de Sá destruio trezentas aldeias de Indios, e determinou os Aymores que recusárão submetter-se, a se retirarem a sessenta legoas para o interior do sertão; mas se elles tal promettêrão, he certo que não executárão o pacto.

Era tradição entre os Indios que os Aymores tinhão vivido tanto tempo separados das outras tribus, que ellas não entendião a sua lingua; o que não he verosimil. He mais provavel que os Aymores que são de estatura mais alta que os outros indigenas, são oriundos do sul, onde as raças são de maior estatura, mais ferozes e guerreiras. A lingua dos Aymores he hum dialecto do Tupi derivado do Guarani do Paraguay.

1561. — *Hostilidades dos Tamoyos.* Estes Indios possuião grande parte do territorio situado entre o Rio de Janeiro e S. Vicente; incitados pelos Francezes, atacárão com vantagem os Portuguezes do districto de Piratininga,

marchando por terra junto á falda dos montes, e por mar em suas canôas. Reforçados pelos Tupinambas e Tupis, que abandonárão a alliança dos Portuguezes, resolvêrão atacar S. Paulo, a cidade a mais florescente d'aquella parte do Brasil. Com effeito marchárão os confederados contra ella e a acommettêrão com denodo, mas foi salvada pela coragem dos neophytas capitaneados pelo Indio Tebyreza, Tabyrezá ou Tabiriçá, cujo nome baptismal era Martim Affonso. Os missionarios jesuitas contribuîrão muito á defesa da cidade, pelas acertadas disposições que fizerão, e sua grande influencia sobre os animos dos catechumenos. Este intrepido e feroz alliado dos Portuguezes a quem elles devêrão a conquista de S. Vicente, morreo pouco tempo depois da defesa de S. Paulo, atacado de dysenteria.

1562.—No mez de Abril d'este anno foi erigida em cidade a villa de *Nossa Senhora de Itanhaem*, na provincia de S. Paulo.

1563.—*Depredações dos Tamoyos, Tupinambas, etc.* Não obstante os recentes desastres, os Tamoyos continuavão a inquietar os estabelecimentos portuguezes. Nas suas longas canôas de 20 remos infestavão a costa, ao mesmo tempo que os Goyanazes atacavão a capital do Espírito Santo por hum lado, e os Tupinambas por outro. Menezes, que commandava na capitania,

foi morto, e o seu successor D. Simão de Castello-Branco, teve a mesma sorte. Coutinho, que voltava de Portugal, não tendo podido repellì-los, pedio auxilio a Mem de Sá. Este lhe mandou seu filho Fernão, com huma pequena frota de navios ligeiros. Esta expedição desembarcou na emboccadura do rio Quiricaré, e unida ás tropas da capitania repellio os selvagens; mas estes tendo recebido reforços atacárão de novo os Portuguezes, os cercárão, rompêrão e derrotárão completamente. Fernão de Sá morreo na peleja com quasi todos os Portuguezes.

Dois flagellos sobrevierão á lamentavel derrota dos Portuguezes: huma epidemia de bexigas summamente malignas grassou a principio na ilha de Itaparica, e depois em S. Salvador, extendendo os seus estragos ao norte da costa. Mais de tres quartas partes dos naturaes do Reconcavo forão victimas d'este contagio, e perto de 30:000 Indios catechumenos morrêrão da enfermidade.

Esta calamidade foi seguida de huma fome causada por huma estação funesta aos cereaes e aos fructos das arvores. O trigo apodrecia antes de maduro, e outro tanto acontecia á fruta. De onze estabelecimentos formados pelos Jesuitas, seis forão arruinados pela morte dos habitantes, e fugida dos que restavão para

o interior, onde esperavão escapar á sorte infausta que os ameaçava.

Os colonos portuguezes, menos expostos que os indigenas, tiverão a barbaridade de se aproveitar da miseria dos infelizes Indios, que a tróco de algum mantimento, para salvar a vida, chegárão a vender seus proprios filhos, e até a si proprios se vendêrão como escravos aos desapiedados colonos! Em vão clamárão os Jesuitas no pulpito contra tal procedimento, que, alem de atroz, era em summo grao impolitico, e devia arraigar no coração dos indigenas rancoroso odio ao nome portuguez. Suscitando-se algumas duvidas sobre a validade d'estas infames transacções, foi consultada a Mesa da Consciencia de Portugal. Este tribunal decidio com a mais impudente iniquidade, que em extrema penuria hum homem podia vender-se a si e a seus filhos. O bispo e o ouvidor geral promulgárão esta decisão, para *tranquillisar a consciencia dos colonos!* E como havia entre os numerosos Indios reduzidos á escravidão muitos que nem se tinhão vendido a si, nem havião sido entregados por seus parentes, e que os Portuguezes tinhão comprado a outros Indios que os havião roubado ou captivado, com a capa da religião forão retidos, fazendo estes hypocritas valer o pretexto de que se tornarião idolatras se fossem restituidos á liberdade!

Quando a epidemia e a fome abrandárão, muitos dos Indios convertidos voltárão ás suas cabanas, e não achando as suas mulheres quizerão tomar outras, o que os escrupulosos Jesuitas não consentîrão em quanto não havia certeza de ellas terem morrido : isto indispoz muito os Indios.

Entretanto a guerra dos Tamoyos se tornava de dia em dia mais destructora e funesta aos Portuguezes, e provavelmente estes corajosos inimigos os terião expulsado do Brasil, a não ser a intervenção dos missionarios jesuitas a quem os selvagens respeitavão e amavão por seu exemplar procedimento, singular continencia, e por saberem que em todas as occasiões prégavão a favor dos Indios, e pugnavão contra a escravidão a que os colonos os reduzião. Nobrega e seu fiel companheiro animados de zelo tomárão a magnanima resolução de exporem as vidas, indo ao campo dos Tamoyos implorar d'elles a paz. Com o beneplacito do Governador se embarcárão no navio de Francisco Adorno, Genovez e hum dos mais ricos colonos do Brasil, e dirigîrão-se á praia occupada pela tribu a mais poderosa d'estes Indios. A' vista do navio, grande numero de canôas se dispuzêrão a atacá-la, mas conhecendo pelo trajo os missionarios, abaixárão logo os remos em signal de paz. Anchieta fallou-lhes na sua

lingua, e tal confiança lhes inspirou, que, apezar das traições que havião experimentado dos Portuguezes, muitos guerreiros Tamoyos forão a bordo do navio escutar as proposições do missionario.

No dia seguinte os chefes dos selvagens enviárão a S. Vicente doze moços para servirem de refens, e rogárão a Nobrega e Anchieta que desembarcassem em hum lugar chamado Iperoyg. Alli forão hospedados por Coaquira, velho chefe, de quem souberão que todas as tribus confederadas das margens do Paraîba tinhão 300 canôas promptas para atacar todos os estabelecimentos portuguezes da costa, e expulsar os colonos. Os missionarios construîrão huma cabana coberta com ramos de palmeira, que lhes servio de igreja, onde Anchieta prégou em linguagem americana, com tal eloquencia de estylo e viveza de imagens, que encheo de admiração os animos incultos d'aquelles selvagens.

Entretanto vinhão chegando os chefes das diversas tribus, enviados para tomar parte nas negociações, e entre elles hum chamado Aimbere, que viera do Rio de Janeiro com dez canôas de vinte remos, determinado a romper as negociações. Este Indio tinha concebido mortal odio aos Portuguezes, e com razão. Em huma expedição recentemente emprehendida

para fazer escravos, Aimbere cahio em poder dos Portuguezes, e foi posto a bordo de hum dos navios carregado de ferros, mas ainda que agrilhoado lançou-se ao mar e escapou a nado; alem do que, tinha dado huma filha em casamento a hum dos Francezes do forte Coligny. No dia seguinte da sua chegada a Iperoyg, o congresso dos chefes Tamoyos abrio a deliberação sobre as proposições de paz. Aimbere fallando em nome da maioria das tribus do Rio de Janeiro, exigio como condição preliminar, que tres chefes que havião desertado a confederação das tribus, e se tinhão unido aos Portuguezes contra seus alliados naturaes, fossem entregues immediatamente para serem mortos e devorados.

Nobrega e Anchieta, presentes á conferencia, declarárão com firmeza que proposição tão impia era inadmissivel. Esses chefes transfugas, disserão elles, que vós reclamais, são hoje membros da igreja de Deos, e amigos dos Portuguezes, cujo dever he protegê-los guardando inviolavelmente a palavra que lhes derão. A lealdade dos Portuguezes nesta conjunctura será para o futuro mais hum penhor da fidelidade que porão em guardar as condições que estipularem com os Tamoyos. De outra maneira, que confiança vos podem merecer promessas de homens capazes de trahir seus

amigos, e como podereis esperar que sejão mais escrupulosos a respeito d'aquelles que até agora tem olhado como seus inimigos naturaes? Aimbere respondeo que não haveria paz, se os Portuguezes não entregassem os desertores, que tinhão morto e devorado tantos dos seus amigos, e que esta era a resolução invariavel das tribus que elle representava. Perturbada assim a conferencia, pareceo rota sem esperança, e Aimbere se dispunha a maltratar os missionarios, quando o velho Pindobaçu (a grande palmeira), chefe do districto onde se fazia a assemblea, tomou Aimbere pela mão, e usando da autoridade que lhe dava sua provecta idade, o impedio de commetter acto algum de violencia. Entretanto o prudente Nobrega julgando acertado ganhar tempo, consentio que a proposição de Aimbere fosse submettida ao governador de S. Vicente, e aquelle chefe se offereceo a levâ-la em pessoa, determinado a romper a negociação se não obtivesse o que tanto desejava. Pela sua parte Nobrega tinha necessidade de aproveitar hum pretexto para fazer saber ao Governador general o estado das conferencias, e recommendar-lhe que por modo nenhum annuisse a huma condição tão impia e deshonrosa, ainda quando da rejeição formal d'ella pudesse resultar a morte d'elle e de seu companheiro.

Neste comenos Paranapussu (o vasto mar), filho de Pindobussu, que estava ausente ao tempo da chegada dos missionarios que vinhão a tratar da paz, rompeo em transportes de raiva, quando soube o grande ascendente que elles havião adquirido sobre o velho pai. Decidido a matar os dois Jesuitas, rompendo assim toda a negociação, voltou á pressa acompanhado dos seus amigos. Anchieta e Nobrega instruidos de seus sinistros projectos, e vendo-o approximar-se na sua canôa, se refugiárão na cabana de Pindobussu, mas achando-a deserta, e julgando inevitavel a morte, puzerão-se de joelhos em fervente oração. Todavia vendo Anchieta os Tamoyos furiosos entrar na cabana, lhes fallou com vehemencia, reclamando os direitos da hospitalidade, e o caracter sagrado de embaixador. Paranapussu, em quem o aspecto de Anchieta e de seu companheiro, e as palavras d'aquelle fizerão grande impressão, lhes confessou que viera com tenção firme de os matar, mas que convencido das suas virtudes, queria ser amigo d'elles e viver em paz com os Portuguezes. Huma das circumstancias que mais admirárão os selvagens, foi a continencia dos padres, que recusárão gozar das mulheres que elles lhes offerecião, segundo o uso d'aquella gente. Os Tamoyos, pasmados de tão extraordinario

procedimento, perguntárão a Nobrega como era possivel ser insensivel aos prazeres, que todos os mais homens com tanto ardor desejavão. O missionario, tirando de debaixo da roupeta humas disciplinas, lhe respondeo que, mortificando a carne, lhe acalmava os appetites. Este methodo de vencer as paixões não causou sem duvida menos admiração aos selvagens, que a exemplar continencia dos religiosos. Nobrega era velho e quebrantado, mas Archieta moço e vigoroso, vio-se exposto ás maiores tentações, quando Nobrega partio para S. Vicente. Todos os dias os Indios vinhão offerecer-lhe as mais formosas mulheres da tribu; e o casto padre vio-se em tal perigo, que, para resistir á tentação, invocou o auxilio divino, fazendo voto de compôr hum poema latino em louvor da Virgem Maria, se conseguisse conservar intacta a castidade. Com effeito fez hum poema em 7500 versos latinos em honra da Virgem[1], e dizem que não tendo papel, pennas, nem tinta, os traçava na aréa e os ia decorando.

[1] Eis aqui alguns dos taes versos :

En tibi quæ vovi, Mater sanctissima, quondam
Carmina, cum sævo cingerer hoste latus;
Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
Tractoque tranquillum pacis inermis opus.
Hic tua materno me gratia fovit amore,
Te corpus tutum mensque regente fuit, etc.

Havia quasi dois mezes, que os missionarios vivião entre os Tamoyos, quando Nobrega obteve d'elles que o deixassem ir a S. Vicente conferir com o Governador, ficando Anchieta em refens. Este se vio, por espaço de tres mezes, exposto aos caprichos e furores dos selvagens, que o ameaçárão de o matar e comer, se a commissão não voltasse no praso fixo, que elles de proposito adiantárão. Hum partido de Tamoyos, impaciente das demoras da negociação, emprehendeo huma expedição hostil, e trouxe alguns Portuguezes prisioneiros a Iperoyg. Anchieta poz todo o empenho em os salvar, e ajustou o resgate d'elles; mas como elle tardasse, declarárão ao missionario que o devorarião. Não tendo outro recurso, arriscou-se a asseverar que no dia seguinte chegaria o resgate, e sustentou com estudada tranquillidade e plena confiança, que não seria devorado. Com effeito, por fortuna chegou no dia fixado a barca com o resgate: o padre foi havido por santo, e o successo por milagroso. Os Tamoyos o reverenciárão igualmente denominando-o o *grande Payé* ou adevinho. Outros casos semelhantes forão depois da morte de Anchieta transmittidos ao papa, para solicitar a canonisação d'este Jesuita.

A' sua chegada a S. Vicente Nobrega achou o commandante morto, a fortaleza tomada de

assalto pelos selvagens, as negociações rotas, e a paz mais remota que d'antes. O seu grande animo e incomparavel actividade venceo todos os obstaculos; socegou os espiritos, reanimou os esmorecidos, e fazendo conduzir os deputados indios a Itanhaem, os reconciliou com os alliados dos Portuguezes; d'alli correo de Piratininga a S. Paulo, onde fez confirmar a reconciliação com solemnidade na igreja principal, e por fim concluïo a paz entre os Portuguezes e os Tamoyos : tudo isto foi obra de tres mezes. A rapidez com que Nobrega se transportou aos differentes pontos do Brasil por amor da paz, lhe mereceo o appellido de *Abare-Bebe* (o padre voador), que lhe derão os selvagens. Depois de ter passado cinco mezes em Iperoyg voltou Anchieta a S. Salvador.

1564 a 1567. — *Nova expedição portugueza contra o resto do estabelecimento francez.* Os Francezes, depois da tomada do forte de Coligny, se retirárão á *ilha do Gato*, onde tinhão edificado o pequeno forte de *Paranapucuy*; outros se refugiárão na terra firme, onde com a ajuda dos Tupinambas e Tamoyos, tinhão fortificado o posto de *Urucumiri*. A Raiňha regente D. Catherina informada d'isto, e receando que novos reforços consolidassem no Rio de Janeiro a colonia franceza, se determinou a arruinar o estabelecimento em quanto não tinha

lançado raizes. Para este fim expedio Estacio de Sá com dois galeões á Bahia, onde chegou no principio do anno de 1564, com ordem de seguir as instrucções de Mem de Sá, seu tio, o qual devia dar-lhe gente e munições para a empreza. Tendo juntado todos os seus navios, Estacio de Sá se fez á véla, chegou em Fevereiro de 1565 á vista de Cabo-Frio, e despachou logo hum navio a S. Vicente a convidar o padre Nobrega a vir ajudâ-lo dos seus conselhos, como expressamente lhe tinha recommendado Mem de Sá. Reconheceo depois a costa, e por hum Francez que aprezou, soube que os Tamoyos do Rio de Janeiro tinhão rompido a paz, alliando-se de novo a seus compatriotas. Esta noticia foi confirmada pelas embarcações enviadas a fazer aguada alem da barra: huma d'ellas foi atacada por sete canôas de selvagens, que lhe matárão quatro homens. Os Francezes tinhão tres navios, e os Indios mais de 120 canôas, e occupavão em grande numero todos os pontos da praia, armados dos seus terriveis arcos. Tendo tentado algumas escaramuças com os Tamoyos com máo exito, resolveo voltar a S. Vicente, que os Indios atacavão, para conferir com Nobrega. Tomada esta determinação fez-se á véla no mez de Abril, e dia de Paschoa encontrou-se com o missionario Nobrega na ilha Villega-

gnon. O jesuita, depois de haver escapado a huma furiosa tempestade, vio o navio cercado de canôas inimigas, e já recommendava sua alma a Deos, quando appareceo a frota de Estacio de Sá, que salvou o padre das mãos dos selvagens. Para dar graças a Deos prégou hum sermão. Estacio de Sá tendo consultado Nobrega, fez-se á véla, e a expedição foi tomar o porto de Santos : alli soube que os Tamoyos de Iperoyg pacificados por Anchieta e Nobrega, se conservavão fieis ás estipulações pacteadas, e até muitos d'elles tinhão vindo auxiliar os Portuguezes. O chefe Cunhambeba se tinha postado com toda a sua gente sobre as fronteiras dos Tupis, para defender os seus novos alliados. Todavia os colonos de S. Vicente exagerando as forças dos Francezes e dos Tamoyos, não parecião dispostos a auxiliar a expedição; mas o zelo de Nobrega, de Anchieta e dos outros missionarios vencêrão todos os obstaculos. A' vista dos numerosos Indios convertidos de Piratininga dispostos a marchar debaixo das ordens dos Portuguezes, os animos cobrárão novo alento, e conseguio-se ajuntar forças sufficientes. Reforços chegárão da Bahia e do Espirito-Santo, e a armada constava de seis náos de guerra, com hum numero proporcionado de transportes e barcas, e nove canôas tripoladas por Mamalucos e Indios, commandados

por Anchieta. A expedição fez-se á véla do porto de Buriquioca[1] a 20 de Janeiro de 1555, dia de S. Sebastião, mas os ventos contrarios os retardárão por tal maneira que quando, no principio de Março, chegárão ao rio de Janeiro, tinhão quasi consumido todos os viveres. Muitos transportes tardavão ainda, assim como o commandante, e a capitânia. Já os Tamoyos alliados impacientes ameaçavão de se retirarem, não querendo, dizião elles, ficar ociosos nem morrer de fome; mas Anchieta, com a sua costumada astucia prophetica, lhes annunciou a proxima chegada do general e dos transportes com os viveres; e com effeito, apenas acabava de fallar se avistárão os navios. A frota entrou pela barra, e o commandante fez desembarcar a infantaria em Villa-Velha a huma legoa da altura chamada *Pão de Assucar*. Entrincheirárão-se alli, mas não achando senão agua salobra, abrîrão hum poço, por direcção de José Adorno e Martim Namorado, dois dos mais ricos colonos do Brasil, e achárão agua excellente. Forão immediatamente atacados pelos Tamoyos: estes havendo tomado hum dos Indios convertidos, o atárão a huma arvore e fizerão d'elle alvo das settas; mas este acto de ferocidade com

[1] Por corrupção *Bertioga*. O nome significa casa do macaco, *Buriqui* he huma especie de macaco; *oca* casa.

que cuidavão intimidar os inimigos, por tal maneira os enfureceo, que cahîrão enraivecidos sobre os Tamoyos, os derrotárão e destruîrão as suas canôas, capitaneados pelo intrepido Anchieta. Seis dias depois soube-se que se havião reunido e posto em emboscada com 27 canôas de guerra, em hum pequeno porto por onde devião passar os Indios convertidos. Estes estando prevenidos, ousadamente marchárão contra os Tamoyos, e os derrotárão segunda vez.

A guerra continuou com pouco vigor; Nobrega veio ao campo, e enviou Anchieta á Bahia sollicitar do Governador novos reforços, e cuidar dos interesses da Companhia, fazendo-se ordenar sacerdote, porque até então Anchieta não era senão coadjutor temporal. Chegado á Bahia convenceo Mem de Sá da necessidade de fazer hum ultimo e decisivo esforço para expulsar os Francezes, e arruinar os estabelecimentos dos seus alliados. Mem de Sá fez novas levas, ajuntou alguns navios, e conduzindo elle mesmo o reforço, chegou ao Rio de Janeiro a 18 de Janeiro do anno 1567. O ataque foi differido até o dia de S. Sebastião, reputado feliz. Com effeito o forte francez de Uraçumiri foi tomado de assalto no dia 20: não escapou hum só dos Tamoyos que o defendião. Houve sómente dois Francezes mor-

tos; cinco prisioneiros forão enforcádos, segundo o barbaro costume adoptado pelos Europeos na America, e no alto mar.

Os vencedores marchárão logo sobre Paranapácuy (mar grosso), que foi batido em brecha, e tomado de assalto; mas no primeiro ataque foi Estacio de Sá ferido na cara de huma frechada, e depois de atroz padecimento por espaço de hum mez, morreo. Seu primo, Salvador Corrêa de Sá, nomeado em seu lugar, tomou logo o commando.

O pequeno numero de Francezes, vendo o destroço dos Tamoyos seus alliados, se embarcárão em quatro navios que tinhão no porto, fizerão-se á véla para Pernambuco, e tomárão posse do Recife; mas o governador de Olinda os expulsou, obrigando-os a fazer-se ao largo. D'esta maneira os Francezes, que por onze annos se tinhão mantido de posse do Rio de Janeiro sem receberem o menor auxilio da patria, se virão constrangidos a renunciar á mais brilhante perspectiva. A França dilacerada pelas guerras de religião, e pela atroz perseguição feita aos calvinistas, não se occupou do Brasil, que tão facil lhe fôra colonisar. A côrte de Portugal tambem, depois da morte de Don João III, poucos esforços fez a favor dos novos estabelecimentos na America. A' perseverança de Mem de Sá, e ao zelo, actividade

e talentos dos jesuitas Nobrega e Anchieta, devêrão os Portuguezes a conservação de tão importante conquista.

Immediatamente depois da sua victoria fez Mem de Sá elevar fortificações para dominar a entrada da barra, cuja construcção foi dirigida por Christovão de Barros, que as guarneceo de artilharia. Traçou logo o plano de huma cidade, e escolheo huma planicie cercada de montes cobertos de frondosos arvoredos, e abrigada por elles dos ventos impetuosos, podendo os navios fundear no porto com a mesma segurança, que se fosse hum placido lago. Denominou a nova cidade S.-Sebastião, em honra do santo e do rei de Portugal. Dentro de poucos mezes começárão a elevar-se nobres edificios de pedra de cantaria, e os dois fortes que protegem a barra, hum dedicado a Nossa Senhora da Guia (hoje Santa-Cruz), e o de Santiago, mais conhecido pelo nome de *Calabouço*. Os Indios, catechisados pelos missionarios, ajudárão a todos os trabalhos da edificação da cidade, do arroteamento do solo, e esgotamento dos pantanos, convertidos em breve tempo em fertilissimas campinas, que apenas exigião hum leve amanho para darem maravilhosos productos. Entre os primeiros edificios erigidos, se distinguia hum templo, huma casa de misericordia, e hum collegio para 50 je-

suitas, ao qual se assignou huma pensão annual de 2000 cruzados. O assento da nova cidade, que duzentos annos mais tarde era destinada a ser a capital de hum imperio, era no sitio denominado pelos Indios *Ganabara*. Mem de Sá se retirou á Bahia, no mez de Junho 1568, e nomeou governador de S.-Sebastião seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá. A cidade foi dividida em tres bairros, hum na planicie vizinha ao porto, outro na falda dos montes, e o terceiro na encosta. Os Indios domesticados pelos jesuitas formárão povoações em torno da cidade. O chefe indio Martim Affonso, que tanto se havia assignalado nas ultimas expedições, assentou a sua aldeia quasi a huma legoa da cidade, no sitio hoje denominado S.-Lourenço, servindo de posto avançado contra os Tamoyos.

Mem de Sá manchou a sua gloria, derramando com ferina barbaridade o sangue innocente de hum infeliz protestante, que havia escapado á perseguição do traidor Villegagnon, e viera buscar asylo entre os Portuguezes. Chamava-se João Bolés, e era homem mui versado em litteratura, sabia o grego e o hebraico. Foi preso em S.-Salvador, a instancias de Luiz da Grã, provincial dos Jesuitas. Hum dos companheiros de Bolés, para evitar a morte, fingio abraçar a religião catholica, mas Bolés e dois

outros Francezes sujeitárão-se á prisão perpetua, recusando abjurar a sua crença. Havia oito annos que Bolés estava preso, quando foi embarcado para S.-Sebastião, onde foi conduzido ao supplicio como herege obstinado. Esta atrocidade deve principalmente imputar-se aos jesuitas, que por suas infernaes doutrinas effectuárão a ruina d'Elrei D. Sebastião, e a da nação, que entregárão ao odioso Felippe II. Estes hypocritas ambiciosos, que na Europa procuravão exterminar os protestantes pelo fogo e ferro, no Brasil protegião os selvagens, porque d'elles querião fazer doceis subditos.

Os Francezes fizerão em 1568 outra tentativa infructuosa para se apossar do Rio de Janeiro, e da Paraîba onde fazião hum commercio lucrativo com os naturaes.

Os Tamoyos vizinhos da nova cidade soffrião impacientes o jugo portuguez, e anhelavão por occasião de se vingarem de Martim Affonso, e dos outros Indios alliados dos Portuguezes. Esta se lhes offereceo com a chegada de quatro navios francezes ao Cabo-Frio, provavelmente os mesmos que havião sido expulsados de Pernambuco. Entrárão pela barra de Rio de Janeiro sem opposição, por não estarem ainda terminados e armados os fortes, causando grande sorpresa ao governador Corrêa. Este mandou pedir soccorro a S.-Vicente, e fez par-

tir hum destacamento para reforçar Martim Affonso, e se preparou a defender a cidade, que ainda não estava cingida de muros. Martim Affonso, apenas se vio reforçado, marchou com o fito de sorprender os Francezes, e aproveitando a vasante da maré, que deixára em secco os seus navios, e lhes tolhia fazér uso das suas peças, os atacou com furor e lhes causou grande perda de gente, até que na enchente da maré os Francezes levárão ferro e se fizerão ao largo.

Com o reforço chegado de S.-Vicente deo caça o Governador aos navios francezes até Cabo-Frio, mas não os poude alcançar. Todavia encontrou huma náo de 1200 toneladas, bem tripolada, e cujo capitão não receando ataque das canôas dos Indios, rechaçou vigorosamente tres tentativas de abordagem feitas por Salvador Corrêa, que tres vezes foi lançado ao mar, e salvado pelos seus Indios, apezar de estar revestido de pesadas armas. O capitão francez, vestido de armas brancas, combatia na tolda com singular intrepidez, tendo em cada mão huma espada nua, rebatendo o peito d'aço quantas frechas lhe disparavão os selvagens, até que hum d'elles pondo a mira na viseira, lhe enfiou huma setta por hum olho, que, penetrando no cerebro, o matou. O navio, privado do seu commandante, rendeo-se aos Por-

tuguezes, e a sua artilharia transportada ao Rio de Janeiro servio para armar os fortes da barra.

1568. — D. Sebastião que em idade de quatorze annos havia sido acclamado rei, a 20 de Janeiro 1568, apenas foi informado do estado das cousas no Brasil, prolongou por mais dois annos o governo de Mem de Sá, mandou ricos presentes ao Indio Martim Affonso, e lhe concedeo hum escudo de armas.

1570. — *Expedição infeliz de D. Luiz de Vasconcellos.* Elrei D. Sebastião, inteiramente dominado pelos jesuitas, determinou mandar ao Brasil huma forte armada de sete náos, e huma caravela com D. Luiz de Vasconcellos, nomeado successor de Mem de Sá, e o padre Ignacio de Azevedo, provincial dos jesuitas no Brasil, acompanhado de sessenta e nove padres da Companhia. O padre Azevedo foi nomeado provincial por Francisco de Borja, Geral dos Jesuitas, com o beneplacito do papa Pio V, que nesta occasião foi liberal de indulgencias e reliquias, e por favor mui especial permittio que o padre Azevedo levasse huma copia do retrato da Virgem attribuido a San Lucas! D'estes jesuitas trinta e nove se embarcárão com o provincial na náo *Santiago;* vinte iāo com o padre Pedro Dias a bordo da capitânia; e o padre Francisco de Castro com os outros dez, se embarcou na

náo das *Orphans*, assim denominada porque levava meninas orphans para casarem no Brasil com colonos. Esta expedição era essencialmente destinada a fortalecer o imperio dos jesuitas na America portugueza, que elles já consideravão como colonia da Companhia de Jesus.

A frota partio de Lisboa, tocou na Madeira, e a náo em que ia Azevedo, e que este tinha fretado por metade, se separou da frota para ir á ilha de Palma vender a carga e tomar outra. No dia seguinte appareceo na altura da Madeira huma frota de cinco navios de guerra francezes, commandados por Jacques Soria, calvinista ao serviço de Jeanne d'Albret, princeza do Béarn e condessa de Foix. O governador fez-se á vela para o combater, mas Soria lhe escapou e dirigio-se a Palma, onde tomou por abordagem a náo *Santiago*, e matou todos os jesuitas, excepto hum noviço cozinheiro. O resto da expedição chegou ao Cabo de S.-Agostinho, que não poude dobrar; huma violenta tempestade dispersou os navios, indo hum ter á ilha de S.-Domingos, e outro a Cuba. Reunida de novo a frota, foi ainda desviada da sua derrota e lançada sobre os Açores, mas tão destroçada e falta de gente, que hum só navio recebeo todas as tripolações. D. Luiz tornou a embarcar-se com quatorze

jesuitas; mas depois de sete dias de navegação cahio nas mãos de quatro corsarios, tres francezes e hum inglez, commandados por João Capdeville. O governador foi morto, assim como Pedro Dias e os missionarios. Hum só jesuita ficou em hum porto, e conseguio ir ter ao Brasil. Os jesuitas celebrárão a morte dos padres como hum triumpho de martyres, e publicárão mil patranhas de milagres operados pelo cadaver de Azevedo, que disserão ter-se levantado das ondas com os braços em cruz e tendo na mão o quadro da Virgem.

Nobrega morrêo a 18 de Outubro 1570, quatro mezes depois d'esta catastrophe, sem d'ella ser informado, em idade de cincoenta e tres annos. A este infatigavel jesuita se deve em grande parte a colonisação do Brasil, e a pacificação de muitas tribus de Indios. Para bem da humanidade, teria sido mui feliz se todos os jesuitas da Europa tivessem sido obrigados a ir viver na America.

1572. — D. Sebastião, informado da triste sorte da expedição de D. Luiz de Vasconcellos, nomeou Luiz de Brito de Almeida para lhe succeder. Este chegou á Bahia em 1572, e assistio á morte de Mem de Sá, que havia governado e feito prosperar os estabelecimentos portuguezes no Brasil quatorze annos, auxiliado pelos padres Nobrega e Anchieta.

Divisão do Brasil em dois governos. — Por hum decreto d'Elrei D. Sebastião, o Brasil foi separado em dois governos : o do Rio de Janeiro, dado ao doutor Antonio Salema que estava em Pernambuco, extendia-se da capitania de Porto-Seguro até aos limites das capitanias do sul : a cidade de S.-Sebastião foi a capital d'este governo. Salema estabeleceo huma plantação e hum engenho de assucar, em conformidade das ordens d'Elrei, que lhe enviou quatro mil cruzados para a construcção de edificios e ornato da nova cidade. A Bahia ou S.-Salvador continuou a ser a capital do districto septentrional, e a residencia do antigo governo. Mas a côrte de Lisboa julgou acertado reunir de novo os dois governos em 1576, ficando o do Rio de Janeiro subordinado ao da Bahia.

Derrota e dispersão dos Tamoyos. — Os armadores francezes que negociavão em Cabo-Frio, tinhão vendido espingardas e arcabuzes aos Tupinambas è Tamoyos, os quaes de novo unidos aos Francezes ameaçárão a nova cidade de S.-Sebastião. Quatrocentos Portuguezes e setecentos Indios auxiliares, commandados por Salema, marchárão contra elles. Protegidos por estacadas oppuzerão huma resistencia tão vigorosa, que Salema julgou prudente fazer huma convenção com os Francezes, cujas estipu-

lações executou á risca, em virtude da qual elles depozerão as armas, e entregárão as que tinhão fornecido aos Indios. Os Tamoyos, abandonados pelos Francezes, forão quasi de todo destruidos. Oito ou dez mil forão mortos ou feitos escravos; os poucos que escapárão, depois de queimar as suas habitações, unírão-se aos outros Tupinambas, transmigrárão para o norte, e se estabelecêrão na margem meridional de Maranhão, como adiante veremos.

Expedição de Tourinho para descobrir as minas, no interior da capitania de Porto-Seguro, por ordem do governador Luiz de Brito de Almeida. — Tendo subido o Rio-Doce até Mandii, Tourinho desembarcou, e caminhou vinte milhas ao oéste-sudoéste, até hum lago, que os indigenas chamão emboccadura do Mundo-Mandii; d'alli remontou em distancia de trinta legoas hum rio que se lança no Rio-Doce, depois marchou para oéste quarenta dias em distancia de setenta legoas, e attingio o confluente d'estes dois rios; alli fez construir barcos de casca de arvores, cada hum podendo levar vinte homens, e se embarcou de novo no Rio-Doce, que navegou até o affluente *Acecy*, que remontou em distancia de quatro legoas. Alli deixou os barcos, e caminhou ao noroéste durante onze dias, atravessou este affluente, e costeou as suas margens na extensão de cin-

coenta legoas, onde vio rochas cobertas de pedras, que tomou por turquezas. Tambem achou esmeraldas, saphiras e grande quantidade de crystal de rocha.

Outra expedição com o mesmo objecto foi tentada pelo capitão Antonio Dias Adorno, por ordem do mesmo governador. Constava de cento e cincoenta Portuguezes e quatrocentos escravos ou Indios alliados, com os quaes remontou o rio de Caravelas, e confirmou á volta a relação de Tourinho. Achou tambem crystal de rocha, esmeraldas, saphiras, e pedras tão pesadas, que suppoz conterem prata, e até mesmo ouro. A expedição desceo o Rio-Grande em chalupas, e atravessou o territorio de algumas tribus de indigenas. Por algumas amostras, ainda que imperfeitas das rochas, se conheceo haver diamantes. Duas outras expedições se tentárão ainda com o fim de descobrir minas de ouro ou prata, por ordem do governador da Bahia. A primeira foi confiada a Diogo Martins Cão, por alcanha o *Mata-Negro*; a segunda foi emprehendida por Marcos de Azevedo, que trouxe grande quantidade de pedras preciosas de differentes côres, e entre ellas alguns diamantes. O territorio onde se achárão estes primeiros diamantes era habitado por tribus indigenas dadas á agricultura, e pacificas; mas só muito tempo depois he que o go-

verno se occupou da extracção dos diamantes.

Luiz de Brito tinha tambem procurado minas de cobre, mas desanimado por obstaculos imprevistos, não deo seguimento ás explorações; se bem que era opinião geral entre os colonos, que a sessenta legoas pelo sertão havia huma montanha onde se encontrava cobre nativo em grandes massas, e igualmente affirmavão haver a meia legoa d'alli outras montanhas, que encerravão ferro da melhor qualidade.

1578. — A separação dos dois governos, Bahia e Rio de Janeiro, achou-se ser nociva aos interesses do estado e da colonia, e de novo forão unidos em hum só, e Luiz de Brito nos fins da sua administração governou todo o Brasil, e entregou a autoridade ao novo governador Diogo Lourenço da Veiga, nomeado por Elrei D. Sebastião. Luiz de Brito governou cinco annos, e contribuio muito a promover a prosperidade do Brasil.

O novo governador tomou posse da colonia em S.-Salvador, no anno de 1578; anno calamitoso para Portugal, menos pela morte do fanatico e estouvado D. Sebastião, sacrificado pelos seus perfidos conselheiros jesuitas, que pela perda de tanto guerreiro illustre, nos campos de Alcaçar-Quibir, e pelas funestas consequencias que resultárão á nação do tyrannico

jugo dos Felippes. Este joven rei, a quem a natureza tinha com mão larga liberalisado talentos, virtudes e o mais heroico valor, pervertido pelos jesuitas esgotou o reino de dinheiro e gente, descuidou-se dos estabelecimentos portuguezes na Asia e na America, e dominado pelo mais grosseiro fanatismo, recusando casar-se, deixou o reino sem successão, entregando-o, a bem dizer, ao astuto e ambicioso tyranno da Hespanha. Com o fito de converter os Mouros ao christianismo, e de arvorar a cruz nos minaretos das mesquitas de Marrocos, perdeo-se a si e trahio os interesses da patria. Morreo D. Sebastião a 14 de Agosto 1578, tendo pouco mais de vinte e quatro annos. O cardeal D. Henrique, seu tio, lhe succedeo tendo sessenta e oito annos de idade, e falleceo a 31 de Janeiro 1580. Felippe II, o mais poderoso dos pretendentes á corôa de Portugal, sem difficuldade nem obstaculo se fez proclamar Rei de Portugal pelas Côrtes de Thomar. O Brasil reconheceo a sua autoridade. Em vão D. Antonio, prior do Crato, tentou apossar-se do Brasil, e fazer-se reconhecer rei. Huma esquadra franceza que apoiava as suas pretenções, foi batida pela esquadra hespanhola nos Açores. Tres navios francezes expedidos ao Brasil para fazerem reconhecer D. Antonio, enviárão hum parlamentario ao Rio de Janeiro

a informar Salvador Corrêa de Sá, governador da cidade, que o commandante da esquadra trazia despachos do Prior do Crato, a quem os Francezes davão o titulo de Rei: porêm o Governador não quiz receber as cartas de D. Antonio.

No mesmo anno forão introduzidos no Brasil os religiosos carmelitas, conduzidos pelo padre frei Domingos Freire, que fundou o primeiro convento na villa de Santos. Frei Antonio Ventura veio no mesmo anno com monges benedictinos, que se estabelecêrão em S.-Salvador.

Pouco tempo depois o governador Veiga, velho e doente, vendo-se proximo a morrer, renunciou a sua autoridade, e entregou o governo ao senado da Camara e ao Ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo. Felippe II confirmou esta fórma de governo, e o Brasil foi assim regido perto de dois annos até á chegada de Manoel Telles Barreto, nomeado por Felippe II Governador general da America portugueza.

1580. — *Estado do Brasil*. Quando no cabo de oitenta annos estava o Brasil a ponto de colhêr o fructo de tantos trabalhos, quiz a infausta sorte que cahissem os Portuguezes da America como os da Europa nas garras do despota da Hespanha. Este monarcha, cujos dominios abrangião quasi a metade do globo,

não tinha meios de acudir a todos os pontos de tão vastos estados, e todavia meditava projectos chimericos de conquista, dictados pelo fanatismo e intolerancia religiosa, e combinados com desmedido orgulho e improvida jactancia. A perda da grande armada ridiculamente appellidada *invencivel*, preparou a ruina da Hespanha, e expoz o Brasil aos maiores perigos. Os Hollandezes se apoderárão da maior parte dos estabelecimentos portuguezes na Asia, e estiverão, como adiante veremos, a ponto de se apossarem de todo o Brasil. Mas antes de narrar os acontecimentos calamitosos que marcárão a epocha da dominação hespanhola, convêm expôr brevemente o estado da colonia brasilica em 1580, e pouco depois.

S.-Salvador, capital do Brasil, continha então oito mil colonos ou habitantes, e o Reconcavo contava pouco mais de dois mil, não comprehendidos os Indios e os Negros, que devião ser mais numerosos, porquanto, segundo os documentos, essas duas classes podião pôr em campo quinhentos de cavallo e dois mil infantes. O clero era numeroso, mas pobre. Alem do bispo havia na cathedral cinco dignidades, oito cónegos, hum cura, hum coadjutor e cinco cantores. Sessenta e duas igrejas, das quaes dezaseis erão parochiaes, e tres mosteiros completavão o estabelecimento

ecclesiastico. Os jesuitas, cuja influencia predominava, tinhão hum collegio de vasta extensão com igreja espaçosa e ricamente ornada.

Acabavão-se de lançar nesta cidade os alicerces do arsenal e do estaleiro de construcção. As casas e edificios erão de pedra e tijolo, mas o unico edificio notavel era o palacio do Governo onde residia o Governador general. A cidade estava assentada sobre huma altura escarpada, e para introduzir nella os fardos e caixas vindos por mar, e depositados nos almazens do porto, era necessario empregar guindastes. A maior parte das ruas, posto que alinhadas, e bastante largas, erão tão ingremes que se tornavão impracticaveis ás carruagens e até aos palanquins. Apezar d'este inconveniente, os colonos ricos não andavão a pé, e já então se fazião transportar, ao uso da India, em redes de algodão, suspendidas em hum grande pao de bambú, que dois negros vigorosos levavão sobre os hombros. Estas redes erão cobertas de hum sobrecéo, d'onde pendião cortinas que se corrião á vontade. Estes palanquins chamavão-se *serpentinas*, talvez por terminarem os cabos do bambú em cabeça e cauda de serpente: hoje denominão-se *tipoias*. O luxo dos vestidos tinha feito grandes progressos. Contavão-se já naquella cidade mais de cem colonos, cujo ren-

dimento montava de tres a cinco mil cruzados, e as propriedades de vinte a sessenta mil. Estes ricos proprietarios ostentavão hum fausto extravagante; suas mulheres e filhas trajavão estofos de seda bordados de ouro, e alguns possuião baixellas e joias de ouro, do valor de dois a tres mil cruzados. O luxo da mesa não tinha feito os mesmos progressos; mas o mercado era bem provido de pão, feito de trigo vindo de Portugal, e não faltava vinho das Canarias e da Madeira.

Alguns baluartes de terra mal construidos, e alguns fortes formavão a defesa da cidade da banda do mar, mas das oitenta peças que os guarneeião, quarenta erão de tão grosso calibre que de pouco podião servir; todavia a situação da cidade he forte por sua natureza. A bahia espaçosa, capaz de conter numerosos navios, tem o inconveniente de não estar abrigada contra os tufões. Os habitantes tinhão perto de trezentas caravelas, e cem navios capazes de levar artilharia, sem fallar de muito maior numero de embarcações pequenas. Não havia homem no Reconcavo, branco, indio ou negro, que não possuisse huma canôa.

A canna de assucar tinha sido trazida da capitania dos Ilheos, onde fôra importada da ilha de Madeira; mas esta planta he indigena do Brasil, e crescia em abundancia á roda do

Rio de Janeiro. Havia trinta e seis engenhos de assucar no Reconcavo, e vinte e hum d'elles moîão por agua. Exportava annualmente a cidade mais de cento e vinte mil arrobas de assucar. Em torno da cidade havia muitas quintas. As vaccas e cabras vindas da Europa e de Cabo-Verde tinhão multiplicado de maneira prodigiosa, e davão leite de que se fazia manteiga e queijos como em Portugal. Tinhão-se tambem transportado a S.-Salvador cavallos de Cabo-Verde; ricos colonos criavão até quarenta ou cincoenta eguas, que valião dez a doze mil réis cada huma. Em Pernambuco se vendião a razão de vinte e quatro mil réis. Os porcos e outros animaes tambem prosperárão; só os carneiros degenerárão.

As frutas da Europa e da Asia medrárão. As laranjas e limões introduzidos pelos Portuguezes melhorárão em grossura e qualidade. O gingivre trazido da ilha de S.-Thomé medrou tão depressa, que desde o anno de 1573 se tinhão colhido quatro mil arrobas da melhor qualidade, mas que os colonos não sabião seccar como se pratica na India. O café e o algodão erão indigenas do paiz. A casca do *embira* fornecia cordas e cabos excellentes, e a semente era usada como pimenta, e reduzida a pó era considerada como antidoto da mordedura das cobras venenosas. As palmeiras tamareiras

forão introduzidas por caroços de tamaras de Portugal ou da Barberia. O cânamo tambem se criava na colonia. O cacao levado de Cabo-Verde, prosperou em poucos annos, mas hum insecto destructor, e a ignorancia dos colonos o fez perder. Os meloaes, as romeiras e as vinhas forão quasi inteiramente destruidas por huma especie de formiga. Este insecto fazia tal estrago, que os colonos portuguezes mui aptamente o denominárão *Rei do Brasil*, mas por compensação destruia escorpiões, centopeas, cobras e muitos outros animaes daninhos que infestão o Brasil. Outro insecto chamado *broca* roîa as vasilhas de madeira, excepto as que continhão azeite. As cobras destruião os pombaes. Mas o insecto que mais atormentou os colonos foi o *chica* das Antilhas, que se introduz por baixo das unhas dos pés e das mãos, e causa perigosas feridas a não ser destramente extrahido.

O salitre era abundantissimo, mas não havia outra cal senão a que se tirava da casca das ostras de que havia immensa copia. O mar abundava em peixe e marisco. Erão abundantissimos os caranguejos, e os tubarões de cujo figado se extrahia muito azeite; havia tambem muita balêa. Na costa se encontrava âmbar, que todavia era mais frequente no Ceará, e as aves o comião com voracidade.

Pernambuco tinha prosperado quasi na mesma proporção. A morte de Duarte Coelho, seu primeiro donatario, foi quasi immediatamente seguida de huma confederação geral dos Indios contra os colonos d'esta provincia. A côrte de Lisboa, informada d'este successo, fez partir Duarte de Albuquerque Coelho, filho e successor do antecedente, e acompanhado de seu irmão Jorge, chegou em 1560 a Olinda. A colonia estava ameaçada de perigo imminente, e os habitantes não ousavão aventurar-se a duas legoas da cidade. Os jesuitas chamados a conselho com os chefes civis e militares, elegèrão para chefe militar, com o titulo de *conquistador da terra*, o mais moço dos irmãos Coelho. Elle se mostrou digno d'esta confiança, apezar de não ter mais que vinte annos, pelo seu valor, energia e actividade. Repellio os Cahetés e dentro de cinco annos, toda a costa estava livre d'elles, assim como quinze ou vinte legoas para o interior, e estas vantagens forão duraveis. Em pouco tempo se elevárão cincoenta engenhos de assucar, cuja decima era arrendada por dezanove mil cruzados. A provincia extendia-se quasi quarenta legoas ao sul até ao rio de S.-Francisco.

Olinda, construida em huma eminencia perto da praia, encerra muitos outeiros em seu circuito; o Recife lhe serve de porto: he pe-

queno e pouco commodo, e de alguma sorte fechado por huma enfiada de bancos e de rochedos, de que a costa está semeada. Ao sul, perto da cidade corre o rio Biberibe, que vem perder-se entre o continente e o porto, onde forma huma pequena ilha. Entre os edificios publicos se distinguia o collegio dos Jesuitas, fundado por Elrei D. Sebastião, onde se ensinavão as linguas e algumas sciencias aos colonos, e até aos Indios convertidos. A cidade continha setecentos habitantes ou colonos, e alem d'estes havia em cada engenho de assucar vinte ou trinta colonos e cem negros. Quatro a cinco mil escravos negros erão empregados nesta provincia, que podia pôr em campo mil soldados, e d'estes quatrocentos de cavallaria. Muitos aventureiros, que de Portugal tinhão vindo pobres, voltárão ricos á patria. A cultura da canna, o preparo do assucar, e o córte e transporte do pao de tinturaria occupavão todos os braços, e todo o outro genero de cultura era desprezado. Por isso em parte alguma do Brasil erão os viveres mais caros, pois vinhão das Canarias, e até de Portugal. As aldêas da Mata, de Garassu e de S.-Lazaro tinhão bastante povoação, e nesta ultima se fazia o melhor assucar. O pao brasil pertencia á corôa; o assucar pagava á sahida dez por cento, e cinco mais de entrada nos portos de Portugal. Qua-

renta e cinco navios vinhão annualmente carregar estes dois generos. Todavia não havia fortaleza ou fortificação para proteger o porto de Pernambuco.

A capitania de S.-Vicente, posto que de menor importancia, tambem prosperava, e os Tupiniquins que habitavão a vizinhança vivião em boa harmonia com os colonos. O estabelecimento da ilha Bertioga, a duas legoas de S.-Vicente, destruido pelos Tupinambas, foi reconstruido e fortificado.

A cidade de Santos, situada em huma bahia fronteira á pequena ilha de S.-Amaro, era o estabelecimento maritimo o mais consideravel da capitania. A entrada do porto chamase *Barra-Grande*, os navios do maior porte sobião até Santos, que então não continha mais que oitenta casas. A povoação compunha-se de Portuguezes e mestiços, cujo numero não passava de trezentos ou quatrocentos, a maior parte casados com Indias baptizadas. Tinhão grande numero de escravos e de Indios tributarios.

A tres legoas d'esta cidade estão as altas montanhas de Pernabiacaba, das quaes hum ramo coberto de bosques conduz á cidade de S.-Paulo de Piratininga, fundada pelos Jesuitas e povoada de Mamalucos e Indios convertidos. O clima he excellente; o ar refrescado pelas

montanhas e ventos he mui temperado, e nunca alli se sente excessivo calor. O rio Ingambi, que corre ao norte a huma legoa da cidade, despenha-se das montanhas de Pernabiacaba, e na estação das chuvas engrossa e inunda os campos vizinhos. Ao norte do rio se extende a trinta ou quarenta legoas a serrania que encerra minas de ouro e diamantes, cuja exploração foi mais tarde devida á activa perseverança dos Paulistas.

O clima de S.-Vicente permittia a cultura da cevada e do trigo, mas cultivavão-se pouco. A vinha criava-se bem, e algum vinho se fazia, más era preciso fervê-lo para não azedar. Em S.-Paulo tambem se plantárão vinhas.

A capitania do Espirito-Santo começava a restabelecer-se dos desastres que soffrêra. A de Porto-Seguro tinha declinado pela má administração do filho de Tourinho. Morto este, deixou huma filha que não quiz casar, e vendeo os seus direitos ao primeiro duque de Aveiro. A influencia e os capitaes do novo senhorio, e o estabelecimento de hum collegio de Jesuitas derão nova vida á colonia; formárão-se logo nos contornos muitas aldêas de Indios convertidos e policiados. A cidade conservava ainda a cruz que Pedralvares Cabral fez arvorar nesta nova terra. Esta capitania era a mais rica do Brasil em madeira de cons-

trucção. As arvores do balsamo e da gomma, são alli communs, assim como a mandioca, as bananeiras, laranjeiras, coqueiros, etc. Na epocha de que tratamos, Porto-Seguro estava quasi despovoado, contando apenas vinte familias portuguezas. Não lhes restava mais que hum só engenho de assucar. Esta decadencia era devida aos estragos renovados pelos ferozes Aymores. Para completar a ruina da colonia dois incendios consumírão os edificios e fazendas.

A capitania dos Ilheos situada a trinta legoas ao norte de Porto-Seguro, e quasi em igual distancia ao sul de S.-Salvador, fertil em assucar e mandioca, já encerrava mais de cem familias portuguezas e grande numero de escravos occupados nos trabalhos da agricultura, mas foi quasi inteiramente destruida pelos Aymores.

Na mesma epocha a provincia do Rio de Janeiro estava ainda na infancia, e não tinha da banda de terra defesa alguma. As povoações de Indios convertidos lhe servião de postos avançados, contra os ataques dos selvagens, menos a receiar depois da derrota dos Tamoyos e transmigração dos Tupinambas.

A' excepção das provincias de S.-Salvador, S.-Vicente, S.-Paulo, Pernambuco, e de alguns estabelecimentos devidos aos missionarios, as

outras colonias estavão destruidas ou assoladas pelos selvagens. Todos os esforços para colonisar a emboccadura do Amazonas e costas vizinhas forão baldados : duzentas legoas de costa ao norte de Pernambuco estavão ainda occupadas pela formidavel e numerosa nação dos Tapuyas. A' excepção dos Goianazes e dos Aymores, todas as tribus selvagens ao longo da costa, desde Pernambuco até S.-Vicente tinhão sido repellidas, vencidas e sujeitadas. A barbara nação Caheté, destruida quasi no principio da occupação de Pernambuco, renovou as hostilidades; mas segunda vez vencida, abandonou a provincia aos colonos portuguezes reforçados pela alliança com os Tabayares. Os Tupinambas do norte estavão vencidos e sujeitos á Bahia. Em Itamaracá os Petiguares forão vencidos e expulsos.

Dissolvida pela industria dos missionarios a poderosa confederação das tribus selvagens do sul, não podia para o futuro renovar-se; e a conversão inteira dos Goianazes, fieis alliados dos colonos de S.-Vicente e de S.-Paulo, punha a salvo estas duas colonias dos ataques das tribus do sul.

O clima do Brasil, posto que em geral mui saudavel, causou algumas molestias aos colonos. As Portuguezas a principio criavão poucos filhos, e de tres era mui commum morrerem

dois. Depois que adoptárão hum regime accommodado ao clima, cessou esta mortandade. Algumas doenças cutaneas devidas ao contacto com os negros da Africa, e inchações lymphaticas tambem grassárão bastante. Porêm o maior mal veio da corrupção dos costumes, causada pela perniciosa introducção de escravos, cuja abjecção e obediencia cega ás vontades e caprichos dos imperiosos senhores, convertem estes em odiosos tyrannos. A mistura das raças, util a promover a população, foi perniciosissima para a moral; e parte do desprezo com que os Portuguezes tratavão os negros, recahia sobre a progenie dos primeiros com as Africanas. A injustiça dos brancos para com os mulatos e mestiços arraigou nestes odio entranhavel aos brancos, que durará em quanto existirem as denominações que attestão a origem differente de cada raça. De todas as misturas, a mais util tem sido a dos Portuguezes com as mulheres indigenas; a raça nascida d'esta união he robusta, activa e emprehendedora, e ao mesmo tempo a mais bella de todo o Brasil. Tambem a mistura do sangue africano com o das indigenas produz huma raça de bellos mulatos valerosos e mui atilados. O peior cruzamento de raça he o de Europeo com negras de Africa, e por desgraça he o mais commum. Se a exemplo das colonias hespanholas,

se tivesse proseguido com desvelo a civilisação dos Indios, teria hoje o Brasil povoação propria de homens livres, e não se veria exposto a huma ruina total, e não mui remota, quando lhe faltarem braços para a cultura.

CAPITULO IV.

O Brasil debaixo de Felippe II e Felippe III. 1580 a 1621.

Felippe II conservou a administração do Brasil no estado em que a achou, quando unio Portugal e seus dominios á corôa de Hespanha, e por huma judiciosa politica escolheo para os cargos d'esta importante colonia quasi exclusivamente naturaes portuguezes; mas a guerra que o fanatismo religioso lhe fez emprehender contra a Inglaterra, e as perdas que d'ella resultárão á monarchia, deixárão o Brasil quasi sem protecção, entregue aos seus proprios recursos.

1580. — O Inglez João Whithall, estabelecido em Santos, obteve em 1578, por meio de seu sogro, natural de Genova, licença para fazer vir directamente de Inglaterra huma carregação de mercadorias, que lhe deo grande lucro. O clero brasileiro favorecêo esta expedição, da qual sem duvida tirou proveito. Effectuou-se no decurso d'este anno.

1582. — *Expedição ingleza Combate naval.* Depois da expedição hostil de Drake no mar do

Sul em 1579, os Inglezes forão considerados e tratados como piratas pelos Hespanhoes. No anno seguinte huma esquadra ingleza de quatro navios, commandada por Duarte Fenton e destinada para a China, appareceo diante de S.-Vicente, na costa do Brasil, onde procurou prover-se de mantimentos. Foi atacada por huma esquadra hespanhola commandada por Flores. Fenton sahio victorioso, metteo a pique hum dos navios hespanhoes, e proseguio a sua viagem.

1583. — *Estado dos negocios na provincia da Paraîba.* Os Petiguâres que occupavão o territorio situado entre os rios Paraîba e o Rio-Grande, continuárão as suas hostilidades contra os Portuguezes, auxiliados pelos Francezes que vinhão a estas paragens carregar pao de tinturaria. O novo governador da Bahia, Manoel Telles Barreto, mandou hum corpo de gente armada ás ordens do capitão Fructuoso Barbosa, para formar hum estabelecimento no porto de Paraîba e fortificâ-lo, mas não o poude effectuar, tendo perdido parte da gente em huma emboscada, e havendo o resto fugido. Ao mesmo tempo, os habitantes de Pernambuco e de Itamaracá pedião com instancia auxilios ao Governador contra os ataques dos Indios. O general Diogo Flores de Valdez achava-se então na Bahia com seis navios, e dois

mais que voltavão de Goa commandados por Diogo Vaz da Veiga. O Governador ordenou a Flores que conduzisse esta esquadra á Paraîba, e o ouvidor geral Martim Carvalho foi encarregado de prover a fragata de gente e de viveres. Flores partio para o seu destino, e hum corpo de tropas, em que ião muitos escravos, marchou por terra ás ordens do capitão Fructuoso Barbosa. Apenas a esquadra appareceo na barra da Paraîba, os Francezes se tornárão a embarcar. Alguns autores affirmão que elles queimárão quatro dos seus navios, e se refugiárão no interior entre os indigenas. Para evitar novos desembarques fez o almirante construir hum forte de terra e madeira, em que deixou huma guarnição de cem homens commandados pelo capitão Francisco Castrejon. Este official hespanhol tendo recusado reconhecer por chefe a Barbosa, este voltou á Bahia. Castrejon, depois de ter sustentado diversos combates com os Indios, se vio obrigado a abandonar o forte, retirando-se por terra á capitania de Itamaracá. Durante a sua marcha de dezoito legoas, perdeo alguns homens e mulheres, que cahírão de cansaço. Os habitantes de Pernambuco informados d'este desastre, expedírão outro corpo de tropas bem provido de armas e munições, commandado pelo capitão Fructuoso Barbosa, o qual ajudado pelos

Tupinambas, retomou o forte e fundou em torno d'elle huma povoação, a que em 1585 se deo o nome de cidade denominada Filippéa.

1586. — *Expedição ingleza commandada pelo capitão Roberto Withrington.* Esta expedição composta de dois navios, hum de duzentas e sessenta toneladas e cento e trinta homens de tripolação, e outro de cento e trinta toneladas e setenta homens, era destinada a cruzar no mar do Sul. O commandante depois de ter tomado dois navios portuguezes que ião do Rio da Prata a Santa-Fé, dirigio-se á Bahia de Todos os Santos com tenção de arruinar o Reconcavo. Alli andou pairando seis mezes sem poder desembarcar, pela resistencia dos Indios convertidos dirigidos pelo padre Christovão de Gouvêa, e habeis frecheiros.

1587.—*Fundação da cidade de Cannanéa.* Esta povoação situada na comarca de Paranaguá e Curityba, provincia de S.-Paulo, em huma pequena ilha, a dez milhas da barra de Cannanéa.

1587. — O Governador e Capitão general Manoel Telles Barreto morreo depois de ter governado quatro annos. El-rei tinha designado, para formar huma junta de governo, o bispo D. Antonio Barreiros, e Christovão de Barros, provedor-mór da fazenda, os quaes governárão a colonia outros quatro annos, até 1591, epocha em que Francisco Giraldes,

senhor da capitania dos Ilheos, foi nomeado Governador, e não tendo aceitado o cargo, D. Francisco de Sousa, da casa dos condes de Prado, foi nomeado em seu lugar.

1590. — *Conquista e colonisação de Seregipe d'el-rei.* Esta provincia esteve muito tempo sujeita á Bahia, de que formava hum districto. Foi começado este estabelecimento por Christovão de Barros sub-governador da Bahia, por ordem de Felippe II. Os Portuguezes que habitavão entre Rio-Real e Itapicurú, soffrião muito das continuas hostilidades dos indigenas, e dos piratas francezes que frequentavão a costa para cortar pao brasil.

1591. — *Descobrimento, real ou supposto, das minas de prata.* Roberto Dias, descendente de Catherina Alvares, e habitante da Bahia, possuia rica baixella de prata que asseverava proceder de minas d'este metal situadas nas suas terras. Este homem partio para Hespanha, e prometteo patentear o sitio onde, dizia elle, havia mais prata que ferro em Biscaya, e exigio como recompensa o titulo de *Marquez das Minas.* El-rei contentou-se com lhe conferir o cargo de *Administrador das minas*, e prometteo ao novo governador, D. Francisco de Sousa, o titulo cobiçado por Roberto Dias. De volta ao Brasil affectou destruir todos os indicios da sua supposta descoberta, e morreo pouco tem-

po depois sem ter dado o menor esclarecimento sobre este ponto. He provavel que tudo era invenção do sujeito para se afidalgar marquez.

1591. — *Expedição de Thomás Cavendish.* Este atrevido aventureiro aproveitando a guerra entre a Inglaterra e a Hespanha, para reparar pela pilhagem a fortuna que tinha perdido ou dilapidado, partio em 1586 para o mar do Sul, queimou Paita e Acupulco, devastou as costas do Chili, do Perú e da Nova-Hespanha, e tomou perto da California hum galeão hespanhol ricamente carregado. No cabo de dois annos de piraticas depredações, voltou a Plymouth, possuidor de immensas riquezas; mas a sua insaciavel cobiça o instigou a tentar de novo a fortuna, que tão prospera se lhe havia mostrado, e escolheo o Brasil para theatro de seus projectados roubos.

Em 26 de Agosto 1591 sahio Cavendish de Inglaterra com tres navios de alto bordo, e duas galeras, bem esquipados. Contrariado pelos ventos teve viagem demorada, e chegou diante de S.-Vicente falto de mantimentos. Querendo prover-se do necessario, destacou dois dos seus navios para se apoderarem da cidade de Santos. Os Inglezes sorprendêrão a povoação, estando todos os habitantes na igreja, e sem encontrar resistencia : só hum homem foi morto. Puzerão guardas ás portas da igreja,

para não deixar sahir ninguem, e obrigar os habitantes a tratarem do seu resgate; mas o vice-almirante Corke, por effeito da sua intemperança, perdeo hum tempo precioso em lauto banquete em que elle e os mais officiaes se enfrascárão de vinho e aguaardente, e a tropa seguio o exemplo dos chefes. A' bocca da noite os habitantes de Santos aproveitando as trevas e o lethargo dos piratas, levárão para o interior tudo o que puderão, de sorte que á chegada de Cavendish, oito dias depois, a frota não achou de que se prover.

Alguns chefes indigenas vierão offerecer-se aos Inglezes para seus alliados, se os ajudassem a expulsar os Portuguezes; mas Cavendish só queria roubar, e não combater ou formar estabelecimento permanente. Entretanto o chefe inglez procurou obter por astucia o que não pudera conseguir pela violencia. Offereceo aos habitantes tratar com elles em nome de D. Antonio, rei titular de Portugal, mas debalde. Por huma inconsideração apenas explicavel, demorou-se muitas semanas em Santos, e partio do porto ainda mais falto de viveres que quando entrára.

Seguindo a costa para o sul, queimou S.-Vicente e dirigio-se ao estreito de Magalhães, mas não poude penetrar. O seu navio, apartado dos outros pela força do vento, foi lançado so-

bre as costas do Brasil, perto de Santos. Cavendish desembarcou vinte e cinco homens a tres legoas de distancia d'esta cidade, esperando achar algum mantimento de que tinha a mais urgente precisão, estando a tripolação doente e quasi morrendo de fome. Todo este destacamento foi morto pelos indigenas, á excepção de dois que conduzírão em triumpho a Santos, levando como tropheos as cabeças dos outros Inglezes degollados. Este novo revez teria sido irreparavel para Cavendish, sem a chegada de outro navio da sua esquadra. Continuárão a costear juntos dirigindo-se ao norte, e assolando todas as povoações por onde passavão. Desejava Cavendish abordar ao Espirito-Santo, mas não tinhão practico da barra, quando hum Portuguez que tinhão feito prisioneiro se offereceo a conduzî-los áquelle porto. Chegado á barra, mandou Cavendish huma chalupa sondar o fundo, e achou não ser sufficiente para surgirem os navios. Irritado d'este contratempo mandou enforcar o desgraçado Portuguez, não attendendo ás protestações do misero que declarava ter feito entrar em Santos navios de cem toneladas, mas sem nunca ter sondado o fundo. Então Cavendish fez avançar os navios á força de remo, e chegando perto da cidade avistou tres navios de guerra fundeados : elle enviou as suas em-

barcações para começar o ataque, porêm anoiteceo, e a gente não quiz desembarcar antes de amanhecer. Cada hora de demora augmentava o risco; era impossivel passar a barra, e a artilharia jogava de todos os lados. Emfim ao romper do dia offerecêrão-se a marchar contra os Portuguezes, e embarcárão-se nas chalupas oitenta homens capitaneados por Morgan, a quem Cavendish ordenou que fosse descobrir hum ancoradouro, prohibindo-lhe sob pena de morte, o desembarque em caso algum.

Partio Morgan, mas já os Portuguezes unidos com os indigenas se tinhão fortificado trazendo os seus navios para perto da cidade, a distancia de hum tiro de espingarda do rio. Duas pequenas obras, protegidas por estacadas e rochedos, defendião a entrada. Os Portuguezes fizerão fogo do fortim de oéste sobre as chalupas, e Morgan queria retirar-se segundo lh'o prescrevião as suas instrucções; porêm a sua gente com o fito na pilhagem, o increpou de cobarde, e obrigou a tentar o ataque. A' força de remos avanção as chalupas, quando o forte de léste, que os Inglezes não tinhão ainda avistado, fez fogo sobre elles e ferio e matou alguns homens. Morgan mandou atacar o forte de oéste pela pequena chalupa, a qual com pouca resistencia o tomou;

mas a chalupa grande que demandava muita agua encalhou, saltando todavia a gente em terra com agua até á cintura, e denodados escalão o fortim que era de pedra, e tinha quasi dez pés de altura; mas os Portuguezes e indigenas que o guarnecião lanção sobre os Inglezes pedras, e matão Morgan e mais cinco dos seus; foge o resto para a chalupa onde se dirigem os tiros, e de quarenta e cinco homens que guarnecião as embarcações não ficou hum só que não fosse ferido. Neste estado não podendo por mais tempo sustentar o combate, fazem-se ao largo, abandonando alguns camaradas. Em vão chamárão em seu soccorro a gente da chalupa pequena; os que estavão a bordo fugîrão deixando em terra dez dos seus companheiros, que tinhão corajosamente acommettido os entrincheiramentos que os indigenas tornárão a occupar. Cavendish com razão disse do patrão da chalupa, que era o mais vil cobarde que nascêra de mulher. Em vão entrárão estes dez valentes Inglezes no rio com agua até ao pescoço, supplicando que os recebessem a bordo, mas os seus infames camaradas não tiverão d'elles compaixão. Cavendish deixou a costa do Brasil, e traspassado de dôr, por ver todos os seus projectos mallogrados, morreo no mar, mais de paixão que de enfermidade.

1594 a 1595. — *Expedição de Jaime Lancaster.* Esta expedição foi armada á custa de alguns membros da camara municipal e negociantes de Londres, e confiada a James Lancaster, em razão do seu perfeito conhecimento do Brasil, onde tinha residido muitos annos, servindo no exercito portuguez, e depois se havia estabelecido como negociante. Esquecendo o que devia a huma nação da qual tinha recebido tantos favores, este desleal Inglez resolveo ir saquear Pernambuco.

Fez-se á vela de Dartmouth a 30 de Novembro 1594, com tres navios e duzentos e setenta e cinco homens de guarnição, levando comsigo dois Francezes de Dieppe, que fallavão a lingua dos indigenas do Brasil. Separado do navio montado por Barker, segundo no commando, reunírão-se em Cabo-Branco. No decurso da viagem Lancaster aprezou huma frota de vinte e quatro navios portuguezes e hespanhoes, dos quaes só conservou quatro, saqueando e destruindo os outros. Sabendo de hum prisioneiro que hum navio ricamente carregado e vindo da India, naufragára na costa de Pernambuco, e que toda a sua carga estava em deposito no Recife, dirigio-se á ilha de Maio; alli encontrou o capitão inglez Venner com tres embarcações e huma preza biscainha. Lancaster o convidou a unir-se á sua

expedição, offerecendo-lhe hum quarto das prezas, o que Venner aceitou. Continuárão então a derrota de conserva, e chegárão no ultimo de Março pela meia noite ao Recife. Achou no porto tres navios grandes hollandezes, de que a principio se receiou, e dispunha-se a atacá-los, mas com grande satisfação vio que elles se desviavão, deixando-lhe o passo livre. O governador de Olinda mandou ao meio dia hum parlamentario, para saber o que pretendia a esquadra ingleza. Lancaster respondeo que por força ou por vontade exigia a carga do navio naufragado. No em tanto os Portuguezes, que tinhão mais de seiscentos soldados, guarnecião o forte á entrada da enseada. Apezar do fogo mal dirigido do forte, logo que a maré o permittio, avançou a esquadra e desembarcou a gente; a galera despedaçou-se em hum rochedo, e a mesma sorte tiverão outras embarcações: vencer ou morrer era a alternativa que restava aos Inglezes. Sete peças defendião o forte do Recife, mas Lancaster vendo que erão mal servidas, se precipitou contra o forte e o levou de assalto. Os Portuguezes aturdidos e intimidados fugírão para o interior da terra. Fez logo o almirante signal a toda a sua esquadra de entrar, e pondo guarnição no forte voltou a artilharia contra a cidade de Olinda, d'onde temia huma sortida.

Marchou então para occupar a cidade baixa ou do Recife; os habitantes fugîrão nas suas caravelas e canôas, abandonando aos vencedores os almazens, e tudo quanto possuião. Obtida a victoria, Lancaster houve-se com prudencia, manteve a disciplina, e não deixou commetter roubos á tropa. Fortificou o Recife com estacadas, e construio hum forte á entrada da enseada.

Entrou depois em negociação com os capitães dos navios hollandezes, que afretou para Inglaterra, com condições vantajosas, afim de levarem parte do despojo. Passados tres dias entrárão cinco navios francezes, dos quaes hum dos capitães tinha o anno antecedente salvado Lancaster de hum naufragio, na ilha de Mona nas Antilhas. Em reconhecimento do beneficio recebido, tratou os Francezes com benevolencia, e lhe fez presente de huma caravela carregada de pao brasil. Os mais capitães francezes, esperando ter parte no saque da cidade, se puzerão ás ordens de Lancaster. Passados tres dias, quatro dos principaes habitantes de Olinda tentárão negociar com o chefe inglez, mas este se esquivou passando de seu bordo para o de hum navio hollandez, e fez dizer aos Portuguezes, que faria enforcar o primeiro que ousasse vir propôr condições. Cumpre advertir que estes saqueadores osten-

tavão de muito religiosos, e tinhão de continuo na bocca o nome de Deos.

Toda a actividade de Lancaster se dirigia a buscar meios de conduzir á praia os generos que achára no Recife. Quiz a sua ventura que se apossasse de cinco carros do paiz, e no dia immediato lhe cahio nas mãos hum navio com quarenta Portuguezes e sessenta negros escravos. Lancaster deo a liberdade aos Negros, e teve a insolencia de obrigar os prisioneiros portuguezes a puxar as carroças carregadas do despojo, querendo poupar á sua gente a fadiga de tão rude trabalho em clima e estação tão quente.

Havia já vinte dias que Lancaster estava senhor do Recife, sustentando repetidos ataques, que, por mal dirigidos, pouco damno lhe causárão. Por tres vezes tentárão os Portuguezes incendiar a esquadra, lançando contra ella caravelas e jangadas inflammadas; tambem procurárão cortar-lhe as amarras, mas tudo foi frustrado pela vigilancia do chefe. Tendo já a bordo todo o despojo, e receiando novas tentativas incendiarias, dispoz-se a huma prompta partida. Lancaster esperava só pela maré da tarde para se fazer á vela, quando descobrio os Portuguezes postados em grande numero sobre hum banco de arêa, donde podião molestar muito a armada á sahida do porto.

Voltou logo ao Recife, e depois de consultar com os officiaes da esquadra, resolveo desalojar o inimigo, e para esse fim desembarcou trezentos Inglezes e Francezes que se senhoreárão da posição lançando d'ella os Portuguezes, e destruírão huma bateria. Ufanos com esta victoria se entranhárão pela terra dentro, mas envolvidos por todos os lados forão quasi todos mortos, e entre estes Barker, lugar-tenente de Lancaster, e dois capitães francezes. Lancaster levantou ancora na mesma noite, e fez-se á vela com quinze navios, que todos chegárão a salvamento aos portos de Inglaterra carregados do rico despojo, no mez de Julho.

A fabula inventada pelo celebre Inglez, Sir Walter Raleigh, de hum supposto paiz em que tudo era ouro, e que appellidou *El-Dorado*, despertou a cobiça dos Inglezes. Apenas se espalhou esta noticia, partio hum numero consideravel de aventureiros em cata da terra do ouro. Em quanto os Inglezes a procuravão na Guyana, navegava Gabriel Soares o rio de S.-Francisco até á sua origem, e adiantou-se até ás fronteiras da provincia de Charcas e do Perú; mas depois de fadigosa e arriscada peregrinação em que perdeo os mais dos companheiros, voltou ao Brasil sem ter encontrado minas de ouro. Pedro Coelho, colono da Paraiba, fez duas viagens consecutivas com o mesmo

fim, e na segunda parece ter feito descobertas que mais tarde facilitárão a formação de estabelecimentos no norte do Brasil.

A 18 de Septembro de 1598 morreo Felippe II no palacio do Escurial, deixando por successor seu filho Felippe III, rei inepto, devoto e frouxo.

1603. — Pedro Botelho, nomeado Governador general do Brasil, foi render D. Francisco de Sousa, o qual havia governado a colonia por espaço de onze annos. Botelho proseguio com ardor os projectos de Coelho, a quem nomeou capitão-mór e deo huma commissão para ir descobrir minas e formar colonias. Partio Coelho com oitenta aventureiros, muitos dos quaes sabião as linguas dos indigenas, e oitocentos Indios alliados os acompanhavão. Parte da expedição embarcou em duas caravelas, debaixo da direcção de hum piloto francez, mui practico de toda a costa; o corpo principal marchou por terra para o Ceará. Coelho augmentou alli as suas forças levando comsigo outros Indios civilisados pelos Jesuitas. Marchou immediatamente para a serra de Ibiapaba, mas os Tapuyas senhores d'esta serrania se oppozerão aos seus designios. Mel-Redondo hum dos seus chefes, apoiado por alguns Francezes debaixo das ordens de Montbille, resistio a principio vigorosamente, porêm os Portugue-

zes conseguîrão apoderar-se de tres postos fortificados. Mel-Redondo submetteo-se, e por mediação dos Francezes seus alliados obteve condições favoraveis. Mas outro chefe chamado Juripari porfiando na sua resistencia durante hum mez, obrigou os Portuguezes a abandonarem o territorio. Retirou-se Coelho para Jagueribe, que era da jurisdicção de Pernambuco, e fundou alli hum estabelecimento denominado *Nova-Lusitania*, e huma cidade a que deo o nome de *Nova-Lisboa*. A nascente colonia teria prosperado, se a tyrannia do chefe a não tivesse arruinado. Não só vendeo como escravos os Tapuyas prisioneiros de guerra, mas fez outro tanto aos Indios alliados, violando a lei protectora recentemente promulgada pela côrte de Madrid, que declarava livres todos os indigenas, e só permittia serem feitos temporariamente escravos os que fossem tomados com as armas na mão em guerra feita por ordem do governo. Os Tapuyas ultrajados e indignados de tão barbaro e desleal procedimento, abandonárão Coelho, e se dispunhão a tirar vingança de tão atroz injuria, quando elle procurou pôr-se a salvo retirando-se com sua mulher e filhos ao seu primeiro estabelecimento da Paraîba. No caminho perdeo dois filhos de pouca idade, que morrêrão de cansaço, e elle soffreo mil infortunios.

Elrei mandou dar a liberdade aos Indios vencidos por Coelho, mas as ordens regias forão mal executadas por colonos costumados a considerar os indigenas como bestas de carga.

Os Jesuitas tentárão por meio de brandura insinuar-se com os Tapuyas, e aproveitar-se dos estabelecimentos começados por Coelho. Estes selvagens são menos ferozes que os Cahetés; não matão os prisioneiros, e tem alguma cultura. Usão de sendalhas feitas de casca do *huraguá*, trazem braceletes, e fazem instrumentos musicos de sopro de ossos humanos, de cornos de animaes ou de canna. Festejão com canto e dansas a elevação e o occaso dos astros e das constellações, considerando-as como Divindades; e mudão de vivenda com mais frequencia que tribu alguma do Brasil. Antes de se pôrem em marcha consultão os adevinhos, para saber d'elles a direcção que convêm tomar; então banhão-se, esfregão depois o corpo com areia, tornão a banhar-se e raspão o corpo com pentes feitos da espinha de hum pequeno peixe, persuadidos que estas operações previnem o cansaço e agilitão o corpo. São mui dados á caça, celebrão a volta d'ella com musica, dansa, e jogos de luta. Furão as orelhas e abrem huma fenda no beiço inferior, que forma como segunda bocca. Diz-se que vivem mais que os outros indigenas. As mu-

lheres cultivão a mandioca e alguns legumes nos valles da serra, e colhem algum mel.

Os jesuitas Francisco Pinto e Luiz de Sequeira partírão de Pernambucó para a serra de Ibiapaba [1] com tenção de converter os Indios que a habitavão, autorisados pelo seu provincial e por Diogo Botelho governador de Olinda, e escoltados por setenta Indios domesticados. Depois de atravessarem densos bosques e vastos desertos, chegárão á Serra, e mandárão alguns dos Indios alliados a sondar as disposições dos Tapuyas. Os selvagens matárão todos os Indios, e corrêrão ao lugar onde os missionarios esperavão a volta dos seus desgraçados companheiros. O padre Pinto foi victima do furor dos Tapuyas; Luiz de Sequeira salvou-se com alguns dos seus Indios nos bosques do Ceará.

Guerra e pacificação dos Aymores. — Estes ferozes selvagens infestavão por tal maneira os contornos de S.-Salvador que os habitantes pedírão soccorro aos Pitaguares de Pernambuco. Oitocentos d'estes guerreiros escolhidos, capitaneados pelo padre Diogo Nunes, partírão, e quando chegárão á Bahia, já tinha cessado o perigo; mas o Governador em vez de despedir os

[1] Esta serra tem oitenta legoas de longo e vinte de largo. Vasconcellos e outros autores affirmão que todos os Tapuyas erão antropophagos.

Pitaguares, como elles o tinhão estipulado, quiz retê-los para a guarnição dos fortes, e para a defesa da capitania dos Ilheos. Insistirão os Indios, e já se dispunhão a combater, quando por intervenção dos jesuitas consentirão a ficar. He incerto se nesta occasião os padres forão complices da má fé do Governador, ou se obrárão por compaixão dos Indios que os colonos querião reduzir á escravidão.

Em quanto a cidade da Bahia gozava da tranquillidade, os Aymores assolavão as capitanias do sul. Em Santo-Amaro quasi todos os colonos tinhão sido victimas do furor d'estes ferozes selvagens; a capitania dos Ilheos foi quasi destruida. Em Porto-Seguro fizerão grande estrago.

Hum rico colono, chamado Alvaro Rodrigues, estabelecido a doze legoas ao sul da Bahia, sustentava huma guerra obstinada contra os Aymores. Em huma expedição contra elles tomou duas mulheres, que levou para a sua fazenda. Huma d'ellas morreo de paixão; mas a outra de tal modo se conformou com a sua situação, que não quiz voltar á sua tribu quando Alvaro lhe offereceo restituî-la; antes lhe rogou a conservasse, ainda que fosse como escrava. D'esta mulher se servio utilmente Alvaro Rodrigues para negociar huma paz duravel com os Aymores. Attrahidos por caricias e pre-

sentes consentírão por fim a mandar deputados a S.-Salvador, onde foi firmada a paz, quebrando hum dos chefes Aymores a ponta de huma frecha; ceremonia usada entre elles em signal de pacificação. Até aceitárão para residencia a ilha de Itaparica, cujo clima não lhes sendo favoravel, a abandonárão, mas mostrárão-se dispostos a adoptar os habitos dos Portuguezes. O jesuita Domingos Rodrigues novamente chegado de Portugal, se tinha ligado com os Aymores e aprendido a lingua d'elles. Este missionario contribuio muito á pacificação dos Aymores da capitania dos Ilheos, que a principio não seguírão o exemplo das tribus vizinhas de S.-Salvador.

1608. — Botelho, tendo governado o Brasil por espaço de cinco annos, foi rendido por D. Diogo de Menezes, o qual informado que os Francezes e Hollandezes frequentavão a costa do Maranhão, resolveo, para segurança d'estas paragens, formar hum estabelecimento no Ceará, e escolheo para esse objecto Martim Soares Moreno, com o titulo de capitão-mór, o qual na expedição da Serra de Ibiapaba tinha contrahido amizade com *Jacaúna*, hum dos principaes chefes dos Tapuyas. Confiado na protecção d'este chefe, partio acompanhado unicamente de dois soldados, e com o auxilio dos indigenas lançou os fundamentos de huma

povoação que denominou *Nossa Senhora do Amparo*, e começou a construcção de hum forte. Algum tempo depois tomou hum navio hollandez por abordagem, com Tapuyas vestidos e disciplinados á portugueza. Mas não lhe chegando os reforços que esperava, vio-se obrigado a retirar-se. Os Tapuyas vendo Francezes na costa, destruírão parte dos edificios começados.

1611. — Neste anno foi fundada a cidade de *Mugi das Cruzes* na capitania de S.-Paulo, a cousa de meia legoa do rio Tieté, a dez legoas ao éste nordéste de S.-Paulo, e a doze de Santos. As casas são de taipa.

1611 a 1612. — *Expedições francezas para conquistar o Maranhão. Estabelecimento de huma colonia perto da emboccadura d'este rio.* O capitão *Francisco Riffault*, armador de Dieppe, tendo-se ligado intimamente com hum chefe indigena d'esta costa, chamado *Ovyrapive*, este lhe offereceo o seu auxilio para fundar hum estabelecimento. Occupado d'este projecto voltou a França, e tornou ao Brasil a 14 de Março 1594, com tres navios. Abordou á ilha do Maranhão, depois de ter reprimido a insubordinação das tripolações, e haver perdido hum navio. Os Tupinambas lhe prestárão os meios de formar hum estabelecimento provisional; mas passado hum anno suscitárão-se

dissensões entre os colonos. Riffault partio para França deixando o commando a Carlos, senhor *des Vaux*, e veio propôr a Henrique IV a fundação de huma colonia permanente. Este projecto foi abraçado pelo Rei, e para proceder com pleno conhecimento, ordenou-lhe que voltasse ao Brasil, e deo-lhe por companheiros *Daniel de la Touche*, e *de La Rivardière*, dois protestantes bons nauticos, e que já tinhão feito muitas viagens ao Brasil. Estes dois officiaes, depois de terem residido seis mezes no Maranhão, voltárão a França, sendo já fallecido Henrique IV. A Regente occupada de outros cuidados, não attendeo logo a este negocio, mas em 1611 La Rivardière, debaixo dos auspicios da rainha Maria de Medicis, formou huma sociedade com *Nicolao de Harlay*, senhor *de Sancy*, o barão *de Molle* e *Gros-Bois*, e *Francisco*, senhor *de Rasilly* e *des Aumelles*, os quaes forão nomeados tenentes generaes de S. M. Christianissima nas Indias occidentaes e no Brasil. A expedição compunha-se de tres navios : a *Regente*, a *Carlota* e a *Santa-Anna*, e levava quinhentos homens de guarnição. A Rainha lhe deo huma bandeira com as armas de França pintadas em campo azul celeste com hum navio em cuja poppa apparecia a figura da Rainha em pé, e á proa Elrei seu filho tendo na mão hum ramo de oliveira, com a lettra :

Tanti dux fœmina facti. Esta frota partio de Cancale na Bretanha a 19 de Março 1612, arribou a Plymouth com hum temporal onde se demorou até 23 de Abril; então se fez á vela. A 7 de Maio avistou a grande Canaria, e a 11 o *Rio do Ouro* na costa de Africa. A 17 de Junho tomou o rumo de oéste, e a 24 aportou á ilha de Fernando de Noronha, onde se deteve até 8 de Julho. Encontrárão alli hum Portuguez com alguns Tapuyas de ambos os sexos, que se deixárão baptizar pelos capuchos que ião a bordo, e forão embarcados para servirem de interpretes. No dia 11 avistou a costa do Brasil, e a 26 entrou pela barra de Piriá, e ancorou a doze legoas do Maranhão em frente da ilha de *Upaonmery* a que Rasilly poz o nome de *Santa-Anna*, por ser dia d'esta Santa que desembarcou. D'alli foi á ilha Maranhão o padre jesuita *Claudio d'Abbeville*, chefe da missão franceza, plantou huma cruz em huma eminencia d'onde deitou a benção á ilha. Alli desembarcárão sem opposição dos Tupinambas, e achárão tres navios de Dieppe. Elevou-se hum forte em hum outeiro que dominava a entrada do porto, e foi guarnecido de vinte e duas peças de grosso calibre, denominado *Forte de S.-Luiz*, em honra de Luiz XIII, rei de França. A' bahia se deo o nome de *Santa-Maria*, em honra da Virgem, e da Rainha regente Maria de Me-

dicis. Dois outros fortes forão construidos, e os capuchos francezes que acompanhavão a expedição fundárão hum convento. A ilha continha então vinte e oito aldêas de Tupinambas, que se puzerão debaixo da protecção dos Francezes. O mesmo fizerão duas outras povoações, huma em *Cuma*, de onze aldêas, e a outra de dez, em *Tapuytapera*.

A ilha Maranhão, situada entre as emboccaduras de dois rios o S. Francisco e o Maranhão, está em 2° 3′44″ de latitude merid. A bahia em cuja frente está situada a ilha, se abre cem legoas ao suléste da emboccadura do rio das Amazonas, e penetra quasi doze legoas pelo continente. Do lado de léste he formada pela ilheta de Upaonmery ou de Santa-Anna. A ilha do Maranhão tem menos de vinte legoas em torno. A sua entrada oriental, chamada *Bocca do Piriá*, offerece huma barra perigosa, posto que alguns navios a tem atravessado: a barra occidental he de facil accesso, ainda para navios de maior porte, até na baixamar. Tres bellos rios a cingem e separão do continente de que dista duas legoas para léste e tres para oéste: o mais consideravel chama-se *Tabucurú;* ao sul o *rio dos Mosquitos* que forma huma ilheta. Cercada pela banda do mar de escolhos perigosos, e de bancos de areia, a ilha he como a chave de toda a provincia, cuja

costa semeada de baixos, de pequenos montes ainda mais perigosos, he guarnecida de mangueiras espessas sobre hum terreno movediço, onde as pisadas se desvanecem no mesmo instante, de sorte que he quasi impossivel caminhar. O clima he mui temperado; o inverno desde o fim de Fevereiro até ao mez de Junho he a estação das chuvas. Abunda a ilha em nascentes de agua doce, e he fertilissima. Fornece madeiras de tinturaria e de construcção, linho, açafrão, diversas gommas, ámbar-gris e crystaes. Tem muito barro e cal.

Á origem do nome *Marañon* dado pelos Hespanhoes, tem embaraçado todos os autores, e ainda nenhum deo d'elle explicação satisfactoria. Eu creio ter acertado com a verdadeira etymologia, que me parece ser o termo hespanhol *Maraña*, em portuguez *Maranha*, de que *Maranhão* he o augmentativo: equivale a emboccadura e costa emmaranhada.

Rasilly deixou o commando a La Rivardière, e voltou a França para se prover das cousas necessarias á colonia.

Foi acompanhado pelo padre d'Abbeville e levou comsigo seis Tupinambas, dos quaes tres morrêrão depois de desembarcarem em França: os outros tres forão baptizados em Paris, sendo padrinho e madrinha Luis XIII e a Rainha regente.

Primeira tentativa de conquista do Maranhão pelos Portuguezes, expedição de Jeronymo d'Albuquerque. — O novo Governador general Gaspar de Sousa havendo recebido do Rei ordem de ir explorar e conquistar as margens do rio Maranhão (8 de Outubro 1612), e o territorio ao norte do Brasil, confiou esta empreza a Jeronymo d'Albuquerque, e para facilitar a sua execução, o Governador foi residir em Olinda.

Albuquerque partio de Pernambuco com quatro barcas armadas e cem homens, e chegou ao rio Camuri, mas não encontrando alli situação conveniente para hum estabelecimento, dirigio-se ao *Buraco das Tartarugas*, que os indigenas chamão *Peruquaquará* que se vasa nos baixos de *Jericoacoará*. Alli construio hum forte de madeira defendido por estacadas, que denominou *Nossa Senhora do Rosario*. D'alli expedio Martim Soares Moreno em huma das barcas para ir reconhecer a ilha do Maranhão. Não recebendo novas d'elle, e vendo que o chefe principal dos Indios de Buapava recusava fazer alliança com os Portuguezes, Albuquerque deixou o sobrinho nas Tartarugas com quarenta homens, mandou as barcas a Pernambuco, e foi por terra ao Ceará com o resto da sua gente, depois de seis semanas de ausencia; o que muito desgostou o Governador.

1614.—*Segunda expedição de Jeronymo d'Albuquerque. Combate e convenção de Guaxenduba.* No mez de Maio, Diogo de Campos Moreno, nomeado sargento-mór do Brasil, chegou de Lisboa ao Recife com cem soldados a tempo que se estava preparando nova expedição ao Maranhão. Soube-se então que Martim Soares Moreno, que tinha sido mandado reconhecer a ilha do Maranhão, não podendo voltar por causa dos ventos contrarios, tinha ido a Hespanha, e que a guarnição do *Presidio do Rosario* repellira hum ataque dos indigenas, e os obrigára a pedir paz.

Soares tendo informado o governo hespanhol da formação do estabelecimento francez na ilha do Maranhão, o Governador teve ordem de empregar todos os meios para os expellir. Com este fim ajuntou na Paraîba toda a gente disponivel e Indios disciplinados, e deo o commando d'este corpo a Jeronymo d'Albuquerque, e Diogo de Campos Moreno, que devião reunir-se no porto do Rio-Grande do Norte. Esquipou huma pequena frota de dois navios, huma caravela e cinco caravelões, guarnecida de cem marinheiros e soldados portuguezes, e esperava tirar dos diversos presidios mais duzentos. A armada fez-se á vela a 23 de Agosto, e no mesmo dia passou diante do *Porto dos Francezes*, defronte do

Rio-Aviyajú, na capitania de Itamaracá. Proseguindo a sua derrota encontrou na bahia da Traição ou *Angutibiro*, hum caravelão que tinha sahido de Tartarugas a 8 de Junho. A 25 a expedição chegou ao Porto dos Buzios, e a 27 entrou no Rio-Grande. Fez-se resenha dos Indios alliados cujo numero se avaliava em quinhentos frecheiros, mas não apparecêrão mais de duzentos e trinta e quatro capitaneados por doze chefes.

A expedição fez-se á vela e aportou ao presidio das Tartarugas, onde Albuquerque fez toda a diligencia para ganhar a amizade dos Taramandezes de Titoya, que Martim Soares tinha pacificado; porêm o chefe principal *Juripariguaçu* (ou o Grande Diabo), lhe enviou dois mensageiros, escusando-se com o pretexto de huma epidemia mortifera que grassava na sua tribu. Este contratempo, e o conhecimento da alliança dos Tupinambas com os Francezes do Maranhão, decidîrão Albuquerque a retirar-se á pequena ilha de Piriá, onde aportou á bocca da noite, e a achou deserta. Effectuado o desembarque, Diogo de Campos foi de parecer que se entrincheirassem, mas Albuquerque resolveo marchar contra o Maranhão. Belchior Rangel que elle tinha mandado em huma lancha com seis soldados a reconhecer a ilha, voltou e disse, que tendo explorado todas as ba-

hiate agoras, não vira navio algum francez, nem tropa d'esta nação, e que da outra banda da bahia havia hum lúgar chamado *Guaxenduba* mui proprio para assentar hum acampamento, bem abrigado, e cuja entrada cingida de ilhetas ficava encoberta. A tropa apenas ouvio esta relação apertou com o chefe para que a conduzisse lá, estando mui descontente por não haver nascente d'agua na ilha, e ser má a dos poços que abrîrão, e Albuquerque, contra o voto de Campos, ordenou o embarque. Depois de quatro dias de navegação perigosa, chegárão a Guaxenduba, onde tomárão terra sem opposição, e no dia 28 de Outubro derão principio á construcção de hum forte, a que puzerão o nome de Santa-Maria.

A chegada d'esta expedição foi logo conhecida em S.-Luiz. A guarnição do forte S.-José, em Itapary, sobre a costa fronteira, advertida d'este acontecimento fez huma descarga de artilharia, e expedio huma lancha armada com vinte e cinco homens a bordo, commandados por *Dupratz*, para ir reconhecer o inimigo. Albuquerque estava disposto a atacâ-la, mas não poude alcançâ-la por entre os escolhos. Expedio então despachos a Pernambuco com tres caravelões, os quaes voltárão felizmente depois de terem passado perto de hum forte navio francez surto na bahia de Arroagy.

La Rivardière, informado do estado das cousas, tinha feito sahir huma esquadilha ás ordens de M. de Pizieu seu lugar-tenente. Ajudado por Dupratz e Rasilly, aprezou á bocca da noite tres navios portuguezes, de seis que encontrou. Entretanto começavão a faltar os viveres no campo portuguez, e não os podião receber de Pernambuco em razão das emboscadas dos Francezes. Cresceo o perigo com a chegada de La Rivardière, que trazia sete navios e quarenta e seis canôas em que ião quatro mil Tupinambas e quatrocentos Francezes. Mandou logo dois destacamentos occupar huma altura que dominava o forte da Natividade onde se estabelecêrão. Cada Tupinamba se tinha munido de faxinas para se fortificarem, e abrîrão trincheiras para conservar as communicações com a frota. D'esta maneira achárão-se os Portuguezes completamente cercados e reduzidos á alternativa de se renderem ou de combater. Albuquerque de accordo com os seus officiaes, tomou este ultimo partido, dividio a sua tropa em dois corpos, cada hum de setenta soldados e quarenta Tapuyas, hum d'elles destinado a forçar a altura, e o outro a fazer face ás tropas desembarcadas na costa. Depois de hum curto mas renhido combate em que morreo Pizieu, os Francezes se retirárão detrás dos seus entrincheiramentos na altura, e

forão perseguidos pelos Portuguezes, que tomárão e destruírão os outros redutos. Nesta acção tiverão cento e quinze mortos, e nove forão feitos prisioneiros, entre os quaes havia alguns officiaes de distincção. Dos Portuguezes morrêrão só dez, e dezoito feridos. No dia seguinte, 20 de Novembro, perto de setecentos Tupinambas de Cuma apparecêrão em dezaseis grandes canôas no rio Mony (ou Muni) vindo unir-se aos Francezes; mas não podérão desembarcar, achando a costa guardada pela tropa portugueza. Buscando outro sitio conveniente encontrárão alguns fugitivos que os informárão da derrota dos Francezes, o que os decidio a voltarem para suas habitações.

Seguio-se huma correspondencia entre os dois commandantes, e no dia 27 La Rivardière propoz huma capitulação que foi aceita por Albuquerque. As principaes condições erão as seguintes:

1° Haverá suspensão de hostilidades até o fim do anno.

2° Cada hum dos belligerantes mandará hum official á côrte de França e á de Hespanha para expôr a Suas Magestades christianissima e catholica o estado das cousas.

3° Nenhum Portuguez, excepto os commandantes e as pessoas do seu serviço, poderá approximar-se a dez legoas dos fortes ou postos

francezes, sem para isso obter licença expressa.

4º Aquelle dos dois partidos que, pelo tratado definitivo, receber ordem de evacuar o paiz, a executará dentro de tres mezes.

5º Os prisioneiros de guerra serão reciprocamente restituidos.

Os Portuguezes fizerão huma procissão em acção de graças, e começárão a construir huma igreja dedicada a Nossa Senhora da Ajuda.

Os Tupinambas receiando verem-se reduzidos á escravidão, por qualquer dos dois partidos que ficasse vencedor, como tinha acontecido aos Tapuyas vendidos por Pedro Coelho, depois da sua expedição de Ibiapaba, mostrárão disposições hostis; mas forão apaziguados por Diogo de Campos que La Rivardière conhecia das guerras de Flandres, e pelo padre Manoel da Piedade que o commandante francez tinha chamado para conferirem com elle. Campos e o padre aproveitárão a occasião para visitarem hum convento de capuchos onde tinhão chegado ultimamente de França dezasete debaixo da direcção de Fr. Archangelo de Pembrock. Este frade lhes disse que a Rainha regente tinha tenção de chamar para França La Rivardière, « homem de grandes partes, mas cujas virtudes erão maculadas pelos erros da sua abominavel heresia. » Pizieu devia succeder-lhe.

Gregorio Fragoso e Dupratz forão expedidos a Paris. O primeiro era encarregado de expôr ao embaixador de Hespanha os factos seguintes: o direito incontestavel dos Portuguezes a estas terras onde tinhão mais de tres mil colonos, e muitas cidades e villas; o estado florescente da colonia franceza que tinha achado novas madeiras de tinturaria e huma pescaria de perolas, e tinha hum porto onde acolhião os piratas que infestavão a costa do Brasil, e a de Africa que lhe fica fronteira; a detenção arbitraria de muitos Portuguezes prisioneiros, obrigados a trabalhar como escravos, para não irem descobrir estes factos aos estabelecimentos portuguezes do Brasil. Os colonos francezes parecião dispostos a entregar-se á Inglaterra, se a França os abandonasse; mas os Portuguezes desejavão conservâ-los, em razão da sua alliança com os Tupinambas, para assim debellarem os Hollandezes que se tinhão fortificado no Cabo do Norte, perto da emboccadura do Amazonas.

Fragoso munido d'estas instrucções embarcou-se com Dupratz a bordo de hum navio francez. Diogo de Campos partio para Hespanha; e os Portuguezes para pagar a passagem d'elle forão obrigados a vender por duzentos mil réis a caravela tomada na bahia de Guaxenduba. Fez-se á véla em Janeiro 1615, acompanhado de Mr. Malhart.

A convenção foi pouco depois quebrantada pelos Portuguezes. Jeronymo d'Albuquerque tendo recebido da Bahia e Pernambuco reforços conduzidos por Francisco Caldeira Castello Branco, e tropas de Portugal debaixo de Miguel de Sequeira Sanhudo, intimou a La Rivardière a cessação do armisticio, e exigio a entrega da ilha do Maranhão como pertencendo incontestavelmente aos Portuguezes. O commandante francez consentio em evacuar a ilha e todos os fortes dentro de cinco mezes, com tanto que se lhe pagasse o valor do material que alli deixaria, e que se lhe fornecessem transportes para elle e a sua gente. Fez logo entrega (a 31 de Julho) a Caldeira do forte de Itapary, que os Francezes tinhão construido na ilha de S.-Luiz.

Chegou Diogo de Campos a Lisboa no mez de Março, e informou o arcebispo de Goa, D. Aleixo de Menezes, vice-rei de Portugal, dos successos do Maranhão. Este prelado olhando como piratas os Francezes que tinhão occupado o Maranhão, deo ordem a Gaspar de Sousa, governador de Pernambuco, que os expulsasse. Em consequencia Sousa fez partir huma expedição de sete navios e nove caravelas, com novecentos homens commandados por Alexandre de Moura. Depois de alguns dias de navegação a frota entrou a 5 de Octubro na mesma

bahia de Piriá onde os Francezes tinhão desembarcado tres annos antes. No primeiro de Novembro seguinte Moura surgio na bahia de S.-Marcos, acompanhado de Jeronymo d'Albuquerque, e desembarcou na praia de S.-Francisco onde construio hum forte de madeira, a que poz o nome de *S.-Francisco* ou da *Sardinha*.

O forte S.-Luiz foi investido e se rendeo. O governador La Ravardière se embarcou com quatrocentos homens. Alguns Francezes que tinhão casado com mulheres indigenas, ficárão na ilha. Para perpetuar a memoria d'esta victoria obtida no primeiro de Novembro, o commandante portuguez deo á ilha o nome de *Todos os Santos*, que não conservou muito tempo.

§ 5. — *Fundação de Belem ou Pará.* Moura em virtude da sua commissão nomeou Jeronymo d'Albuquerque capitão-mór da conquista do Maranhão, e Francisco Caldeira de Castello Branco, com a mesma patente, para governar o Grão-Pará, explorar o paiz, formar outra colonia mais perto do rio, e estabelecer os direitos da corôa de Portugal sobre o territorio adjacente. Caldeira abordou com tres navios e duzentos soldados á margem oriental do Moju, entrando-o pelo Grande-Rio; começou a 3 de Dezembro a lançar os alicerces da cidade de Nossa Senhora de Belem, e fez construir hum forte de madeira. A situação foi mal escolhida.

Diversas nações indigenas, e particularmente os Tupinambas se oppozerão ao estabelecimento d'esta colonia, instigados pelos Hollandezes, e por alguns Francezes e Inglezes que tinhão entrado no Amazonas.

1615. — *Estabelecimento da cidade de Cabo-Frio.* Esta povoação situada na provincia do Rio de Janeiro, na borda meridional do lago Araruana perto da sua extremidade oriental, foi erigida em cidade em 1615, depois da expulsão de alguns piratas que procuravão estabelecer-se alli para fazer o commercio de madeiras de tinturaria.

1616. — *Levantamento dos Tupinambas.* Mathias de Albuquerque, filho de Jeronymo d'Albuquerque, que commandava em Cuma, tinha ido a S.-Luiz chamado por seu pai. Durante a sua ausencia vierão a Cuma alguns Tupinambas do Pará com cartas de Caldeira para Albuquerque, de que se encarregou hum Indio convertido chamado Amaro, mui affecto aos Francezes. Este fez crer que as cartas encerravão a ordem de os fazer escravos. Cheios de indignação contra os Portuguezes, matárão cruelmente a trinta homens da guarnição, e as tribus todas tomárão as armas. Os Indios atacárão o forte de Belem com grande coragem, e talvez o tivessem tomado, a não terem perdido o seu valente chefe. Pouco depois o capitão Bento Ma-

iel chegou de Pernambuco com huma força
uxiliar de oitenta Portuguezes e quatrocentos
ndios disciplinados. Com esta força perseguio
os Tupinambas desde S.-Luiz até ao Pará, ma-
ando e aprisionando grande numero d'elles.
Amaro foi aprisionado, e expirou pela explosão
d' huma peça á bocca da qual foi atado, e a
ue se deo fogo.

1618. — A 11 de Fevereiro d'este anno mor-
eo Jeronymo d'Albuquerque com setenta an-
nos de idade, geralmente estimado por sua
austera virtude e grande valor. Tinha nomea-
o por successor seu filho primogenito Anto-
io, dando-lhe por adjunctos Bento Maciel
Parente, e Domingos da Costa Machado; po-
ém Antonio de Albuquerque, morto o pai,
ulgou não carecer de conselheiros. Machado
ão insistio, mas Maciel mostrou-se resentido,
e fallou com tal altivez, que o governador o
prendeo e remetteo a Pernambuco para ser em-
barcado para Lisboa com Machado, que ia soli-
citar a remuneração dos seus serviços.

Discussões no Pará. — Antonio Cabral, so-
brinho de Caldeira, tinha concebido mortal ini-
mizade ao capitão Alvaro Neto, bom official
e geralmente estimado, e hum dia encontran-
do-o no lugar menos publico da cidade, o ma-
tou á traição. Suscitou-se hum grande clamor,
prodem Paulo da Rocha, e Thadeo de Passos,

amigo de Neto, e vendo Caldeira lhe pedem justiça e o castigo do matador; mas elle tambem inimigo de Neto, não lhes dá ouvidos, e estes officiaes temendo o rancor de Caldeira, se refugiárão no convento de S. Antonio. Todavia o governador dissimulou, e fez prender o sobrinho, mas poucos dias depois o soltou com o pretexto que os seus serviços erão necessarios contra os Indios. Então tirando a mascara exigio dos frades a entrega dos dois officiaes, e não annuindo estes, mandou setenta soldados para forçar o convento; o que elles repugnárão fazer. Emfim levantou-se a guarnição indignada na madrugada seguinte; prendem, mettem a ferros Caldeira, e nomeão governador Balthasar Rodrigues de Mello. Este, vista a urgencia, aceitou, e deo parte a D. Luiz de Sousa Governador general do Brasil e á côrte de Madrid.

Entretanto Domingos da Costa entregou Maciel a D. Luiz de Sousa que ainda residia em Olinda; mas o governador reconheceo a injustiça das accusações de Antonio Caldeira, e lhe deo hum commando contra os Tupinambás. Confirmou Antonio de Albuquerque no governo, e nomeou-lhe por adjuncto Domingos da Costa, e em caso de empate, adjungio-lhe o ouvidor geral Luiz de Madureira. D. Antonio recusou conservar o cargo com estas

condições, dimittio-se, e partio para Madrid.

No mesmo navio que tinha conduzido Domingos da Costa a S.-Luiz, partio tambem Jeronymo Fragoso de Albuquerque, primo de Antonio, o qual fôra nomeado capitão-mór do Pará. Levava ordem de embarcar presos para Portugal o matador Cabral; seu tio Caldeira, os dois officiaes autores da sublevação, e Balthasar Rodrigues, por ter aceitado o governo.

Nada pode igualar a crueldade de Bento Maciel na guerra que fez aos Indios da provincia; desde a margem opposta á ilha do Maranhão até á cidade de Belem, poz tudo a ferro e fogo, matando ou reduzindo á escravidão os desgraçados indigenas. Em vão lhe fez representações o governador do Pará, sobre tão barbaro e impolitico procedimento. Replicou Maciel com arrogancia tal, que Fragoso de Albuquerque resolveo tirar o mando a este deshumano devastador; mas huma morte imprevista o arrebatou tão rapidamente que só teve tempo para designar a seu primo Mathias de Albuquerque por seu successor. Os colonos não quizerão reconhecê-lo, e a autoridade foi disputada entre diversos concurrentes. Finalmente ficou o governo em mãos de Pedro Teixeira, havendo o sanguinario Maciel, que tambem o pretendia, sido expulso pelo povo. Em vão tentou elle voltando á cidade tramar huma

conjuração contra Teixeira, porêm vendo pela vigilancia d'este frustrados os seus malevolos intentos, foi edificar hum forte nas fozes de Itapicuru.

A colonia de Maranhão prosperou constantemente debaixo da administração de Domingos da Costa, e desde a morte de D. João III nunca a metropole tinha posto tanto desvelo na conservação dos estabelecimentos do norte do Brasil, cuja importancia começava a conhecer.

1621. — Jorge de Lemos Betencourt, debaixo da promessa de huma commenda, trouxe das ilhas dos Açores duzentos colonos, que forão em breve seguidos por mais quarenta. Este reforço chegou a proposito para reparar as perdas de gente causadas pelas bexigas, de que os Indios alliados tinhão soffrido muito. O governador dos Açores, que era da familia Betencourt, tinha feito hum contracto com o governo para fornecer colonos ao Brasil, o que foi de grande proveito, por serem em geral homens laboriosos e atilados.

CAPITULO V.

O Brasil debaixo de Felippe IV. — 1621 a 1640.

1621 a 1622. — Morto Felippe III, succedeo-lhe seu filho Felippe, quarto de Hespanha e terceiro de Portugal, e em 1622 nomeou Diogo de Mendonça Furtado Governador general do Brasil, o qual trouxe comsigo Antonio Moniz Barreiros, rico habitante de Pernambuco, em qualidade de provedor-mór da fazenda real, obrigando-se elle a estabelecer fabricas de refinação do assucar no Maranhão. Para facilitar a execução d'este projecto exigio Barreiros que fosse nomeado seu filho governador de S.-Luiz, o que conseguio apezar da pouca idade d'elle, dando-lhe para o aconselhar o padre Figueira, jesuita, que com outro padre da Companhia tinha vindo da Europa com Barreiros. Apenas estes dois religiosos chegárão ao Maranhão logo os habitantes se ligárão contra elles, convencidos que se declararião contra o systema de oppressão dos Indios seguido pelos colonos. Chegou o furor do povo

a tal excesso que o senado da Camara para salvar os dois jesuitas, vio-se obrigado a requerer a sua expulsão da ilha. O padre Figueira, presente á deliberação, protestou que antes se deixaria fazer em pedaços, que consentir em infamar o proprio caracter faltando ao seu dever.

O novo capitão-mór e o seu predecessor Domingos da Costa procurárão apaziguar o povo, mas para o conseguir tiverão os jesuitas que assignar hum termo, obrigando-se a não se intrometter com os Indios escravos sob pena de serem banidos, e de perderem os padres todas as possessões que tinhão na ilha.

Por esta mesma epocha, conseguio Maciel ser nomeado capitão-mór do Pará, e fez huma horrivel matança dos Tupinambas em diversas expedições successivas commandadas por Teixeira, agora seu ajudante.

1623. — Na primavera d'este anno, chegou de Madrid Luiz Aranha de Vasconcellos, com a commissão especial de explorar o rio das Amazonas e reconhecer todos os pontos da sua embocadura, que estavão então occupados pelos Hollandezes ou por aventureiros. Devia abordar a Belem, e ahi decidir-se em conselho de que lado começaria as suas indagações. Concluio-se que fosse da banda do sul, onde se suppunhão estarem estabelecidos alguns armadores hollandezes.

Correo então a noticia, que Vasconcellos estava no rio Curupa cercado pelos Indios. Partio immediatamente Maciel a soccorrê-lo, com setenta soldados portuguezes e mil Indios frecheiros embarcados em huma caravela e vinte e duas canôas de guerra. Encontrárão Vasconcellos que retrocedia, sendo falso o haver sido cercado. Tinha encontrado aventureiros habitando, tanto sobre o rio Curupa, como nas margens do rio Amazonas, e não poude effectuar a sua exploração por falta de forças sufficientes. Determinárão por tanto começar de novo a exploração com Teixeira em huma caravela, em quanto Maciel costeasse com as mais embarcações para sondar e examinar todos os rios até ao Curupa, onde se devia reunir toda a expedição. Effectuou-se esta juncção não sem custo, por quanto Teixeira correo grande risco entre os baixos, pelas correntes, tempestades e navios inimigos que frequentavão estas paragens. Outro destacamento que devia seguir Maciel, chegou do Pará.

Tornárão a fazer-se á vela, e encontrárão sobre as margens do Curupa muitos aventureiros Francezes, Inglezes e Hollandezes entrincheirados, e auxiliados por hum grande numero de Indios. Desalojou-os Maciel das trincheiras, queimou-lhes as feitorias e adiantou-se para a ilha dos Tocujós, huma das situadas

na emboccadura do rio Amazonas. Havia tambem alli algumas feitorias bem fortificadas, que forão todavia desamparadas logo que appareceo a esquadrilha portugueza. Em quanto Maciel perseguia os fugitivos no interior da ilha, soube que hum navio de alto bordo viera em seu alcance; voltou logo a atacá-lo, poz-lhe fogo, e da tripolação só hum grumète escapou.

Intentára Maciel de principio formar hum estabelecimento na ilha dos Tocujós, mas renunciando a este designio remontou o Curupa, e em hum lugar chamado Marcocay, fez elevar hum forte, que ainda hoje conserva o nome de S.-Antonio que elle lhe deo. Tendo assim conseguido o fim que se propuzera, voltou a Belem. Desde esta expedição tomou Maciel com ostentação o titulo de *primeiro investigador e conquistador dos rios Curupa e Amazonas*. Aranha de Vasconcellos, que o precedêra, assumio o mesmo titulo; mas a pueril vaidade de ambos não tinha fundamento algum. Orelhana e Aguirre tinhão explorado o Amazonas, e o labyrintho de ilhas e baixos que Maciel acabava de passar tinha sido explorado meio seculo antes pelo piloto da costa chamado Marinho, cujos roteiros ainda conservavão para por elles se governarem aquelles que emprehendião esta difficil navegação.

1624. — Estas novas conquistas forão justamente consideradas pelo governo hespanhol como importantissimas, e derão lugar á nova divisão politica do Brasil. Em 1624 a Côrte de Madrid separou as possessões do Maranhão e do Pará do Governo geral do Brasil, debaixo do titulo de *Estado*. Francisco Coelho de Carvalho foi o primeiro Governador d'estas possessões unidas.

Formação da Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes. — A intoleravel oppressão de Felippe II provocou a obstinada resistencia dos habitantes das provincias de Hollanda e Zelandia, e fez de hum limitado territorio em grande parte pantanoso, e a gran custo defendido por diques contra a inundação do mar, hum estado poderoso que dentro de breves annos obrigou o orgulhoso monarcha da Hespanha a reconhecer a sua independencia, e a firmar com os Estados-Geraes huma tregoa de doze annos. Este prodigioso resultado foi devido ás instituições livres adoptadas por huma nação cansada do obedecer ao poder arbitrario de despotas e tyrannos. Felippe IV, em idade de dezaseis annos, incapaz de reinar, entregou-se ao conde (depois duque) de Olivares, ambicioso sem talento, que accelerou a ruina da Hespanha e o desmembramento d'aquella immensa monarchia. Rompeo a tregoa feita com

os Hollandezes, durante a qual estes activos republicanos consolidárão o seu poder e grangeárão grandes riquezas, creárão huma formidavel marinha militar, e cobrîrão os mares dos seus navios mercantes. Aproveitando a incuria da Côrte de Madrid, e o decadente poder dos Portuguezes na India, apoderárão-se das Molucas, dos portos de Java onde fundárão Batavia, e de muitos outros estabelecimentos fundados com tanto custo pelos Portuguezes na epocha da sua gloria. Agora calculando as vantagens commerciaes que resultarião da conquista do Brasil, e a grande utilidade de obrigar a Hespanha a dividir as suas forças na nova lucta que se preparava, resolvêrão os Hollandezes formar outra companhia semelhante á das Indias Orientaes que tanto tinha prosperado. Foi projectada a 3 de Junho de 1621 por João Usseling de Anveres. Os principaes negociantes de Amsterdam offerecêrão aos Estados Geraes fazer a conquista do Brasil, com condição de conservarem por hum certo numero de annos a posse d'elle. Os Estados Geraes, desprezando os futeis argumentos dos que erão oppostos ao projecto, o acolheo favoravelmente, e concedeo á nova Companhia o privilegio exclusivo de commerciar no Brasil por espaço de trinta annos, contados desde 1624. Esta associação composta de negociantes e proprieta-

rio, repartio-se em quatro camaras, estabelecidas em Amsterdam, na Zelandia, em Rotterdam, e na Hollanda Septentrional. A primeira devia entrar com a metade dos fundos, a segunda, com hum quarto, e as duas outras com hum oitavo cada huma. Os Estados Geraes se obrigárão a contribuir com hum milhão de florins pagos dentro de cinco annos, e a fornecer dezaseis naos de guerra e quatro fragatas. Alem d'isso, promettêrão outros auxilios, em caso de necessidade, e prohibirão aos outros cidadãos o commerciar com o Brasil e com a costa opposta de Africa, situada entre o cabo da Boa Esperança e o tropico do Cancer.

As camaras nomeárão administradores particulares em cada cidade livre, e dezanove directores geraes, escolhidos entre as personagens as mais opulentas. O principe Mauricio foi nomeado chefe honorario da Companhia. Os directores devião residir na Haya, munidos de amplos poderes para nomear a todos os empregos civis, administrativos, militares e judiciaes; erão encarregados de tudo o que dizia respeito á guerra, á marinha, á justiça, e de propagar a religião christan no Brasil. Tinhão a faculdade de esquipar ou fretar navios, de alistar soldados, de registar os navios voltando da America, de distribuir a cada camara e vender as carregações, em proporção do nu-

mero de acções respectivo. Devião dar contas á Sociedade de seis em seis annos.

Expedição hollandeza contra o Brasil. — Esta expedição constava de trinta e dois navios de vinte e oito a trinta e seis peças, com mil e seiscentos soldados, alistados por tres annos e pagos adiantado. Treze d'estes pertencião ao Estado; os outros erão da Companhia. Esta frota bem provida de artilharia, munições e mantimentos para dois annos, era commandada pelo almirante Jacob Willekens, natural de Amsterdam, official mui habil de mar e terra. A infantaria era capitaneada pelo coronel João Van Dort, homem de reconhecido valor e experiencia. Partio do Texel a 22 de Decembro 1623, e chegou a 21 de Janeiro 1624 á altura das ilhas do Sal, e de S.-Antonio, onde hum temporal dispersou a frota. Juntou-se de novo na ilha de S.-Vicente de Cabo-Verde, onde se demorou cinco semanas para se refazerem. Seguindo então sua derrota, foi segunda vez dispersada a 12 de Abril por huma violenta tempestade. Van Dort com alguns navios foi lançado pelos ventos perto da costa de Serra Leôa. O almirante Willekens tendo passado seis graos ao sul do equador, a 21 de Abril, abrio os despachos sellados, que lhe ordenavão de ir occupar a Bahia de Todos os Santos. Continuou a viagem com vinte e cinco navios,

e sete lanchas armadas, e chegou a 9 de Maio ao Morro de S.-Paulo, a doze legoas da Bahia, onde esperou por Van Dort.

O Governador e Capitão General do Brasil Diogo de Mendonça Furtado, avisado da chegada de hum navio d'essa armada pelo capitão do posto de Boypeba, fez ajuntar toda a gente capaz de pegar em armas, e tirou de quatorze navios da frota de Angola os poucos soldados que tinhão a bordo, (sete ou oito em cada hum). No dia vinte e cinco o capitão de Seregipe deo aviso que sete navios grandes da frota inimiga se achavão entre aquelle rio e o de S.-Francisco, e era presumivel que não vinhão unicamente buscar madeiras de tinturaria. O Governador tendo ajuntado mil e seiscentos homens de infantaria, os repartio em quinze companhias, das quaes postou sete na praça d'armas, seis na cidade, e duas em S.-Antonio, onde o inimigo podia desembarcar com maior facilidade que nos outros pontos igualmente accessiveis de toda a praia que se extendia duas legoas até Tapagipe. O forte novo da cidade foi guarnecido de seis peças e cincoenta gabiões, e a praça bem fortificada tinha huma guarnição de quatro companhias de soldados. Assestou-se huma bateria de seis peças na cidade[1],

[1] A cidade continha então mil e quatrocentas casas, e sete conventos.

e outra de quatro junto á pessoa do Governador. Seiscentos fusileiros forão reservados para a defesa de outros pontos. Os fortes de Tapagipe, e S.-Antonio forão guarnecidos o melhor que foi possivel, e abrîrão-se trincheiras para obstar ao desembarque do inimigo. A barra, onde havia sete a oito braças de fundo, foi protegida por hum forte guarnecido de artilharia. O bispo D. Marcos Teixeira usou de toda a sua influencia para excitar os cidadãos e os soldados a defender os seus lares, e até offereceo marchar á sua frente [1].

Havia quatro semanas que o inimigo estava nestas paragens. Os soldados do Reconcavo pedião licença de voltar a suas casas para se proverem do necessario, e o Governador não poude retê-los. Neste comenos as sentinelas descobrîrão a armada inimiga. No dia seguinte (10), a armada hollandeza entrou na bahia, apezar do fogo da bateria de S.-Antonio, e das de dezoito navios mercantes, e do valor dos Portuguezes animados pelo bispo que andava em huma chalupa expondo-se a todos os perigos. O vice-almirante Pedro Heyne tomou dezaseis navios portuguezes, apossou-se de huma bateria de oito peças, e expulsou d'ella seiscentos

[1] Brito Freire diz pelo contrario, que o bispo se oppoz á chamada das forças do Reconcavo.

homens que a guarnecião. No mesmo dia desembarcárão mil e quinhentos soldados escolhidos, os quaes por hum caminho tortuoso e emmaranhado de arbustos, ganhárão a altura perto da ermida de S.-Pedro: Os habitantes espavoridos fogem levando o que possuião de mais precioso, e apezar de haver na cidade cinco mil capazes de tomar armas, foi cobardemente abandonada por culpa dos chefes. Os Portuguezes fizerão alguma resistencia no convento de S.-Bento, no collegio dos Jesuitas e no mosteiro de S.-Francisco. O Governador com sessenta soldados tentou resistir, mas vendo artilharia assestada contra o palacio onde se tinha fortificado, entregou-se com seu filho, e ambos forão embarcados para Hollanda. Os historiadores Portuguezes não só procurão desculpar o Governador, mas até dão louvores excessivos ao seu valor; porêm he manifesta a sua incapacidade e incuria. Talvez fosse valente de sua pessoa, mas por certo era inhabil capitão.

Van Dort que estava com parte da armada perto do Morro de S.-Paulo, entrou na bahia com doze navios. Na sua ausencia entrárão os marinheiros e soldados pelas igrejas, e roubárão os vasos sagrados e muitas imagens de prata. Van Dort repartio a sua tropa pela cidade, e examinou os diversos pontos que convinha fortificar. Para conciliar a amizade dos

Tapuyas que os Portuguezes tinhão feito escravos, prohibio com pena de morte, tratar como escravos qualquer individuo que não fosse negro de Africa, mulato filho de Portuguez e de huma negra, e os mamalucos ou mestiços nascidos de mãi India e de pai Portuguez. Proclamou huma inteira liberdade de consciencia a todos os que se submettessem, prestando juramento de fidelidade e obediencia aos Estados Geraes e ao principe Mauricio. No espaço de dois mezes mil duzentos habitantes, comprehendidos dois Judeos, prestárão juramento ao Governo hollandez.

O almirante expedio para os portos da Hollanda nove navios carregados dos productos os mais preciosos da terra, como assucar, pao Brasil, gingivre, tabaco, e duas mil libras de prata achada nas prezas.

Senhores de S.-Salvador, os Hollandezes resolvêrão atacar os outros estabelecimentos Portuguezes do Brasil, e da costa de Africa.

O bispo D. Marcos Teixeira, acompanhado de alguns officiaes civis e ecclesiasticos, tinhase retirado ao Espirito-Santo, aldêa de Indios, e residencia dos Jesuitas junto ao Rio-Vermelho a huma legoa da cidade. Os habitantes dispersos pelos bosques se reunîrão, e considerando o Governador Furtado de Mendonça como morto civilmente, as autoridades civis e ecclesiasticas

abrîrão os despachos d'Elrei, em que Mathias de Albuquerque era designado successor no governo, o qual estava então governando Pernambuco fazendo as vezes de seu irmão Duarte Coelho. Por conselho do bispo começárão a fortificar os lugares mais proximos da cidade. Antão de Mesquita de Oliveira, Ouvidor geral do Brasil, foi nomeado chefe de seis companhias commandadas pelos capitães Lourenço de Brito, Lourenço Cavalcante de Albuquerque, Francisco de Barbuda, Melchior da Fonseca, e Diogo da Silva. A direcção das operações militares foi confiada aos coroneis Antonio Cardoso de Barros[1], e Lourenço Cavalcante de Albuquerque. O bispo, tomando por estandarte hum crucifixo, aceitou o commando. O numero dos Portuguezes reunido neste lugar era de perto de quatrocentos, com duzentos e cincoenta Indios civilisados, e tinhão nove peças de artilharia de hum navio que escapára.

Abrîrão trincheiras para defender os postos, e armárão ciladas aos Hollandezes, em algumas das quaes forão mortos ou aprisionados alguns inimigos. A 15 de Junho Van Dort fez huma sortida para reconhecer o acampamento portuguez, pelo sitio chamado *Agua dos Meninos*, e encontrou hum destacamento

[1] Rocha Pitta o denomina *João Barros Cardoso*.

ás ordens do capitão Francisco de Padilha, chefe dos estabelecimentos do Rio-Vermelho, o qual atacou Van Dort e o matou da sua propria mão. A cabeça do chefe hollandez foi mandada ao Bispo. Foi grande perda para os invasores, por ser official mui distincto que tinha militado trinta annos. O mestre de Campo Alberto Schoutens, nomeado em seu lugar, morreo de hum tiro de mosquete poucos dias depois. Seu irmão Wilhem que lhe succedeo, não poude manter a disciplina, e os Hollandezes forão maltratados em alguns combates. No dia 3 de Septembro hum pequeno corpo de tropas capitaneado pelos capitães Antonio de Morales, Francisco Brandão e Antonio Machado matou quarenta e cinco Hollandezes, e ferio muitos. O capitão Affonso Rodrigues Adorno, atacou em outro ponto hum destacamento hollandez que tentava apoderar-se de hum engenho de assucar na ilha d'Itaparica, matou treze e tomou dois, com algumas barcas cheias de munições. Em outros encontros, a 12 e 15 de Outubro, ficou tambem a vantagem aos Portuguezes.

Mathias de Albuquerque, não julgando prudente sahir de Pernambuco, nomeou para chefe das forças do Reconcavo a Francisco Nunes Marinho d'Eça, official experimentado, que tinha servido na India, e em outros pai-

zes, e tinha sido capitão-mór da Paraíba. Este partio com muitas munições, para soccorrer, não só esta capitania, mas tambem as de Seregipe, Ilheos e Porto Seguro. Os Portuguezes continuárão a inquietar os Hollandezes. O Bispo reassumio as suas occupações ecclesiasticas.

Na mesma epocha D. Francisco de Moura, nascido no Brasil, e Governador de Cabo-Verde, que tinha militado na India, partio por ordem d'Elrei com o titulo de Governador e Capitão-general do Brasil. Chegou a Pernambuco, e a 3 de Dezembro occupou-se em fazer resenha das forças militares da capitania. Na praça havia duzentos e quarenta homens, e duzentos e onze nas estancias vizinhas, e na proximidade da cidade, trezentos e sessenta e seis. Soube por Manoel de Sousa de Eça, que no Reconcavo havia dois mil homens capazes do serviço militar.

Entretanto o almirante Willekens fez-se á véla para Hollanda com onze navios, deixando o mándo da esquadra ao vice-almirante Heyne, o qual poucos dias depois partio com o fito de surprehender Angola e fazer escravos. O Governador Fernão de Sousa tinha recebido reforços, e Heyne não se julgando com forças sufficientes para realisar o seu projecto, voltou á Bahia com boas prezas que tinha feito. Pouco depois fez huma tentativa infructifera contra o

Espirito-Santo. Salvador de Sá, filho do Governador do Rio de Janeiro que alli se achava com reforços para o Reconcavo, repellio os Hollandezes em dois ataques, e os obrigou a se retirarem com perda de sessenta homens. Quando Heyne voltou a S.-Salvador em 1625, achou já a cidade em poder de huma esquadra hespanhola e portugueza, e não tendo forças sufficientes para a atacar, voltou á Europa.

A Companhia hollandeza, querendo conservar a conquista de S.-Salvador, expedio em Outubro, para aquelle porto, alguns navios bem guarnecidos, e em Dezembro huma esquadra de vinte e hum navios de guerra debaixo do mando do almirante João Dirks Lam; mas esta armada foi mui retardada por ventos contrarios.

1624.—*Missões do Maranhão.* Frei Christovão de Lisboa, religioso franciscano, guardião da sua ordem, e visitador e commissario da inquisição, chegou a Olinda, com hum reforço de capuchos para as missões do Maranhão. Revestido de poderes para tirar aos colonos toda a autoridade sobre os Indios alliados, partio com os frades para S.-Luiz, onde não encontrou difficuldade em cumprir com os deveres do apostolado. Não foi assim em Belem, onde o senado da camara suspendeo a execução do edicto, debaixo do pretexto que devia primeiro

ser notificado ao Governador, então ausente. Frei Christovão julgou prudente conformar-se a esta decisão, e no em tanto tentou huma expedição para explorar o rio Tocantins. De volta fulminou huma carta pastoral e huma excommunhão contra todos os opponentes; mas a camara persistio, e o frade vio-se obrigado a ceder.

1625. *Fundação da cidade da Parnaîba, na capitania de S.-Paulo.* — Esta cidade he situada na margem esquerda do rio Tieté a perto de cinco legoas ao oéste de S.-Paulo.

1625. *Expedição da armada combinada de Hespanha e de Portugal, destinada a expulsar os Hollandezes do Brasil.* — A Côrte de Madrid, informada da tomada da Bahia, resolveo mandar huma força formidavel que de hum golpe recuperasse a importante cidade de S.-Salvador, e anniquilasse todos os projectos da Hollanda contra o Brasil.

Grande foi a consternação em Portugal quando se soube a occupação da capital do Brasil; fizerão-se preces, novenas, e procissões, e tomárão-se meios mais efficazes para expellir os Hollandezes. A cidade de Lisboa se taxou em cem mil cruzados, o duque de Bragança deo duzentos mil cruzados, e o duque de Caminha dezaseis mil e quinhentos. As pessoas as mais distinctas se offerecêrão a partir como vo-

luntarios; e em quanto se aprompt ava huma forte armada expedîrão-se de Lisboa quatro expedições, a primeira para auxiliar os Portuguezes do Reconcavo da Bahia, debaixo de D. Francisco de Moura Rolim, a segunda para Pernambuco, a terceira para o Rio de Janeiro, e a quarta para Angola.

A expedição portugueza era commandada por D. Manoel de Menezes, e a armada portugueza levava por almirante D. Francisco d'Almeida: constava de dezoito naos e quatro caravelas [1], e levava quatro mil homens a bordo. Sahio de Lisboa a 19 de Novembro de 1624, e dirigio-se ás ilhas de Cabo-Verde a esperar a grande armada de Castella, que não poude aprompt ar-se com tanta brevidade. Alli andou pairando, e perdeo muita gente de doença; a nao Nossa-Senhora da Conceição, capitão Antonio de Moniz Barreto, foi a pique nos escolhos de Santa-Anna. Constava a armada hespanhola de vinte e dois galeões, e dezasete ou dezoito embarcações menores. Levava oito mil homens de infantaria, e dois mil e setecentos marinheiros, alem de officiaes, e criados. Era commandada por D. Fadrique de Toledo Ossorio, marquez de Villanueva e de Valdueza, Capitão-general da armada do Oceano, o qual nomeou almirante

[1] Raphael de Jesus diz que era de vinte e seis navios.

general D. João Fajardo de Guevara, general da esquadra do estreito de Gibraltar, e conselheiro de guerra. D. João de Orellana era Mestre de campo, e o capitão Francisco de Murga Sargento-mór. Os mais dos officiaes perteneião a familias nobres. Sahio da bahia de Cadiz a 14 de Janeiro de 1625 e chegou a Teneriffe a 24; a 6 de Fevereiro arribou á ilha de Maio para reparar duas galeras, e a 11 do mesmo mez fez a sua juncção diante da ilha de Santiago com a esquadra portugueza, e a 27 chegárão á costa do Brasil a tres legoas da bahia de Todos os Santos. No dia seguinte expedio o general o capitão José Hurtado acompanhado do piloto Sebastião Loureiro, para reconhecer as forças dos Hollandezes. Segundo a informação d'elles constava a força inimiga de mil e quinhentos soldados hollandezes, mil e oitocentos inglezes, escocezes, valões, francezes, allemães, judeos, e muitos negros. No porto estavão fundeadas doze naos; a cidade e os tres castellos erão guarnecidos de cento e cincoenta e seis peças de artilharia. D. Francisco de Moura Rolim tinha novecentos homens ás suas ordens no Reconcavo.

A 29 de Março entrou na bahia a esquadra combinada; Schoutens cuidou ser a hollandeza que esperava por dias. No 31, desembarcárão defronte do castello de S.-Antonio dois mil ho-

mens de infantaria castelhana, mil e quinhentos Portuguezes, e mil e quinhentos Napolitanos; ao mesmo tempo a esquadra tomou huma posição conveniente para interceptar todos os soccorros que por mar podessem vir aos Hollandezes. Abrio-se huma trincheira, e estabeleceo-se huma bateria de 37 peças. Os Hollandezes, capitaneados por João Quif, fizerão huma sortida por hum caminho encoberto com dois corpos de trezentos homens cada hum, surprehendêrão o posto de S.-Bento, e matárão muita gente aos Hespanhoes, e entre elles o Mestre de campo D. Pedro Ossorio. Os sitiados tentárão em vão incendiar a esquadra inimiga, e ao mesmo tempo fez-se á vela a esquadra hollandeza : a hespanhola a perseguio e pôz em grande perigo, obrigando-a a abrigar-se debaixo da artilharia dos fortes; mas não obstante forão quasi todos os navios hollandezes mettidos a pique por duas baterias assestadas na rocha viva, que se rompeo para dar passagem ás peças. Depois d'este feito a guarnição hollandeza, forte de dois mil homens, descontente do seu commandante, o destituio e prendeo, pondo em seu lugar o valente Quif; mas as tropas auxiliares estrangeiras estavão mui descontentes em razão das privações que soffrião, e Quif vio-se obrigado a capitular. A 28 de Abril, diz de Laët, esta cidade foi retomada, parte pela cobardia do

Governador, e parte pela traição de alguns capitães e soldados. No sobredito dia, Quif propoz condições que forão aceitadas a 30 pelo General hespanhol, o qual se obrigou a fornecer navios armados e mantimentos, para conduzir a guarnição aos portos de Hollanda. No primeiro de Maio entrou D. Fadrique na cidade, de que tomou posse em nome de Felippe IV. Achou nella mil novecentos e dezanove soldados, perto de seiscentos negros, quarenta e duas peças de bronze na cidade e nos fortes, quatorze a bordo dos navios, e cento setenta e nove peças de ferro, cincoenta e duas nos navios e as outras em terra, trinta e cinco pedreiros e muitas espingardas e munições de guerra. No porto havia seis navios, e nos almazens oitenta e nove caixas de assucar, duas mil pipas de vinho, etc. Nos coffres achárão trezentos mil ducados de prata, e seis mil cento e setenta e seis marcos do mesmo metal em barras. Faria e Sousa avalia as mercadorias tomadas em hum milhão de cruzados.

O General hespanhol conferio com os principaes officiaes á cerca do melhor meio de pôr a cidade e a provincia em estado de defesa, quando huma caravela expedida de Teneriffe entrou na Bahia, trazendo a noticia que a esquadra hollandeza, destinada para o Brasil,

tinha passado a 6 de Abril entre aquella ilha e as Canarias.

Esta esquadra, que tinha sahido de Hollanda no mez de Março, constava de trinta e tres vélas, e era commandada pelo almirante Balduino Henrique Leclerc. Chegou diante da Bahia a 23 de Maio, mas achando a cidade em poder dos Hespanhoes, e protegida por huma força naval superior, fez-se na volta do mar dirigindo-se a Pernambuco, e foi lançada por ventos rijos sobre a barra da Paraîba. Não podendo entrar, passou o Cabo-Branco perto da bahia da Traição, a cinco legoas mais ao norte, onde desembarcou os doentes, e com ajuda dos Pitagoares, começou a entrincheirar-se. Porêm Affonso de França, capitão-mór da Paraîba, destacou trezentos Indios Tabajares com alguns soldados debaixo do mando de hum official habil, para desalojarem os Hollandezes, e Mathias d'Albuquerque mandou quatro companhias debaixo de Francisco Coelho de Carvalho, governador do Maranhão e Pará. Embarcárão-se a bordo de quatro caravelas armadas de dezoito peças, com abundantes munições e viveres. Estes dois corpos reunidos atacárão os Hollandezes com tanto ardor que lhes matárão quarenta homens e trinta Indios, alem de maior numero de feridos. Os Portuguezes não perdêrão mais de cinco homens. Hum reforço

de sete companhias de infantaria lhes veio de Pernambuco, e outro da Paraîba; o que decidio o commandante hollandez a retirar-se. Com effeito as suas forças estavão reduzidas a mil marinheiros, e oitocentos e trinta soldados. Dividio a sua esquadra em duas; huma tentou apossar-se de Porto-Rico, mas foi repellida; a outra procurou surprehender o forte S.-Jorge da Mina, mas foi igualmente baldada esta tentativa, e huma mortifera epidemia, de que foi victima o almirante, fez grande estrago nas tripolações. A armada voltou aos portos de Hollanda.

D. Fadrique de Toledo deixou huma forte guarnição em S.-Salvador ás ordens do Governador D. Francisco de Moura Rolim, e começou a dispôr-se a voltar a Hespanha, levando comsigo os prisioneiros de guerra hollandezes, e reteve duzentos e cincoenta marinheiros d'esta nação para serviço da armada, que se fez á véla a 4 de Agosto, e chegou a Pernambuco a 21, tendo sido contrariado pelos ventos. Huma caravela expedida de Lisboa pelo marquez de Hinijosa trouxe aviso que huma armada de cem vélas cruzava para interceptar os galeões de Hespanha. D. Fadrique fez-se á véla a 25, e para evitar a esquadra ingleza, dirigio-se para a costa de Barberia pela latitude de 35°. A noticia era falsa, mas foi funesta á armada com-

binada, que, assaltada de hum furioso temporal, se dispersou e soffreo grandes perdas. Nove naos portuguezas e tres hespanholas forão a pique. A nao almiranta deo á costa perto da ilha de S.-Jorge. O *Almirante de Quatro Villas*, commandado por D. João d'Orellana, saltou com huma preza hollandeza. Alguns navios desarvorados entrárão em Cadiz, e hum só navio portuguez a bordo do qual se achava Menezes, entrou no porto de Lisboa. Elrei de Hespanha, para remunerar os Portuguezes que tinhão servido na expedição, concedeo a todos elles empregos ou pensões vitalicias.

Os Hollandezes continuavão a mandar pequenas esquadras ás costas septentrionaes do Brasil, que duas vezes atacárão o forte do Ceará, mas forão repellidos por Martim Soares com perda consideravel. Hum corpo de duzentos Hollandezes penetrou em Curupa e foi expulso por Teixeira, que os perseguio até ao rio Felippe.

1626 a 1627. — *Segunda expedição de Heyne contra a Bahia.* Esta expedição composta de oito naos e cinco navios ligeiros, depois de tocar em Serra-Leôa a refazêr-se de mantimentos, continuou a sua derrota á costa do Brasil, e aprezou hum navio portuguez vindo de Angola com trezentos escravos. A 3 de Maio chegou á Bahia.

Diogo Luiz de Oliveira, que havia militado em Flandres, tinha vindo render D. Francisco de Moura Rolim (1626). O novo Governador, temendo hum ataque, fez todas as disposições necessarias para defender o porto. Poz dezaseis navios carregados que estavão na bahia, debaixo da protecção do forte do interior do porto guarnecido de quarenta peças. Quatro navios de maior porte tinhão a bordo tropas e artilharia. Não obstante estes meios de defesa, Heyne penetrou com a nao almiranta por entre as baterias fluctuantes, metteo huma a pique e tomou as outras. Não podendo os Portuguezes atirar sobre Heyne sem offenderem as suas proprias embarcações, o almirante hollandez cortou as amarras aos navios e os tomou. A sua nao maltratada do combate foi dar á costa perto dos fortes; Heyne lhe poz fogo e fez passar a gente d'ella para a vice-almiranta, contra a qual dirigîrão os fortes toda a sua artilharia, e a fizerão ir pelos ares com trezentos marinheiros e soldados, salvando-se apenas cinco ou seis. Outro navio, denominado o *Oranger*, saltou tambem com sessenta e tres homens. Heyne todavia conseguio ficar de posse dos navios portuguezes; guardou quatro para augmentar a sua esquadra, expedio hum para Hollanda, e queimou os outros. O despojo consistio em duas mil e quinhentas caixas de assucar, e huma

quantidade consideravel de madeira de tinturaria, de algodão, tabaco e coirama. Demorou-se na bahia vinte e quatro dias, e depois de hum cruzeiro ao sul voltou ao porto a 10 de Julho, meditando a empreza não menos arriscada de tomar quatro navios que remontavão huma das correntes do Reconcavo, perto da ilha de Marcos. Encontrou dois, cerca de duas legoas da emboccadura, apossou-se de hum, e tirou boa parte da carregação do outro debaixo da artilharia que os protegia. Tinhão a bordo novecentas caixas de assucar, muito tabaco e outras mercadorias. Os Portuguezes tinhão feito hum entrincheiramento na emboccadura do rio, mas Heyne conseguio forçar o passo com a sua preza. Padilha, que tinha morto Van Dort, perdeo a vida neste combate.

Depois d'este feito Heyne sahio do Reconcavo a 14 de Julho, fez-se á véla e chegou a Hollanda carregado de ricos despojos a 25 de Outubro.

1627. — *Estabelecimento de Serinhaem.* Foi fundada esta villa na margem elevada do rio d'este nome, a menos de duas legoas da sua emboccadura na provincia de Pernambuco, com o nome de Villa Formosa.

1628. — *Colonia hollandeza estabelecida na ilha de Fernão de Noronha.* Esta colonia, formada por Cornelio Jol, que infestava a costa

do Brasil, foi depois destruida por huma expedição feita por ordem do Governador do Brasil. A ilha foi retomada pelo mesmo Jol, em 1635.

1628. — *Nova expedição hollandeza debaixo do mando de Pedro Heyne, e Henrique Lonck vice-almirante.* A Companhia hollandeza, desejando aprezar os galeões da Nova Hespanha, armou com este fim huma esquadra de vinte e quatro navios montando seiscentas e vinte e tres peças, e levando dois mil seiscentos e quarenta e quatro marinheiros, e oitocentos e noventa e quatro soldados. Heyne sahio do Texel a 20 de Maio, encontrou os galeões a 9 de Septembro perto do Golfo do Mexico, e aprezou dez d'elles apezar da resistencia de D. Juan Benavides. Oito ou nove galeões que escapárão e se acolhêrão á bahia de Matanzas, se entregárão no dia seguinte. Esses galeões destinados para Cadiz, ião carregados de prata em barras e amoedada. As prezas forão avaliadas em cinco milhões de cruzados.

1629 a 1630. — *Segunda expedição hollandeza contra o Brasil.* A Companhia hollandeza, decidida a tentar outra expedição para se apossar do Brasil, fez huma representação aos Estados Geraes em que expunha as grandes vantagens que resultarião da realisação de hum tal projecto. Eis aqui as principaes considera-

ções que allegárão para obter a cooperação do Governo da republica : 1° A grande extensão de costa occupada pelos Portuguezes em forças diminutas, não possuindo em toda ella mais que duas cidades, Pernambuco e a Bahia de Todos os Santos; de modo que tomados estes dois estabelecimentos, a Companhia ficaria senhora de todo o Brasil, cujo territorio excedia em extensão a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Hespanha, a Escocia e as dezasete Provincias-Unidas. 2° Os indigenas farião pouca resistencia, e muitos d'elles, inimigos dos Portuguezes, serião favoraveis aos Hollandezes, particularmente tratando-os estes com humanidade, e não tentando mudar os usos e costumes dos selvagens. 3° As praças sobreditas serião facilmente rendidas por huma forte expedição, visto estarem mal guarnecidas, e não poderem resistir a hum ataque feito de improviso. 4° Apenas tomadas, facil seria obter mantimentos do interior. 5° Os Hollandezes olhão esta conquista não só como mui proveitosa pela utilidade que d'ella resultará á nação, mas tambem pelo damno que causará a Elrei de Hespanha a perda do Brasil. 6° O despojo será immenso, e as vantagens do commercio incalculaveis, pela importação do assucar e outros generos do Brasil, e frete dos navios. 7° O Brasil offerecerá a muitos individuos que

não tem meios de subsistencia, hum refugio onde poderão ganhar a vida e exercer a sua industria. 8° Huma vez senhores do Brasil e da costa de Guiné, de Angola e Cabo-Verde, faremos exclusivamente o commercio da escravatura, tão necessario á cultura do tabaco e da canna.

O Congresso dos Estados Geraes, penetrado da solidez d'estas considerações, concedeo á Companhia licença para armar huma esquadra de setenta navios, que devião levar treze mil homens, a saber : oito mil soldados, e cinco mil marinheiros.

A expedição, composta de quarenta e seis navios[1] com tres mil e quinhentos soldados e perto de quatro mil marinheiros, era commandada por Pieter Adrian, em qualidade de general, e por Henrick Lonck, tenente general; Justo Van Trappe de Bankart era vice-almirante, e o coronel Theodoro Wardenburg, engenheiro habil, commandava as tropas de desembarque. A armada sahio dos portos de

[1] Albuquerque Coelho avalia a força hollandeza em tres mil e seiscentos soldados e quatro mil marinheiros. Brito Freire diz que a frota constava de sessenta e quatro navios, levando a bordo seis mil e duzentos e oitenta homens. Rocha Pitta quer que o numero dos soldados fosse de oito mil. G. Giuseppe diz seis mil. Raphael de Jesus affirma que a armada era de cincoenta e quatro navios, e levava a bordo sete mil duzentos e oitenta homens.

Hollanda em pequenas divisões. O vice-almirante partio a 17 de Maio com a primeira divisão de seis navios; outra igual sahio do Texel a 23 de Junho, e cinco navios partirão de Goree a 28. Huma divisão de oito navios em que ia o General, descobrio, a 23 de Agosto, á duas legoas da ilha de Teneriffe a armada real de Hespanha, composta de trinta e oito navios debaixo do commando do general D. Fadrique de Toledo, destinada á India. O almirante hespanhol estando a barlavento, deo caça á esquadra hollandeza, a qual favorecida pela escuridão da noite, lhe escapou e se dirigio á ilha S.-Vicente de Cabo-Verde, onde não se juntárão mais de vinte e quatro navios, que se demorárão alli perto de quatro mezes á espera do resto da frota. No fim do anno achárão-se juntos cincoenta e cinco [1]. O General expedio dois hiates para reconhecer a costa do Brasil, partio com toda a frota a 26 de Dezembro 1629, e appareceo diante de Olinda a 14 de Fevereiro 1630. Tinha perdido por doenças hum numero tão consideravel de soldados e mari-

[1] De Laet diz que a armada hespanhola, forte de mais de quarenta navios, foi dispersada pelos hollandezes, o que he contradicto pelo autor das *Memorias Diarias*. Le Clerc diz com mais apparencia de verdade, que o general Toledo vendo as boas disposições da esquadra hollandeza, a deixou escapar.

nheiros, que só lhe restavão dois mil e nove centos soldados, e dois mil è quinhentos marujos.

A Côrte de Madrid, informada do destino da armada hollandeza, fez partir para o Brasil Mathias de Albuquerque, que tinha já servido naquella colonia em qualidade de governador e capitão general, com ordem do Rei para visitar e fortificar o melhor que fosse possivel as quatro praças de Rio Grande, Paraiba, Itamaracá e Pernambuco. Partio de Lisboa, a 12 de Agosto 1629, a bordo de huma caravela, com vinte e sete soldados e algumas munições, e desembarcou no Brasil á 18 de Outubro. Achou duas outras caravelas que tinhão chegado de Portugal com munições. A 9 de Fevereiro 1630, hum navio expedido por João Pereira Corteréal, governador das ilhas de Cabo-Verde, aportou ao Recife para dar aviso ao governador que a armada hollandeza vinha atacar Pernambuco.

Para impedir os inimigos de entrarem pela barra, tinhão-se afundido nella alguns navios grossos. O general hollandez entreteve os Portuguezes com huma forte canhonada, em quanto fazia desembarcar dois mil e novecentos homens de tropa debaixo do commando do coronel Wardenburg na praia do Pao Amarello, perto de tres legoas ao norte de Olinda. Este official despedio os navios, e só guardou quatro barcas

canhoeiras. Marchou a 16 sobre Olinda ao longo da praia. A vanguarda de novecentos e trinta e quatro homens era commandada pelo tenente coronel Eltz; o centro de novecentos e trinta e quatro homens, pelo tenente coronel Stein Callenfels, e a retaguardà de novecentos e sessenta e cinco homens, pelo official Foulques Hencq. Os habitantes abandonárão a cidade, levando comsigo as cousas mais preciosas, e forão refugiar-se nos bosques. O general hollandez, chegando ao Rio-Doce, experimentou resistencia de hum corpo de tropas composto de quinhentos e cincoenta homens de infantaria, cem de cavallaria e duzentos Indios. Os primeiros erão commandados por tres capitães, Francisco Bezerra, Felippe Paes e João Guedes Alcoforado, e os ultimos por Antonio Felippe Camarão. Mas á vista das tres barcas canhoeiras, os Portuguezes receiando que a retirada lhes fosse cortada, atemorizados fugîrão, por mais diligencias que fez o seu general para os conter.

Wardenburg, guiado por hum mulato prisioneiro, entrou no mesmo dia pela parte alta da cidade, arrombou a porta do collegio dos jesuitas, e a do convento de S.-Francisco, defendidas por alguns soldados, e preparava-se a dar o assalto a hum reduto á entrada da cidade, onde foi conduzido por dois Hollandezes ao serviço de Portugal, Adriano Franck e Cor-

nelio Jan. Ao mesmo tempo quinhentos homens que o almirante tinha desembarcado ao sul da cidade para soccorrer Wardenburg, entrárão sem resistencia. A cidade foi saqueada, mas o despojo não foi consideravel, porque os habitantes tinhão levado no dia 16 quanto possuião de maior valor, deixando só vinho, azeite e alguma farinha.

As tropas de Albuquerque desertavão em tão grande numero, que não restavão bastantes para guarnecer os fortes. Elle, tendo perdido toda a esperança de recobrar o Recife, incendiou, a 27, trinta navios, e todas as mercadorias, em que se comprehendião duas mil caixas de assucar, para não cahirem em poder do inimigo[1].

Os dois fortes de S.-Jorge e S.-Francisco tentárão impedir a entrada do porto á esquadra hollandeza. O de S.-Jorge, com huma guarnição de trinta e sete soldados commandados pelo capitão Antonio de Lima, oppoz huma obstinada resistencia a mil e quinhentos Hollandezes, que perdêrão trezentos mortos, e grande numero de feridos. Wanderburg veio

[1] Historiadores hollandezes dizem que os navios queimados erão vinte, e mil e setecentas as caixas de assucar. Em huma carta dirigida a Elrei d'Hespanha, que foi interceptada, a perda era avaliada em vinte milhões de cruzados.

em péssoa a 27 de Fevereiro pôr-lhe cerco. A guarnição capitulou no 1° de Março, e obrigou-se a não tomar armas por espaço de seis mezes contra os Hollandezes.

No dia antecedente, hum pequeno comboi portuguez tinha vindo a soccorrer a cidade. Constava de cem soldados e cento e oitenta Indios, mandados pelo Governador da Paraîba debaixo das ordens de Mathias d'Albuquerque Maranhão, pai do general. Hum destacamento hollandez quiz atacar os Portuguezes na casa da Asseca, ao passar a ponte do rio Beberibe, mas cahio em huma emboscada que lhe matou quatorze homens. Albuquerque retirou-se á 4 de Março com os soldados que lhe restavão e os habitantes da cidade, a huma legoa de distancia, em huma planicie elevada, onde formou hum campo entrincheirado que denominou *Arraial do Bom Jesus* : guarneceo-o de quatro peças de ferro de quatro libras de bala.

Ao mesmo tempo despachou hum *aviso*, para informar Felippe IV da perda do Recife, e huma caravela do porto da Paraîba, a D. Fadrique de Toledo que estava com a armada hespanhola em Carthagena das Indias. O Governo de Lisboa, conhecendo toda a importancia da perda do Recife, resolveo expedir caravelas com gente e munições para soccorrer o general, em quanto se apromptava huma

armada. Por huma das primeiras que chegárão recebeo o Governador Mathias d'Albuquerque huma carta régia datada do 26 de Janeiro 1630, que o nomeava membro do conselho de guerra, em premio do zelo que tinha mostrado e do valor com que se tinha havido na defesa de Pernambuco.

O general hollandez, logo que soube terem-se os Portuguezes fortificado perto da cidade, mandou a 14 de Março dois mil soldados debaixo do commando do seu tenente coronel, para atacar o acampamento, mas derão em huma emboscada e forão rechaçados por hum destacamento que lhes matou cento e setenta homens, tendo os Portuguezes perdido só dezasete mortos e feridos.

Albuquerque tentou então hum ataque contra Olinda, mas sem successo. Apoderou-se das obras exteriores, mas não poude penetrar na praça. Os Hollandezes perdêrão quatrocentos homens, mas a perda dos Portuguezes foi muito maior. Todavia, com o auxilio dos colonos e dos Indios, conseguio por muito tempo privar o inimigo de agua e viveres, e todos os dias matava grande numero dos soldados hollandezes que se aventuravão a arredar-se da praça. Mas dentro de pouco tempo os habitantes fornecêrão aos Hollandezes mantimentos e outras cousas de que carecião. Entretanto a

Côrte de Madrid tinha successivamente expedido nove caravelas com quatrocentos soldados, munições e viveres para o *campo do Bom-Jesus*; mas muitas das caravelas forão aprezàdas.

1630. — *Tentativa dos Inglezes para se estabelecerem no Pará.* Os Inglezes tentárão formar hum estabelecimento na ilha dos Tocujós. Duzentos individuos d'esta nação, debaixo de hum chefe chamado Thomas, se fortificárão no rio de Felippe, e fizerão alliança com os Tapuyas. O Governador general Coelho fez marchar contra elles Jacome Raimundo de Noronha, capitão do Pará, á testa de huma força consideravel. O forte se rendeo, e foi arrasàdo, e o capitão inglez procurando salvar-se em huma barca de noite, perdeo a vida. Os Inglezes fizerão outra tentativa para se estabelecer entre os Tocujós, debaixo da direcção de Roger Fray, o qual foi igualmente morto, depois de ter destruido o forte de Cuma que tinha construido. Pouco depois chegou hum navio de Londres com quinhentas pessoas, que vinhão unir-se á desgraçada colonia.

1631. — Os Hespanhoes, senhores do rico territorio ao sul e ao oéste do Paraguay, começárão a penetrar no interior do paiz, mas os Paulistas se-lhe oppuzerão; atravessárão com oitocentos homens os rios *Paraná-panema*, e

Tibagy; atacárão e destruírão as cidades de Villa-Rica, Ciudad-Real, Xerez, e trinta e duas aldêas, formando tres provincias.

1631. — *Chegada de reforços portuguezes e hollandezes. Tentativa contra a ilha de Itamaracá. Combate naval.* No principio do anno de 1631, tres navios hollandezes tinhão aportado ao Brasil, trazendo a bordo duzentos e quarenta homens, munições de guerra e viveres. No fim de Janeiro outros quatro navios da mesma nação trouxerão gente e munições. Huma expedição de cinco naos, que sahira do Texel a nove de Janeiro, chegou a Olinda a 14 de Abril, com tres mil e quinhentos homens de tropa, e muitos Hollandezes e Judeos ricos. Era commandada pelo almirante Hadriano Patry, valente official que se tinha distinguido na India.

Com o fim de extender as suas conquistas ao norte do Brasil, os directores da Companhia hollandeza tinhão recommendado aos commandantes das esquadras apoderarem-se da ilha de Itamaracá situada a sete legoas de Olinda. Para este fim fez a Companhia partir, a 22 de Abril, quatorze naos com grandes chalupas e batéis, levando a bordo 1200 homens debaixo do commando de Stein Callenfels. Este official abordou á foz septentrional do rio Catuama que admette navios de trezentas toneladas, e forma o canal que separa a ilha

tinados para Pernambuco, ganhou com doze caravelas, a 20 de Septembro, a foz do Rio-Grande sobre a costa de Pernambuco, perto de quarenta legoas ao sul do câmpo do Bom-Jesus; outra caravela entrou no Rio-Formoso, e no mesmo dia outras dez chegárão ao porto da Bahia Grande, cousa de trinta legoas do dito campo. A caravela commandada por Antonio de Figueiredo, tendo-se desgarrado, foi lançada para o norte, e salvou-se entrando no rio Pottengy. Estas caravelas desembarcárão setecentos homens, que depois de huma penosa marcha, fizerão a sua juncção com Mathias de Albuquerque, a quem Oquendo tinha tirado trezentos homens para guarnecer a sua armada. As caravelas forão expedidas para Lisboa carregadas de assucar.

1631. — *Incendio da cidade de Olinda. Ataque infructifero da cidade da Paraîba.* O commandante hollandez, temendo não poder resistir a estas forças unidas, resolveo concentrar as suas no Recife, e a 23 de Novembro abandonou e fez pôr fogo a Olinda, que encerrava dois mil e quinhentos habitantes. Pouco depois tendo sabido que os reforços portuguezes não erão tão consideraveis como tinha supposto, projectou atacar a cidade da Paraîba, onde commandava o capitão-mór Antonio de Albuquerque. Esta cidade, a que em 1585 se

tinha posto o nome de *Felippéa*, continha então perto de quinhentos habitantes. A entrada do rio Paraîba era defendida pelo forte *Cabedello*, que tinha huma guarnição de sessenta homens commandados por João de Matos Cardoso, official velho e experimentado. Duas companhias compostas de cento e sessenta soldados, chegárão para soccorrer a praça, debaixo do commando de Antonio de Figueiredo, e Manoel Godinho. Ao mesmo tempo Mathias de Albuquerque fez marchar para a cidade ameaçada quatro companhias castelhanas commandadas pelo capitão D. João de Xereda, e duzentos Portuguezes debaixo do sargento-mór Francisco Serrão.

A expedição hollandeza, commandada por Lichtart, fez-se á véla a 2 de Dezembro. Constava de vinte e seis navios, e hum numero igual de barcas, e levava tres mil soldados debaixo das ordens do coronel Stein Calve. No dia 5 emboccou o Paraîba; a tropa desembarcou e se entrincheirou na praia de arêa. O commandante portuguez marchou contra elles com seiscentos homens, entre soldados e habitantes; mas depois de hum combate mui encarniçado foi obrigado a retirar-se pelos bosques. Durante a noite os Hollandezes elevárão hum reduto, de que os Portuguezes se senhoreárão na manhan seguinte. Este feito cus-

tou-lhes alguns soldados, e nelle perdeo a vida Jeronymo d'Albuquerque Maranhão, irmão de Antonio d'Albuquerque, Governador da Paraîba. Apezar d'este contratempo, os Hollandezes começárão o assedio do forte. No dia 8, huma caravela commandada pelo capitão Luiz Pinto de Matos, vindo de Lisboa, entrou no rio Mamanguape, tres legoas ao norte do rio Paraîba, tendo escapado a seis navios hollandezes que lhe derão caça. No mesmo dia chegou o reforço das quatro companhias castelhanas, e atacou os sitiantes, obrigando-os a retirarem-se com perda de muitos feridos. No dia 7 o Governador fez abrir a trincheira a oitenta passos do forte. No dia seguinte o commandante hollandez fez construir hum reduto em que assestou duas peças de 24, que dirigio contra o forte. O capitão Manoel Godinho, natural de Moura em Portugal, que tinha conduzido o reforço da Paraîba, foi morto de hum dos primeiros tiros, e no mesmo dia tiverão os Portuguezes mais de quinze ou dezaseis mortos ou feridos. A 11 atacárão os Hollandezes o entrincheiramento por quatro pontos differentes, mas forão rechaçados com perda de cento e quarenta mortos. Os Portuguezes tiverão trinta e cinco mortos, e quarenta e dois feridos. Entre os primeiros se contavão os capitães D. João de Xereda, Sebastião de Palacios, D. Aleixo de Aza,

Belchior de Valladares, e frei Manoel da Piedade, franciscano descalço da provincia de S.-Antonio, o qual com hum crucifixo na mão se tinha posto á frente dos soldados, para os animar ao combate.

Outra tentativa infructifera contra a fortaleza e cidade de Rio-Grande do Norte. — O general hollandez, irritado do mao successo da expedição contra o forte Cabedello, partio em pessoa do Recife com dois mil homens em vinte e dois navios e algumas barcas, a 21 de Dezembro, e fez-se á vela para o Rio-Grande. Cipriano Pita Porto-Carrero era então governador da provincia, e a cidade era defendida pela fortaleza a mais formidavel do Brasil, construida sobre hum rochedo á entrada do rio Pottengy. Os Jesuitas tinhão feito alliança com cento e cincoenta tribus dos indigenas.

A 25 de Dezembro a esquadra hollandeza estava a treze legoas ao norte da Paraiba. O Governador julgando que os Hollandezes se dirigião a Pottengy, expedio seu irmão, Mathias d'Albuquerque Maranhão, com tres companhias e duzentos Indios. Ao mesmo tempo outra companhia, commandada pelo capitão João Vasques de Dueñas, chegou tambem a bordo de huma caravela, com algumas munições. A 28 de Dezembro estes reforços tinhão chegado ao forte do Rio-Grande. O general

hollandez julgou prudente desistir da empreza, e retirou-se levando algum gado de que se apoderára.

1632. — *Novo attaque dos Hollandezes contra o Pontal de Nazareth.* Este porto, situado no cabo de S.-Agostinho a cousa de sete legoas ao norte de Recife, era, depois da perda da capital da provincia, o emporio do commercio: a sua entrada era defendida por dois redutos e quatro peças de ferro, com huma guarnição de sessenta homens commandados por Bento Maciel, que foi reforçada por cem homens destacados do porto *dos Afogados*. A 24 de Fevereiro, a expedição, composta de vinte e quatro navios e algumas barcaças, levando a bordo mil e quinhentos soldados, partio do Recife e demandou a barra da ilha de Itamaracá, d'onde passou ao cabo de S.-Agostinho. O general portuguez antevendo o destino das forças hollandezas, tinha expedido o sargento-mór Francisco Serrão, a 28 do mez, com hum reforço de quatro companhias castelhanas. O general hollandez, informado do estado de defesa da praça, foi desembarcar a meia legoa de distancia, em huma angra, onde foi atacado por hum destacamento portuguez de quinze fusileiros, que se emboscou e matou muita gente aos Hollandezes. Estes, cuidando ser algum forte destacamento do Pontal, voltárão ao ata-

que, mas forão rechaçados com perda de setenta ou oitenta homens. Depois d'este feito, resolveo o conde de Bagnuolo construir huma fortaleza naquelle sitio, para onde partio a 18 de Março; mas o terreno era areento, e o forte ficava distante em demasia da barra.

Huma frota hollandeza de vinte navios sahio do Recife a 10 de Abril a fazer prezas. O Governador da Paraîba, avisado por Mathias d'Albuquerque, expedio Alberto Perez em huma caravela, para dar aviso aos commandantes dos fortes, e particularmente ao de Carthagena, para que fizesse escoltar os galeões; commissão que este official executou com pleno successo, e lhe mereceo huma carta mui honrosa de Elrei de Hespanha.

Saque da cidade de Iguaraçu pelos Hollandezes. — A 20 de Abril o mulato Domingos Fernandes Calabar, homem valente que tinha militado com distincção entre os seus compatriotas, desertou e foi offerecer o seu grande prestimo aos Hollandezes. Ignora-se qual fôra o motivo que o decidio a trahir a causa da patria. Foi para os Hollandezes inappreciavel acquisição, porque conhecia perfeitamente toda a costa, os portos, enseadas, os rios e bosques, e era tão activo como emprehendedor. Por conselho d'elle e debaixo da sua direcção, sahio o general hollandez do Recife a 30 de

Abril com mil e quinhentos homens, e se dirigio sobre Iguaraçú perto da ilha Itamaracá atravessando as ruinas de Olinda. Surprehendeo a cidade, estando quasi todos os habitantes na igreja, e depois de saqueada foi incendiada. Calabar tinha trazido quatrocentos negros para carregarem o despojo, os quaes commettêrão actos da maior barbaridade, deixando os habitantes nus, e cortando os dedos ás mulheres para lhes tirar os anneis. Matárão cousa de trinta homens que fazião o serviço militar da praça, tomárão os vasos sagrados da igreja da Misericordia e do convento dos Franciscanos, e se retirárão á ilha Itamaracá levando prisioneiro frei Boaventura. O capitão D. Fernando de la Riba-Aguero marchou com oitenta homens para soccorrer a cidade, mas chegou depois do saque. Todavia foi no alcance dos Hollandezes, a quem matou mais de cincoenta no acto de se embarcarem na barra do rio que separa a cidade da ilha Itamaracá. Depois d'este successo, houve varios encontros entre destacamentos dos dois exercitos. A 21 de Junho, ao nascer do sol, o commandante hollandez sahio do seu forte na Ponta da Asseca com mil homens, e marchou contra a estancia, em face de Nossa Senhora da Victoria, mas foi repellido com perda de oitenta e dois mortos e muitos feridos. A perda dos

Portuguezes foi comparativamente pequena.

A 13 de Julho os Hollandezes forão de novo maltratados em hum ataque que fizerão nas Salinas. A 4 de Agosto tendo sahido do Recife de noite para ir colher fruta nas vizinhanças de Olinda, forão atacados e perdêrão vinte e quatro homens.

A 20 de Novembro sahio do Recife huma expedição de doze navios, com algumas barcas e quinhentos soldados, dirigida por Calabar sobre os rios Serinhaem e o Formoso, onde as tropas desembarcárão. D'alli forão saquear o engenho de assucar de Romão Peres, situado a pequena distancia de Villa-Formosa. O general portuguez expedio o sargento-mór Mucio Oriola com duzentos Napolitanos, para soccorrer os estabelecimentos do cabo S.-Agostinho; mas antes da sua chegada, os Hollandezes, guiados por Calabar, tinhão entrado no Rio-Formoso, e queimado duas caravelas. Depois d'este revéz o general portuguez fez estabelecer no Rio-Formoso huma bateria e hum pequeno reduto que armou de duas peças de 4 e 6, com vinte homens de guarnição ás ordens do capitão Pedro de Albuquerque.

O conde de Bagnuolo fez huma tentativa infructifera contra o forte Orange, e foi obrigado a retirar-se com perda da sua artilharia. A indecisão e falta de energia d'este official foi

funesta aos Brasileiros, que injustamente o suspeitárão de traição.

Campanha de 1633. — A Companhia Hollandeza mandou dois commissarios ao Brasil com plenos poderes para evacuar o paiz, no caso de julgarem impossivel conservar a posse d'elle, ou para proseguir a conquista do Brasil com duplicado vigor. Trouxerão hum reforço de tres mil homens com muitas munições, que chegárão ao Recife a 23 e 28 de Dezembro 1632. Ao mesmo tempo recebêrão os Portuguezes dois pequenos reforços expedidos da ilha da Madeira, hum de noventa homens, commandados por João de Freitas Silva, que aportou perto da Paraîba no primeiro de Janeiro; o segundo de setenta soldados conduzidos por Francisco de Betancourt e Sá, depois mestre de campo, que entrárão a 12 no porto Francez a tres legoas ao sul da barra das Lagôas.

Os Hollandezes resolvidos a tomar o forte do Rio-Formoso, fizerão a 4 de Fevereiro sahir do Recife huma expedição de dez navios e quinze lanchas, com trezentos homens, que chegou a 7 diante do reduto. Os vinte Portuguezes que o guarnecião fizerão a mais heroica resistencia; dezanove morrêrão no assalto, e só escapou Jeronymo d'Albuquerque, parente do commandante : este valente moço, ainda que ferido, atravessou a nado o rio. Os Hol-



landezes entrando no reduto achárão o commandante ainda vivo, mas com duas feridas que lhe tolhião todo o movimento; admirárão a sua coragem, e tratando-o com bondade lhe facilitárão a passagem para Hespanha. Elrei lhe deo em recompensa dos seus serviços o governo do Maranhão.

O coronel Wardenburg partio para Hollanda, depois de ter entregado o commando das tropas hollandezas ao general Laurens de Rimbach, subordinado aos dois commissarios que decidîrão dever-se continuar a guerra. Com esse fim resolvêrão apossar-se do importante posto perto do Passo dos Afogados onde começa a fertil campina de Capibaribe, e de dezaseis engenhos de assucar alli situados. Com effeito a 18 de Março 1633, partio do Recife a expedição composta de tres mil homens de tropas escolhidas, a qual atacou o forte defendido por Francisco Gomes de Mello com cento e quarenta homens de guarnição, o qual, depois de ter perdido vinte mortos e quinze feridos, se rendeo. Os Hollandezes perdêrão duzentos homens no ataque, mortos ou feridos. Construîrão no mesmo sitio hum forte quadrangular que denominárão o *forte Wilhelm*, em honra do principe de Orange. Guarnecêrão-no de doze peças, e deixárão nelle huma forte guarnição. Os Hollandezes adestrárão cães para apa-

nharem os fugitivos escondidos nos bosques e pantanos. A 20 de Março perdêrão trinta e oito homens em huma cilada armada pelos Portuguezes commandados por Luiz Barbalho; mas no dia seguinte forão os Portuguezes obrigados a retirar-se com perda de vinte e seis mortos e vinte e dois feridos.

Derrota dos Hollandezes diante do campo do Bom-Jesus. — Os commissarios animados com estas vantagens, e aconselhados por Calabar, resolvêrão atacar o campo do Bom-Jesus, a 24 de Março, em sexta feira de Paixão, quando os Portuguezes estivessem a ouvir missa ás onze horas da manhan. Avisado d'este projecto Albuquerque concentrou as suas forças, e dispoz tudo para huma vigorosa defèsa. Expedio trezentos e cincoenta homens com alguns capitães, a occupar o vao do pequeno rio de Paranámirim, ordenando-lhes que se retirassem diante de forças superiores. A defesa do campo foi confiada a quatro companhias hespanholas: o resto dos combatentes guarnecião a praça d'armas. Duarte de Albuquerque foi mandado com alguns soldados, defender o forte de Nazareth no cabo S.-Agostinho; e Ortensio Richo, sargento napolitano, com vinte e cinco soldados da sua nação foi postar-se em hum reduto proximo ao campo que protegia as cabanas dos vivandeiros. O general hollandez marchou



direito a atacar o campo á testa de tres mil homens, mas soffreo grande perda pelo fogo de huma bateria carregada com metralha. A' vista de tantos mortos, entre os quaes se achava o general, os Hollandezes se retirárão na maior desordem. Bagnuolo atacado da gota, e receioso de cahir em alguma emboscada, não permittio que se perseguisse o inimigo, e d'ahi resultou não alcançarem os Portuguezes huma victoria completa. Os Hollandezes perdêrão nesta acção mais de seiscentos mortos; hum sargento-mór, tres capitães e alguns outros officiaes e quinze soldados forão feitos prisioneiros [1].

A 13 de Abril, hum destacamento de quatrocentos Hollandezes, acompanhados de muitos negros e mulatos, assolou a aldêa da Moribeca.

A 14 de Maio, huma expedição de seis navios e oito barcas, com quatrocentos homens a bordo, debaixo da direcção de Calabar, se dirigio ao porto das Pedras, na foz do rio do mesmo nome, que corre pelo meio da aldêa de Porto-Calvo, lugar do nascimento d'este mulato. Queimou tres navios que achou no rio, matou sete habitantes, roubou outros e

[1] Raphael de Jesus diz que a força hollandeza era de mil e quinhentos homens, e a pérda de quatrocentos.

levou comsigo cinco prisioneiros. He provavel que estes actos forão dictados pela vingança.

A 25 de Maio, hum destacamento de duzentos Hollandezes atacou os engenhos de assucar de Gararapes, mas foi repellido por vinte soldados e alguns habitantes, debaixo do mando do capitão Domingos Dias, que matárão vinte e cinco Hollandezes e ferîrão muitos mais.

Tomada da ilha de Itamaracá pelos Hollandezes. — O novo commandante Sigismundo Van Schoppe, querendo assignalar-se e reparar a affronta recebida no ataque do campo do Bom-Jesus, resolveo apoderar-se da ilha de Itamaracá, e da cidade da Conceição situada sobre huma altura, com hum forte defendido por cento e vinte homens, debaixo do commando do governador Salvador Pinheiro.

O general hollandez partio a 20 de Junho do Recife, com dois mil soldados, e facilmente obrigou os Portuguezes a capitular. Mathias de Albuquerque marchava com quatrocentos homens ao soccorro da ilha, quando soube que estava rendida. O conde de Bagnuolo, sempre tardo em suas operações, estava então no cabo S.-Agostinho. Os Portuguezes tornárão logo a occupar a cidade do Iguaraçú com cem homens.

A 27 de Junho, mil e quinhentos Hollande-

zes fizerão huma sortida de Itamaracá; dirigindo-se para a parte da provincia de Pernambuco, que ainda estava em poder dos Portuguezes, atravessárão o rio em lanchas, e marchárão contra o engenho de assucar do doutor Francisco Quaresma de Abreu, onde forão rechaçados com perda de setenta mortos ou feridos. O general portuguez, informado d'este successo, mandou a Iguaraçu hum reforço de oitenta homens debaixo dos capitães Manoel Rebello de França e João Basilio de Sousa. Este posto foi de novo atacado por seiscentos Hollandezes que forão repellidos com perda de setenta homens mortos ou feridos. A 12 de Julho, Calabar, que tinha dirigido os dois ataques, querendo vingar-se dos revezes, marchou com quatrocentos soldados para a parte de Goyana situada ao norte da ilha de Itamaracá, onde havia alguns engenhos de assucar. Queimou quatro, saqueou as habitações, fez alguns prisioneiros, e retirou-se antes que hum destacamento de Iguaraçu tivesse tempo de o vir atacar. O General conhecendo a insufficiencia da guarnição d'esta praça, a evacuou.

A 15 de Julho, os Hollandezes, dirigidos por Calabar, sahirão do forte dos Afogados para atacar o engenho de Pedro da Cunha e Andrade, defendido por alguns soldados, e vinte negros commandados por Henrique Dias. Os Hol-

landezes forão rechaçados com perda de dezoito mortos ou feridos; Dias e tres soldados forão feridos. A 25, os Hollandezes fizerão outra tentativa contra hum engenho de Luiz Ramires igualmente mallograda.

Tentativa dos Hollandezes para pôr cerco ao campo portuguez. — As forças de Mathias de Albuquerque, no campo entrincheirado do Bom-Jesus, estavão reduzidas a mil e duzentos homens, e o conde de Bagnuolo, com a sua companhia, se achava no cabo S.-Agostinho. Pareceo aos commissarios hollandezes opportuna a occasião para pôr cerco ao campo, para o que, a 4 de Agosto, fizerão marchar do forte dos Afogados tres mil soldados com alguns Indios, e desembarcárão na margem do rio Capibaribe. Tentárão atravessâ-lo, e perdêrão vinte e cinco homens: fortificárão-se naquelle sitio, na passagem de Jeronymo Paes, e no engenho de Marcos André junto á borda do rio.

O general portuguez fez então recolher todas as suas forças, que montavão a seiscentos homens. Não tendo mechas para as peças, supprîrão-nas com a planta chamada *embira* ou *imberiba*. Os postos avançados do inimigo estavão apenas a meia legoa do campo, mas o terreno em torno estava coberto de arvoredo, de cannas, e occupado pelos Portuguezes e Indios, que obstavão ao transporte da artilharia de

que carecião os Hollandezes. Estes embarcárão as peças a bordo de hum navio, de doze barcaças e de huma lancha, com as munições e viveres necessarios. Começárão os Hollandezes a trazer estas embarcações a reboque ás onze horas da noite do dia 7 do mesmo mez, e ao mesmo tempo quinhentos soldados marchavão ao longo da praia para as proteger. A distancia do Recife até aos postos hollandezes era de cousa de huma legoa; mas o rio tinha muitas sinuosidades, o que retardou as embarcações, que não chegárão senão ás 5 da madrugada do dia 8 de Agosto, e forão avistadas pelas sentinellas portuguezas, postadas a mais de alcance da artilharia do campo.

Entre tanto o general portuguez tendo recebido alguns reforços, expedio oito companhias commandadas por Francisco Peres de Soto para atacar o comboi hollandez. Depois de hum conflicto que durou desde as cinco da manhan até ás nove, os Portuguezes se apoderárão de todas as embarcações nas quaes achárão seis peças de bronze e cinco de ferro, grande quantidade de munições e viveres, e abundancia de mechas de que muito carecião. Tomárão tambem tres bandeiras, e todo o despojo foi conduzido ao campo. Arrasárão as fortificações e queimárão os navios hollandezes. Estes perdêrão duzentos homens no combate, e se

retirárão, não vendo possibilidade de poderem renovar o cerco. A 9 de Agosto o general portuguez fez cantar hum *Te Deum* em acção de graças. No dia seguinte chegou o conde de Bagnuolo em seu soccorro com duzentos homens do seu terço, e trezentos habitantes, dos quaes cincoenta erão de cavallo. A 12 voltou com esta gente ao cabo de S.-Agostinho.

Expedição hollandeza contra as Lagôas. —O territorio assim denominado dos lagos de agua salgada, está situado na beiramar, a quarenta e sete legoas ao sul do Recife. Para se apoderar d'elle e reparar de algum modo o desastre recente, resolvêrão os commissarios, por conselho de Calabar, expedir quinze navios e algumas barcaças com mil homens a bordo para este fim. Partio a expedição a 20, e foi desembarcar á barra das Lagôas, queimárão a primeira povoação que encerrava cento e vinte habitantes; mas em outra povoação a sete legoas distante experimentárão vigorosa resistencia, e forão obrigados a retirar-se.

Para melhor defesa da Paraîba fez construir o governador portuguez na emboccadura d'este rio, o forte de S.-Antonio, fronteiro ao do Cabedello.

A 6 de Septembro quinhentos Hollandezes capitaneados pelo tenente coronel Biman marchárão contra Iguaraçu, cujos habitantes se

achavão, pela maior parte, no campo real do Bom-Jesus. O General lhes mandou ao encontro os capitães Antonio André e Estevão Alvares com cincoenta homens, e Antonio Felippe Camarão com cento e oitenta Indios, alguns d'elles armados de espingardas. O encontro teve lugar em hum bosque, antes de chegar á cidade; nelle perdêrão os Hollandezes quarenta e sete mortos e muitos feridos, e julgando mais consideravel o numero dos inimigos, se retirárão. Os capitães Luiz Barbalho e D. Fernando de la Riba-Aguero, que tinhão sido expedidos em soccorro, chegárão depois de terminado o combate. O general hollandez fez outra tentativa com mil homens contra a mesma cidade, e foi de novo rechaçado, com perda de cento e trinta homens. Nesta acção os Portuguezes erão duzentos, capitaneados por Francisco de Almeida Mascarenhas, natural da ilha de S.-Miguel, e Paulo Gomes de Albuquerque, de Pernambuco, ambos officiaes de grande valia. Henrique Dias estava á testa de trinta e cinco negros. A perda dos Portuguezes foi leve. No mesmo dia sahîrão trezentos Hollandezes do forte dos Afogados a costear a praia; mas encontrando perto do vao do Rio da Jangada a duas legoas do Cabo S.-Agostinho, hum destacamento de cincoenta homens commandado pelo capitão João Paes de Mello,

este se defendeo com tanto vigor que os obrigou a retirar-se.

No dia 10 do mesmo mez, o capitão Francisco de Sotomayor chegou á Paraîba com dois navios e setenta soldados, para soccorrer o Campo.

Rodrigues Calaça Borges, antigo sargento-mór de milicias, natural da ilha da Madeira, querendo tomar parte na guerra, partio com cinco camaradas, a 25 de Septembro, da freguezia de Ipojuca; mas chegando a duas legoas do forte dos Afogados, e a igual distancia do Campo-Real, pelo caminho que conduz ao Cabo S.-Agostinho, refugiárão-se em huma casa para passar a noite, e forão mortos por hum destacamento inimigo. Em consequencia d'este facto mandou o general portuguez o capitão Domingos Corrêa com quarenta soldados, e o capitão Antonio Cardoso com cincoenta Indios, e a 6 de Outubro expedio outro destacamento de duzentos homens, os quaes travárão com os Hollandezes hum combate em que lhes matárão trinta e seis homens, e fizerão sete prisioneiros, sendo dois d'estes francezes do nome de Luiz, e de estatura agigantada, tendo perto de onze palmos de altura. A 21 o tenente-coronel Biman, conduzido por Calabar, sahio do forte dos Afogados com setecentos homens, com tenção de devastar as povoa-

ções e engenhos vizinhos. O general portuguez, informado d'este projecto pelos seus capitães de emboscadas, expedio a este sitio o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama com duzentos homens, e o capitão Luiz Barbalho com cento e cincoenta. Estes officiaes atacárão de improviso a vanguarda e a retaguarda do corpo hollandez, a quem matárão cento e oitenta homens, e fizerão dezoito prisioneiros.

Mathias d'Albuquerque, que padecia febres quartans havia dezoito mezes, pedio e obteve d'Elrei licença de se retirar.

Chegada e desastre de hum reforço portuguez. — Dois navios (*Capitania* e *Almiranta*), hum de 20 peças de ferro, e outro de 15, e cinco caravelas, com seiscentos homens de tropas e munições, partîrão de Lisboa a 29 de Agosto, e chegárão a 26 de Outubro á emboccadura do rio Mamanguape, tres legoas ao norte da Paraîba. Era a expedição commandada pelo capitão Francisco de Vasconcellos, que havia servido na armada da India, e tinha sido governador de Cabo-Verde. O capitão Pedro Marino de Lobera, que commandava nesta paragem, lhe mandou hum piloto, convidando-o a entrar no rio, afim de evitar a esquadra hollandeza que cruzava nesta costa; mas Vasconcellos recusou, e cedendo ao parecer de seu conselho, dirigio-se ao Rio-Grande ou Pottengy,

situado a tres legoas mais ao norte. No dia 27, navegando entre as bahias da Traição e Formosa, encontrou tres navios inimigos. Tres das suas caravelas derão á costa, e duas outras que entrárão no rio, forão tomadas. Estes dois navios sustentárão o combate por algum tempo contra tres navios hollandezes, que não ousárão tentar a abordagem; a Almiranta, commandada pelo capitão Fernando da Silva Miranda, tendo conseguido desembaraçar-se, entrou na Bahia-Formosa, onde a gente desembarcou, salvando parte das munições, viveres, e dez peças de artilharia. A Capitania só sustentou o combate até á noite, e se acolheo á mesma bahia onde Vasconcellos tinha desembarcado. No dia 29 cinco navios hollandezes, dos quaes tres montavão quarenta peças, e os outros dois vinte, entrárão na mesma bahia. Os Hollandezes mettêrão a pique a Almiranta. A costa era deserta, e a aldêa a mais vizinha estava debaixo da direcção do padre Manoel de Morales. Vasconcellos fez transportar tudo o que tinha salvado dos dois navios e das caravelas a hum engenho situado a tres legoas no interior do paiz. Receando expedir todos estes objectos á Paraîba, conservou-se mais de hum mez na mesma posição, á espera de instrucções do general Mathias de Albuquerque, o qual lhe ordenou de encaminhar por terra

as munições e outros objectos de maiòr preço, expedindo por mar em quatro barcas, algumas pipas de vinho e azeite, a farinha e peixe salgado, embarcando tudo no porto de Cunhau distante cinco legoas do engenho em que Vasconcellos estava aquartelado. Este official metteo doze soldados em cada barca, e depois de as expedir voltou ao engenho. Por desgraça forão as barcas encontradas por hum patacho e quatro barcaças hollandezas, cada huma armada de duas peças de quatro. Não podendo resistir, queimárão os Portuguezes tres das suas barcas e se salvárão em terra; a quarta foi tomada.

Vasconcellos logo que soube este desastre, pôz-se a caminho para soccorrer os naufragados. Tinha já feito tres quartos do caminho quando, a instancias da sua gente, que não tinha tomado alimento algum, se deixou persuadir a passar a noite que estava proxima, em huma povoação, onde tomarião algum refresco e descansarião. Não advertio que o inimigo tinha tempo de se valer da preamar para sahir do rio. Na seguinte madrugada continuou Vasconcellos a sua marcha, mas quando chegou á barra já os Hollandezes tinhão partido, e só achou huma barca a que elles tinhão posto fogo, mas que não ardêra. As munições que ella continha foi tudo o que se poude salvar, e

cento e oitenta homens, dos seiseentos de que constava a expedição, chegárão ao Campo-Real. Esta perda foi a maior que os Portuguezes tinhão experimentado desde o principio da guerra. Outros tres navios de soccorro se perdêrão tambem. Nesta occasião o commandante hollandez poz em terra o capitão Lourenço de Brito Corrêa, feito prisioneiro no momento em que partia da Lagôa do sul com tenção de se embarcar a bordo de huma caravela para Lisboa.

A 6 de Novembro chegou de Lisboa ao Rio-Grande hum reforço de duas caravelas commandadas pelo capitão Cosme do Couto Barbosa.

A 25 Elrei escreveo a Mathias de Albuquerque huma carta honrosa em que reconhecia os serviços que elle tinha feito. No primeiro de Dezembro, em conformidade das ordens d'Elrei, o conde de Bagnuolo foi á Paraîba com dois engenheiros para continuar as obras da fortaleza de S.-Antonio.

Tomada do Rio-Grande pelos Hollandezes. — A 5 de Dezembro huma expedição de desoito navios, levando a bordo mil equinhentos homens, sahio do Recife para pôr cerco ao forte do Rio-Grande. O coronel commandante era acompanhado do chefe de divisão Centio, e de Calabar que servia de guia. O forte tinha treze peças, e huma guarnição de oitenta e

cinco homens, dos quaes poucos erão soldados, debaixo das ordens do capitão Pedro Mendes de Gouvêa. No dia 8 a expedição passou alem da bahia do Rio-Grande, e remontando até á ponta de Gaspar Rebello, onde a artilharia do forte os não podia alcançar, tomou quatro caravelas. Os Hollandezes desembarcárão nesta ponta e estabelecêrão baterias sobre hum morro de arêa que dominava o forte. No dia 10, Gouvêa, posto que ferido, recusava capitular, como lh'o aconselhava o sargento Pinheiro; mas este infame official ajudado de Simão Pitta Ortigueira, e de outros traidores, abrio as portas ao inimigo na noite do 11. Por effeito d'esta traição, os Hollandezes entrárão na praça. Hum reforço de duzentos e cincoenta soldados e duzentos Indios vindo da Paraîba, estava já a sete legoas do forte.

Hum Indio, chamado Jagoarari pelos seus compatriotas, e Simão Soares pelos Portuguezes, e tio de Antonio Felippe Camarão seu alliado, estava havia oito annos preso a ferros no forte do Rio-Grande. Eis aqui o que tinha dado lugar a este acto de rigor. Quando em 1625 os Hollandezes desembarcárão na bahia da Traição, aprisionárão a mulher e o filho de Jagoarari, e indo elle reclamâ-los forão-lhe restituidos; mas accusado de ter deserta-

do ao inimigo, foi injustamente suspeitado de traição. O capitão do forte receando que se este homem fosse solto pelos Hollandezes, os auxiliasse, para se vingar dos Portuguezes, lhe tirou os grilhões e o fez escapar pela muralha da banda do mar[1]. Jagoarari houve-se com heroica e magnanima generosidade. Em vez de excitar os seus compatriotas contra os Portuguezes, esquecendo a injustiça d'estes, e só lembrado da fidelidade que havia jurado, e da parte que tivera na tomada do Maranhão servindo debaixo das bandeiras portuguezas, decidio os Indios das aldêas vizinhas a se declararem contra os Hollandezes.

Os Hollandezes senhores do forte embarcárão duzentos homens, debaixo da direcção de Calabar, que remontou com elles o rio até ao engenho de Francisco Coelho, a duas legoas de distancia, onde se tinhão retirado os habitantes da aldêa, a que se dava o nome de *cidade*, a meia legoa do forte. Por influencia de Pedro Vaz Pinto, escrivão da Fazenda, quarenta d'elles tomárão armas, debaixo de João Ferreira que tinha servido no Campo-Real, e

[1] Outros autores dizem que Jagoarari foi solto pelos Hollandezes, mas concordão no mais. Elrei lhe concedeo huma pensão de 7500 réis, que por sua morte devia passar á mulher e ao filho.

pondo-se de emboscada em lugar por onde devião passar os Hollandezes, estes vendo-se atacados, e cuidando ser o inimigo mais numeroso, se retirárão com perda de oito mortos e alguns feridos.

O sargento-mór Antonio de Madureira, que tinha chegado tarde com trezentos e cincoenta homens em soccorro da praça, retirou-se pelo rio na direcção do engenho de Cunhau, a quinze legoas do forte, e d'alli passou á Paraîba com alguns habitantes do paiz, e muitas cabeças de gado.

O historiador Giuseppe refere horriveis particularidades das crueldades exercidas pelos Indios Janduis contra os Portuguezes depois da tomada do Rio-Grande. Estes selvagens anthropophagos erão reputados os mais ferozes do Brasil. Violavão as mulheres sobre os cadaveres dos pais e maridos, e depois as devoravão. Huma tribu barbara dos Tapuyas tambem commetteo grandes atrocidades devastando as povoações portuguezas do Rio-Grande.

Fundação da Republica dos Palmares. — Muitos escravos africanos de Pernambuco fugidos se acolhêrão aos bosques de palmeiras situados a trinta legoas no interior, onde formárão huma especie de republica em 1630, e com armas que roubárão aos Portuguezes se

puzerão em estado de defesa. A principio não passavão de quarenta, mas successivamente se foi augmentando o numero com huma multidão de outros negros fugidos, a ponto de exceder trinta mil. Estabelecêrão huma fórma regular de governo, e repartîrão a povoação em villas, cidades, e districtos ruraes, onde cultivavão a terra associando-se com os indigenas. A maior das suas povoações, que elles chamavão *Mocambos*, contava mais de seis mil habitantes; tinha tres ruas, cada huma de meia legoa de longo, formadas de cabanas contiguas, cada huma d'ellas com seu quintal. Como não tinhão mulheres, procuravão prover-se d'ellas nas povoações vizinhas, usando de artificio ou de violencia para arrebatarem todas as negras em huma grande extensão de territorio. Logo que conseguîrão este objecto, constituîrão-se em corpo de nação, e tomárão o nome de *Palmarianos*. A principio a fórma do governo foi democratica, nomeárão autoridades judiciaes, organisárão huma milicia composta de todos os homens capazes de pegar em armas, e adoptárão o catholicismo, mais ou menos alterado com mistura de festas, dansas e solemnidades africanas.

O assento da republica offerecia dois graves inconvenientes: a falta de agua nativa, e a proximidade dos estabelecimentos portuguezes,

que os expunha a continuas perdas de gente nas correrías que erão obrigados a fazer para se proverem de água e outros objectos de primeira necessidade. He verdade que causavão maior damno aos colonos do que d'elles recebião. Inatacaveis no inextricavel labyrintho das súas embrenhadas selvas, só corrião risco quando d'ellas se afastavão. Tratavão como iguaes todos os negros fugitivos que vinhão incorporar-se na sociedade, mas fazião escravos os que aprisionavão: tão natural he ao homem a tendencia a opprimir os seus semelhantes! Esta notavel associação adoptou mais tarde o governo monarchico, obedecendo a hum chefe eleito. Subsistio muito tempo, e resistio aos Hollandezes victoriosos. Só quando os Portuguezes, senhores de todo o Brasil, dirigîrão contra os Palmarianos forças consideraveis, he que estes succumbîrão.

Campanha de 1634. — A 18 de Janeiro os capitães Fernando da Silva Miranda, e João de Madureira Godinho chegárão ao Campo com os cento e oitenta homens, unicos que restavão da expedição que partira de Lisboa. Dos quatro centos e vinte que faltavão, huns tinhão morrido, outros estavão doentes; mas os mais d'elles tinhão fugido para o interior do paiz, afim de evitar perigos e trabalhos, que lhes parecião intoleraveis.

O General deixou duzentos homens debaixo das ordens de Alvaro Fragoso d'Albuquerque, e de Jacinto Ayres de Lucerna, para defender a Paraîba. Ao mesmo tempo formou huma companhia dos soldados novamente chegados ao Campo, que deo ao capitão Bartholomeo de Vasconcellos, irmão de Francisco de Vasconcellos, que tinha servido nas armadas.

Para recompensar os serviços d'Antonio Felippe Camarão, Elrei o nomeou capitão-mór de todos os Indios, não só da sua nação Pitaguar, mas dos das outras que vivião em aldêas.

A 5 de Fevereiro chegou huma caravela portugueza ao porto do Cabo S. Agostinho; outras duas entrárão na Paraîba, e trouxerão cento e vinte homens de reforço. Ao mesmo tempo recebêrão os Hollandezes hum soccorro de quinhentos homens.

O chefe dos Tapuyas descendentes d'aquelles que fôrão vencidos pelos Portuguezes, sabendo estarem os Hollandezes senhores do Rio-Grande, sahio do sertão onde habitava a oitenta legoas da costa, e veio roubar e assolar as povoações portuguezas. Atacárão a fazenda de Francisco Coelho onde muitos colonos se tinhão refugiado, e matárão sessenta, comprehendidos os filhos e a mulher de Coelho.

Tentativa dos Hollandezes contra a Paraîba.

— O general hollandez Sigismundo tendo resolvido apoderar-se do Pontal de Nazareth, para depois tomar a Paraîba, sahio do Recife, a 23 de Fevereiro, com huma frota de vinte e quatro navios, dezoito grandes barcaças, e algumas lanchas, levando a bordo tres mil homens de infantaria. A 26 a frota chegou á altura do Cabo-Branco, e se dividio em tres esquadras, das quaes huma se postou defronte da barra, e as outras duas á entrada da Ponta de Lucena, a duas legoas da Ponta de Cabedello; alli desembarcárão mais de dois mil homens, que marchárão contra o forte S. Antonio. Mathias de Albuquerque, sabendo, no dia 7, que os Hollandezes preparavão huma expedição naval, avisou d'isto o governador da Paraîba. Ao mesmo tempo deo ordem a Lourenço Cavalcante, commandante das forças da Goyana, districto de Itamaracá, que o fosse soccorrer, e expedio oitenta homens do Campo commandados por Pedro d'Almeida Cabral. O governador da Paraîba tinha já fortificado huma ilheta chamada *dos Frades Bentos*, e estabelecido huma bateria de sete peças em hum banco de arêa defronte da barra do rio, quasi a igual distancia de Cabedello e S. Antonio, e da banda d'este segundo forte; e para fechar o passo ao inimigo, fez tambem huma estacada na passagem estreita, entre o mar e

huma lagôa impenetravel. O capitão de engenheiros Diogo da Paz dirigio os trabalhos; e o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que, feito prisioneiro dos Hollandezes, havia sido posto em liberdade, e chegado á Paraîba tomou o commando de cento e sessenta homens. A defesa do passo foi confiada ao capitão Domingos de Almeida, ao alferes Antonio da Silva Lobo, e a Simão Soares, com os Indios.

Os Hollandezes atacárão a estacada sem successo, e se retirárão, voltando providos de machados, mas forão de novo repellidos com perda de trinta e doís mortos, e muitos feridos. Tendo-se fortificado perto do entrincheiramento portuguez, atacárão pela terceira vez, na manhan do dia 27, e forão de novo repellidos com perda. Os Portuguezes tendo sido reforçados por algumas companhias, o Governador Antonio d'Albuquerque fez atacar por trezentos soldados e duzentos Indios o campo inimigo, e cortar a sua communicação com os navios. Não o conseguîrão, mas este ataque intimidou os Hollandezes, que se retirárão a 28 e se embarcárão. No 1° de Março o commandante Lichthart se fez á vela para Pernambuco.

1634. — *Tentativa dos Portuguezes para recuperar o Recife.* Mathias d'Albuquerque, sabendo que o commandante hollandez tinha

sahido do Recife, a 23 de Fevereiro, com tres mil homens de infantaria, projectou apoderar-se d'esta praça desguarnecida de soldados. Havia hum lugar onde se podia passar o rio Biberibe na baixamar, mas estava defendido por hum patacho armado de oito peças e cincoenta fusileiros, e protegido pelos fortes de Diogo Paez e S.-Jorge, de hum lado, e do outro, pelas baterias do Recife e o forte da ponta da Asseca. O capitão Martim Soares Moreno foi escolhido para executar esta empreza atrevida, á testa de setecentos soldados e duzentos Indios, tentando forçar a passagem do rio pela meia noite. O General repartio esta força em dois corpos; hum, de duzentos soldados e cem Indios armados de machados e grenadas, devia dar o assalto ao Recife da banda da estacada, em quanto o outro de trezentos soldados e cem Indios armados da mesma maneira, atacaria a porta da praça. Ao mesmo tempo, para fazer diversão, devião fazer-se demonstrações contra os fortes mais remotos do Recife, situados da outra banda da ilha de S.-Antonio. Para animar os soldados, o General, posto que doente, se poz na borda do rio.

No primeiro de Março, pela meia noite, cem soldados e alguns Indios passárão o vao com agua pelos peitos, e chegando á porta a atacárão com intrepidez e se apoderárão das primei-

ras obras, o que deo rebate á guarnição. O chefe hollandez Centio, que se achava alli com duzentos homens, lançou-se em huma lancha, e passou da outra banda da ilha de S.-Antonio. Mas o patacho e os fortes de Diogo Paez, de S.-Jorge e da Asseca fizerão hum fogo continuo sobre o rio, o que intimidou o outro corpo portuguez, e os forçou a retroceder. O primeiro corpo não se vendo apoiado ao nascer do sol, se retirou passando o mesmo vao, levando os feridos sobre os hombros.

Tomada da cidade de Nazareth pelos Hollandezes. — O general Sigismundo, para distrahir a attenção dos Portuguezes, desembarcou na Paraîba, e demorou-se cinco dias a fazer entrincheiramentos; mas a 4 de Março levou ferro com onze navios, e appareceo diante do cabo S.-Agostinho. O forte de Nazareth, situado no terreno o mais elevado, era defendido por huma guarnição de perto de trezentos homens de tropas ás ordens do sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, e de cincoenta milicianos capitaneados por João Paez de Mello. Para impedir o inimigo de desembarcar em Tapoão, situado em distancia de huma legoa ao norte, expedio quatro companhias para fazer trincheiras. A bateria da barra foi guarnecida de soldados capitaneados por Francisco de Betancourt, e D. Pedro Tovar Sotomayor.

Na de S.-Jorge, que ficava mais para dentro, forão assestadas duas peças, e se poz huma pequena guarnição ás ordens do alferes João Rodrigues Pestana. A cidade de Pontal, que estava fóra do alcance da artilharia da barra, era defendida pelos habitantes, pela maior parte marujos, commandados por dois capitães Amaro de Queiroz, e Jorge Cabral da Camara.

A frota hollandeza foi dividida em tres esquadras. Huma, de treze navios, treze lanchas e tres patachos, com tropas a bordo, não podendo effectuar o desembarque na praia de Tapoão, por estar este ponto bem defendido, foi costeando até outro lugar chamado *As Pedras*; mas os Portuguezes tendo recebido quarenta homens de reforço, obrigárão os Hollandezes a se fazerem ao largo, depois de terem perdido mais de cem homens.

A segunda esquadra, composta de onze navios, conseguio entrar pela barra estreita do porto do Cabo, por entre o fogo de duas baterias que a defendião. Hum só dos navios, que perdeo o leme, encalhou; tres dos outros se adiantárão até perto do Pontal. Os marujos intimidados fugírão, abandonando o assucar e as provisões ao inimigo.

A terceira esquadra compunha-se de todas

as lanchas, com mil homens a bordo : Domingos Fernandes Calabar, os conduzio a 5 de Março ao porto, por huma aberta no Recife, a meia legoa ao sul da barra, e tão estreita, que se julgava não poder dar passagem a huma canôa.

A primeira esquadra ficou a meia legoa da barra, para communicar com a cidade por este canal, porque os Portuguezes estavão senhores dos redutos e dos fortes, e impedião a communicação pela barra.

No dia 6 o general Mathias d'Albuquerque chegou ao cabo S. Agostinho á testa de quinhentos homens. Tendo reconhecido a posição do inimigo, resolveo atacâ-lo immediatamente na manhan do dia 7. As forças portuguezas consistião em oitocentos homens, a metade d'elles Indios. Destacou alguns capitães de emboscadas pelo rio dos Algodoaes, que corre perto da cidade, e entre o qual e a praia da barra havia hum bosque tão cerrado que era quasi impenetravel. O destacamento tinha ordem de reconhecer o terreno, e fazer huma diversão contra o inimigo, conduzindo-se segundo as circumstancias. Ao mesmo tempo o General marchou ao longo da praia contra os Hollandezes que se tinhão entrincheirado. Apoderou-se de huma bateria de duas peças a oitenta passos das trincheiras. Os Hollan-

dezes atemorisados começárão a retirar-se da cidade; muitos se lançárão ao rio, e a nado ganhárão os seus navios; outros fugîrão para a ilha de Borges, da outra banda da cidade, e defronte do canal estreito já mencionado. Entretanto o destacamento portuguez avançava pelos bosques, quando hum grito se levantou de estarem os Hollandezes emboscados para lhes cortar a retirada. Hum terror panico se apoderou dos Portuguezes, que fugîrão em desordem, sem que os officiaes conseguissem contê-los.

Os Hollandezes se fortificárão á pressa na cidade, e na ilha, em quanto o general portuguez dispunha as suas forças para lhe tomar a frota sahindo pelo canal estreito da barra; mas elles tiverão meio de excavar o esteiro descoberto por Calabar, em profundidade sufficiente para por elle escaparem os navios depois de descarregados. Os dois commissarios hollandezes deixárão dois mil homens para defender a cidade e as fortificações, ás ordens do coronel Sigismundo, a quem conferîrão o titulo de general, e partîrão em dois navios para Hollanda. O governador da Paraîba, informado d'estas más noticias, mandou á cidade duas companhias de reforço.

O general portuguez fez reparar o navio encalhado no rio da Jangada duas legoas para o

norte, entre o porto do Recife e a barra do Cabo, e o expedio para Hespanha debaixo do commando do capitão Francisco Duarte, que encarregou de informar Elrei dos ultimos successos, e de solicitar promptos reforços.

O tenente-coronel Biman, que commandava no Recife, tentou em vão tomar o campo portuguez na ausencia do General, que estava então no forte de Nazareth. Foi obrigado a retirarse com perda de cem homens, e de dois morteiros. O general portuguez foi igualmente frustrado em hum ataque contra a guarnição do Pontal. Os Hollandezes fôrão igualmente repellidos a 28 de Abril, em huma tentativa contra o engenho de assucar onde se tinhão retirado os Portuguezes e os Indios do Rio Grande; mas estes adiantando-se de mais em alcance dos Hollandezes, perdêrão quarenta homens.

Para subjugar inteiramente os Tapuyas, commetteo-se a Duarte Gomes da Silveira o ir atacâ-los com cento e cincoenta soldados e trezentos Indios de nação inimiga dos primeiros; Silveira passou o rio Pottengy, e encontrou a 28 de Maio, hum corpo de duzentos Hollandezes, que obrigou a retirar-se com perda de cem homens. Silveira, vista a falta de bons caminhos, resolveo não proseguir a marcha, limi-

tando-se a impedir os Tapuyas de communicarem com os Hollandezes.

Na noite do 18 de Maio os Hollandezes fizerão huma sortida da cidade do Cabo S. Agostinho, para atacar o reduto que os Portuguezes tinhão construido na praia, mas forão repellidos com vigor. A quatorze de Maio tinha chegado hum reforço de duzentos soldados velhos da Bahia ao Cabo S. Agostinho. Para proteger a povoação de Pojuca a tres legoas ao sul do Cabo, o general portuguez fez postar alli alguns novos capitães de emboscadas. Esta villa continha cento e vinte habitantes, hum convento de Franciscanos, e nos contornos havia quinze engenhos e plantações de assucar.

A quatorze de Agosto Calabar chegou por mar a Porto-Calvo, onde se achava o capitão Francisco Rebello com alguns soldados, que o atacárão com vigor e lhe matárão quarenta homens e fizerão onze prisioneiros. Calabar foi ferido na acção.

A 20 do mesmo mez duas caravelas de soccorro, vindo de Lisboa, commandadas pelo capitão Balthazar da Rocha Pitta, chegárão, huma ao rio de Cunhau, a outra á Paraîba; cada huma d'ellas trazia trinta soldados e munições. No dia vinte e dois, os Hollandezes avisados que huma caravela e algumas barcas estavão a ponto de sahir do porto de Cunhau, a

primeira para Hespanha, e as barcas para a Paraîba, resolvêrão atacâ-las, assim como o forte que defendia o portó. Para êste fim quinhentos soldados, e grande numero de Tapuyas vierão do Rio-Grande. O capitão Fragoso, que commandava o reduto, não tinha mais que vinte e dois homens, dos quaes quatorze erão marinheiros e oito soldados. No dia vinte e tres foi atacado de noite sobre tres pontos a hum tempo; os Tapuyas, descorçoados pelo estrondo da artilharia, fugîrão, e os Hollandezes se retirárão com perda de alguns mortos e feridos; mas ao amanhecer reconhecêrão a pouca força do reduto, e resolvêrão tomâ-lo. A pequena guarnição defendeo-se com a maior coragem; dezoito homens perdêrão a vida, e os quatro que restavão forão depois deshumanamente mortos. O capitão recebeo tambem huma estocada, mas a ferida não foi mortal, e foi conduzido ao Recife onde ficou prisioneiro. Ao mesmo tempo chegou da Paraîba a caravela de Rocha Pitta para soccorrer o reduto. Os Hollandezes se retirárão ao Rio-Grande. Tinhão perdido quarenta homens no ataque do reduto.

Tomada da Paraîba pelos Hollandezes. — Os commissarios hollandezes, de vôlta á Haya, fizerão ver á Companhia Occidental a grande importancia da conquista do Brasil; e para a

completar, preparou-se huma nova expedição de dezoito navios com tres mil soldados[1], e muitas munições e viveres. O coronel polaco Artisjoski[2], official valente e experimentado, commandava as tropas. Esta frota entrou no porto do Recife a 28 de Outubro. O general teve ordem de se apoderar da Paraîba.

A 7 de Novembro Calabar sahio do Recife com quatro navios e hum patacho, e entrando no rio Mamanguape queimou huma caravela que alli estava descarregada, e tomou hum patacho meio carregado de assucar. Deixou alli os quatro navios, e voltou com os dois patachos.

A frota hollandeza de vinte e nove navios, levando dois mil homens de tropas, sahio do porto do Recife a 25 de Novembro, e appareceo diante do Cabo-Branco a 4 de Dezembro, levando a infantaria embarcada em cincoenta barcas e lanchas seguidas de hum patacho, para atacar a Paraîba. Esta praça tinha sido fortificada pelo Governador Antonio d'Albuquerque. Na entrada da barra do rio Paraîba, perto do canal da banda do sul estava o forte Cabedello, bem provido de munições e viveres,

[1] Brito Freire diz vinte e dois navios, e tres mil e quinhentos soldados.

[2] A. Coelho o chama Cristoval Arquichofle.

defendido por duas companhias, e alguns artilheiros ás ordens dos capitães João de Matos Cardoso e D. Jacinto Arias de la Serna. Da outra banda, e mais longe da barra, estava o forte S.-Antonio, já acabado, excepto o parapeito : a sua defesa era confiada ao capitão Luiz de Magalhães, com sessenta artilheiros e sufficientes munições e mantimentos. Em distancia de tiro de canhão de cada hum d'estes fortes estava a ilha de S.-Bento sobre hum banco de arêa defronte da barra, onde se tinha assestado huma bateria de sete peças, defendida por quarenta homens debaixo das ordens do capitão Pedro Ferreira de Barros. Sobre a praia, em distancia de mais de quatro legoas, havia algumas trincheiras e redutos para impedir hum desembarque no rio, e no Guaramama, ao sul do Cabo-Branco. Havia outro reduto no passo de Boisos, defendido pelo capitão Antonio Ferreira de Lemos, com a sua companhia de milicianos. A cidade situada a tres legoas da barra, perto do rio, era protegida por alguns entrincheiramentos. A praça não tinha mais que oitocentos soldados e setecentos habitantes, para sua defesa.

O general Mathias de Albuquerque, avisado da partida e do destino d'esta expedição, fez marchar do campo tres companhias debaixo dos capitães Simão Caieiro, Gregorio Guedes

de Soutomaior e Jeronymo Pereira, os quaes chegárão á Paraìba antes dos Hollandezes. Lourenço Cavalcante de Albuquerque teve ordem de conduzir os reforços da Goyana. De toda esta gente se formárão cinco corpos destinados a guarnecer as posições onde o desembarque era mais facil ao inimigo. As tres companhias vindas do Campo forão postadas na entrada da enseada, chamada de Manoel Alvares, em distancia de mais de quatro legoas ao sul da barra e do forte Cabedello. A huma legoa mais ao norte, no lugar chamado Nicolao dos Reis, postou-se a gente da cidade debaixo do capitão Manoel de Queiroz Sequeira. No lugar denominado Jacome d'Oliveira, situado a legoa e meia da enseada de Jaguaribe, tomou posição o Governador com alguns habitantes e os reforços da Goyana. Emfim, entre este posto e Cabedello, havia outro posto na pescaria de João de Matos, onde se achavão os capitães D. Gaspar de Valcazar, e Domingos d'Arriaga.

A 4 de Dezembro, os Hollandezes effectuárão o seu desembarque na enseada de Jaguaribe sem outra perda mais que tres barcas e huma lancha. O Governador fez huma resistencia inutil, e perdeo quarenta e cinco homens mortos e maior numero feridos. Os Hollandezes tiverão quinze mortos e vinte e tres feridos. Todavia o Governador teve tempo de

mandar reforços ao forte Cabedello, e estabeleceo o seu quartel em S.-Antonio.

No dia 10, as bombas dos Hollandezes matárão doze homens e ferîrão vinte do forte Cabedello. Favorecida por hum denso nevoeiro, huma divisão da frota passou a barra, e oitocentos Hollandezes tomárão a ilha de S.-Bento e a bateria, matando vinte e seis dos quarenta Portuguezes que a defendião. Voltárão as peças contra o forte Cabedello, e occupando as duas margens do rio cortárão a communicação entre os fortes e a cidade. Os sitiados tendo perdido oitenta e dois homens e dois capitães, e estando feridos cento e tres, perdêrão toda a esperança de conservar a fortaleza, e se entregárão a 19 de Dezembro. O conde de Bagnuolo chegou no dia seguinte á Ermida da Guia, a hum quarto de legoa de S.-Antonio, com hum reforço de trezentos homens de Pernambuco para soccorrer a cidade; mas reconhecendo que toda a resistencia era inutil, deo ordem de evacuar a praça, e fez queimar os navios mercantes que estavão no porto. Os soldados levárão quanto puderão roubar aos habitantes, e retirárão-se com o commandante ao forte de Nazareth. No dia 23 o forte de S.-Antonio tambem capitulou com as mesmas condições que o de Cabedello.

Esta victoria custou seiscentos homens aos

Hollandezes. Antonio d'Albuquerque se retirou a Pernambuco, e o general hollandez Sigismundo entrou na cidade da Paraîba, que os Hespanhoes havião denominado em 1585 Felippéa, e a que os Hollandezes mudárão o nome em Frederica. Toda a provincia e a do Rio-Grande se submettêrão, assim como a ilha Itamaracá. Depois d'estes successos, Sigismundo voltou triumphante ao Recife.

1634. — Os agentes hollandezes sentindo a necessidade de reter por meios conciliatorios a povoação portugueza que emigrava logo que elles se apossavão do paiz, publicárão a 26 de Dezembro huma declaração, na qual promettião : 1° Que os habitantes gozarião da liberdade religiosa, e das suas igrejas ; 2° que se lhes faria boa justiça, e que serião protegidos contra toda a violencia ; 3° que gozarião plenamente das suas propriedades ; 4° que não pagarião nenhum imposto excepto os dizimos, e os direitos ordinarios da entrada de generos ; 5° que possuirião livremente todos os seus bens móveis e immoveis, gado e escravos, restituindo-se-lhe os que lhe houvessem sido tomados ; 6° ás pessoas que quizessem ausentar-se se fornecerão meios de transporte por agua ou por terra ; 7° no caso de ser o paiz retomado, terão os habitantes á sua disposição todos os meios de se embarcar ; 8° as pes-

soas que quizerem reconhecer a autoridade dos Hollandezes, prestarão em pessoa juramento de fidelidade; 9° o serviço militar será meramente voluntario; 10° os delictos serão só punidos segundo as leis; 11° as desavenças entre Portuguezes serão decididas por hum juiz da sua nação; 12° será licito a cada hum trazer armas para propria defesa.

A principio mui poucos Portuguezes se apresentárão para se aproveitar das condições d'este regulamento, mas a 9 de Janeiro do seguinte anno, oito dos principaes habitantes da Paraîba adherîrão a elle, e o seu exemplo foi seguido por muitos outros.

Campanha de 1635. — Os Hollandezes victoriosos resolvêrão apoderar-se de Nazareth, e do Campo-Real, de que ainda os Portuguezes estavão de posse. Com este intento marchou Artisjoski da Paraîba sobre Goyana e Pernambuco a 7 de Fevereiro com trezentos homens. Ao mesmo tempo sahio o general Sigismundo do Recife com dois mil soldados e quinhentos Indios da Paraîba e Rio-Grande, e se dirigio pelo interior do paiz sobre Guararapes e Santa-Anna, na proximidade da freguezia da Moribeca, a quatro legoas do acampamento portuguez e a tres do forte dos Afogados. O general portuguez postou-se com trezentos homens no estabelecimento de S.-Antonio. Os Hollandezes ti-

nhão cinco mil e quinhentos, comprehendidos os Indios, e os Portuguezes não ousárão arriscar o combate com as poucas forças de que podião dispôr.

O acampamento tinha quatrocentos e cincoenta homens de guarnição debaixo do mando de André Marin, tenente-coronel de artilharia. O forte de Nazareth e o cabo S.-Agostinho erão defendidos por seiscentos homens debaixo de dois chefes Pedro Corrêa da Gama sargento-mór do estado, e Luiz Barbalho sargento-mór do regimento de Portugal. A 3 de Março, o general hollandez se approximou do Campo e do Cabo. No mesmo dia, o general Mathias d'Albuquerque, com trezentos homens, occupou Villa-Formosa, no districto de Serinhaem, para poder soccorrer as praças sitiadas, e proteger o desembarque dos reforços que pudessem vir de Hespanha pelos rios Formoso e Serinhaem. O general Sigismundo tomou posição no engenho dos Algodoaes de Miguel Paez, a huma legoa do forte de Nazareth, onde se poz em defesa com trincheiras e embarcações ligeiras. O coronel Artisjoski, com perto de tres mil homens, estabeleceo-se no engenho de Francisco Monteiro, em distancia de tiro de peça do acampamento real, e por detrás d'elle. André Marin com duzentos homens tentou em vão, por espaço de huma hora, obstar a esta manobra.

A 4 de Março o coronel occupou o engenho de Marcos André, a igual distancia do campo e em frente d'elle, na posição a mais conveniente para conservar a communicação do forte dos Afogados. A 5 tomou huma posição na margem do rio Capibaribe em distancia de tiro de espingarda do campo portuguez. Nesta posição podia proteger a chegada de munições e viveres conduzidos pelo rio. Por conselho do conde de Bagnuolo, estabeleceo o general portuguez hum posto em Porto-Calvo, a 16 legoas mais ao sul, e a 25 do cabo S.-Agostinho. Em consequencia o conde partio no dia 8 para aquelle lugar, com duzentos homens, chegou a 12, e começou logo a fortificar-se na igreja velha. Reforçado por cem milicianos e os Indios do capitão-mór Camarão, o general procurou cortar as communicações. Entretanto hum corpo de mil Hollandezes chegou a Pindova, a huma legoa de Villa-Formosa : quatrocentos d'elles, que tentárão penetrar por hum atalho, forão repellidos por cem Portuguezes e alguns Indios. A pezar da grande superioridade das forças hollandezas, os Portuguezes conseguîrão metter viveres em S.-Agostinho e no Campo Real.

Os Hollandezes em numero de sete mil e quinhentos homens chegárão a Aybu, pequena povoação proxima ao cabo S.-Agostinho, e forão repellidos em tres tentativas contra os en-

trincheiramentos na vizinhança do forte de Nazareth. Por fim conseguîrão apoderar-se d'este posto atacando-o no dia 27 com mil e quinhentos homens, dos quaes perdêrão cento e vinte. Guarnecêrão o posto com tres peças, e assestárão outras tres no passo do Fidalgo para bater a praça.

Ao mesmo tempo o almirante hollandez Lichthart avisado que o conde Bagnuolo se fortificava em Porto-Calvo, marchou contra este ponto com seiscentos homens; Bagnuolo foi ao seu encontro com duzentos soldados e alguns milicianos, mas foi vencido e obrigado a retirar-se pelo rio das Pedras até á lagôa do Norte, situada a dezanove legoas ao sul, onde chegou a 21 de Março. O capitão D. Fernando de la Riba-Aguero, que Bagnuolo tinha destacado com quarenta homens, se salvou em Villa Formosa.

Os Hollandezes senhores de Porto-Calvo, se apressárão de fortificar a igreja velha e a nova, e duas casas grandes proximas á primeira situadas sobre huma altura. Levantárão tambem hum muro de terra com fosso e estacada, guarnecêrão os quatro angulos de artilharia, e mettêrão na praça huma guarnição de quinhentos homens, obrigando os habitantes do districto a fornecer-lhes viveres.

O general hollandez, persuadido que a praça

tinha pequena guarnição, resolveo atacâ-lo, para o que fez marchar oitocentos homens ás ordens do sargento-mór André Zon; este official chegou a 11 de Abril a hum posto distante huma legoa da cidade, contra o qual tinha já feito huma tentativa van a 18 de Março. Este posto era defendido por oitenta homens ás ordens do capitão Affonso d'Albuquerque, e alguns Indios debaixo do mando dos capitães Antonio Cardoso, e João d'Almeida. Não tendo força sufficiente para resistir ao inimigo, forão-se retirando pelo rio Serinhaem sobre o corpo do general, que tinha passado o rio mais acima. Atacados pelos Hollandezes resistîrão desde as dez horas da manhan até ao pôr do sol, e impedîrão o inimigo de se senhorear da cidade, obrigando-o a retirar-se com perda de cento e vinte mortos e setenta feridos. Os Portuguezes tiverão dez mortos e vinte e dois feridos, sendo dos primeiros o capitão Antonio André, official mui distincto que servia desde o principio da guerra, e Estevão Velho, que tinha perdido na guerra dois irmãos e hum cunhado.

Estevão Velho era filho de Maria de Sousa, huma das mulheres mais distinctas e ricas de Pernambuco. Já nesta guerra desastrosa tinha perdido dois filhos e hum genro. Quando lhe annunciárão a triste nova da perda do seu terceiro filho, chamou os dois que ainda lhe res-

tavão, hum de quatorze, o outro de treze annos, e com heroica virtude os excitou a sacrificar a vida no serviço do rei e da patria, mostrando-se dignos do pai que lhes dera o ser, e da gloria adquirida pelos irmãos.

Á 4 de Maio o general hollandez renovou o ataque do Cabo S.-Agostinho, e conseguio apoderar-se de hum reduto, mas d'elle forão rechaçados os Hollandezes pelo sargento-mór Luiz Barbalho que veio do forte de Nazareth, e lhes matou quarenta e cinco homens, sem contar os feridos. No dia 18 forão de novo repellidos.

No primeiro de Abril o coronel Artisjoski começou a apertar o cerco do Campo, occupando as casas de Jeronymo Paez a tiro de espingarda da praça, onde estabeleceo o seu quartel general; e durante a noite avançou-se a tiro de pistola e elevou hum reduto, defendido por huma estacada corpada de gabiões.

O Governador fez sahir do campo cincoenta homens para desalojarem do bosque visinho algumas companhias inimigas; mas forão obrigados a acolher-se ao acampamento depois de terem perdido alguma gente, e entre elles, o commandante. Tambem fizerão os Portuguezes algumas tentativas infructiferas para metter viveres no forte de Nazareth.

Entretanto os Hollandezes continuavão a

tinha pequena [illegible] durante trinta
para o que fez [illegible] Os sitiados per-
ordens do sar [illegible] faltos de vive-
cial chegou [illegible] dores não deixavão
huma legoa [illegible] todo o paiz entre
feito huma [illegible] mpo, e castigando de
posto era [illegible] fazer entrar soc-
dens do [illegible] a liberdade aos es-
guns Ind [illegible] os autores d'estas
tonio C [illegible] portuguez prolongava
força [illegible] rapeitos, e fez abrir hu-
se ret [illegible] o Campo para depositar
do g [illegible] munições. Por fim virão-
Ata [illegible] coiro, cães, gatos e ratos.
dez [illegible] foi o governador obrigado
pe [illegible] de haver sustentado hum
ol [illegible] tres mezes e tres dias. A 6 de
vi [illegible] a guarnição com as honras mili-
ti [illegible] -se-lhe a faculdade de se em-
[illegible] as ilhas hespanholas. Os desgra-
[illegible], não sendo comprehendidos na
[illegible] forão considerados pelos Hollan-
[illegible] traidores ao principe d'Orange e
[illegible] a resgatar a liberdade com dinheiro.
[illegible] de Freitas e outro Portuguez forão
[illegible] a tratos por não terem preenchido a
[illegible] exigida. Por este atroz expediente extor-
[illegible] os Hollandezes muitos mil cruzados.
[illegible] no cerco mil homens mortos, e sete

...eridos. Os Portuguezes tiverão cem ...e cento e quarenta feridos. Os Hollan... ...arrasárão as fortificações, e transpor... ...a artilharia ao Recife.

...general hollandez concentrou as suas for... ...a roda do forte de Nazareth, onde Mathias ...Albuquerque conseguio fazer entrar alguns soccorros por meio de jangadas pequenas, das quaes cada huma não levava mais de meia fanga de arroz.

A 25 de Julho, o general portuguez teve aviso do conde Bagnuolo da chegada a Villa-Formosa de duas caravelas commandadas pelos capitães Paulo de Parada e Sebastião de Lacena, que trazião algumas munições, e a noticia que a armada combinada de Castella e Portugal partiria em Maio, em consequencia do que convinha reunir todas as forças nas Alagôas. Este plano foi adoptado, e o forte de Nazareth se rendeo a 2 de Julho, com as mesmas condições que a guarnição do acampamento.

O general portuguez evacuou esta porção do territorio de Pernambuco, e protegeo a emigração de tres mil habitantes, e quatro mil Indios amigos. Não tinha mais de duzentos soldados regulares, e pouco mais de cem Indios armados e commandados pelo capitão-mór Antonio Felippe Camarão. Marchárão para Porto-Calvo,

bater e bombardear o Campo, e durante trinta e cinco dias não cessou o fogo. Os sitiados perdião muita gente, e estavão mui faltos de viveres e munições, que os sitiadores não deixavão entrar na praça, occupando todo o paiz entre o forte de Nazareth e o Campo, e castigando de morte todos os que tentavão fazer entrar soccorros no Campo. Até davão a liberdade aos escravos que denunciavão os autores d'estas tentativas. O governador portuguez prolongava a defesa elevando parapeitos, e fez abrir huma cova no centro do Campo para depositar nella os feridos e as munições. Por fim virão-se reduzidos a comer coiro, cães, gatos e ratos. Nesta extremidade foi o governador obrigado a capitular, depois de haver sustentado hum apertado cerco de tres mezes e tres dias. A 6 de Junho sahio a guarnição com as honras militares, e concedeo-se-lhe a faculdade de se embarcar para as ilhas hespanholas. Os desgraçados colonos, não sendo comprehendidos na capitulação, forão considerados pelos Hollandezes como traidores ao principe d'Orange e obrigados a resgatar a liberdade com dinheiro. Antonio de Freitas e outro Portuguez forão mettidos a tratos por não terem preenchido a somma exigida. Por este atroz expediente extorquirão os Hollandezes muitos mil cruzados. Perdêrão no cerco mil homens mortos, e sete

centos feridos. Os Portuguezes tiverão cem mortos e cento e quarenta feridos. Os Hollandezes arrasárão as fortificações, e transportárão a artilharia ao Recife.

O general hollandez concentrou as suas forças á roda do forte de Nazareth, onde Mathias d'Albuquerque conseguio fazer entrar alguns soccorros por meio de jangadas pequenas, das quaes cada huma não levava mais de meia fanga de arroz.

A 25 de Julho, o general portuguez teve aviso do conde Bagnuolo da chegada a Villa-Formosa de duas caravelas commandadas pelos capitães Paulo de Parada e Sebastião de Lucena, que trazião algumas munições, e a noticia que a armada combinada de Castella e Portugal partiria em Maio, em consequencia do que convinha reunir todas as forças nas Alagôas. Este plano foi adoptado, e o forte de Nazareth se rendeo a 2 de Julho, com as mesmas condições que a guarnição do acampamento.

O general portuguez evacuou esta porção do territorio de Pernambuco, e protegeo a emigração de tres mil habitantes, e quatro mil Indios amigos. Não tinha mais de duzentos soldados regulares, e pouco mais de cem Indios armados e commandados pelo capitão-mór Antonio Felippe Camarão. Marchárão para Porto-Calvo,

e a 12 de Julho fez o General alto no monte de Amador Alvares, a tiro de peça da cidade, e dispoz alli duas emboscadas de cincoenta homens cada huma, sobre as duas bordas da estrada, para cahir sobre os Hollandezes, que, illudidos por Sebastião de Souto, devião fazer huma sortida contra os Portuguezes. Souto vivia entre os Hollandezes que detestava, e era bem visto d'elles; tendo-se offerecido ao commandante Alexandre Picard para ir reconhecer a força dos Portuguezes, aproveitou esta occasião para avisar Mathias d'Albuquerque da chegada de Calabar a Porto-Calvo no dia antecedente com duzentos homens, aconselhando ao mesmo tempo que se dispozessem os Portuguezes a tirar partido do aviso falso que elle ia dar ao Governador, fazendo-lhe crer que a força inimiga era hum punhado de soldados com alguns Indios. Picard, confiado neste aviso de Souto, sahio com duzentos homens; mas atacado de improviso pela gente emboscada, foi repellido com perda de cincoenta homens. Os Portuguezes lhe forão no alcance até ás fortificações, nas quaes se trabalhava havia quatro mezes. A que dominava as outras era a igreja velha, fortificada e defendida por oitenta mosqueteiros e trinta carabineiros. Posto que privados de todos os meios de escalar, a tudo supprio o valor portuguez, e antes do sol posto

tinhão-se apoderado da igreja. Animados por este successo, os Portuguezes atacárão imprudentemente as duas casas fortificadas e a igreja nova, mas forão repellidos com perda de vinte Indios e Portuguezes mortos, e oitenta feridos. Todavia tomárão hum reduto que protegia os soccorros que vinhão pelo rio das Pedras. Depois d'esta ventagem continuárão a apertar a praça, que por falta d'agua não podia resistir muitos dias. A 18 incendiárão huma das casas fortificadas onde morrêrão alguns dos que a defendião. No dia seguinte Picard offereceo capitular, sahindo com as honras militares; a guarnição foi conduzida á Bahia, para ser embarcada para Hespanha e de lá para Hollanda. Picard quiz salvar Calabar comprehendendo-o na capitulação, mas o general portuguez não consintio. Então este mulato, antevendo a sua sorte, resignou-se a ella com grande firmeza de animo. Deo todas as mostras de sincero arrependimento, e a 22, foi enforcado e esquartejado, e expostos os seus dilacerados membros nas palissadas da villa onde elle nascêra. Era homem de engenho, e de notavel coragem e actividade, mas de má indole. Tinha desertado em 1632 para os Hollandezes, que lhe derão a patente de capitão, e depois a de sargento-mór: tinha dirigido todas as operações contra os seus compatriotas, a quem tinha causado gra-

vissimo damno. Não se sabe qual fôra o motivo que o decidira a desertar. Mathias de Albuquerque, com gran desdouro seu, havia algum tempo antes seduzido hum primo de Calabar para o matar á traição, mas este vil assassino morreo espetado na propria espada quando ia cravâ-la no parente, que o aguardava sem a menor suspeita da damnada tenção.

O general portuguez propoz ao commandante hollandez a troca dos prisioneiros que erão perto de quatrocentos, comprehendidos os officiaes, pelos Portuguezes do cabo S. Agostinho; mas esta proposição foi recusada. Tambem mandou enforcar Manoel de Castro, que tinha seguido o inimigo em qualidade de alcaide em Porto-Calvo. Recompensou Sebastião de Souto, nomeando-o alferes do capitão Affonso de Albuquerque.

Nesta epocha os Hollandezes tinhão quatro mil homens em campanha, e estavão senhores de todos os portos da costa da Paraîba e Pernambuco, com cinçoenta navios de guerra para os guardar.

Albuquerque tendo feito arrasar as fortificações de Porto-Calvo, e enterrado as peças nos bosques, partio a 23 para as Alagôas. De caminho encontrou no rio de Santo Antonio Grande, a seis leguas das Alagôas, os capitães Paulo de

Parada e Sebastião de Lucena, que tinhão vindo de Lisboa em hum navio em que tambem viera embarcado o successor de Mathias d'Albuquerque. Os emigrados logo que chegárão ás Alagôas se dispersárão; huns forão para a Bahia, outros para o Rio de Janeiro.

A 29 o General chegou á Lagôa do Norte onde achou o conde de Bagnuolo, com quem conferio. Ambos assentárão em occupar a Lagôa do Sul, que era mais defensavel, por estar situada entre os tres fortes de Jaraguá, das Lagôas e o dos Francezes. O General occupou este posto a 2 de Agosto, com quatrocentos Portuguezes e Indios, e começou a fortificar-se. No dia 15, o coronel Artisjoski, com dois mil soldados, partio para occupar Peripueira, altura situada na costa quarenta legoas ao sul do Recife, oito das Alagôas, e duas do passo do Poço, situado seis legoas para o norte. Estabeleceo hum reduto sobre huma altura, perto da ermida de S. Gonçalo, e outro sobre a praia, para communicação com os habitantes do campo.

A 28 de Agosto o General fez partir para Hespanha huma das caravelas commandada pêlo capitão Sebastião de Lucena, para informar Elrei dos ultimos successos.

A 25 de Septembro, o governador da Paraîba, António d'Albuquerque, partio para o Maranhão em huma barca, com tenção de se

embarcar para as colonias hespanholas e de lá para Hespanha.

Huma esquadra hollandeza de quatorze navios, commandada por Cornelis Jol, partio do Recife e tomou a ilha de Fernando de Noronha, onde deixou alguns navios. Com os outros foi-se em busca da frota do Mexico, que encontrou no canal de Bahamá; atacou-a com vantagem, mas a victoria lhe escapou pela insubordinação dos capitães, que não quizerão obedecer a hum almirante que tinha sido corsario.

Nova expedição hispano-portugueza. A Côrte de Hespanha, anciosa de retomar Pernambuco, armou huma esquadra de vinte navios, levando a bordo mil e setecentos soldados. O general da esquadra de Castella era D. Lope d'Hozes e Cordova, e o almirante, D. José de Menezes. O general da de Portugal era D. Rodrigo Lobo, e o almirante, João de Sequeira Varijão. A armada partio de Lisboa a 7 de Septembro, levando a bordo D. Luiz de Roxas e Borja, mestre-de-campo do commandante em chefe D. Antonio d'Avila e Toledo, successor de Mathias d'Albuquerque, e Pedro da Silva, para render Diogo Luiz d'Oliveira, em qualidade de Capitão-general do Brasil, na Bahia. Esta frota arribou ás ilhas do Cabo-Verde, onde perdeo alguma gente por doença, e chegou a 26 de Novembro diante do Recife, onde es-

tavão nove navios carregados de tabaco, algodão, pao de tinturaria, e gingivre, promptos a partir, e tendo cada hum cinco ou seis homens de tripolação a bordo; mas não havia fundo sufficiente para os navios da esquadra poderem atacá-los.

A 30 de Novembro, abordárão os Portuguezes á ponta de Jaraguá, para desembarcar a gente e as munições. Os Hollandezes tinhão então as suas forças disseminadas em huma extensão de cem legoas de costa desde Peripueira até Pottengy. Sigismundo não tinha mais de duzentos homens na capital, e quando avistou os navios, deo-se por perdido. A frota dirigio-se para o cabo S. Agostinho, onde o mao tempo os impedio de desembarcar. Bagnuolo aconselhou a Hozes que entrasse no rio Serinhaem, mas elle recusou fazê-lo, e proseguio a sua derrota até á barra das Alagôas.

A 6 de Janeiro 1636, o Mestre-de-campo tomou o mando das tropas, e marchou ao encontro do inimigo com mil e quatro centos homens e alguns Indios commandados por Camarão, a quem Elrei tinha concedido o tratamento de *Dom*. Durante a marcha soube por dois soldados de Sebastião de Souto, que o general Schoppe com seiscentos homens se tinha apossado de Porto-Calvo, e que para impedir todas a communicação entre o exercito portuguez e

os habitantes do paiz, tinha ordenado aos habitantes que residião ao sul da cidade, de se retirarem para o norte. De Roxas expedio o capitão Francisco Rabelo, com duas companhias, para entreter o general hollandez até elle chegar; mas este tendo aviso da marcha dos Portuguezes, retirou-se á Barra-Grande en distancia de cinco legoas.

No dia 16 o commandante portuguez informado que Sigismundo tinha desembarcado tropas nesse porto, e que Artisjoski tinha sahido do seu campo de Peripueira, com mil e quinhentos homens, deixou quinhentos em Porto-Calvo e marchou ao encontro do inimigo com oitocentos soldados e os Indios auxiliares. No dia 17, á bocca da noite, avistou o inimigo, com o qual teve algumas escaramuças, que lhe fizerão conhecer a grande differença entre a maneira de pelejar nos bosques, e a de fazer a guerra na Europa. Os seus officiaes lhe aconselhárão de não arriscar combate contra forças superiores, e de esperar as tropas de Porto-Calvo. Elle seguio o conselho, mas na seguinte madrugada, provocado pelo inimigo que se tinha postado em huma planicie estreita protegida por bosques, travou o combate e obteve algumas vantagens; mas tendo ordenado huma ordem que foi mal executada, quiz restabelecer a ordem apeando-se do cavallo, quando foi

ferido em huma perna de huma bala, e logo depois cahio mortalmente ferido de outra. Tinha cincoenta e dois annos de idade. Os Portuguezes tiverão trinta e tres mortos e trinta e oito feridos; a perda dos Hollandezes passou de duzentos. Artisjoski, falto de viveres, retirou-se a Peripueira levando prisioneiro Heitor de la Calchi, sargento-mór dos Napolitanos.

O tenente-general Manoel Dias d'Andrade, tinha-se adiantado a huma legoa de Porto-Calvo, com trezentos homens; quando soube a derrota e morte de Roxas, voltou a este lugar e alli se fortificou. No dia 19 abrio as cartas d'Elrei datadas de 30 de Janeiro de 1635, e nellas vio que o conde de Bagnuolo era nomeado successor de Roxas. Os soldados e os habitantes se mostrárão descontentes, e querião forçar Andrade a tomar o mando. Os da Alagôa tambem se oppozerão á nomeação Regia, e rogárão a Duarte de Albuquerque que assumisse a autoridade civil e militar; mas elle recusou e conseguio acalmar esta sedição. O conde de Bagnuolo participou ao capitão-general Pedro da Silva e aos almirantes, que estavão na Bahia, a morte de D. Luiz de Roxas, e a sua nomeação. Propoz-lhes ao mesmo tempo hum meio de fazer grande damno ao inimigo, correndo a costa de Pernambuco que estava desguarnecida de navios e soldados. O projecto foi approvado,

mas não poude ter effeito, por haver o general D. Lope recebido ordem de partir para Curaçao, com Diogo Luiz d'Oliveira, a fim de expulsar os Hollandezes d'está ilha. Bagnuolo expedio para a ilha Terceira huma embarcação que foi tomada pelos Hollandezes, e construio hum forte na Lagòa do norte, de que nomeou capitão Affonso d'Albuquerque, com trezentos homens de guarnição. A 15 de Março o conde partio para Porto-Calvo, onde chegou a 19. Passou mostra á sua tropa, e achou que tinha mil e oitocentos soldados effectivos, alem dos Indios ás ordens de D. Antonio Felippe Camarão.

Bagnuolo destacou o tenente Manoel Dias de Andrade com quatrocentos soldados, e Camarão com os seus Indios, para occupar e fortificar hum posto ao sul, perto do Rio-Una, defronte da aldêa de S.-Gonçalo, a dez legoas de Porto-Calvo, e a seis de Villa-Formosa. Ao mesmo tempo mandou o sargento-mór Martim Ferreira, para commandar no forte da Lagôa, em lugar de Affonso de Albuquerque, que chamou para o quartel general. D'este posto fazia a guarnição continuas correrias, matando muita gente aos inimigos. O capitão de emboscadas Antonio Bezerra, com Sebastião de Souto e alguns soldados, penetrárão em huma quinta onde se achava o sargento-mór Hollandez André Zon e tres dos seus officiaes, que

forão mortos. Zon se salvou saltando pela janella, deixando a espada e o chapéo.

A 12 de Abril Duarte de Albuquerque mudou o nome de Porto-Calvo no de Villa de Bom-Successo, concedendo-lhe em nome d'El-rei huma jurisdicção municipal. Deo tambem o nome de Villa da Madalena ao estabelecimento da Lagôa do sul, e o de S.-Francisco ao do rio do mesmo nome.

No dia 14, o capitão Francisco Rebello fez outra correria com duzentos e cincoenta soldados e duzentos Indios, por outro caminho, atravessando o mato, e voltou com boa porção de polvora e munições que tinha colhido. Outro destacamento penetrou até ao engenho de João Paez Baretto, a duas legoas do cabo S.-Agostinho, onde havia setenta Hollandezes de guarnição, que fugîrão para a igreja, onde trinta forão mortos; os outros se entregárão.

Animado por estes successos, o conde de Bagnuolo entrou em campanha em pessoa, para devastar o paiz atacando os postos hollandezes, e não dando quartel; mas o capitão Rabelo tendo-se adiantado imprudentemente até S.-Lourenço, aldêa do interior, a cinco legoas do Recife, encontrou hum corpo de oitocentos homens, soldados e marinheiros, commandados por Jacob Estacor : Rebello sustentou o combate por espaço de hora e meia (a 23 de

Abril), e retirou-se sobre Porto-Calvo, sem ter perdido mais de onze soldados e dois capitães. Os Hollandezes perdêrão mais de cem homens nesta acção. No mesmo dia o general Sigismundo partio com mil e quinhentos homens para atacar o posto do Rio-Una; mas o tenente defendeo-se com tanto valor, que obrigou o General a retirar-se a Villa-Formosa, com perda consideravel. Os Portuguezes perdêrão o Indio Antonio Cardoso, capitão de huma companhia de alliados indigenas.

No mesmo dia o commandante hollandez das fortificações de Peripueira, partio com perto de quatrocentos homens para a Lagôa do norte seis legoas distante, e encontrou o sargento-mór Martim Ferreira com duzentos homens, diante do qual se retirou com perda de alguns mortos e feridos. Os Portuguezes tiverão só dois homens feridos, hum dos quaes foi o capitão Affonso de Azevedo.

O conde de Bagnuolo fez transportar a artilharia e as munições que se achavão na Lagôa do norte a Porto-Calvo, onde se fortificou. Os Hollandezes começárão a commetter horriveis crueldades em muitos lugares. Para os castigar, o conde de Bagnuolo expedio Camarão com trezentos homens, dos quaes duzentos erão mosqueteiros e arcabuzeiros, e dois capitães d'emboscadas com trezentos homens, para

fazer huma incursão nos districtos mais povoados da Goyana e de Itamaracá, a setenta legoas de Bom-Successo. Os Hollandezes, tinhão elevado alli hum reduto, para guardar o assucar e as mercadorias que se expedião por agua ao Recife. Camarão o tomou, e matou vinte homens da guarnição. Hum dos mortos era Jeronymo de Payva, que, havendo sido expulso da Companhia de Jesus na India, tinha passado ao serviço dos Hollandezes, e os tinha acompanhado a Perpambuco. Duas lanchas que vinhão soccorrer o reduto, forão aprezadas, e dez homens mortos. Os Portuguezes perdêrão hum só homem, o capitão Antonio de Souza. O coronel Artisjoski veio ao encontro de Camarão com mil homens, a 23 de Agosto, mas este habil capitão sustentou o combate com tanto valor e pericia, que obrigou o inimigo a retirar-se a S.-Lourenço deixando no campo de batalha cem mortos, e levando muitos feridos. Camarão teve só oito mortos e dez feridos.

A 18 de Outubro Martim Soares, que occupava o Rio-Una, fez correrias até ao Rio-Formoso em que tomou alguns viveres, a 24 encontrou cento e cincoenta Hollandezes a quem matou dezoito homens, e o capitão que commandava os Indios seus alliados. A 7 de Novembro os Hollandezes não podendo manter-se

em campo tomárão o partido de destruir os redutos de Peripueira, o que foi de grande utilidade aos Portuguezes, deixando-lhes livre a communicação pela praia com a Lagôa do norte.

No dia 27 os destacamentos portuguezes, ás ordens dos capitães Francisco Rebello e Sebastião de Souto, atacados por mil e duzentos Hollandezes, no engenho de João Rabelo de Lima, perdêrão vinte soldados e dezasete negros de Henrique Dias. O inimigo perdeo setenta e quatro soldados e alguns Indios. Os Portuguezes se retirárão a Porto-Calvo depois de huma marcha difficil.

Duas caravelas chegárão nesta conjunctura á Bahia com soccorros para o governador de Pernambuco, e forão transportados por terra a Porto-Calvo.

O conde de Bagnuolo, informado pelos prisioneiros hollandezes que estes esperavão grandes reforços commandados por huma grande personagem, mandou fazer em torno da igreja nova de Bom Successo fortes entrincheiramentos, e restabelecer a cortina do forte da igreja velha. Ao mesmo tempo mandou hum capitão com cincoenta homens ao districto de Pojuca, onde destruîrão hum engenho de assucar e hum patacho, e matárão quatorze homens. Outra expedição de oitenta homens, commandada

pelo capitão Sebastião de Souto, fez huma excursão na Paraîba, destruio todas as plantações de canna por onde passou, e mais de quatro mil arrobas de assucar.

No fim de 1635 montavão as despezas da Companhia hollandeza das Indias Occidentaes, a quarenta e cinco milhões de florins. Tinha tomado aos Portuguezes e Hespanhoes quinhentos e quarenta e sete navios, e realisado mais de trinta milhões da venda das prezas. Tinha occasionado aos Hespanhoes huma despeza de perto de duzentos milhões, e tinha importado da America generos do valor de quatorze milhões e seiscentos mil florins.

1635-6-7. — Em 1636 foi fundada a cidade de S. Sebastião na capitania e comarca de S. Paulo.

Expedição do capitão Juan de Palacios para explorar o Rio Maranhão ou *das Amazonas.* — Em 1606 e 1607 alguns jesuitas resolvêrão tentar a conversão dos selvagens do Rio-Maranhão. Partírão de Quito, penetrárão na provincia de Cofanes, perto do nascente do rio Coca, onde o padre Manoel Ferrier foi morto pelos Indios. Os outros padres forão obrigados a fugir. Algum tempo depois o general João de Villamayor Maldonado, governador de Quixos, consumio todos os seus bens para estabelecer huma colonia nas margens do Maranhão, mas

sem fructo. Em 1621, Vicente de los Reyes de Villalobos, governador e capitão general de Quixos, tinha feito disposições para a exploração do mesmo rio, quando recebeo ordem de largar o governo. Alonzo Miranda formou o mesmo projecto, mas morreo antes de o executar. Na primavera de 1623, Luiz Aranha de Vasconcellos chegou de Madrid ao Brasil, trazendo huma commissão especial para explorar o Orelhana e todas as paragens occupadas pelos Hollandezes. Poz-se a caminho com sessenta soldados, huma caravela commandada por Bento Maciel, e vinte e duas canôas em que ião mil Indios. Atacou e incendiou muitos engenhos que os Hollandezes e Francezes tinhão estabelecido no rio de Curupa, destruio alguns bandos de Indios bravos, e obrigou outros a fugir ou a aceitar pazes. Retirou-se depois á ilha dos Tocujós na emboccadura do Maranhão. De volta a Curupa construio em hum sitio chamado Mariocay hum fortem que deo o nome de S.-Antonio. Depois d'estas vantagens, Maciel tomou o titulo de *primeiro explorador* e *conquistador* dos rios Amazonas e Curupa. Luiz Aranha assumio o mesmo titulo, ao qual nem hum nem outro tinhão o menor direito. Muito antes d'elles tinha Orellana, Lope de Ayres, e Meirinho explorado o Amazonas, ou rio Maranhão, como já dissemos.

Em 1626 Bento Maciel, governador do Pará, foi encarregado por Felippe III de explorar este rio; mas foi obrigado a ir servir a Pernambuco sem ter podido executar esta commissão. No mesmo anno Teixeira, official habil, acompanhado de frei Christovão de S. José, remontou o Maranhão até ao estabelecimento dos Tapuyasus, e d'alli até ao dos Tapajós, nas margens do rio do mesmo nome. Os indigenas tecião esteiras com tanto primor que Teixeira suppoz não ser obra de selvagens.

Em 1634 Elrei deo ordem a Francisco Coelho, governador e capitão general da ilha Maranhão, e da cidade e fortaleza do Pará, que apromptasse huma expedição consideravel para explorar este mesmo rio até á sua origem; mas não ousou afastar-se do seu governo em razão dos continuos ataques dos Hollandezes contra o Brasil.

Trinta annos depois da primeira tentativa dos Jesuitas resolveo o capitão Juan de Palacios explorar o rio das Amazonas e estabelecer nas suas margens huma colonia, sem usar de meios violentos, acompanhado de alguns religiosos e soldados. Depois de huma longa e fadigosa marcha de Quito, chegou ao territorio dos Indios de *cabellos compridos* (cabelludos), quarenta e sete legoas abaixo da juncção do rio Napo com o Coca. Procurou fazer

alli hum estabelecimento, a que poz o nome de *Arcose;* mas os indigenas se oppuzerão, o que descorçoou parte da gente. Alguns voltárão a Quito, outros forão mortos pelos Indios, e o mesmo Palacios foi ferido mortalmente. Dois leigos, hum chamado Domingos de Brito e outro André de Toledo, com seis soldados tiverão a fortuna de se embarçar nas canôas, e entregando-se á corrente, forão ter ao Pará, então dependente da capitania do Maranhão. D'alli forão a S.-Luiz dar conta da sua viagem ao governador da cidade, Diogo Raimundo de Noronha.

1637-8-9. — *Viagem do capitão Pedro Teixeira.* O Governador Noronha tendo tirado amplas informações dos dois leigos e de alguns dos soldados ácerca da sua navegação, resolveo mandar o capitão Pedro Teixeira proseguir a exploração d'este grande rio. Este official partio da Paraîba a 28 de Outubro 1637, com quarenta e sete canôas em que ião embarcados setenta soldados portuguezes, mil e duzentos Indios alliados com suas mulheres, e gente de serviço. Chegou á entrada do rio Payamino a 21 de Junho 1638, desembarcou a sua gente no territorio dos *Indios Cabelludos* á entrada do rio d'este nome, vinte legoas abaixo do rio Agarique, onde deixou quarenta Portuguezes e trezentos Indios. Alli formou

hum campo entrincheirado, de que deo o mando aos capitães Pedro da Costa Favella, e Pedro Bayão d'Abreu, e remontando na sua barca o rio até onde cessa de ser navegavel, foi ter a Quito. O Presidente d'esta cidade, Alonzo de Salazar, informou o vice-rei do Peru da sua viagem. Este deo ordem, a 10 de Novembro 1638, de fazer partir Teixeira para o Pará pelo mesmo caminho com toda a sua gente. A audiencia real de Quito o fez acompanhar por dois religiosos, frei Christovão d'Acuña, reitor do collegio dos Jesuitas de Cuenca, e frei André d'Artieda, professor de rhetorica no mesmo collegio, para escrever huma relação da viagem, e ir apresentâ-la a Elrei de Hespanha. A expedição partio a 16 de Janeiro 1639, chegou á entrada do Rio-Negro a 12 de Outubro, e a 12 de Dezembro voltou ao Pará.

1637. — Maciel obteve da côrte de Hespanha o governo da provincia do Maranhão com huma nova capitania denominada *do Cabo do Norte*, a qual se extendia desde este cabo até o rio Oyapoc, comprehendendo as ilhas em distancia de dez legoas da costa, e oitenta a cem no interior, até o rio dos Tapuyasus: Maciel obteve tambem, por hum edicto, a administração dos Indios chamados *livres*, mas dependentes do solo, e sujeitos aos proprietarios.

Cedeo ao sobrinho a nova capitania do Cabo do Norte.

Expedição hollandeza debaixo do commando de João Mauricio, conde de Nassau. A Companhia das Indias Occidentaes tendo resolvido mandar ao Brasil hum governador, não só capaz de commandar as tropas, mas tambem de administrar a nova colonia, tinha escolhido para este cargo, a 4 de Agosto 1636, o principe Mauricio de Nassau, nomeando-lhe hum Conselho composto de tres dos directores da Companhia. A expedição devia compôr-se de trinta e dois navios, mas só doze forão armados, e o principe se embarcou em Amsterdam e partio com quatro. A 25 de Outubro foi obrigado a entrar em Plymouth para reparar os navios maltratados por hum temporal. Alli se deteve quarenta dias, e fazendo-se á véla arribou no 1° de Janeiro ás ilhas do Cabo-Verde, e a 23 entrou no Recife, onde foi bem acolhido pelo Conselho, tropa e habitantes da cidade. Communicou-lhes os despachos da sua nomeação ao cargo de governador, capitão e almirante general das terras conquistadas no Brasil, ou que poderião ser conquistadas para o futuro, com mando supremo por mar e por terra, com os poderes e privilegios seguintes: 1° o direito de presidir o Conselho supremo e secreto, tendo nelle voto dobrado

em caso de empate; 2° o direito de fixar a sua residencia na capitania de Itamaracá, ou em qualquer outro lugar que o Conselho julgar conveniente; 3° o poder de executar, com ajuda do Conselho, as leis é regulamentos do paiz; 4° faculdade de nomear a todos os postos militares até o de alferes inclusivamente, e a todos os empregos da policia e marinha, excepto ao de vice-almirante das costas, o qual só deverá ser conferido interinamente, em caso de morte ou de demissão, com approvação de dezanove directores aos quaes fica igualmente reservada a nomeação dos conselheiros politicos do Brasil; 5° a faculdade de prover a todos os postos da milicia, e de conceder recompensas aos Brasileiros e aos indigenas por algum serviço importante; 6° o de ter hum ministro, hum medico e criados pagos pela companhia; 7° huma ajuda de custo de seis mil florins, e quinhentos florins por mez para mesa; 8° dois por cento de tudo o que se tomasse ao inimigo; e 9° o conde se obrigava com estas condições a pôr todo o empenho na conservação e engrandecimento das possessões hollandezas no Brasil.

Campanha de 1637. — Huma divisão da esquadra de Nassau debaixo do mando do seu lugar tenente, Henrique Vancol, abordou ao Recife a 4 de Janeiro.

Bagnuolo chamou a conselho os seus officiaes. Duarte d'Albuquerque tinha aconselhado metter duzentos homens de guarnição no forte da cidade de Porto-Calvo (depois chamado Bom Successo), postando outro corpo de soldados, Indios e Negros no passo do Rio-Una onde commandava Martim Soares. Mas Bagnuolo chamou a si este official com toda a sua gente, e fez estabelecer dois redutos na altura de Amador Arraes, em hum dos quaes assentou tres peças com cincoenta barris de polvora, balas e outras munições, e duzentas fangas de farinha. Nomeou Miguel Giberton, tenente general de artilharia, Governador de Bom-Successo, onde poz huma guarnição de trezentos homens, com os doentes, e toda a artilharia, munições, engenheiros e artilheiros que estavão na Lagôa do norte. Infelizmente os viveres erão escassos; a artilharia não tinha repairos sufficientes, e não havia quem soubesse concertar as armas. Bagnuolo foi com alguma gente postar-se na altura de Amador Alvares, para dar as providencias necessarias.

Nassau resolveo atacar Porto-Calvo, e para este fim ajuntou cinco mil equinhentos homens de infantaria, não comprehendidos os Indios e Negros escravos. Deo o commando de dois mil soldados ao coronel Artisjoski, que embarcados em trinta navios devião ir ao longo da

costa cooperar ao ataque d'esta cidade, contra a qual elle marchou em pessoa por terra, com Sigismundo e tres mil e quinhentos soldados, mil e quinhentos Indios e Negros escravos.

A 12 de Fevereiro, a frota composta de trinta e dois navios chegou á Barra-Grande, e a 16 Nassau passou o Rio-Una, a seis legoas d'aquelle sitio, para fazer a sua juncção com a tropa embarcada. A tres mais adiante estava o posto occupado por Martim Soares. A 17 marchou Nassau a Porto-Calvo. Bagnuolo deo ordem ao seu tenente general, Alonzo Ximenes de Almiron, de ir ao encontro do inimigo com mil e quinhentos homens, acompanhado de Camarão com trezentos Indios, e de Henrique Dias com oitenta Negros escravos. A' bocca da noite os dois exercitos se achárão a tiro de espingarda hum do outro, e cada hum tratou de se fortificar. Os Portuguezes tomárão posição perto de huma ribeira; os Hollandezes se postárão sobre huma altura onde se entrincheirárão assestando quatro peças, de que fizerão fogo toda a noite. Bagnuolo mandou trezentos homens commandados pelo sargento-mór Martim Ferreira para proteger os redutos, e o capitão Manoel Francisco com cincoenta homens, para guardar o Rio das Pedras. Na manhan de 10 de Fevereiro o exercito hollandez se avançou em tres divisões : huma commandada por Artisjoski, outra

por Sigismundo, e a terceira debaixo do mando immediato de Mauricio de Nassau, na qual havia cincoenta arcabuzeiros a cavallo.

Travou-se o combate, e no terceiro ataque de toda a linha, forão os Portuguezes repellidos com perda de quarenta homens entre os quaes se achava D. Antonio Coutinho, official distincto, e Cosme Viana, o ultimo de cinco irmãos que morrêrão nesta guerra, e vinte feridos. O negro Henrique Dias, á testa do seu corpo, mostrou huma intrepidez extraordinaria: huma bala lhe atravessou o punho, que logo fez amputar, dizendo: « Cada hum dos dedos da mão que me resta me dará com que me vingar. » A mulher de Camarão chamada Dona Clara, e outras Indias corrião as fileiras animando os soldados, e muitas Portuguezas se assignalárão igualmente tomando parte neste conflicto. O conde Bagnuolo que estava em hum dos redutos esperando o resultado da acção, deo ordem ao seu tenente Alonzo Ximenez, de ir com oitocentos homens acompanhar os habitantes que se dirigião ás Alagôas, para onde elle mesmo partio de noite acompanhado de Duarte d'Albuquerque, e de Andrade.

Ao amanhecer, o Governador do forte, Miguel Giberton enviou saber quaes erão as ordens do conde, mas elle tinha partido sem dar ordem alguma. Os redutos estavão sem de-

fesa, tendo-se a guarnição retirado ao forte, depois de ter encravado as peças, mas tão mal que logo forão desencravadas pelos Hollandezes e apontadas contra a praça. Nassau mandou hum sargento-mór com seiscentos homens a picar a retaguarda de Bagnuolo.

No dia 20 entrárão no rio duas lanchas trazendo artilharia grossa e munições para sitiar o forte, contra o qual quatro baterias com dezasete peças forão dirigidas, e a 6 de Março a praça não podendo resistir por mais tempo, se rendeo. A guarnição obteve huma honrosa capitulação. Os Hollandezes perdêrão cento e cincoenta homens, e Karel Nassau, sobrinho do principe, foi morto durante o cerco.

Nassau tendo confiado o commando d'esta praça a Pedro Van Derverve, marchou com todas as suas forças contra a cidade da Magdalena na Lagôa do sul, onde Bagnuolo tinha chegado a 25 de Fevereiro, com mil e duzentos soldados e alguns centenares de Indios. Esta praça era susceptivel de defesa, e Mathias d'Albuquerque tinha resistido nella por espaço de seis mezes, não tendo mais de quatrocentos homens. Era accessivel aos soccorros da Bahia e da Europa. No estabelecimento da Lagôa do norte havia trinta e cinco barris de polvora e munições. Bagnuolo mandou a 5 o seu ajudante d'ordens Diego Sanches para saber no-

ticias do forte, que este official não poude obter. Não obstante, correndo voz que estava rendido, resolveo Bagnuolo abandonar a provincia retirando-se para o rio S.-Francisco alem do limite de Pernambuco, vinte legoas ao sul, para com mais facilidade receber soccorros da Bahia. Partio pois a 10, a pezar das representações dos soldados que estavão quasi nus, e faltos de medicamentos, de camas etc., e chegou a 17 á cidade de S.-Francisco a tres legoas da emboccadura do rio d'este nome. Perseguido pelo inimigo, atravessou este rio a 18 e 19. No dia 20 Nassau atravessou o rio Piragui em jangadas, e a 27 chegou a esta cidade, e Bagnuolo se retirou a vinte e cinco legoas até á cidade de Seregipe d'Elrei, onde chegou a 31.

Bagnuolo, para inquietar Nassau, e ao mesmo tempo observar as suas operações, expedio varios destacamentos em diversas direcções. O capitão Sebastião de Souto passou o S.-Francisco cinco legoas a cima da cidade com quarenta homens, a metade Indios : surprehendeo em huma casa onze soldados de que matou sete, e aprisionou dois.

A 5 de Maio, João d'Almeida, com huma companhia de Indios, correo as bordas do rio S.-Francisco, matou quinze homens e tomou sete cavallos. A 20 de Maio, Souto fez outra correria para explorar as margens do rio en-

tre a barra e a cidade, passou o rio e se dirigio a Villa-Formosa depois de ter morto cincoenta inimigos. A 26 fez outra incursão, em que aprisionou dois auditores do forte S.-Francisco.

A 25 de Junho, huma frota hollandeza de nove navios, com mil e quinhentos homens a bordo, partio do Recife debaixo do commando de Jan Koin, membro do Conselho supremo, com o projecto de se apoderar do forte portuguez de S.-Jorge da Mina, na costa de Guiné. Este forte capitulou a 29 de Agosto.

A 29 Jan Cornelis Lichthart sahio do Recife com dezoito navios e alguma gente de pé, e aportou aos Ilheos, trinta legoas ao sul da Bahia. Queimou hum navio que alli estava descarregado, e tentou incendiar a aldêa meia legoa distante, mas foi repellido pelos habitantes e ferido no combate.

A 16 de Agosto Luiz Barbalho Bezerra entrou na Bahia com quatro caravelas em que vinhão duzentos e cincoenta homens, de oitocentos que se tinhão alistado em Lisboa. Nassau satisfeito de ter expulsado os Portuguezes da provincia de Pernambuco, não quiz perseguî-los alem dos limites d'ella, e fez construir na cidade de S.-Francisco o forte Mauricio, para dominar o rio, que atravessou, ordenando aos habitantes que fossem com o seu gado oc-

cupar a margem septentrional d'elle. Ao mesmo tempo distribuio presentes aos Indios para os desligar da alliança dos Portuguezes. Remontando depois o rio em distancia de cincoenta legoas para explorar o paiz, achou-o coberto de gado, e tão fertil que formou tenção de decidir a Companhia a estabelecer alli huma colonia alleman.

A estação das chuvas tinha começado, e Nassau atacado de febre partio para o Recife, deixando Schoppe com mil e seiscentos homens no novo forte.

Bagnuolo logo que soube a occupação da cidade de S.-Francisco por Nassau, expedio o capitão Sebastião de Souto com tres homens, para irem reconhecer as forças do inimigo. Souto passou o rio em huma canôa, chegou a Seregipe, a 5 de Novembro, e voltou sem que fosse descoberto. Por elle soube Bagnuolo que havia mil e oitocentos soldados e quinhentos Indios commandados por Giesselin, membro do Gran-Conselho. A 14 de Novembro Bagnuolo informado por seus emissarios de ter o inimigo atravessado o rio S.-Francisco com tres mil soldados, quinhentos Indios e sessenta homens de cavallo, abandonou Seregipe, fazendo devastar os campos e arruinando os infelizes habitantes, retirando-se para a Bahia. Depois de huma ardua marcha chegou a 29 á

Torre de Garcia d'Avila, quatorze legoas ao sul da Bahia e a huma milha do mar. Os miseros emigrantes que, por cansados ou casualmente se separavão da tropa, forão mortos pelos Indios Pitaguares; outros forão devorados por animaes ferozes, ou morrêrão mordidos por cobras venenosas. Alguns autores dizem que nesta campanha Bagnuolo matou cinco mil rezes, e levou comsigo oito mil. Os Hollandezes levárão muitas mil para as suas possessões, e matárão tres mil.

A 17 do mesmo mez Sigismundo e Giesselin chegárão a Seregipe, que achárão abandonada. Não construîrão alli fortificação alguma, limitando-se a formar entrincheiramentos em algumas ruas. Queimárão as casas e os engenhos de assucar, e destruîrão as plantações e as arvores fructiferas. Depois d'esta devastação voltárão ao forte Mauricio.

O capitão-general Pedro da Silva mandou o provedor-geral Pedro Cadena Villasanti, parà fazer com que Bagnuolo se mantivesse na sua posição, para indagar as intenções do inimigo, e fazer escolha do lugar mais conveniente para postar as tropas. Bagnuolo respondeo que iria concertar-se com elle sobre o que convinha fazer. Partio para este fim; elle e Pedro da Silva convierão de aquartelar as tropas em Villa-Velha, a meia legoa da cidade,

e de mandar os emigrados para a Bahia.

No mesmo anno perdêrão os Portuguezes mais o estabelecimento do Ceará. Os Indios d'este districto que Martim Soares tinha pacificado, se ligárão com os Hollandezes, apenas chegou Mauricio de Nassau, pondo-se debaixo da sua protecção. Aproveitando-se d'esta offerta, expedio quatro navios em que embarcou duzentos soldados debaixo do mando de Joris Gartsman, que abordárão a tres legoas do Ceará defendido unicamente por hum reduto com duas peças de ferro e vinte homens de guarnição. Hum grande numero de Indios se veio unir aos Hollandezes, e o forte se rendeo.

Medidas politicas de Nassau. — O novo chefe das possessões hollandezas no Brasil, conhecendo a grande importancia d'ellas, procurou todos os meios de consolidar a posse, e de fazer prosperar tão ricos estabelecimentos. Fez vender como propriedades publicas os engenhos de assucar cujos donos tinhão emigrado, e o producto montou a dois milhões de florins. Convidou os Portuguezes a voltar á colonia, promettendo-lhes plena e inteira liberdade de consciencia, e de reparar as suas igrejas á custa do Estado, mas prohibia-lhes a communicação com os habitantes da Bahia, e a introducção de frades, em quanto houvessem ecclesiasticos sufficientes para o culto.

Prohibio aos Judeos as ceremonias publicas da sua religião, e aos catholicos as procissões fóra do interior das igrejas; e não permittia a erecção de templo algum sem permissão do senado. Os habitantes devião ser submettidos ás leis hollandezas, e pagar os mesmos impostos. Podião recobrar as suas propriedades, e o Governo se obrigava a restituir os escravos que fugissem a senhores que houvessem prestado juramento de fidelidade ao governo hollandez. Tambem concedeo aos Portuguezes o direito de trazer armas para sua defesa.

1637. — *Tomada do forte de S.-Jorge de Mina.* Nicolao Van Yperen, general de Guiné e d'Angola, tendo sabido por alguns officiaes que existião dissensões na guarnição portugueza da Mina, deo aviso d'isto á Companhia e a Mauricio de Nassau. Este chefe expedio logo huma frota de nove navios com oitocentos soldados e quinhentos marinheiros de que deo o mando a Jan Koin, membro do Conselho, com ordem de se apoderar do forte S.-Jorge. Este se fez á véla a 25 de Junho e chegou á costa d'Africa a 25 de Julho. Tendo-se concertado com Van Yperen, desembarcou a 24 e 25 de Agosto, com oitocentos soldados a que se juntárão muitos negros. Os Portuguezes tinhão postado hum corpo de mil ne-

gros na encosta do monte no alto do qual estava a cidadella : quatro companhias mandadas para atacar esta posição, forão mui maltratadas, e perdêrão quasi toda a gente; porêm o major Bongazzon tendo-se avançado com outro batalhão, derrotou os negros e se apossou do acampamento, postando-se na fralda do monte debaixo da artilharia do forte e fóra do seu alcance. Os Portuguezes tentárão por duas vezes desalojâ-lo, e não o podendo conseguir, se retirárão para hum valle entre o monte e o forte Santiago. No dia 26 os negros auxiliares atacárão sem effeito a villa da Mina. Entretanto, Koin tendo conseguido ganhar huma altura, estabeleceo nella huma bateria de duas peças e hum morteiro que dirigio contra o forte; mas em razão de estar mui distante, não produzio effeito. Todavia para intimidar os Portuguezes, mandou o commandante hollandez hum parlamentario, ameaçando passar a guarnição ao fio da espada se não se rendesse. Os sitiados pedîrão tres dias para se decidirem, mas Koin só lhes deo hum, passado o qual ajuntou as suas tropas e fez hum fogo mui activo contra a praça, que se rendeo a 29, com as seguintes condições :

« 1° Os Portuguezes e mulatos poderão sahir da praça levando o seu fato, e serão conduzidos á ilha de S. Thomé; 2° a guarnição sahirá sem

bandeiras; 3° todos os escravos, excepto doze, pertencerão ao vencedor, assim como todos os ornatos da igreja, excepto os de ouro e prata; 4° perdoava-se a pena de morte ao desertor hollandez Herman. »

Achárão os Hollandezes na praça trinta peças, e bastantes munições. Koin deixou no forte cento e quarenta homens de guarnição ás ordens do capitão Valraven Van Malburg. O chefe hollandez intimou ao commandante da cidadella de Atzim que se rendesse, mas elle respondeo que se defenderia até á ultima extremidade. Koin retirou-se ao Recife.

1638.—Neste anno fundárão os Portuguezes a villa de Ubatuba na capitania de S. Paulo.

Campanha de 1638. Nassau restabelecido da sua doença e á espera de reforços, fez huma excursão nas capitanias da Paraîba, e de Pottengy, onde reparou as praças que elle desejava conservar, mudando-lhes os nomes. A' de Paraîba poz o nome de Frederica; ao forte Cabedello, antigamente Santa Catherina, deo o nome de Margaretha, que era o da irman do principe d'Orange. Ao forte do Rio-Grande chamou *forte Keulen*, nome do official que o tinha tomado. Percorrendo estas provincias ganhou a amizade dos Tapuyas, e de volta ao Recife achou hum reforço de duzentos soldados e algumas munições de guerra. Resolveo então

atacar S. Salvador ou Bahia de Todos os Santos, capital do Brasil.

O Governador da Bahia, avisado por hum prisioneiro portuguez, que o capitão João de Magalhães tinha conduzido, da ordem dada por Nassau de reunir todos os navios no porto do Recife, expedio Magalhães e Sebastião de Souto com setenta homens, para irem colligir informações exactas. Magalhães com quarenta e cinco homens atravessou o rio S. Francisco a cima do forte Mauricio. Souto, que tinha ajustado esperâ-lo nas Alagôas, foi costeando o rio com os outros quinze homens até á barra, e dispunha-se a atravessâ-lo em jangadas, quando descobrio huma pinaça hollandeza de dez homens, de que se apoderou, matando seis, e mandando os quatro para a Bahia conduzidos por tres soldados. Tendo sabido os projectos dos Hollandezes por hum habitante do paiz, e igualmente informado por elle de estarem dois navios em Crecuruipe, a dez legoas ao norte e a hum quarto de legoa do mar, para carregar pao Brasil, e que tinhão feito hum entrincheiramento com seu fosso á roda da igreja de huma aldêa de Indios onde tinhão posto vinte e cinco homens das tripolações, a 20 de Março ao romper do dia Souto atacou com os seus doze homens o èntrincheiramento, matou dezasete, tomou dois, os outros seis escapárão.

Os capitães dos dois navios, ignorando o succedido, vierão a terra e forão mortos. Na algibeira de hum d'elles se achou huma carta, pela qual constava ter Nassau communicado ao Conselho o seu projecto de atacar S. Salvador, e ter obtido a approvação. Souto mandou quatro sòldados com os dois prisioneiros e a referida carta ao conde Bagnuolo. Ao mesmo tempo deo aviso a Magalhães d'este successo, annunciando-lhe que o não esperaria nas Alagôas..

A 14 de Março o conde Bagnuolo foi a Villa-Velha, sem dar aviso ao Governador; de que elle se mostrou descontente, bem como os habitantes da Bahia. A presença do conde occasionou alguma confusão relativamente ao commando das tropas fóra da cidade; mas por hum accordo feitò entre os dois chefes, assentou-se que cada húm teria o mando por quinze dias alternativamente, e em distancia de huma ou duas legoas do mar na direcção de Tapoão ao norte da barra da Bahia.

A cidade da Bahia não estava em estado de sustentar hum assedio. A guarnição consistia em mil e quinhentos soldados, e algumas companhias de milicias. As tropas de Pernambuco montavão a mil homens; mas as fortificações e á artilharia estavão em mao estado. Não havia farinha de reserva, nem carne ou peixe salgado mais que para o consumo diario. Espa-

lhou-se a consternação pelos habitantes; toda-via cuidárão logo em construir hum forte junto ao convento de S. Francisco, no lugar que D. Fadrique de Toledo tinha fortificado em 1625.

A 21 de Março sahio a armada hollandeza do Recife, e a 14 appareceo em vista de Tapoão; no dia seguinte adiantou-se até o Rio Vermelho, em distancia de mais de huma legoa de Tapoão. No dia 16 lançou a armada ferro na ponta de Tapagipe defronte das ermidas da Escada e de S. Braz, cerca de meia legoa da cidade. Constava de quarenta navios de differentes grandezas, e trazião tres mil soldados, marinheiros e Indios.

As tropas desembarcárão, e a 20 de Abril occupárão hum outeiro fronteiro á cidade e ao entrincheiramento que os Portuguezes acabavão de abrir. Na mesma noite Bagnuolo expedio para Hespanha algumas embarcações para informar Elrei do estado critico do Brasil. As tropas sahírão da cidade, e dos diversos postos, para atacar os Hollandezes; mas Bagnuolo representou o perigo de combater em campo raso contra forças superiores, e o Governador e Duarte de Albuquerque consentírão em fazer retirar a gente. Esta retirada excitou o mais vivo descontentamento nos habitantes, que quizerão nomear outro governador; mas o bispo e Albuquerque os socegárão, e Bagnuolo

sahio no dia seguinte á testa das tropas para dar batalha; porêm Nassau, havendo tomado outra posição, o conde foi obrigado a recolher-se. A desharmonia que subsistia entre os officiaes da guarnição e os de Bagnuolo, occasionou grande insubordinação. Pedro da Silva cedeo o commando, para se reconciliar com Bagnuolo, o qual lisongeado d'esta prova de confiança, fortificou sem demora o posto importante da ermida de S. Antonio, em distancia de hum tiro de espingarda da cidade, e trabalhou-se dia e noite para restabelecer as fortificações que o antigo governador Diogo Luiz d'Oliveira tinha feito alli. No mesmo dia (20) veio hum trombeta do inimigo com cartas para os dois governadores, nas quaes dizia Nassau que hum religioso carmelita descalço recem chegado de Pernambuco desejava fallar ao seu guardião da Bahia. Bagnuolo, cuidando ser mero pretexto para hum fim hostil, respondeo evasivamente.

A altura occupada por Nassau estava situada a hum tiro de espingarda de S.-Antonio; dominava o forte do Rosario, e o reduto de Agua de Meninos, que protegião a praia; ambos forão tomados pelo inimigo, assim como o forte de Monserrate cujo commandante, o capitão Pedro Alvares de Aguirre, se rendeo sem disparar hum tiro.

Na noite do 21 Nassau tentou com mil e quinhentos homens escolhidos, apoderar-se do forte S.-Antonio; mas foi repellido com perda de duzentos homens. Os Portuguezes tiverão alguns capitães mortos. A 22 Nassau tomou o forte S.-Bartholomeo, guarnecido de dez peças e setenta soldados, e que o commandante Luiz de Vedoy houvera podido defender por alguns dias. A posse d'este forte estabeleceo a communicação entre o campo hollandez e a frota. Na noite do mesmo dia duas barcas vindas de Camamu chegárão á barra perto dos dois fortes ainda em poder dos Portuguezes, e desembarcárão mil e duzentas fangas de farinha.

Bagnuolo, para inquietar o inimigo, expedio Sebastião de Souto com cem homens. Este activo official em diversas expedições causou grande damno ao inimigo : o Governador-general lhe testemunhou a sua satisfação lançando-lhe ao collo huma rica cadeia de ouro. No dia 27 Souto matou vinte e dois homens ao inimigo e fez cinco prisioneiros, hum dos quaes era francez, e deo informação do projecto de Nassau de occupar hum posto mais proximo da cidade. Isto decidio o commandante portuguez a occupar o posto das Palmas, separado da cidade por hum fosso cheio d'agua que o inimigo tinha aberto em 1625. D'esta

posição tinha D. Fadrique de Toledo incommodado muito os Hollandezes, quando elles occupavão S.-Salvador. Este posto foi confiado ao mestre-de-campo Heitor de la Calche. Á 28 João Barbosa introduzio na cidade duzentas e cincoenta vaccas, e o capitão Francisco Rebello duzentas. Este official com sessenta homens encontrou duzentos Hollandezes que atacou de noite emboscado, e matou-lhes quinze homens. No primeiro de Maio Nassau abrio o fogo com cinco peças de vinte e quatro e huma de vinte e oito, que varrêrão todos os caminhos entre S.-Antonio e a cidade, e matárão seis homens. Bagnuolo fez construir dois redutos á direita de S.-Antonio, a mais de mil passos no interior das terras, e os guarneceo de duas peças de dez debaixo do mando do mestre-de-campo Luiz Barbalho, e do capitão-mór D. Antonio Felippe Camarão. Hum posto que dominava os dois principaes caminhos da cidade, foi confiado ao sargento-mór Antonio de Freitas.

A 4 Bagnuolo fez enforcar hum espia hollandez. Nassau lhe mandou hum trombeta com algumas cartas achadas a bordo de hum navio aprezado, commandado pelo capitão Sebastião Ferreira Ofaña, que vinha de Lisboa com soccorros. Os autores d'estas cartas desesperavão da conservação do Brasil, dizendo que a Hes-

panha precisava de todas as suas forças de mar e de terra.

A 5 duas barcas entrárão no porto com mil e trinta fangas de farinha, e oitenta vaccas entrárão por terra. Por detrás da grande igreja assestárão-se duas peças que incommodárão muito o inimigo, e hum tiro das quaes por pouco não matou a Nassau. No dia 7 hum tiro de huma peça de vinte e quatro da bateria hollandeza matou hum trabalhador á ilharga do Governador-general e de Duarte de Albuquerque. No dia 8 Rebello entrou na cidade com duzentas vaccas e cem ovelhas, soccorro bem opportuno para os feridos e doentes.

A 9, o inimigo começou a abrir a trincheira a seiscentos passos do seu campo, e perto dos dois redutos já mencionados, para se cobrir do seu fogo; mas foi obrigado a evacuá-los com perda.

A 10 entrárão na cidade cento e cincoenta homens, dos duzentos que formavão a guarnição do Morro de S.-Paulo, situado a doze legoas ao sul da barra da Bahia, onde havia hum reduto com quatro peças para proteger os navios que alli aportassem. A 11 o capitão Souto fez seis prisioneiros, pelos quaes se soube que havia falta de viveres no campo inimigo; porque Nassau persuadido que não encontraria grande resistencia, tinha embarcado pouco man-

timento, e a sua tropa não conhecia o paiz para poder achar nelle recursos. A 12 Nassau mandou as segundas vias das cartas de Portugal achadas a bordo de hum navio vindo de Lisboa, e aprezado a vinte legoas da costa. No mesmo dia o general hollandez plantou huma bateria de duas peças de vinte e quatro em huma eminencia á esquerda do reduto de Barbalho, donde lançou bombas sobre a cidade. A 15 Bagnuolo expedio huma caravela para Hespanha, dando parte a Elrei do estado das cousas, e solicitando promptos reforços.

A 16 e 17 a artilharia hollandeza matou e ferio muitos soldados portuguezes, e a 18 Nassau se decidio a investir o entrincheiramento de S.-Antonio. Começou o ataque ás sete horas da tarde com tres mil homens escolhidos, que jurárão de vencer. Conseguîrão tomar o fosso, e nelle se entrincheirárão para atacar a porta. O combate então se tornou encarniçado; todas as forças dos sitiadores se dirigîrão áquelle ponto, e os sitiados lançárão sobre o inimigo huma chuva de granadas, de pedras e de grossos madeiros. Depois de tres horas de porfiado combate em que se distinguîrão os regimentos indios de Camarão e os negros de Henrique Dias, que o Governador Pedro da Silva conduzio em pessoa á peleja, os Hollandezes forão obrigados a retirar-se, deixando no campo de

batalha trezentos e vinte e sete mortos, e cincoenta e dois feridos. Nassau pedio huma tregoa, para enterrar os mortos, que foi concedida. A perda total dos Hollandezes foi avaliada em mais de seiscentos homens, entre os quaes havia cinco capitães e o sargento-mór André Zon. Os Portuguezes tiverão cento e vinte mortos e oitenta feridos. Hum dos mortos foi o intrepido capitão Sebastião de Souto, cujo valor e boa fortuna tinhão sido tão uteis aos Portuguezes. Era natural de Quintiães, termo de Barcellos, na provincia d'Entre Douro e Minho.

A 20 o capitão Francisco Rebello fez entrar na cidade hum novo comboi de mil vaccas.

A 21 Nassau mandou os setenta prisioneiros do forte S.-Bartholomeo, pedindo em troca sessenta Hollandezes que estavão em poder dos Portuguezes; mas Bagnuolo recusou annuir a esta proposição, indignado das devastações feitas pelo inimigo no Reconcavo.

A 24 e 25, os sitiantes lançárão na cidade muitas balas, que matárão hum capitão de milicias. Os Portuguezes lhes causárão damno maior, batendo o campo a travéz huma lagôa impraticável, cujos miasmas forão mais funestos que a artilharia.

A 26 retirou-se Nassau, abandonando muitas munições, quatro peças de bronze, e toda a artilharia dos fortes de que se tinha apode-

rado. O cerco tinha durado quarenta dias, e a perda dos Hollandezes excedeo dois mil homens. No dia 28 a armada hollandeza se fez a véla para Pernambuco levando quatrocentos escravos negros roubados aos habitantes da Bahia. Antes de partir tinha Nassau mandado quatro navios a Camamu para tomar hum navio portuguez carregado de farinha, de que se apoderárão fazendo ao mesmo tempo mais de cem prisioneiros.

A 29 os habitantes da Bahia fizerão celebrar hum *Te Deum* em acção de graças pela victoria alcançada sobre o inimigo, e immediatamente depois arrasárão todas as fortificações construidas pelos Hollandezes. Construio-se hum novo forte entre o de Santiago e a ermida de S.-Pedro, e outro nas Palmas, e reparou-se o forte S.-Antonio.

O conde de Bagnuolo expedio tres caravelas para Hespanha com as noticias d'esta victoria, que decidio a sorte do Brasil. Se os Hollandezes se tivessem então apoderado da Bahia, he provavel que terião conservado a posse de todo este vasto e rico continente. Elrei de Hespanha concedeo recompensas a todos os que se tinhão distinguido durante o cerco. O Governador Pedro da Silva foi creado conde de S.-Lourenço; o conde de Bagnuolo foi feito principe em Italia, com huma commenda em Napoles,

em duas vidas. Os tres mestres-de-campo Lodena, Barbalho e Calche forão remunerados cada hum com sua commenda. Concedêrão-se pensões aos dois lugar-tenentes do mestre-de-campo Alonzo Ximenez d'Almiron, e Martim Ferreira. Pedro Corrêa da Gama foi feito fidalgo. Os outros officiaes tambem tiverão pensões, e D. Antonio Felippe Camarão huma commenda de duzentos ducados de renda.

Bagnuolo, de accordo com o Governador-general, expedio dois brigues commandados pelo capitão Andre Vidal e o ajudante Agostinho de Magalhães, cada hum com trinta homens, para ir explorar as forças do inimigo nos diversos rios que desemboccão na costa de Pernambuco. Durante esta expedição matárão alguma gente aos Hollandezes, queimárão algumas plantações, e colligírão uteis informações relativas aos projectos do inimigo.

Nassau pedio novos reforços á Companhia hollandeza. As suas forças se achavão reduzidas a tres mil e quatrocentos homens de tropa, exigindo elle sete mil, com os marinheiros necessarios para o serviço naval. A Companhia abandonou o monopolio do commercio, á excepção do da escravatura, das munições de guerra e do pao de tinturaria, e prohibio-se ás pessoas que exercião cargos importantes, todo o commercio.

Em quanto não chegavão os reforços, Nassau se occupou dos meios de destruir as plantações e engenhos de assucar do Reconcavo. Nestas expedições commettêrão os Hollandezes ou tolerárão hum sem numero de crueldades matando até velhos decrepitos, sendo hum d'elles o octogenario João de Matos Cardoso, que tinha valerosamente defendido o forte de Cabedello. Entretanto chegou ao Recife a 5 de Junho huma frota hollandeza de quatorze navios, que tinhão sahido do Texel a 24 de Abril, debaixo do mando do almirante Jol, por alcunha *Perna de pao*, que tinha ordem de ir esperar os galeões hespanhoes commandados pelo general D. Carlos de Ibarra, marquez de Tarracena. Jol partio a 15 com doze navios e dois patachos e encontrou os galeões na paragem de Pão de Cabanas, a doze legoas da Havana. Atacou-os a 31 de Agosto e a 3 de Septembro, mas não poude conseguir a victoria, pela insubordinação dos capitães, que repugnavão servir debaixo de hum almirante que tinha sido corsario.

A 17 de Novembro doze embarcações hollandezas entrárão na Bahia perto de Tapagipe, onde desembarcárão e saqueárão este lugar.

Duarte de Albuquerque partio para Hespanha. Neste mesmo tempo Camarão, descontente do procedimento de Bagnuolo a seu respeito, fez saber a Nassau que desejava reconciliar-se

com elle, e retirar-se para as suas propriedades; mas antes de voltarem os emissarios que enviára ao general hollandez, mudou de parecer e arrependeo-se da traição que havia meditado. Oitocentos Tapuyas irritados contra Bagnuolo emigrárão da Bahia.

Em quanto lhe não chegavão os desejados reforços, divertio-se Nassau dando brasões d'armas ás provincias hollandezas. As de Pernambuco representavão huma mulher tendo em huma das mãos huma canna de assucar, e na outra hum espelho em que se mirava. Itamaracá tinha hum cacho de uvas; a Paraîba tres pães de assucar, e o Rio-Grande huma ema.

Depois da expedição de Jol, diversos Portuguezes ricos, suspeitados de huma conspiração, forão presos; alguns ficárão encarcerados depois de averiguado o negocio; outros forão mandados para a Bahia, e para outros lugares mais remotos.

Campanha de 1639 - 40. — No principio de 1639 voltou Artisjoski ao Brasil com hum reforço de oito navios trazendo a bordo setecentos soldados, com a missão secreta de examinar as operações de Nassau. Artisjoski accusou este general de ter violado as fórmas e usos militares, e publicou mesmo huma memoria contra elle, que dirigio aos directores da Companhia em Hollanda. Nassau appellou ao Se-

nado e refutou as accusações contidas neste escripto. A dita assemblea o justificou plenamente, e o seu accusador ressentido voltou a Hollanda.

Nesta epocha hum senador apresentou á Companhia hum quadro das suas conquistas. Possuia seis provincias, cujo territorio abrangia desde Seregipe até ao Ceará. Pernambuco continha cinco cidades e muitas villas consideraveis. De cento e vinte engenhos de assucar que existião antes da invasão, trinta e quatro tinhão sido abandonados. Em Itamaracá, de vinte e tres que existião antes da conquista, subsistião quatorze; e na Paraîba só dois d'estes estabelecimentos tinhão sido destruidos, de dezoito que existião. No Rio-Grande havia dois engenhos, de que subsistia hum. Em todas as provincias cento e vinte engenhos estavão em plena actividade; quarenta e seis tinhão sido destruidos ou estavão abandonados. A Companhia trazia arrendados os dizimos dos seus productos pelas seguintes quantias : os de Pernambuco, por 148:500 florins e hum direito denominado *pensão* de 26:900; os da Paraîba, por 54:900, e os de Itamaracá e Goyana, por 19:000. A totalidade dos dizimos montava a 280:000 florins. A provincia de Seregipe tinha sido devastada durante a conquista por Giesselin e Schoppe. A do Ceará tinha hum só forte, com huma

guarnição de quarenta homens. As forças hollandezas no Brasil não excedião seis mil homens, com dois mil Indios alliados, desde as Alagôas até Pottengy.

Antes da guerra o numero dos escravos africanos e indigenas empregados nos engenhos de assucar, montava a perto de quarenta mil. Parte dos primeiros tinhão seguido os senhores na sua emigração; outros tinhão ido unirse aos seus irmãos nos Palmares. Os indigenas repugnavão a todo o trabalho assiduo e prolongado; raras vezes persistião nos engenhos mais de vinte dias.

O senador hollandez mostrou que a conservação da posse do Brasil era devida mais ás poucas forças do inimigo que á superioridade dos Hollandezes. Os soldados soffrião falta de viveres e de fardamento. Os mantimentos tinhão por tal maneira escasseado, que os indigenas erão obrigados por hum decreto, e debaixo da pena de morte, de prover d'elles o Recife. Os proprietarios territoriaes erão obrigados por huma lei, a fornecer huma certa quantidade, quatro vezes por anno, cujo preço era taxado duas vezes por semana, pelo Senado.

Nassau empenhou-se em fazer prosperar a colonia. Formou o projecto de edificar huma cidade, e hum palacio, em huma ilha deserta,

situada entre os rios Capibaribe e Biberibe, e propoz ao mesmo tempo ao Senado, fazer fortificar esta ilha; mas esta corporação não consentio nisso, allegando a falta de dinheiro. Nassau resolveo então plantá-la de arvoredo, para a proteger contra os ataques do inimigo e a abrigar dos calores do estio. Com este fim fez transplantar para alli setecentos pés de cacaoeiros, os quaes derão no seguinte anno huma abundante novidade, que causou grande admiração aos Hollandezes. Fez igualmente plantar alli todas as sortes de arvores fructiferas do paiz, e fez construir hum edificio para sua residencia, que denominou Friburg, e que fortificou. Como o Recife estava atulhado de habitantes, propoz ao Senado, estabelecer nas ruinas de Olinda huma nova cidade, o que se executou. Deo-se-lhe o nome de *Mauricia*, em honra do seu fundador.

Resolveo-se que se estabeleceria huma ponte entre Olinda e o Recife, e hum architecto tinha contractado executá-la pela somma de duzentos mil florins; mas quando vio que era preciso fazer pilares de pedra a onze pés de profundidade, abandonou o projecto como impracticavel. Todavia Nassau conseguio terminar a ponte em dois mezes, empregando madeiras duras de Brasil, em vez de pedra. Foi a primeira ponte construida na America Portugueza.

Nassau lançou outra ponte sobre o rio Capibaribe, para abrir huma communicação entre o Recife e a outra banda do paiz, e fez construir na proximidade outra casa para sua residencia á qual deo o nome portuguez de *Boa-Vista*. O Senado mui satisfeito de todas estas obras e das providencias politicas, concedeo a Nassau o titulo honorifico de *patronus*.

1639. — *Expedição portugueza para defender o Brasil.* A Côrte de Hespanha expedio huma armada mais consideravel que as precedentes, debaixo do commando do conde da Torre, Fernando Mascarenhas, nomeado Governador, e Capitão general do Brasil em lugar de D. Pedro da Silva. Esta armada, composta de oitenta e sete navios, montando duas mil e quatrocentas peças de artilharia, fez-se á vela de Lisboa em fins de Outubro, dirigindo-se ás ilhas de Cabo-Verde, onde perdeo a terça parte das tripolações, victimas de huma febre epidemica. Hum dos mortos foi Francisco de Mello e Castro, que devia commandar as tropas de terra. Quando a armada chegou perto do Recife, no mez de Janeiro de 1640, o numero dos doentes era tão grande, que o commandante julgou acertado conduzî-los a S.-Salvador para se restabelecerem, e passou-se hum anno antes de se poder utilisar esta expedição cujo armamento tinha custado tanto dinheiro.

O commandante em chefe, tendo confiado o governo a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, tornou a fazer-se á vela para tentar a conquista de Pernambuco; e para distrahir a attenção de Nassau, mandou tropas debaixo do mando de André Vidal de Negreiros, para devastar o paiz e queimar as plantações de cannas abaixo do Recife; mas a esquadra hollandeza estava em posição de impedir o desembarque. Esta esquadra, commandada por Guilherme Cornelio Loos, composta de quarenta e hum navios, era bem inferior á de Hespanha, que tinha oitenta e seis navios, tendo a bordo doze mil soldados, alem dos Brasileiros.

Derão-se quatro combates navaes a 12, 13, 14 e 17 de Janeiro. No primeiro, que teve lugar entre Itamaracá e Goyana, morreo o almirante hollandez, mas a sua nao escapou, e a esquadra se retirou á bocca da noite. O Conselho supremo confiou o mando a Pedro-le-Grand, e no dia seguinte as duas esquadras se encontrárão entre Goyana e Cabo-Branco. Neste combate, que durou igualmente até á noite, hum navio hollandez, o *Sol brilhante*, foi mettido a pique com o capitão Mortamer e quarenta e quatro soldados; dez se salvárão na chalupa. No terceiro, que se deo perto da costa da Paraîba, o *Cysne*, navio hollandez, commandado pelo contra-almirante Jacome

Alderic, perdeo o mastro grande, e foi obrigado a lançar ferro junto á costa. Hum navio hespanhol commandado por Antonio da Cunha d'Andrade, que lhe ia no alcance, encalhou em hum banco de arêa, e ficou tão destroçado que o capitão se rendeo. Trinta homens da tripolação se lançárão a nado para ganhar o navio de Alderic, que os não quiz receber, e morrêrão afogados. No quarto combate, os Hollandezes ganhárão o vento, e obrigárão os Hespanhoes a se retirarem, depois de terem pelejado todo o dia. Parece que a artilharia hespanhola era mal servida, por quanto os Hollandezes tiverão só vinte e dois homens mortos, e oitenta e dois feridos, nos quatro combates. No primeiro de Fevereiro a esquadra hollandeza voltou ao Recife, onde houve grandes festas para celebrar a victoria. A esquadra hespanhola, contrariada pelos ventos e pelas correntes, não poude entrar na Bahia. O commandante fez desembarcar na costa, a quatorze legoas ao norte de Pottengy, a maior parte das tropas, e fez-se á vela para as Antilhas, e de lá voltou a Portugal. As tropas consistião em mil e trezentos homens ás ordens de Barbalho e dos soldados indios de Camarão, e os Negros de Henrique Dias. Forão obrigados a marchar trezentas legoas a travéz de hum paiz inimigo, antes de chegarem á Bahia. Vidal, que tinha

seguido a esquadra ao longo da costa, se reunio a ella, e devastárão tudo o que encontrárão no caminho. Fizerão prisioneiro o Governador do Rio-Grande, e passárão ao fio da espada toda a guarnição de Goyana. O historiador hollandez Barléo, pretende que Barbalho matou aquelles dos seus soldados que não podião marchar, para não cahirem em mãos dos Hollandezes; crueldade atroz, e apenas crivel.

Os Directores da Companhia hollandeza, persuadidos que não poderião conservar a posse do Brasil sem mandar a esta colonia novos reforços, fizerão aprompttar huma esquadra de vinte e oito navios, de que derão o commando a Cornelio Jol, e a João Lichthart. Partîrão a 17 de Março, levando a bordo alguns officiaes da Companhia, e chegárão ao Recife no principio da primavera. O conde Mauricio, não ousando tentar novo ataque contra a cidade de S.-Salvador, resolveo occupar as suas tropas a devastar o interior da capitania da Bahia. Ao mesmo tempo expedio huma esquadra de oito navios, commandados por Jol, levando a bordo setecentos soldados europeos, e duzentos Indios, para expellir o corpo de Barbalho das Alagôas; mas este official, vendo chegar a esquadra, abandonou o paiz, e se retirou com os habitantes, para o sul. A Companhia

hollandeza fez confiscar as suas propriedades, declarando-os desertores.

A expedição preparada para devastar o interior do Reconcavo, compunha-se de vinte vasos, debaixo do mando de Lichthart e de Tourlon, tendo a bordo dois mil e quinhentos soldados, aos quaes se ajuntárão dois mil Tapuyas alliados, vindos do Rio-Grande. Destruírão todas as plantações e engenhos d'esta grande bahia, á excepção de tres, e todas as embarcações que encontrárão. Os Indios, com a sua ferocidade ordinaria, matárão muitos habitantes portuguezes. Mauricio não temendo já a armada portugueza e hespanhola, procurou conciliar os Portuguezes, fez lavrar huma lista dos principaes habitantes das tres provincias de Pernambuco, Itamaracá, e Paraîba, e prohibio aos seus officiaes de lhes fazerem o mais leve damno.

O principal objecto da esquadra de Jol era apossar-se dos galeões hespanhoes vindos do Peru e da Nova Hespanha. Fez-se á vela, com vinte e quatro navios, levando dois mil marinheiros e mil setecentos soldados, e chegou no primeiro de Septembro perto da ilha de Cuba. Em quanto elle cruzava á espera dos galeões, hum temporal dispersou a sua esquadra. Alguns dos navios derão á costa nesta ilha, outros voltárão ao Brasil, e muitos a Hollanda.

Estes ultimos, depois de reparados, forão de novo postos debaixo do mando de Jol e Lichthart. O primeiro tinha ordem de cruzar na costa de Angola; o outro na emboccadura do Rio de Janeiro, onde aprezou hum navio carregado de assucar e de vinho.

O Brasil era então de grande proveito para a Companhia hollandeza. Os dizimos do assucar, e os direitos sobre os mantimentos montavão a perto de 130:000 cruzados; os das mercadorias hollandezas a 240:000 cruzados; os do assucar importado em Hollanda a 120:000 cruzados. A renda dos bens de raiz, dos moinhos e dos escravos negros montava a tres milhões de cruzados. As prezas feitas aos Portuguezes montavão a 100:000 cruzados, e os escravos vendidos no Brasil, a 150:000 cruzados, sem contar o producto de outros direitos que pagavão os Europeos estabelecidos no paiz.

Hum novo Governador, com o titulo de Vicerei, chegou ao Brasil. Era D. Jorge Mascarenhas, conde de Montalvão, o qual ao mesmo tempo que abria huma negociação com Mauricio de Nassau, mandou secretamente os capitães Paulo da Cunha e Henrique Dias, com hum corpo de tropas ligeiras e negros, para devastar de novo as possessões hollandezas.

1640. — *Desordens no Brasil causadas pelos Jesuitas.* O padre Dias Taño, que se achava

em Madrid com Montoya, foi mandado a Roma para expôr, a Vitelleschi, Geral da Companhia de Jesus, hum quadro das missões do Paraguay, e fazer energicas representações contra a atroz caça que os Portuguezes davão aos indigenas, para os reduzir á escravidão. O Geral queixou-se ao papa Urbano VIII, que lançou huma excommunhão contra toda a pessoa que tentasse privar da liberdade os Indios convertidos. Taño, de volta a Madrid, encontrou alli o seu companheiro, que tinha obtido d'Elrei a passagem gratuita para trinta missionarios, que devião acompanhâ-lo á America. O navio em que ião embarcados foi obrigado pelo mao vento, a entrar no porto do Rio de Janeiro. Taño tendo consultado com o padre Pedro da Mota, visitador no Brasil, e os outros padres, leo a bulla de excommunhão na igreja dos Jesuitas. Muitos dos habitantes, socios dos Paulistas na caça que fazião aos Indios, excitárão o povo a quebrar as portas do collegio dos Jesuitas, e a matar os Padres. Pela influencia do Governador Salvador Corrêa consentîrão a ajuntar-se no dia seguinte na igreja dos Carmelitas, para discutir esta materia. Os Jesuitas, para salvar as vidas, annuîrão á proposição feita pelos inimigos da Bulla, de reclamar contra este acto, appellando ao Papa por hum instrumento assignado a 20 de Julho. Em San-

tos os habitantes ameaçárão de matar o vigario-geral que tinha publicado a bulla, e os de S.-Paulo se amotinárão e expulsárão os Jesuitas. Taño e seus companheiros se embarcárão para Buenos-Ayres, no principio de Novembro, onde aportárão no fim do mez.

O Padre Montoya apresentou huma Memoria ao Rei, em Madrid, na qual solicitava a favor dos indigenas : 1° a execução de huma lei, publicada em 1611, que prohibia fazer escravos os Indios, excepto os que fossem feitos prisioneiros em guerra justa; 2° a confirmação dos breves de Paulo III e de Clemente VIII, que continhão as mesmas prohibições; 3° de fazer julgar pela Inquisição os que se não conformassem a estas disposições; 4° de restituir á liberdade os neophytas que tivessem sido feitos escravos, e de reprimir e castigar os Mamalucos. Este requerimento tendo sido submettido ao exame de commissarios escolhidos no Conselho-Real de Castella e no das Indias, lhes pareceo justo, e conformando-se com o seu parecer, Elrei publicou hum edicto, declarando as correrias dos habitantes de S.-Paulo, commummente denominados Mamalucos, injustas e contrarias ás leis divinas e humanas, mandando que os culpados fossem entregues ao Santo-Officio; que todos os Indios reduzidos á escravidão fossem postos em liberdade, e que

os que para o futuro fossem convencidos d'este crime, houvessem de ser castigados como criminosos de lesa-majestade.

No anno de 1640 se fundou a cidade de Taubaté, na capitania e comarca de S.-Paulo, a huma legoa do rio Paraîba, a de Paranaguá, na comarca d'este nome, e Curytiba na provincia de S.-Paulo.

Devastações dos Mamalucos. O marquez Grimaldi affirma que desde o anno 1620 até 1640, os Mamalucos destruîrão vinte e duas povoações de Indios Guaranis, treze situadas no Salto do Paraná, entre os rios Anembi e Paranápané, e outras nove mais abaixo perto do nascente de Ibay. Nestas diversas irrupções, arruinárão as cidades de Guaira e Xerez, e a antiga Villa-Rica, e levárão oitenta mil vaccas do paiz situado entre a cidade de Curytibà, e o nascente do Rio-Grande de S. Pedro, que pertencião aos Guaranis. Tambem forão accusados os Portuguezes de terem usurpado, e occupado setecentas legoas no sertão do Maranhão, que pertencião á Corôa de Hespanha.

CAPITULO VI.

1641 a 1656.

Revolução de Portugal. — Tratado de tregoa entre Dom João IV e as Provincias-Unidas, a pezar do qual os Hollandezes proseguem as hostilidades no Brasil e na costa d'Africa. — Guerra com os Hollandezes, e expulsão total d'elles.

1641.—*Acclamação de D. João IV.* Nos fins de Janeiro dois commissarios, o padre Francisco de Vilhena, jesuita, e o tenente-general Pedro Corrêa da Gama, chegárão ao Brasil depois de huma curta viagem, e trouxerão a noticia da Revolução de Portugal effectuada a 3 de Dezembro 1640. Vinhão encarregados pelo novo rei D. João IV, á receber o juramento de homenagem do Vice-rei o marquez de Montalvão, e dos outros officiaes militares e civis.

A revolução não excitou menos enthusiasmo no Brasil que em Portugal. Foi celebrada no mez de Abril, com grande jubilo, pelos Portuguezes e pelos Hollandezes. O conde Mauricio deo

por esta occasião hum jantar e huma cêa esplendida, no fim da qual hum navio recem chegado de Hollanda trouxe a nova de huma tregoa de dez annos entre os Estados-Geraes e Elrei de Portugal.

Os Paulistas a principio recusárão reconhecer D. João IV, e proclamárão rei a Amador Bueno de Ribeira, Hespanhol; elle não quiz aceitar, e teve que acolher-se a hum convento de Benedictinos, para escapar á violencia com que procuravão constrangê-lo. Em fim, por influencia dos ecclesiasticos e dos principaes habitantes, foi em fim proclamado D. João IV em toda a provincia.

O Vice-rei Mascarenhas tinha já mandado hum dos seus filhos a Lisboa, para dar a Elrei a segurança da sua obediencia; mas os seus dois outros filhos estavão em Madrid, e erão oppostos ao duque de Bragança. D. João IV, suspeitando a fidelidade do pai, tinha dado ordem a Vilhena de o depôr, confiando o governo a tres regentes, o bispo D. Pedro da Silva, Lourenço de Brito Corrêa, e o mestre-de-campo Luiz Barbalho. O jesuita Vilhena lhes communicou os seus poderes, e elles insistírão na destituição do Vice-rei, que foi preso, carregado de ferros, e posto a bordo de huma caravela, que partio para Lisboa. Alli se apresentou na Côrte, e plenamente justificado foi res-

tabelecido nas honras de que tinha sido despojado.

O jesuita Vilhena fez uso dos decretos que Elrei lhe tinha dado em branco, para se enriquecer; mas o navio em que se embarcou para voltar a Lisboa, foi tomado por hum pirata argelino, e o pobre padre acabou os seus dias no cativeiro.

A Companhia hollandeza expedio ao mesmo tempo instrucções secretas a Nassau, para que aproveitando a debilidade do novo governo de Portugal, extendesse as conquistas no Brasil, e procurasse tomar a Bahia. Pedro Corrêa da Gama, e o licenciado Simão Alvares da Penha, mandados pelos regentes de Bahia ao Recife, para conferir com Mauricio de Nassau, e estabelecer relações amigaveis entre os dois governos, suspeitárão as intenções do chefe hollandez, e communicárão as suas suspeitas ao governo de Bahia. Todavia Mauricio tinha manifestado aos Estados-Geraes o desejo de voltar a Hollanda, mas teve que ceder aos rogos do Governo hollandez, e da Companhia, que instárão para que ficasse ainda alguns annos no Brasil, a fim de extender e consolidar a potencia dos Hollandezes naquelle continente.

Tratado de tregoa, de navegação e commercio entre D. João IV, Rei de Portugal, e as Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos, assignado

na Haya, *a* 12 *de Junho de* 1641. Apenas havia D. João subido ao throno, enviou embaixadores a Paris, a Londres e á Haya, para solicitar a alliança d'estas tres Côrtes. Tristão de Mendonça, encarregado d'esta ultima missão, devia tambem exigir a evacuação do Brasil pelos Hollandezes, e allegar que os Portuguezes tinhão sido constrangidos a tomar parte na guerra contra os Hollandezes, sendo depois da separação das duas Corôas, alliados naturaes da Hollanda. Mas todos os esforços do negociador forão balbados, e só poude concluir huma tregoa por dez annos, para a India e a America, e huma alliança offensiva e defensiva na Europa. Por este tratado os Estados-Geraes conservavão a soberania e posse de todo o territorio que tinhão até então conquistado no Brasil.

A má fé dos Hollandezes não tardou a manifestar-se. O conde Mauricio concentrou as suas forças, e não as julgando sufficientes para atacar a Bahia, começou as suas operações apoderando-se de São Christovão, a setenta legoas do Recife. A sua esquadra, composta de quatro naos, arvorou a bandeira branca, entrou no porto e desembarcou sem opposição. Os Hollandezes tendo-se fortificado, partírão para o sertão em busca de minas de prata, e encontrárão as tropas de Camarão que estavão acampadas á vista da cidade. Nassau guardou a praça,

debaixo do pretexto que esta conquista tinha sido feita antes de ter conhecimento da ratificação da tregoa.

Os Portuguezes se houverão com generosidade para com as tropas hespanholas e napolitanas. Em vez de as reter prisioneiras, as embarcárão em hum navio destinado á America Hespanhola; mas obrigado a arribar á Paraîba, foi tomado pelos Hollandezes, e a gente feita prisioneira.

Expedição hollandeza contra Angola. Tomada de Loanda. Esta expedição, composta de vinte vasos, levando a bordo dois mil soldado europeos, novecentos marinheiros, e duzentos indigenas do Brasil, era commandada pelo almirante Jol, e o vice-almirante Hinderson; partio de Pernambuco a 30 de Maio, e desembarcou a 24 de Agosto em S. Paulo de Loanda, junto ao lugar onde o governador portuguez Cesar de Menezes se tinha acampado com nove centos soldados, muitos negros, e duas peças de artilharia. Depois de algumas escaramuças, os Portuguezes abandonárão a cidade e se retirárão a Massangano. Em vão tentou o Governador obter a cessação de hostilidades, allegando a tregoa entre Portugal e a Hollanda. Jol pretendeo não ter conhecimento d'ella, e concedeo a Menezes huma tregoa de nove mezes, com tanto que as tropas portuguezas se retirassem

a trinta legoas de Loanda. Entretanto muitos dos chefes africanos da vizinhança, e grande parte dos habitantes se submettêrão aos Hollandezes. Os habitantes ricos offerecêrão ceder a Jol a metade dos seus escravos, se este lhes permittisse embarcarem-se para a Bahia com os que lhes restavão. Jol não annuio, porque foi informado que de Angola sahião todos os annos para os portos do Brasil quinze mil escravos avaliados em seis milhões de florins. Nassau propoz annexar o governo de Loanda ao do Recife; mas a Companhia decidio que Angola seria hum Governo separado.

Expedição hollandeza contra a ilha de S. Thomé. A 20 de Outubro do mesmo anno Jol desembarcou na ilha de S. Thomé, a duas milhas da cidade principal, e se entrincheirou sem opposição. O alcaide-mór Miguel Pereira de Mello fez conduzir ao interior da ilha os objectos de maior valor, e se retirou ao forte, que foi bombardeado quatorze dias pelos Hollandezes. Rendeo-se por fim, com condição de ser embarcado com a sua tropa para Portugal. Chegado a Lisboa foi preso, e morreo na cadêa. Os Hollandezes perdêrão quasi toda a sua gente por huma doença que matava em tres ou quatro dias. Barléo a attribue a tres causas: 1° á cohabitação com as negras; 2° á exposição ao ar estando mui encalmados; e 3° ao uso immode-

rado do assucar mascavado, o leite de coco, que produzia a dysenteria. Jol succumbio á doença, e o vice-almirante Matheus Janse tomou o mando da esquadra, da qual seis navios voltárão ao Brasil, os outros a Hollanda, excepto dois, hum tomado pelos Hespanhoes, e outro mettido a pique por falta de tripolação.

Expedição hollandeza contra o Maranhão. — Huma esquadra de oito naos e seis embarcações menores commandada por Koin e Lichthart, sahio de Pernambuco a 30 de Outubro de 1641, e entrou a 22 de Novembro na bahia de Arasagi, tres leguas a léste da cidade do Maranhão. A 25 entrou pela barra de San-Marcos e desembarcou a tropa junto á *Ermida do Desterro*, sem resistencia, havendo os habitantes fugido para o sertão. O governador Maciel se metteo no forte com cento e cincoenta homens, e mandou hum recado ao commandante hollandez, representando-lhe que vista a paz que existia entre Portugal e Hollanda, era a aggressão contraria a todas as leis. Koin respondeo que tinha arribado alli por effeito do mao tempo, e que os Portuguezes tinhão feito fogo sobre elle. Convidou o Governador a sahir do forte para tratar de hum ajuste igualmente vantajoso a ambas as nações; mas logo que este se afastou do forte, declarou-lhe não poder sahir do Maranhão sem instrucções do seu

Governo. Maciel lhe entregou as chaves da cidadella, onde Koin fez arvorar a bandeira hollandeza. Pedro Maciel, sobrinho do Governador e nomeado por elle ao governo do Pará, estava então em Tapuytapera, na terra firme, com trinta soldados, trezentos indigenas, e hum comboi de fazendas destinadas á cidade de Belem. Quando soube da occupação do Maranhão pelos Hollandezes, voltou a esta cidade e foi-se entregar a elles com todo o seu trem. Koin poz guardas em cada engenho de assucar, reparou o forte de Itapicuru, e deixando quatro navios e seiscentos homens de guarnição, voltou a 31 de Dezembro ao Recife com o resto da esquadra, levando comsigo o governador Bento Maciel Parente, que morreo pouco tempo depois na prisão de Rio-Grande do norte, geralmente desprezado.

O conde Mauricio, não tendo obtido licença de voltar a Hollanda, expedio Carlos Tolner, membro do seu Conselho privado, para representar o estado florescente do Brasil, e reclamar contra a diminuição do soldo dos officiaes e soldados, e requerer reforços de tropa, visto que toda a tropa no Brasil e costa de Africa não passava de quatro mil oitocentos e quarenta e tres homens, cujo numero mingoava continuamente. Recommendou igualmente a Tolner, que convencesse os Estados-Geraes da

necessidade de deixar aos Portuguezes o livre exercicio da sua religião, e de tratâ-los com brandura. Pedia tambem maior provimento de viveres e de medicamentos.

De balde protestou D. João IV contra a infracção do Tratado pelos Hollandezes. Em vão recorreo á intervenção d'Elrei de França : os Estados Geraes desprezárão todas as representações das duas Côrtes, e Elrei de Portugal não ousando lutar com os Hollandezes, não só dissimulou o seu ressentimento, mas até procurou ganhar a amizade d'elles, mostrando-se-lhes muito affecto. Tal era o caracter astucioso de Dom João IV.

Antonio Telles da Silva foi nomeado Governador e Capitão-general do Brasil, com instrucções que lhe prescrevião imitar a politica de Nassau, affectando grande amor da paz, e procurando por todos os meios fomentar a insurrecção nas provincias occupadas pelos Hollandezes. Silva começou o seu governo tirando devassa dos tres regentes, relativamente ao procedimento que tinhão tido contra o marquez de Montalvão. Condemnou o bispo a restituir os emolumentos que tinha recebido, e remetteo para Lisboa presos Barbalho e Brito. O primeiro foi perdoado, como tendo obrado por falta de capacidade; o segundo foi condemnado á prisão.

Os Portuguezes irritados da perda de Loanda, de S.-Thomé e do Maranhão, procuravão huma occasião de reparar estes revezes. Entretanto Mauricio procurava por todos os meios conciliar a amizade dos colonos portuguezes, protegendo o seu culto e as suas pessoas, fazendo julgar os processos por juizes da sua nação. Estabeleceo escholas, casas de orphãos, e regulou o preço da moeda. Expirados os cinco annos do seu governo, de novo manifestou o desejo de voltar á patria, mas á força de instancias, consentio em ficar ainda por algum tempo no Brasil. Todos o consideravão, com razão, como o unico homem capaz de governar as possessões hollandezas do Brasil.

1642-43.—*Sublevação dos Portuguezes no Maranhão.* Os Hollandezes portárão-se com dureza e crueldade para com os colonos do Maranhão, a pezar de haverem algumas mulheres portuguezas casado com Hollandezes. Vinte e quatro Portuguezes, presos sem justa causa por hum agente do governo hollandez, forão entregues aos Tapuyas, que os matárão e devorárão. Indignados de tão atroz tyrannia, resolvêrão cincoenta habitantes, ajudados de alguns negros, expulsar os oppressores ou morrer. Escolhêrão para os capitanear Antonio Moniz Barreiros, que tinha sido governador da colonia havia vinte annos. Na noite do ultimo de Septembro,

este chefe começou o ataque no districto de Itapicuru, contra a fazenda de Bento Maciel, filho bastardo do governador do mesmo nome, e se apoderou d'ella em menos de meia hora, matando quantos Hollandezes lá achou, e de cujas armas os vencedores se apossárão, e marchárão contra a habitação do governador Maciel. Puzerão-lhe fogo, e matárão todos os Hollandezes que nella se tinhão refugiado, ou que procurárão salvar-se por huma brecha feita no muro. Com a mesma facilidade tomárão dois engenhos de assucar da outra banda do rio, hum d'elles pertencente ao sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, que commandava em segundo, e por cuja influencia salvárão as vidas alguns Hollandezes. Barreiros marchou então contra o forte do Calvario, construido pelos Hollandezes, que o tinhão guarnecido de oito peças de artilharia, e estava defendido por setenta homens, para proteger os seus estabelecimentos de Itapicuru. Tendo chegado ao forte ao romper do dia, fez prisioneiro hum soldado, o qual, para salvar a vida, consentio a lhe servir de guia. Havendo postado a sua gente detrás do rochedo, chamado depois *Penedo de Paciencia*, entrou de envolta com hum destacamento hollandez, que tinha sahido do forte a fazer hum reconhecimento. Toda a guarnição foi morta, á excepção de alguns Francezes.

No fim de 1642, Barreiros, depois de deixar guarnição no forte do Calvario, passou á ilha do Maranhão, esperando sorprender o forte S.-Felippe. Os Hollandezes, avisados do seu projecto, sahírão para reconhecer o inimigo, mas forão inteiramente derrotados. Barreiros com sessenta soldados e oitenta Indios, tomou huma forte posição a tres legoas da cidade; cento e vinte Hollandezes o vierão atacar, mas elle se poz em emboscada, e os derrotou completamente, escapando só cinco com vida. Então marchou Barreiros contra a cidade de S.-Luiz, entrou sem opposição nos suburbios, e tomou o convento do Carmo, situado em huma eminencia, a hum tiro de espingarda da muralha; e na noite seguinte tomou huma posição ainda mais vizinha da praça, e alli se fortificou. Os Hollandezes, não ousando atacàlo, mandárão pedir soccorros ao Recife. Barreiros pedio igualmente auxilios ao Pará, mas as dissensões que agitavão a provincia os demorárão. Chegárão emfim cento e treze Portuguezes e setecentos Indios commandados por Pedro Maciel[1] e seu irmão. Barreiros achandose doente, o sargento-mór Antonio Teixeira de Mello tomou o mando. Com duas peças de ar-

[1] Expulso de S.-Luiz, e embarcado em hum navio podre, voltou a Belem, onde tentou em vão exercer o cargo de capitão-mór.

tilharia tomadas no forte do Calvario, resolveo bater o forte S.-Felippe; mas em quanto se preparava a esta empreza, chegou aos Hollandezes hum reforço de setecentos homens de Pernambuco, o qual conseguio entrar na praça a 15 de Janeiro. No dia seguinte os Hollandezes sahîrão pelo meio dia e atacárão os Portuguezes, mas forão repellidos com perda. O commandante hollandez atacou depois o convento fortificado do Carmo, mas foi rechaçado com perda de cem homens, quasi todos Indios auxiliares. Barreiros morreo na vespera d'esta victoria.

1642.—Este anno foi funesto á provincia de Pernambuco. Soffreo muito por effeito de inundações dos rios, e por huma doença epidemica. As bexigas matárão mais de mil negros, só na capitania da Paraîba.

1643.—Teixeira, vendo as suas munições quasi esgotadas, retirou-se a 25 de Janeiro para Tapuytapera, separada de S.-Luiz por huma bahia de quatro legoas de largo. Depois de ter atravessado o Coty foi perseguido por trinta Hollandezes e mais de cem Indios, commandados pelo official hollandez que tinha vindo do Ceará em soccorro do Maranhão: este destacamento cahio em huma emboscada e foi inteiramente derrotado por Teixeira, que se apoderou de todas as armas e munições, e se foi

postar na forte posição de Moruapy fronteira a Itapicuru. O commandante hollandez, irritado d'este desastre, teve a ferocidade de entregar vinte e cinco Portuguezes aos Indios do Ceará, para serem por elles devorados, e fez embarcar cincoenta para serem vendidos na Barbada aos Inglezes[1]; saqueou as habitações dos colonos, e fez lançar as mulheres nuas fóra da cidade.

Teixeira ficou mais de tres mezes em Moruapy, mas não recebendo soccorros, retirou-se a 2 de Maio para Alcantara. Alguns dias depois da sua chegada, Pedro Maciel e seu irmão se embarcárão a bordo das suas canôas para o Pará, levando comsigo a maior parte da sua tropa, e alguns colonos do Maranhão.

Teixeira, reduzido a sessenta Portuguezes e dois mil Indios, e falto de munições deliberava sobre os meios de se retirar ao Pará, o que por falta de canôas não podia fazer por mar, quando lhe chegou huma barca de Belem com cinco quintaes de polvora; continuou a inquietar os Hollandezes causando-lhes continuas perdas. O commandante de huma esquadra hollandeza, que appareceo sobre a costa, propoz a Teixeira, em nome do conde Mauricio, de o nomear governador dos Portuguezes na cidade de S.-Luiz, com autoridade independente do governador

[1] O governador inglez os poz em liberdade.

hollandez; Teixeira respondeo por escripto, que com effeito tinha tenção de estabelecer os seus quarteis naquella cidade, quando d'ella houvesse expulsado os Hollandezes. Depois de varios recontros, em que Manoel de Carvalho, expedido por Teixeira, derrotou os Hollandezes, este se approximou da cidade, e occupou de novo o forte do Calvario, que tinha sido abandonado. Nesta conjunctura chegou á costa Pedro de Albuquerque, novo governador do Brasil, com cem homens e muitas munições; por falta de piloto fez-se á vela para o Pará, mas á entrada da barra o navio encalhou em hum banco de arêa.

O governador com a sua familia e parte da tripolação se embarcárão nas chalupas do navio e em duas canôas de pescadores, e tomárão terra; mas o resto da guarnição vendo o navio a ponto de se espedaçar, tentárão salvarse em huma jangada, e morrêrão todos afogados, em numero de setenta; em que entrava Luiz Figueira e oito jesuitas. De onze pessoas que ainda ficavão no navio e que se embarcárão em outra jangada, só tres escapárão: dois jesuitas çahírão no mar; dos outros lançados na ilha de Joannes, seis forão mortos pelos indigenas da tribu dos Aruans. Pedro de Albuquerque, com a gente que escapára do naufragio partio para a ilha do Sul, e d'alli

para Belem, onde tomou posse do governo. Annuindo á representação do procurador autorisado pelos habitantes da capitania, recusou reconhecer o infame Pedro Maciel em qualidade de capitão-mór, não obstante ter este sido nomeado por Elrei.

Depois da publicação da tregoa entre Portugal e a Hollanda, Nieuland foi nomeado pelos Estados-Geraes governador de Loanda, e fez huma convenção com o antigo governador portuguez Menezes, pela qual este se obrigou a ir estabelecer-se nas margens do rio Bengo, mas debaixo do pretexto que os Portuguezes se dispunhão a atacar os Hollandezes, o estabelecimento portuguez foi tomado, saqueado e devastado; Menezes preso, e cento e sessenta Portuguezes embarcados para Pernambuco em hum navio podre. Durante a viagem oito morrêrão de fome, e os outros chegárão em miseravel estado ao Brasil.

1644. — O governador Pedro de Albuquerque morreo no principio d'este anno, deixando o governo ao seu parente Feliciano Corrêa, conjunctamente com o sargento-mór, Francisco Coelho de Carvalho.

Teixeira manteve-se na sua posição, e continuou a inquietar os Hollandezes, não os deixando sahir da cidade. Emfim estes abandonárão o Maranhão a 28 de Fevereiro, e se

embarcárão em numero de quinhentos a bordo de hum navio portuguez, que hum temporal tinha lançado na bahia de Arasagy. Os Tapuyas do Ceará, seus alliados, reduzidos a oitenta, se retirárão descontentes de não terem recebido recompensa : elles e os da sua tribu assaltárão o forte hollandez do Ceará, matárão toda a guarnição, e avisárão Teixeira, que tomou posse d'elle. O mesmo fizerão a outros fortes hollandezes, cujas guarnições tiverão igual sorte.

As diversas expedições que os Hollandezes fizerão contra Seregipe, o Maranhão, Angola, e o Chili tinhão esgotado os recursos de Pernambuco, e a Companhia tinha-se descuidado de mandar reforços. O Conselho supremo, não tendo dinheiro para as despezas da administração, exigio o prompto pagamento das sommas devidas. Os negociantes fizerão outro tanto aos seus devedores. Havia tal escassez de dinheiro, que o juro subio a tres e quatro por cento por mez. Os agentes do Governo, não podendo obter o pagamento dos devedores, se apoderárão da novidade do assucar; os negociantes e outros, crédores dos colonos se queixárão, allegando que por esta medida ficavão privados de garantia, e para se embolsarem do que se lhes devia, se apossárão violentamente dos escravos, bois e instrumentos dos engenhos. Os proprie-

tarios tomárão o partido de resistir. Para remediar a este estado violento, o Conselho supremo fez hum ajuste com os proprietarios das plantações e engenhos de assucar, pelo qual elles devião entregar todo o assucar que fabricassem por hum certo numero de annos á Companhia, obrigando-se esta a satisfazer os crédores dos senhores de engenho. Os negociantes adherírão a esta medida, e assignárão obrigações por mais de dois milhões de florins, mas a desordem era tão grande, que este arranjo recebeo mui imperfeita execução.

A estes males, o Governo hollandez ajuntou outros, que tornárão insupportavel o seu jugo. Recompensavão com carta de alforria os escravos que denunciavão os senhores de terem armas escondidas; taxava-se o preço de todos os productos do solo; a justiça era administrada com a maior parcialidade, sendo o numero dos juizes hollandezes superior ao dos portuguezes em todos os tribunaes; a disproporção se tornava ainda maior, porque muitos dos juizes portuguezes residindo no campo, não assistião ás deliberações.

1644. — Depois de grande contestação entre os Directores da Companhia e os Estados-Geraes, Mauricio obteve em fim licença de voltar á patria, havendo oito annos que governava as possessões hollandezas no Brasil. Antes de par-

tir confiou o governo civil ao Conselho supremo, e o commando das tropas a Henrique Haus, e fez huma falla em que lhes deo mui acertados conselhos sobre o modo de reger o paiz. Recommendou-lhes que tratassem os Portuguezes com brandura, e procurassem ganhâ-los, e particularmente os padres, depositarios dos segredos dos catholicos; que supprimissem os tratos; que castigassem severamente os assassinatos e os duellos.

Mauricio despedio-se das autoridades e partio para Hollanda a 22 de Maio, levando comsigo alguns selvagens de differentes tribus, e cinco Portuguezes brasileiros, para que vissem com seus proprios olhos a Hollanda, e se convencessem que não era hum povo de piratas e pescadores. Mil e quatrocentas pessoas se embarcárão a bordo da frota, que ia carregada de 2:500:000 florins de generos. Mauricio, logo que chegou a Hollanda, partio para a Haya e apresentou aos Estados-Geraes e aos de Hollanda, huma memoria em que deo conta da sua administração e da sua viagem.

1644. — *Sublevação das provincias conquistadas, por influencia de João Fernandez Vieira.* — O Governador hollandez, desejando conhecer as forças dos Portuguezes na Bahia, e a disposição dos habitantes das provincias meridionaes do Brasil, enviou huma deputação ao

governador Antonio Telles, para o cumprimentar, e exigir a entrega dos devedores e desertores hollandezes. O Governador lhes fez bom agasalho, e prometteo communicar-lhes os nomes dos individuos designados que viessem buscar asylo na Bahia. Estes agentes souberão que as tropas em S. Salvador e nos fortes vizinhos, montavão a dois mil e quinhentos homens; que cento e cincoenta guarnecião as capitanias dos Ilheos, de Porto-Seguro e Espirito-Santo, e que duas companhias de Indios e de Negros, cada huma de cento e cincoenta homens, commandados por Camarão e Henrique Dias, guarnecião os fortes septentrionaes na fronteira hollandeza. Souberão mais que não havia forças navaes, dois navios de guerra tendo sahido da Bahia, e que os Hollandezes e Allemães de S. Salvador tinhão sido transferidos a bordo de navios portuguezes, para não communicarem com os agentes.

O governo de Pernambuco suspeitando as intenções hostis dos habitantes, recorreo a medidas oppressivas, principalmente dirigidas contra os ecclesiasticos não residentes na provincia, prohibindo o exercicio do sacerdocio a todos os que de novo se introduzissem nas possessões hollandezas, e que fossem ordenados pelo bispo da Bahia. A tyrannia avivou o descontentamento, e accelerou a explosão que de-

via expulsar do Brasil os seus avidos, crueis e imprudentes oppressores.

O principal chefe que ousou combater a potencia hollandeza, que parecia demasiado forte para ser abalada pelas debeis forças portuguezas no Brasil, foi João Fernandes Vieira. Era elle natural da ilha da Madeira, d'onde sahira moço para ir tentar fortuna no Brasil. Depois da perda de Olinda, distinguio-se na defesa de S. Jorge, e foi feito prisioneiro na tomada do campo do Bom-Jesus. Tendo-se enriquecido por sua industria, ganhou a confiança dos Hollandezes do Recife, a ponto que hum dos membros do Conselho supremo, antes de partir para a Hollanda tratar dos seus interesses, o nomeou seu agente com plenos poderes. Senhor de cinco engenhos, casou com Dona Maria Cesar filha de Francisco Berenguer de Andrade, natural da Madeira. Em razão da sua conhecida intelligencia, era muitas vezes consultado sobre os negocios da Companhia, de cujo verdadeiro estado era assim inteirado, conhecendo cabalmente os seus recursos e a sua fraqueza. Todo o seu fito era a ruina da dominação hollandeza, que lhe era odiosa. Apenas julgou poder começar as hostilidades, communicou o seu projecto ao governador Telles da Silva, e ao seu amigo André Vidal de Negreiros, que tinha sido nomeado chefe da capitania do Ma-

ranhão, e que tinha vindo ver os seus parentes na Paraîba, acompanhado do padre frei Ignacio, benedictino. Vidal prometteo a Vieira ajudâ-lo na execução do seu projecto. Estes dois patriotas estavão exasperados por hum acto recente do Conselho hollandez, que tinha feito enforcar tres desertores portuguezes, sem consentir que hum sacerdote os ajudasse a bem morrer, e lhes ministrasse os auxilios da religião.

Vieira tinha já transmittido ao Governador do Brasil huma memoria em que mostrava ser chegado o tempo de sacudir o jugo dos Hollandezes. As suas praças estão em mao estado, as guarnições mui diminutas (dizia elle); os melhores officiaes tinhão partido com Mauricio, e os seus compatriotas que ficárão vivem nas fazendas com mulheres portuguezas, e a maior parte dos que residem na cidade são Judeos expulsos de Portugal. Ao mesmo tempo transmittio Vieira outra memoria a D. João IV, em que lhe expunha os aggravos e insultos recebidos pelos Portuguezes, que os obrigavão a tomar armas para se libertarem, declarando não haver nem leis, nem tregoa ou tratado que pudesse privâ-los dos seus direitos naturaes. Vieira escreveo tambem a Camarão e a Henrique Dias, pedindo-lhes a sua cooperação.

Animado por estas disposições, expedio o

Governador Antonio Telles secretamente hum destacamento de sessenta homens, commandados por Antonio Dias Cardoso, com ordem de seguir as instrucções de Vieira. Cardoso entrou na provincia de Pernambuco em Dezembro de 1644. Chegárão aos poucos sem armas ao lugar designado, onde forão escondidos pelo fiel Miguel Fernandes, criado de Vieira. Quatro d'elles forão mandados á Bahia a buscar armas. Ao mesmo tempo Camarão e Henrique Dias, cumprindo a promessa feita a Vieira, se puzerão em marcha. Então este chefe, de acordo com Cardoso, querendo communicar o seu projecto aos amigos, os convidou a hum festim, no fim do qual se abrio a elles, e declarando-lhes ser sua tenção libertar Pernambuco, ou morrer na empreza, estimulou-os a mostrarem o seu patriotismo ajudando-o a conseguir tão desejavel victoria. Informou-os dos seus aprestos e meios de execução; todos se mostrárão bem dispostos, mas manifestárão o desejo de conferir com Cardoso, para o que se ajuntárão no dia seguinte em huma fazenda de Vieira, onde Cardoso lhes confirmou a approvação dada ao projecto pelo Governador da Bahia, e a marcha de Camarão e de Dias. Toda a assemblea proclamou Vieira chefe da insurrecção. Dois dias depois voltárão os confederados, e annunciárão a

Vieira que o Conselho supremo estava informado do seu conciliabulo, e sabia os nomes de todos os confederados. Propuzerão por tanto tratar com o Conselho para obter d'elle o perdão, e hum salvo-conducto para Cardoso se poder retirar á Bahia com a sua gente. Vieira desenvolveo neste critico lance grande penetração e consummada prudencia. Bem vio elle que alguns dos cobardes que por vergonha tinhão entrado na conjuração, intimidados pelo perigo que corrião, e arrependidos do que havião feito, tinhão denunciado Vieira, e Cardoso ao Conselho supremo. Em vez de se mostrar aterrado, respondeo-lhes mui tranquillo, que sem motivo se acobardavão, que facil lhe seria a elle desvanecer as suspeitas concebidas pelo Conselho supremo, ainda suppondo não serem vagas, e haver com effeito algum traidor communicado os nomes dos conjurados. « Bem sabeis, disse Vieira, a grande conta em que me tem os Hollandezes, e que para com os magistrados mais pesa huma mentira minha que a verdade de muitos, e a hum official como Cardoso não se pode propôr semelhante arbitrio. » Com isto os despedio; elles se retirárão assustados, e receando com razão ser tidos por impostores pelos Hollandezes, e tratados como traidores por seus compatriotas.

Vieira apenas se desembaraçou d'elles, partio sem perda de tempo a avistar-se com Cardoso no seu escondrijo, e bem opportuna foi a sua chegada. Hum dos traidores tinha ido informar Cardoso da descoberta da conjuração, procurando decidî-lo a retirar-se á Bahia, offerecendo-lhe hum salvo-conducto do Conselho supremo. Cardoso rejeitou com indignação a proposta, e ameaçou o vil traidor de communicar os nomes de todos os conjurados ao Governo hollandez, pondo toda a culpa a elles, e declarando a innocencia de Vieira. O traidor tentou ameaçâ-lo, mas vendo Cardoso tirar a espada, fugio. Depois de conferir com Vieira, escreveo com effeito huma carta ao Conselho supremo, em que com muita arte allegava ter sido chamado a Pernambuco por muitos dos habitantes ligados afim de atacarem os Hollandezes, mas depois de huma ardua marcha conheceo que o tinhão illudido; asseverava ao mesmo tempo que elles tinhão occultado o projecto a Vieira, em quem não tinhão confiança, por conhecerem a sua affeição aos Hollandezes. Immediatamente depois de escripta esta carta, entranhou-se Cardoso pelo sertão, e foi esconder-se em hum lugar escolhido por Vieira, onde era summamente difficil descobrî-lo; entretanto affectando completa ignorancia da communicação feita a Cardoso pelo

traidor, manifestou aos conjurados a admiração que lhe causava a partida de Cardoso para a Bahia.

Entretanto a situação do Conselho supremo era critica. Estava convencido das disposições hostis dos habitantes, e sabia que Vieira e seu doso á Berenguer erão chefes da conjuração; mas o receio de precipitar a explosão fez que não se atrevessem a desarmar os Portuguezes, dissimulando até acharem occasião de prenderem Vieira. Em quanto isto se passava em Pernambuco, chegárão os emissarios de Cardoso á Bahia. O Governador os acolheo bem e prometteo auxiliar a insurrecção de Pernambuco, com tanto que não fosse compromettido, e que Cardoso affectasse obrar de seu moto proprio e sem participação do Governador. Quarenta aventureiros partîrão com os emissarios, e chegados a Pernambuco forão escondidos nos matos pelos agentes de Vieira e postos debaixo das ordens de Cardoso.

Neste intervallo Vieira continuou os seus preparos, com summa prudencia, de modo a não excitar as suspeitas dos Hollandezes. Cumprou polvora, ajuntou viveres, tirou as manadas de bois das varzeas, e as fez conduzir ás suas fazendas do interior. Meditou igualmente o projecto de matar os principaes membros do Conselho supremo, attrahindo-os a hum

festim, que intentava dar por occasiãodo casamento de hum filho e huma filha d'elle com hum irmão e irman da mulher de Antonio Cavalcante, rico propriètario a quem Vieira tinha communicado o seu projecto, e que, chegado o momento da execução, hesitava. Para o segurar, tinha Vieira proposto este casamento mui vantajoso á familia de Cavalcante. Tudo estava disposto, e já os criados e dependentes de Vieira na varzea tinhão desenterrado as armas, quando por imprudencia de alguns d'elles, que não puderão conter o seu jubilo, vendo aproximar-se a libertação da provincia, foi avisado o Conselho, e mallogrou-se o projecto. Forão igualmente infructiferas todas as tentativas do Governo hollandez para se apoderarem de Vieira, ora convidando-o para funções, ora chamando-o para concluir a concessão de hum contracto com o governo. Vieira avisado por tres amigos, que tinha de sua mão, de tudo o que se resolvia no Conselho, evitou todos estes laços. Alem dos indicios certos já obtidos, recebeo o Conselho supremo huma carta anonyma de hum Portuguez, em que se expunha com a maior individuação todo o plano de Vieira, e foi entregue por hum Judeo portuguez, interessado, como todos os da sua nação, na conservação do dominio hollandez, tendo justa razão de recear atroz perse-

guição da parte dos Portuguezes, se estes viessem a triumphar.

Vieira inquieto pela tardança de Camarão e Henrique Dias, e continuamente perseguido pelos destacamentos hollandezes, via-se obrigado a evitar o perigo que o ameaçava, não apparecendo nas suas fazendas, e nunca passava a noite no mesmo sitio; mandou a mulher, que estava adiantada na prenhez, para a fazenda de hum parente, e dispoz-se a começar as hostilidades, apezar da insufficiencia dos meios de ataque. Isto se tornava tanto mais urgente por ter sido preso pelos Hollandezes Sebastião de Carvalho, hum dos que tinhão denunciado a conjuração ao Conselho supremo de Pernambuco, na carta anonyma de que já fallámos. Este traidor declarou ter sido hum dos denunciantes, e confirmou quanto tinha escripto pedindo aos Hollandezes que o conservassem preso, para não excitar suspeita a Vieira.

Emfim, a 7 de Junho, recebeo Vieira aviso que Camarão e Dias tinhão passado o rio San-Francisco, e participou immediatamente a feliz nova ao padre Francisco da Costa Falcão, chefe do clero da Varzea, o qual a communicou aos habitantes. Todos manifestárão a maior satisfacção, declarárão ser bons Portuguezes, e estarem promptos a tomar as armas contra os oppressores, e a favor do Rei legitimo.

A 10 de Junho expedio o Conselho deputados á Bahia, para descobrir se o Governo portuguez auxiliava a insurrecção. Tinhão ordem de exigir o castigo de Camarão e Dias, declarando que se elles recusassem voltar á Bahia, os faria proclamar inimigos d'Elrei de Portugal.

O Conselho supremo fez alargar os fossos de Mauricia, e reparar as fortificações de Itamaracá, e offereceo o perdão a Antonio Cavalcante, e a João Paes Cabral.

A 13, Vieira avisado por Sebastião de Carvalho, tomou huma posição dominante no engenho de Luiz Braz Bezerra, situado no meio dos bosques: allí convocou huma assemblea de quinze pessoas [1], que se obrigárão todas a seguir a fortuna do chefe. Dentro de tres dias o seu numero se augmentou a cento e trinta, todos animados do mesmo espirito, mas sem armas, e sem nenhuma experiencia da arte militar. Entre elles havia alguns negros escravos da

[1] Eis aqui os nomes d'elles: Francisco Berenguer d'Andrade, Christovão Berenguer, Antonio Bezerra, o capitão Antonio Borges Uchoa, Francisco de Faria, Antonio da Silva, capitão de cavallaria, o capitão Antonio Careiro Falcão, Bernardim de Carvalho, Cosme de Castro Pessoa, Manoel Cavalcante, com dois filhos, o capitão João Nunes Victoria com alguns homens armados de espingardas, João Cordeiro de Mendanha, Alvaro Teixeira e Amaro Lopes Madureira, nomeado depois capitão.

costa da Mina e de Angola. D'alli passou a Camaragibe, lugar cercado de pantanos e situado a cousa de duas milhas da Varzea. Proclamou então a guerra, e expedio messageiros ás parochias vizinhas solicitando o apoio de todos os Portuguezes, promettendo alforria a todos os escravos negros e mulatos que viessem unir-se a elle, e obrigou-se a compensar os senhores d'esses escravos. Para excitar a indignação geral, fez publicar por esses mesmos emissarios hum supposto decreto do Conselho supremo, pelo qual todos os Portuguezes de quinze a trinta e cinco annos de idade devião ser passados á espada. Grande numero de escravos acodírão a esta chamada, e começárão as hostilidades matando na mesma noite quantos Hollandezes e Judeos encontrárão nas habitações circumvizinhas, e na manhan seguinte forão ter ao campo de Vieira carregados do despojo que havião colhido.

A 18 de Junho, o Conselho publicou huma amnistia, de que erão exceptuados os chefes, aos sublevados que viessem entregar-se no Recife dentro de nove dias, contados do dia da publicação do edicto, renovando o juramento de fidelidade ao Governo hollandez. Ao mesmo tempo teve a imprudencia de mandar prender em toda a provincia quantidade de pessoas, que não tinhão entrado na conspiração. Mui-

tos habitantes indignados d'esta injustiça, forão unir-se aos conjurados. Os mais forão obrigados a comprar a troco de dinheiro a sua liberdade aos agentes Hollandezes, para quem este edicto foi occasião do lucro.

1645. — Não tendo conseguido apoderar-se de Vieira por meios violentos, procurou o Conselho supremo ganhâ-lo mandando-lhe offerecer 200:000 cruzados se consentisse a abandonar o seu projecto, promettendo pagar esta quantia onde e como elle desejasse, e dando todas as seguranças que elle exigisse. Para ganhar tempo, fingio-se disposto a aceitar a proposição; mas obrigado por fim a dar huma resposta categorica, respondeo por escripto dizendo que não podia por tão vil preço renunciar á honra de castigar hum oppressor. Irritados d'esta resposta os membros do Conselho, offerecêrão huma recompensa de 4000 florins a quem lhe trouxesse preso Vieira, morto ou vivo. Elle, não querendo mostrar-se menos largo em promessas, publicou que daria o dobro pela cabeça de qualquer dos membros do Conselho. Convidou todos os Portuguezes a tomar armas contra os seus tyrannos, sobpena de serem tratados como inimigos da patria. Prometteo aos Judeos e aos estrangeiros protecção como vassallos da Corôa de Portugal, obrigando-se elles a viver pacificamente em suas

casas; e para intimidar o Conselho, ameaçou entrar na cidade com quatorze mil soldados europeos e vinte e quatro mil Brazileiros e Indios : jactancia ridicula!

As primeiras hostilidades começárão a 19 de Junho, em Ipojuca, perto do cabo Santo-Agostinho. Vieira tinha confiado o mando d'este districto a Amador de Araujo em qualidade de capitão-mór, e fez capitão Domingos Fagundes, mulato livre, filho de hum fidalgo rico. Este homem obrigou-se a levantar huma companhia, e desde logo recrutou dezaseis homens. Aproveitando-se de hum tumulto excitado por huma rixa entre hum habitante e hum negociante judeo, em que tres judeos forão mortos, Fagundes e a sua gente assaltárão e roubárão os Hollandezes, e lhes incendiárão as casas. A guarnição fugio assustada e abandonou as armas aos sublevados.

Animado por este successo, Fagundes atacou tres barcas carregadas de assucar e farinha que se achavão em Porto do Salgado, senhoreou-se d'ellas e matou todos os Hollandezes que estavão a bordo. Depois d'este acontecimento todos os Portuguezes do districto e da vizinhança tomárão parte na insurrecção capitaneados por Amador de Araujo, e conseguírão cortar toda a communicação entre os Hollandezes do cabo Santo-Agostinho e o territorio

situado ao sul. Afim de conservar esta communicação, o Conselho do Reoife expedio a 24 de Junho, o coronel Henrique Haus com duzentos soldados hollandezes e quatrocentos Indios, para reduzir os rebeldes. Fagundes, não tendo força sufficiente para resistir, retirou-se ao bosque de Vasco Pires Borralho com vinte homens, tendo morto tres soldados hollandezes e ferido outros, e foi unir-se a Araujo.

O coronel Haus entrou em Ipojuca, fez enforcar hum dos chefes da insurrecção, e offereceo perdão a todos os que se submettessem dentro de tres dias. Cerca de duzentos individuos declarárão submetter-se, na esperança de aproveitar occasião mais favoravel para sacudir o jugo. Entretanto Haus, guiado por hum traidor, conseguio obstar á juncção de Araujo com Vieira. Encontrou os insurgentes que forão obrigados a retirar-se aos bosques.

Vieira, avisado que os Hollandezes intentavão atacâ-lo em Camaragibe, retirou-se a hum Mocambo de negros no sertão onde se lhe veio ajuntar Antonio Dias Cardoso, ao qual deo o titulo de sargento-mór com honras de tenente general. Neste ponto o numero dos insurgidos era de duzentos e oitenta, comprehendidos trinta Negros das Minas. Os Hollandezes expedírão o sargento-mór Blaar com trezentos soldados europeos e duzentos Pitaguares; mas

entre os insurgidos, de sahirem de suas casas dentro de cinco dias, sob pena de serem tratadas como rebeldes, e declarando todos os que lhes dessem gasalhado indignos da protecção dos Estados-Geraes. Alguns Portuguezes que não tinhão tomado armas, intercedêrão a favor d'estas infelizes, pedindo ao Conselho quizesse deixâ-las residir em suas casas até baixarem as aguas que tornavão impracticaveis os caminhos; mas não forão attendidos. O padre Manoel do Salvador renovou a supplica, dirigindo-se ao Governador, e representou-lhe que seria infligir hum castigo aos innocentes, e que estando os bosques cheios de Portuguezes armados, elles não perdoarião os maos procedimentos e insultos feitos a suas mulheres e filhas. Se hum tal edicto se executa, dizia elle, durará a guerra entre as duas nações em quanto os Portuguezes conservarem memoria de tão atroz injuria. O Conselho desprezou todas estas representações, fez executar com o maior rigor o edicto contra as mulheres dos insurgidos, e o padre Salvador, receando ser victima do ressentimento dos Hollandezes, fugio para o mato depois de ter expedido a Vieira hum proprio a avisâ-lo do estado das cousas.

A 15 de Julho Vieira fez affixar nos lugares os mais frequentados do Recife huma contra-

proclamação em que denunciava o edicto do Conselho como barbaro e cruel, contrario ás leis da natureza e ás da policia humana; edicto, dizia elle, que sujeita ás leis militares mulheres, que a sua natural fraqueza, e a cortezia usada entre todas as nações, deve proteger contra as calamidades da guerra. Em virtude do que, convidava as mulheres a ficarem em suas casas, declarando que vingaria as injurias que se lhes fizessem. O Conselho vendo esta proclamação affixada nas portas da fortaleza, intimidado fez suspender a execução de seu barbaro decreto.

Outro acontecimento veio ainda augmentar a indignação dos Portuguezes. Os habitantes do districto de Cunhau forão convidados pelos Pitaguares e Tapuyas de Pottengy a ajuntarem-se na igreja no dia 16 de Julho, para deliberar sobre negocios importantes. Concorrêrão com effeito sessenta e nove, que todos forão mortos por estes barbaros, á excepção de tres. Os Portuguezes attribuîrão esta atrocidade aos Hollandezes. A 24 de Julho Vieira fez affixar hum edicto no Recife, declarando ter formado o projecto de restabelecer a autoridade legitima em Pernambuco, e convidando os habitantes de todas as capitanias a tomar armas contra a tyrannia e injusta occupação dos Hollandezes, dentro de quatro dias da data do dito decreto,

sob pena de serem declarados rebeldes, e perseguidos como inimigos da patria.

Vieira informado da juncção das tropas de Haus e de Blaar, que se dispunhão a atacâ-lo, retirou-se, a 31 de Julho, ao monte das Tabocas, situado a cousa de nove legoas a oéste do Recife e perto do pequeno rio Itapicuru. Toda a sua força consistia em mil e duzentos Portuguezes e em cem Indios ou escravos, com pouco mais de duzentas espingardas. Vieira procurou inflammar a sua gente em hum eloquente discurso, em que lhes rememorou os altos feitos dos Portuguezes na Asia, e pintou com vivas côres a tyrannia do jugo dos Hollandezes, insistindo particularmente nos sacrilegos insultos feitos á religião catholica, e aos seus templos e sacerdotes.

Na vizinhança d'este lugar residia, debaixo da protecção dos Hollandezes, hum ecclesiastico chamado Manoel de Moraes, que, havendo abjurado o catholicismo, prégava as doutrinas de Calvino. Vieira o fez conduzir ao campo por hum destacamento, onde renunciou ao calvinismo, voltando á fé catholica, com apparentes mostras de convicção e arrependimento. Esta conversão, real ou fingida, pareceo de bom agouro aos insurgidos que começavão a desalentar-se pela tardança da vinda de Camarão e Dias. Para tranquillisar os espiritos, expedio

Vieira hum destacamento de quarenta homens ao encontro dos dois capitães.

Entretanto o Conselho hollandez tendo mandado hum reforço a Henrique Haus, com ordem de marchar contra os insurgidos, este se avançou até o engenho das Covas com mil e quinhentos soldados bem armados e disciplinados, e hum numero consideravel de Indios e negros escravos. Alli soube que Vieira tinha abandonado a sua posição, e poz fogo á fazenda. A vanguarda de quatrocentos Hollandezes e de hum destacamento de Indios, marchou contra o engenho de Balthazar Gonçalves Moreno, perto de legoa e meia de Tabocas, onde se achava o capitão Antonio Gomes Taborda com duzentos e quarenta homens, para defender o passo. Repellio esta vanguarda e matou quatorze homens aos Hollandezes; mas Vieira lhe ordenou que se retirasse sobre o acampamento, para alli esperar o ataque do inimigo. O sargento-mór Cardoso tinha disposto tres emboscadas debaixo dos capitães João Cabral, João Pessoa, Paulo Velloso, e Antonio Borges Uchoa, nas quebradas dos rochedos, e postado hum destacamento commandado pelo capitão Domingos Fagundes nas margens do rio Itapicuru, para disputar passagem. Fagundes tendo em vão tentado obstar á passagem das tropas inimigas, retirou-se a 3 de Agosto sobre as embos-

cadas; alli se travou hum renhido combate que durou cinco horas, e no qual trezentos e sessenta soldados hollandezes ficárão no campo de batalha. Vieira perdeo vinte oito homens mortos, entre os quaes havia alguns dos principaes chefes, e teve trinta e sete feridos.

Os Hollandezes tinhão oitocentos Pitaguares disciplinados, e hum grande numero de homens da mesma tribu e de Tapuyas seguião a retaguarda. Os Portuguezes tomárão duas mil espingardas, muita polvora e munições. Esta foi a primeira brilhante victoria obtida pelos insurgidos, que transportados de jubilo se ajoelhárão bradando : *Viva a fé catholica romana, viva a liberdade, viva Elrei D. João IV!* Vieira abraçou todos os officiaes e soldados, e cumprindo a promessa feita aos seus escravos, deo alforria a cincoenta d'elles, que formou em duas companhias de soldados livres, debaixo das ordens de dois capitães escolhidos por elles mesmos.

Henrique Haus retirou-se de noite com o resto das suas tropas, a São Lourenço de Ipojuca, sete legoas distante do campo de batalha, e entrou depois no Recife, por ordem do Conselho.

Durante a sua estada em S. Salvador o major Hoogstraten, propôz ao governador Antonio Telles da Silva, entregar-lhe o forte de

Nazareth, dizendo haver já communicado este plano a João Fernandes Vieira. O Governador lhe respondeo, que se assim o fizesse, seria bem recompensado pelo Governo portuguez. Para encobrir o seu projecto, Hoogstraten, de volta ao Recife, informou o Conselho que o Governador se preparava a atacar as possessões hollandezas, não esperando senão alguns navios do Rio de Janeiro para começar as hostilidades.

O governador Telles da Silva fez embarcar na Bahia a bordo de oito navios, dois regimentos commandados pelos mestres-de-campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno. Deo o mando d'esta frota a Jeronymo Serrão de Paiva, habil official. A que era destinada para Portugal, composta de trinta e sete navios, se achava na Bahia, debaixão do mando de Salvador Corrêa de Sá, o qual devia acompanhar a primeira expedição até Tamandaré, onde devião desembarcar a tropa. Serrão de Paiva devia entrar no Recife, para apresentar cartas ao Conselho, da parte do Governador general, nas quaes dizia que, fiel á sua promessa, tinha expedido dois officiaes para persuadirem aos insurgidos que renunciassem aos seus projectos, e não querendo elles annuir, tinha ordem de os fazer obedecer.

Levantamento em Serinhaem. O comman-

dante hollandez de Serinhaem tinha recebido ordem de desarmar os Portuguezes no seu districto. Hum d'elles, João de Albuquerque, excitou os outros á resistencia, persuadindo-lhes que, huma vez desarmados, serião victimas da perfidia hollandeza. Quarenta e nove moços se ajuntárão, mettêrão a pique tres navios destinados ao Recife, e puzerão-se debaixo da protecção das tropas da Bahia que acabavão de desembarcar na vizinhança. Os commandantes mandárão o capitão Paulo da Cunha com hum destacamento intimar á guarnição que se rendesse, visto ter o Governo hollandez tratado os Portuguezes, não como subditos, mas como escravos. A guarnição composta de sessenta e dois Hollandezes e quarenta e nove Indios, vendo-se cercada por forças superiores, e falta de agua, capitulou, abandonando os Indios á vingança dos Portuguezes, que fizerão enforcar trinta d'elles considerados como traidores, em virtude de huma sentença pronunciada pelo auditor-geral Francisco Bravo. Os mais Indios forão empregados a transportar a bagagem, e as mulheres e filhos distribuidos entre os habitantes. A maior parte dos soldados hollandezes entrárão no serviço portuguez, e só dois sahírão do districto.

Passados sete dias em Tabocas, para enterrar os mortos e curar os feridos, foi Vieira unir-se

ás tropas de Serinhaem. No dia da partida os habitantes de Iguarassu e de Goyana, ameaçados pelos Hollandezes de Itamaracá, lhe enviárão huma deputação solicitando soccorros. Vieira lhes mandou hum destacamento de cento e cincoenta homens, de que confiou o mando a Antonio Cavalcante, o qual tendo chegado a Iguarassu, alli permaneceo em inacção e pouco depois morreo de hum pleuriz. Vieira o tinha suspeitado de haver excitado a tropa a amotinar-se, e por isso se quiz descartar d'elle.

Immediatamente depois da partida de Vieira, chegárão a Tabocas Camarão e Henrique Dias, com parte das suas tropas, e indo-lhe em seguimento, fizerão a sua juncção com elle na segunda noite de marcha. Vieira, informado que estava hum destacamento hollandez de cento e oitenta homens na aldêa de Santo Antonio do Cabo, marchou para o sorprender; mas o commandante, avisado a tempo, se retirou ao forte de Nazareth. Vieira fez alto em Santo Antonio a tres legoas de Ipojuca, onde se achavão as tropas vindas da Bahia. Martim Soares Moreno se postou em Algodoaes, a huma legoa do Pontal de Nazareth. O mestre-de-campo Vidal de Negreiros foi ao encontro de Vieira, com quem teve huma conferencia a 16 de Agosto, de que resultou a união dos dois corpos, para de accordo continuarem a guerra: Mar-

tim Soares Moreno seguio o mesmo exemplo com as tropas que commandava. No mesmo dia Vieira partio com o seu exercito para a Moribeca, d'onde continuou a sua marcha pelo rio Tigipió, seguido de huma multidão de Portuguezes, de Indios e escravos negros, os quaes, fugindo o jugo hollandez, se tinhão acolhido áquelles sitios retirados.

O General hollandez Henrique Haus, que tinha estabelecido o seu quartel no engenho de Anna Paes, fez partir duas companhias de soldados, e alguns Indios ás ordens do major João Blaar para irem saquear as habitações dos insurgidos, e apoderar-se das mulheres dos principaes proprietarios da Varzea que se tinhão sublevado, com ordem de as trazer ao Recife, para servirem de refens. Blaar executou as ordens, e prendeo algumas mulheres, sendo d'este numero D. Antonia Bezerra, mulher de Francisco Berenguer de Andrade; D. Isabel de Goes, mulher de Antonio Bezerra; Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes: a mulher de Vieira, D. Maria Cesar, tinha fugido para o mato. Vieira avisado do que se passava, acodio logo, e tendo passado com grande difficuldade o Capibaribe, sorprendeo os Hollandezes no engenho de D. Anna. Estes, não podendo retirar-se, apresentárão as mulheres prisioneiras nas janellas da casa, para fazer ces-

sar o fogo da mosquetaria. Os Portuguezes movidos d'este espectaculo, propuzerão aos Hollandezes que capitulassem, mas elles recusárão, e fizerão fogo sobre o parlamentario que levava a bandeira branca. Exasperados os Portuguezes puzerão fogo á casa, que era construida sobre pilastras de madeira. Então pedio Haus capitular, e a custo escapou com vida, querendo os soldados portuguezes queimâ-lo com toda a sua gente, ao que Vidal se oppoz. Haus e Blaar sahirão, e ficárão prisioneiros com duzentos homens que restavão. Os Hollandezes perdêrão quatrocentos homens no combate, e perto de duzentos Indios alliados d'elles forão mortos depois do conflicto. Os Portuguezes tiverão dezoito mortos, e trinta e cinco feridos. Achárão seiscentas espingardas, muitos bons cavallos de sella, e abundantes viveres. Os capitães Domingos Fagundes, e Henrique Dias forão feridos nesta acção na qual os ecclesiasticos se distinguîrão como nas precedentes, animando e combatendo. Alguns prisioneiros hollandezes entrárão no serviço portuguez; os outros forão enviados debaixo de escolta á Bahia. Durante a marcha, Blaar foi morto por hum habitante, para se vingar das crueldades d'este official.

Depois d'esta victoria, Vieira marchou em triumpho para o engenho de S.-João Baptista,

situado na planicie, levando em sua companhia as mulheres que tinhão sido captivas, e seguido dos prisioneiros hollandezes, entre os quaes vinha Haus a cavallo, sem armas nem insignias militares.

Tomada de Olinda pelos Portuguezes. — No mesmo dia da precedente victoria, Olinda foi tomada por trinta Pernambucanos, á testa dos quaes estava Manoel Barbosa. Este joven, de boa familia, tinha-se escondido no mato a huma legoa de distancia da cidade Mauricia com cinco companheiros de dezoito a vinte annos de idade, todos bem armados, e esperando occasião favoravel para se unirem a Vieira. Entretanto hum destacamento hollandez de desazeis homens, que escoltavão negros carregados de objectos saqueados, chegárão de noite á habitação da irman de Barbosa, viuva em cuja companhia vivião suas irmans. Os Hollandezes arrombárão as portas, e aos gritos das infelizes acodio Barbosa com os seus companheiros, e com tal coragem atacárão os Hollandezes que matárão alguns e obrigárão os outros a fugir. Sem perda de tempo distribuírão as armas tomadas a alguns outros amigos, e juntos em numero de trinta sorprendêrão Olinda. Barbosa foi recompensado com a patente de capitão.

Combate naval. — Conformando-se ás suas

instrucções, Salvador Corrêa e sua frota appareceo diante do Recife a 12 de Agosto. Ignorando as operações dos insurgidos, offereceo os seus serviços ao Conselho hollandez, assim como os de Vidal e Soares. O Conselho, julgando-se com razão insultado por esta offerta, deliberou se devia mandar prender os dois portadores d'esta communicação; mas receando que a frota fomentasse o espirito de insurrecção, contentou-se com intimar a Corrêa que se retirasse. Elle, tendo desempenhado a sua commissão, fez-se á véla. O Conselho recobrando animo, ordenou a Liehthart que aprontasse a esquadra, e fosse em busca dos navios portuguezes e os atacasse onde quer que os encontrasse. Huma esquadra portugueza de oito navios se achava então na bahia aberta de Tamandaré, cujo chefe ignorava que o forte de Nazareth estava em poder dos Portuguezes. Os mestres-de-campo lhe tinhão escripto a 2 e 6 de Septembro, avisando-o d'este successo, mas as cartas tinhão sido interceptadas. Lichthart, com huma força superior, atacou a esquadra portugueza, e lhe tomou tres navios; dois derão á costa, outros dois forão abandonados e incendiados, e só hum escapou e foi ter á Bahia. Avaliou-se a perda dos Portuguezes em seteeentos homens. O navio de Paiva foi tomado á abordagem, o capitão

combateo com grande coragem, e recebeo muitas feridas. Os Portuguezes accusárão os Hollandezes d'este acto iniquo, que representárão como desleal e atraiçoado, e os increpárão da crueldade com que havião tratado os prisioneiros, lançando muitos ao mar com pedras e balas atadas ao pescoço e ás pernas para se afogarem. O Governador da Bahia prohibio deitar luto pelos que havião perecido em Tamandaré, e prometteo tirar exemplar vingança de tão atroz injustiça.

A 3 de Septembro o forte de Nazareth foi entregue aos Portuguezes pelo major commandante Hoogstraten, pela quantia de 9000 cruzados, dos quaes Vieira deo sete mil, e os seus officiaes o restante.

Sublevação dos habitantes da Goyana. — No meado de Junho o Conselho hollandez tinha expedido Paulo de Linge, hum dos seus membros, á Paraîba em qualidade de governador, afim de tomar medidas para a segurança d'esta provincia. Este official estabeleceo a sua residencia no convento de S.-Francisco, e obrigou todos os habitantes a renovarem o juramento de fidelidade. Fez prender quatro individuos, dois dos quaes tinhão sido nomeados capitães do districto por Vieira, e fez matar hum d'elles chamado Estevão Gonçalves; o corpo do outro, Jacome de Leiria, morto na ca-

dèa, foi arrastado pelas ruas. Nesta conjunctura espalhou-se a noticia do morticinio de Cunhau (a 17 de Agosto), e a que Vieira tinha feito publicar, da tenção dos Hollandezes de matar todos os Portuguezes. Os habitantes pedírão a Paulo de Linge armas para se defenderem contra os Tapuyas, e elle, avisado da derrota dos seus compatriotas em Tabocas, permittio aos habitantes munirem-se de armas quaesquer, excepto de espingardas, e retirou-se com a tropa ao forte Cabedello. Os Tapuyas acompanhados de hum corpo de duzentos Hollandezes commandados por Guilherme Lambartz, avançárão, matando quantos Portuguezes encontrárão. O chefe d'estes Indios, chamado Jan Duwy, quando consentio em se alliar com os Hollandezes, tinha exigido a destruição de todos os Portuguezes na Paraîba. Em vão procurou Lambartz pòr termo ás crueldades d'estes ferozes selvagens. Muitos d'elles descontentes se retirárão com os despojos, outros se apresentárão diante da cidade de Goyana, onde tentárão penetrar de noite; mas vendo huma força superior disposta a tolher-lhes a passagem do rio, tomados de hum subito terror fugírão para o mato. Lambartz se retirou com a sua gente a Cabedello, d'onde partio para o Recife.

Vieira e Vidal, que tinhão tomado o titulo de

governadores, expedírão á Paraíba tres officiaes para commandarem os insurgidos. Hum d'elles, Antonio Rodrigues Vidal, sobrinho de André Vidal, era natural d'aquella capitania; os outros dois erão capitães, hum do regimento de Camarão, o outro do corpo de Henrique Dias. Chegados no 1° de Septembro a Tibiry, alli se demorárão para conferir com tres dos habitantes do lugar. Concertadas as medidas, foi proclamada a liberdade da provincia pelos habitantes d'ella, e fortificárão-se no engenho de assucar de S.-André, pertencente a Jorge Homem Pinto, depois de terem mandado as mulheres e os filhos para o sertão. O governador Linge fez marchar trezentos Hollandezes, e seiscentos Indios capitaneados pelo chefe Pero Poty, para surprender o campo dos insurgentes, ao mesmo tempo que elle simularia hum ataque contra a cidade de Paraíba pelo rio, com algumas lanchas. Os Hollandezes forão rechaçados, a 11 de Septembro, com perda de setecentos e sete mortos, e grande numero de feridos. A perda dos Portuguezes foi pequena.

Depois d'este successo entrárão os insurgentes em negociações secretas com Linge para comprar o forte de Cabedello; mas o projecto foi revelado por hum padre a hum ministro calvinista: o commandante hollandez, para

evitar as suspeitas, fez enforcar o agente dos patriotas.

Tomada de Porto-Calvo pelos Portuguezes.— O Conselho hollandez tendo perdido a esperança de soccorrer as guarnições ao sul do Recife (as de Seregipe sobre o rio S.-Francisco, e Porto-Calvo), as mandou evacuar, enterrando ou destruindo as peças; mas antes de poder executar esta medida, rompeo huma insurrecção em Porto-Calvo, suscitada pela prisão de hum dos principaes habitantes, Rodrigo de Barros Pimentel. Os mais habitantes tomárão armas debaixo das ordens de Christovão Lins, que Vieira tinha nomeado capitão do districto. O commandante hollandez fez marchar contra elle hum destacamento, mas foi atacado em huma emboscada em que todos forão mortos.

Tres dias depois Lins tomou hum navio que remontava o rio Mangoaba, carregado de munições para a fortaleza. Achárão nelle muitas armas de fogo e provisões de bocca. Nove Hollandezes morrêrão nesta acção.

Vieira fez pôr cerco á fortaleza de Porto-Calvo, e deo o commando das tropas ao capitão Lourenço Carneiro de Araujo. O commandante hollandez Klaas Florins, depois de huma acção, capitulou a 17 de Septembro, com condições honrosas, sendo permittido aos soldados embarcar-se para Hollanda, ou tomar

serviço com os patriotas do Brasil. O commandante fez distribuir 700 : 000 réis aos officiaes e soldados em numero de cento e cincoenta e seis. A fortaleza foi arrasada a peditorio dos habitantes; oito peças de bronze forão mandadas ao exercito patriota.

Sublevação dos habitantes da villa do rio S.-Francisco. — O forte Mauricio sobre o rio S.-Francisco se entregou quasi no mesmo tempo aos Portuguezes, e com as mesmas circumstancias. Hum Portuguez preso pelas autoridades hollandezas, foi posto em liberdade pelos seus compatriotas, que se sublevárão. Hum destacamento de setenta homens mandados contra elles cahio em huma emboscada, e forão mortos. Animados por estas vantagens os patriotas, commandados por Valentim da Rocha Pitta, puzerão sitio á fortaleza, e pedirão soccorros á Bahia. O Governador-General lhes mandou hum reforço de quatro companhias ás ordens do capitão Nicolao Aranha, que partio de Rio-Real a 27 de Julho, e chegou a S.-Francisco a 10 de Agosto. Ao mesmo tempo os patriotas se apoderárão de huma caravela com viveres e munições para a fortaleza. Os Hollandezes tiverão seis homens mortos neste ataque, e no mesmo dia perdêrão mais vinte em huma escaramuça. Senhores do rio, os patriotas interceptárão todas as embarcações, e entre ellas

a que trazia ordem de evacuar o forte. No dia 11 o capitão Aranha atravessou o rio, e se fortificou ao norte do forte com cento e oitenta homens bem armados, portuguezes e indios. Os Hollandezes tentárão huma sortida, mas sem effeito, tendo perdido quatro soldados mortos em huma das portas. A 13 o commandante portuguez lhes propoz huma capitulação : os Hollandezes pedirão tres dias para se decidirem; mas vindo nesta occasião a passar por alli Henrique Haus e os mais Hollandezes aprezados no engenho de Anna Paes, Haus aconselhou ao commandante do forte que aceitasse às condições offerecidas por Aranha. Aproveitando este conselho, capitulou com effeito a 19 de Septembro. A guarnição compunha-se de duzentos e sessenta homens, hollandezes e francezes; dos quaes setenta e sete tinhão sido mortos durante o cerco. Havia tambem alguns Indios, mulheres, e dezoito crianças e escravas. No forte se achárão dez peças, e muitas munições e viveres. Os prisioneiros forão mandados para a Bahia por terra, e as mulheres e crianças por mar. O forte foi arrasado, e Aranha foi com as suas tropas unir-se a Vieira na Varzea.

Tomada do forte de Santa-Cruz. — Pela influencia de Hoogstraten, o commandante d'este forte, situado a perto de huma legoa do Recife,

se entregou aos Portuguezes, e a guarnição foi incorporada em hum regimento de desertores que se acabava de formar, composto de Hollandezes, Francezes e de outras nações, que servião as Provincias-Unidas como mercenarios. Deixou-se no forte huma companhia de soldados para sua defesa.

Para proteger a chegada de viveres e munições, Vieira fez construir outro forte em huma altura a quatro milhas da cidade, que foi acabado dentro de tres mezes. Guarneceo-o de oito peças de bronze, e denominou-o *forte do Bom-Jesus*, nome do antigo acampamento. A cidade, que pouco depois se elevou á roda d'este forte, foi chamada *Arraial-Novo*: estabeleceo-se nella huma Casa de Misericordia para os doentes e feridos.

O Conselho hollandez occupou-se então dos preparativos necessarios para defender o Recife, onde esperava ser atacado. Fez destruir a ponte de Boa-Vista, assim como os jardins e dependencias do palacio de Nassau. Publicou depois hum edicto pelo qual mandava demolir a cidade nova dentro do prazo de dez dias.

Tentativa dos Portuguezes contra a fortaleza de Cinco-Pontas. Vieira informado que a ilha de Itamaracá era o principal deposito dos Hollandezes, preparou huma expedição para se apode-

rar d'esta posição, situada na borda do mar a hum tiro de canhão da cidade de Mauricio. Deixando o mando do campo a Henrique Dias, marchou á testa do principal corpo do exercito á cidade de Iguarassu, ajuntou todas as embarcações da vizinhança na barra do rio Catuama, e tomou hum navio que defendia o canal entre a ilha e o continente. Esta empreza foi executada por cousa de cem homens da guarnição a bordo de huma grande barca e de hum batel, commandados pelo capitão Simão Mendes, a quem deo ordem de vencer ou morrer. A maior parte dos Hollandezes forão mortos defendendo o seu navio; só quinze se entregárão. D'esta maneira as tropas effectuárão o desembarque sem serem vistas. Depois de tres ataques successivos penetrárão na cidade de Schoppe, principal estabelecimento da ilha. Os Hollandezes obrigados a refugiar-se nos seus entrincheiramentos, estavão a ponto de capitular, quando as tropas da Bahia e o regimento de Hoogstraten começárão a saquear. Os Indios que se vião ameaçados de perder a vida, aproveitando a desordem causada pelo saque, fizerão hum ataque furioso, e ajudados pelos Hollandezes forçárão os Portuguezes a se retirarem depois de hum combate de onze horas, com perda de sessenta homens mortos, a saber trinta e quatro estrangeiros do regimento

de Hoogstraten, quatorze Portuguezes, e doze Indios. Os Hollandezes tiverão mais de duzentos mortos, e grande numero de feridos. Camarão foi ferido na acção. Sete homens do regimento dos desertores, que tinhão enchido as mochilas de despojo e abandonado as suas armas, forão condemnados á morte por Hoogstraten, mas elle mitigou depois a sentença, e hum só d'elles, tiradas sortes, foi executado.

Huma doença contagiosa fez grande estrago no campo portuguez. Consistia em grande oppressão da respiração acompanhada de dores rheumatismaes agudas. Muitos morrêrão de repente, outros em poucas horas, e nenhum dos doentes viveo alem do terceiro dia. Atacava igualmente os Europeos, os Indios e os Negros. Os medicos, ignorando a natureza do mal, não sabião que remedio applicar; salvárão porêm alguns doentes por meio de copiosas sangrias. Fizerão-se, segundo o costume do tempo, procissões e penitencias, e expuzerão-se as imagens de S.-Gonçalo e de S.-Sebastião no hospital e na Casa de Misericordia, e como a enfermidade cessou pouco depois, attribuio-se a estes actos supersticiosos a cessação do mal. Esta epidemia rompeo na Paraîba em fins de Septembro, grassou por todas as capitanias, e cessou no principio de Dezembro. Os medicos a considerárão como huma sorte de peste, cau-

sada por perniciosa influencia atmospherica (1).

Representaçao a Elrei. A 7 de Outubro os patriotas lavrárão huma representação a Elrei, para se desculparem da accusação de terem faltado á fidelidade que lhe devião, e de desobediencia aos seus decretos, expondo que a tyrannia dos Hollandezes tinha obrigado os habitantes do Brasil a tomar as armas para defender a sua liberdade e a honra do Reino, e os tinha determinado a proclamar João Fernandes Vieira, Governador; que confiados inteiramente na clemencia e na magnanimidade de S. M., esperavão que lhe ministrasse auxilios para terminar huma empreza tão gloriosa, tão util á Coroa de Portugal, e tão necessaria ao livre exercicio da religião. Esta representação foi assignada pelos tres Estados da capitania, a saber : 1° por todos os capitães e officiaes militares, á excepção dos governadores e mestres-de-campo; 2° pelas camaras; 3° pelo clero, frades, e principaes habitantes do Reconcavo em numero de sessenta e quatro. Este documento foi transmittido ao Governador-General para ser por elle enviado e posto na presença d'Elrei.

[1] Raphael de Jesus a designa nos seguintes termos : *Mal contagioso, que pelos effeitos pareceo ramo de peste. Os medicos tinhão assentado entre si ser o ar inficionado e corrupto*, p. 401.

Morticinio dos Portuguezes de Pottengy feito pelos Tapuyas. — Durante os desastres causados pela epidemia na Paraîba, os Indios conduzidos por Jacob Rabbi assolárão a capitania do Rio-Grande, e matárão quantos Portuguezes puderão encontrar, para vingarem assim a morte dos seus compatriotas, em Serinhaem, posto que estes Portuguezes não tivessem tido parte naquelle successo. A Companhia hollandeza confiscou os gados e propriedades d'estas infelizes victimas da ferocidade dos Indios.

A principal força dos patriotas estava postada diante do Recife, o que dava lugar a continuos combates. O primeiro domingo de Outubro, sendo dia da festa do Rosario, sempre celebrada pelos escravos negros do Brasil, e particularmente pelos de Olinda, os Hollandezes, aproveitando esta occasião, atacárão os patriotas, mas forão repellidos com perda.

Traição dos escravos desertores. — Muitos escravos seduzidos por dinheiro que os Hollandezes lhes offerecêrão, convierão em que não atirarião com bala, e que trarião nos chapeos hum pedaço de papel dobrado, para que os Hollandezes não atirassem a elles. Vieira, que tinha sempre suspeitado a fidelidade d'estes negros, tinha destacado os mais d'elles sobre diversos pontos, de modo que não ficavão mais de duzentos e cincoenta com o principal

corpo d'exercito, debaixo do mando do capitão hollandez Nicholzon, o qual procurava occasião opportuna de passar ao inimigo. Para auxiliar os negros, fizerão os Hollandezes huma sortida commandada por Garsman, de que os desertores procurárão aproveitar-se para escapar; mas forão prevenidos por huma manobra repentina do sargento-mór Antonio Dias Cardoso. Sete Portuguezes forão mortos nesta occasião, e trinta e cinco feridos, e entre estes Pedro Cavalcante de Albuquerque, e Paulo da Cunha. Os Hollandezes perdêrão trinta homens. Vieira querendo experimentar a lealdade de Nicholzon, e da sua gente, deixou-lhe escolher sessenta, que forão postos em emboscada para atacar o inimigo quando viesse prover-se de agua.

Apenas o Biberibe deo vao, atravessárão o rio e marchárão para o Recife a toque de caixa, e disparando as armas. Achárão-se nos outros provas da sua intelligencia com as autoridades do Recife; em consequencia do que forão desarmados e remettidos para a Bahia, excepto os cirurgiões e dois engenheiros. O mestre-de-campo Hoogstraten e o sargento-mór Francisco de la Tour se mostrárão tão indignados d'esta traição, que solicitárão e obtiverão licença de irem servir na Bahia com a mesma patente, em hum regimento portuguez. Os mestres-de-campo ti-

nhão conseguido por meio de huma correspondencia anonyma persuadir que os desertores se entendião com Vieira e Hoogstraten, e todos elles ião ser enforcados quando se descobrio o artificio. As suspeitas se dirigîrão então contra trinta Francezes da guarnição dos Afogados, que forão encarcerados; quatro d'elles postos a tratos nada revelárão, e hum foi executado, que tambem nada tinha confessado.

Hum destacamento de duzentos e cincoenta Portuguezes e trezentos e cincoenta Indios, commandado pelo capitão João Barbosa Pinto, tinha sido mandado, no 1° de Novembro, para proteger os patriotas de Cunhau, mas chegou quando já se havia effectuado a matança dos Portuguezes pelos Indios, e estabeleceo-se em huma fazenda arruinada. Assustados pelo ruido que sentîrão durante a noite, retirárão-se a huma lagoa, e fortificárão-se em huma posição só accessivel por hum lado. Quatrocentos Hollandezes que havião desembarcado na Bahia da Traição, marchárão para atacar a fazenda e engenho, que achárão abandonado; tendo seguido as pisadas dos Portuguezes, atacárão-nos na sua nova posição, mas forão repellidos com perda de cento e quinze mortos, Hollandezes e Indios, e grande numero de feridos.

Por este mesmo tempo houve huma horrivel

matança na Paraîba, dirigida por hum chefe dos Tapuyas, e denominado Pedro ou Pero Poty, parente de Camarão, e não obstante, zeloso partidario dos Hollandezes. Este chefe desalmado sorprendeo hum numero consideravel de Portuguezes que se achavão congregados por occasião da vespera da festa de S.-Martinho, e os matou a todos, excepto huma rapariga notavel por sua belleza, que conduzio ao forte da Paraîba.

1645. — *Victoria ganhada por Camarão.* Para vingar as crueldades, e impedir que os Hollandezes se apoderassem de todo o territorio da Paraîba, Camarão partio do campo á testa do seu regimento, e de duzentos Tapuyas do rio S.-Francisco, com ordem de matar quantos inimigos encontrasse, e de ajuntar gado sufficiente para prover o campo. Chegados á Paraîba, os chefes dos patriotas d'esta capitania lhe derão cincoenta homens que conhecião bem o territorio, com os quaes continuou a sua marcha para o Rio-Grande, matando todos os Tapuyas e Pitaguares que encontrou, e saqueando e incendiando as suas aldêas. O Conselho hollandez expedio contra elle hum corpo de mil homens de tropas hollandezas, e o corpo dos Tapuyas commandado por Jacob Rabbi e os filhos de Duwy. Camarão postou-se nas margens de hum pequeno rio entre Cu-

nhau e o forte Keulen, onde se entrincheirou da banda do norte e do sul; os dois outros lados estavão protegidos pelo rio, que não dava vao, e por mato de tabocas. Camarão não tinha mais de seiscentos homens, e cento e cincoenta frecheiros indios do rio S.-Francisco. Rhineberg, que commandava os Hollandezes, atacou as trincheiras, mas não podendo forçâlas, fez da sua gente tres corpos, dos quaes conservou hum, para fazer crer que ia continuar o ataque, em quanto mandou aos outros dois tentar a passagem do rio mais acima, e ao mesmo tempo penetrar pelas tabocas. As tropas hollandezas cahîrão em duas ciladas e fugîrão. O outro corpo tentou em vão passar o rio defendido pelos frecheiros indios. Os soldados de Camarão proclamárão a victoria, e Rhineberg se retirou deixando cento e quinze homens, e toda a sua bagagem no campo de batalha. A perda dos Portuguezes foi insignificante. Camarão tendo esgotado todas as suas munições, não poude ir no alcance do inimigo, retirou-se á Paraîba, para alli se dispôr ao ataque do forte Keulen.

Incendio das cannas de assucar na Bahia. — O Governador-General Antonio Telles da Silva, querendo arruinar as possessões hollandezas, deo ordem aos seus mestres-de-campo na Varzea, que puzessem fogo a todas as plantações

de cannas em Pernambuco, não reflectindo que os Portuguezes e não os Hollandezes estavão senhores do paiz, e que por este acto ia destruir todos os recursos do exercito patriota. Existião então na provincia cento e cincoenta fazendas e engenhos de assucar, que empregavão tres mil setecentos e cincoenta homens. Vieira ficou tão attonito ao receber ordem tão absurda que a não quiz referendar; mas para dar exemplo de obediencia, fez pôr fogo aos seus proprios cannaviaes, soffrendo huma perda de 200:000 cruzados; exemplo singular de heroico desinteresse, e de requintado patriotismo. A impolitica ordem foi revogada, mas quando já a maior parte das plantações estavão incendiadas.

Vieira, resolvido a mandar dois messageiros a Portugal, para representar ao Rei D. João IV, o estado actual do Brasil, as vantagens obtidas, e fazer-lhe saber que os seus fieis e zelosos subditos erão dignos da sua protecção e auxilio, escolheo para esta missão Francisco Gomes de Abreu, e Francisco Berenguer de Andrade, que se embarcárão no porto de Nazareth, cada hum em sua caravela, no meiado de Dezembro. Antes de perderem de vista a costa, forão perseguidos por dois navios hollandezes. Huma das caravelas ganhou o porto de Tamandaré, onde se salvou a tripolação, e o agente de

Vieira com os seus despachos; a outra em que ia embarcado Abreu conseguio escapar, e aportou a Lisboa.

1645. — *Fundação da cidade de Taubaté ou Itabaté.* Esta cidade situada na latitude de 22° 54′ 12″, e na longitude de 332° 35′ da ilha de Ferro, foi fundada por Antonio Barbosa de Aguiar, capitão e lugar-tenente. Está situada a vinte legoas de Mugi das Cruzes, e a doze de Jacauhi.

1646. — *Expedição portugueza para proteger o districto de Pottengy.* A situação dos Hollandezes no Recife tinha-se tornado summamente critica; sentia-se grande escassez de viveres, e a guarnição murmurava. Os Judeos fizerão hum dom consideravel para o serviço do estado, mas que era insufficiente para as necessidades urgentes. No exercito havia grande deserção. O districto de Pottengy era o unico que fornecia viveres, e para se manter na posse d'elle, mandárão para lá os Hollandezes reforço de tropas; mas os Portuguezes decididos a expulsâ-los, destacárão Vidal com quatro companhias, duas de Europeos, huma de negros nascidos escravos nas Minas, e por isso denominados *Minas*, e outra de crioulos. Os Hollandezes avisados por espias, da partida d'estas tropas, fizerão passar a Itamaracá a maior parte dos Tapuyas, e huma companhia

de fuzileiros. Vieira, para fazer ver que as suas forças não tinhão soffrido diminuição, fez executar varias correrias, em huma das quaes se distinguio Domingos Ferreira, aprezando de noite muitas cabeças de gado, e alguns cavallos, debaixo do fogo do forte dos Afogados.

A 11 de Março o negro Paulo Dias, a quem Bagnuolo dera o seu appellido *San-Felice*, que era sargento-mór de Henrique Dias, passou o rio de noite, tomou hum reduto defendido por cincoenta Hollandezes, que todos matou, excepto quatro. Dias teve oito homens mortos e vinte feridos.

No campo portuguez celebrou-se com zelo o jubileo que tinha sido publicado pelo papa Innocencio X, pela prosperidade da igreja catholica, destruição da heresia, e paz entre os principes christãos.

André Vidal tendo feito a sua juncção com Camarão na Paraîba, as suas tropas unidas chegárão de noite á ermida de Nossa-Senhora da Guia, perto dos postos inimigos de Santo-Antonio e Cabedello, onde se postárão em tres emboscadas, e destacárão quarenta homens escolhidos para irem insultar a guarnição do primeiro forte, e excitâ-la a fazer huma sortida. O commandante tendo recebido soccorros de Cabedello, marchou contra os Portuguezes á testa de sessenta Hollandezes, e cento e sessenta In-

da banda do mato, quando elle viesse accommetter o reduto. O inimigo tentou tres vezes forçar a estacada, mas foi rechaçado com perda. Renovando o ataque fez huma brecha, que as mulheres defendêrão com successo, em quanto a gente de cavallo dava sobre os flancos do inimigo, o qual vendo-se assim acossado, se retirou ás suas embarcações, deixando no campo de batalha oitenta mortos, muitas armas e munições.

De volta ao campo, Vieira achou nelle dois jesuitas mandados pelo governador Antonio Telles, os quaes erão portadores de huma ordem d'Elrei mandando retirar de Pernambuco as tropas de Vidal e de Martim Soares Moreno, abandonando aquella provincia aos Hollandezes. Vieira oppoz-se á execução d'esta ordem de hum rei tão indigno da corôa que huma nação heroica lhe cingira, sem que elle fizesse o menor esforço para a merecer. « Elrei, disse Vieira, ignora a situação dos seus fieis vassallos; a lei da natureza he superior a todas as leis, e obedecer a taes ordens seria votar-nos á destruição. Faremos S. M. sabedora do successo das nossas armas, e continuaremos no entanto a guerra ; e quando Elrei reiterasse as suas ordens, eu declaro que não abandonarei empreza tão eminentemente util ao serviço de Deos e de hum principe tão catholico. » Vidal

assentio nesta resolução. Soares hesitou a principio; mas havendo o Governador-General insistido na obediencia devida ás ordens regias, submetteo-se, e pouco depois largou o posto, e se embarcou para Lisboa a tratar dos seus negocios particulares.

O timorato D. João IV tinha expedido estas ordens pelo receio de huma alliança offensiva entre a Hespanha e a Hollanda, e o seu ministro na Haya, Francisco de Sousa Coutinho, tinha sempre declarado que os Pernambucanos obravão de seu moto proprio, sem terem sido excitados nem auxiliados pela Côrte de Lisboa, directa ou indirectamente; no que dizia verdade. Mas quando os Estados-Geraes recebêrão a noticia da batalha de Tabocas, e da perda da parte meridional da provincia de Pernambuco, a Companhia pedio auxilio ao Governo, e obteve huma prestação de setenta mil florins, e tres mil homens de tropa, e foi ao mesmo tempo autorisada a visitar todos os navios mercantes, e a pôr embargo nos que voltassem de Pernambuco. Todavia a supposta alliança projectada dos Estados-Geraes com a Hespanha não tinha a menor probabilidade, e só hum rei tão debil como D. João IV, podia sacrificar os patriotas de Pernambuco a tão pueril receio, o qual, ainda quando se realisasse, não era motivo para se expôr a perder o Brasil, quando a

occupação dos Hollandezes estava reduzida ao Recife e parte do littoral, tornando-se de dia em dia mais precaria.

Tentativa para matar Vieira. Alguns descontentes do exercito de Vieira, cansados da guerra, formárão o projecto de matar o chefe, que era a alma de todas as operações; hum dia que elle voltava de visitar os seus engenhos de assucar, tres Mamalucos, escondidos detrás de hum vallado, disparárão sobre elle alguns tiros de espingarda, dos quaes hum o ferio no hombro. Hum dos assassinos foi tomado pela sua guarda e feito em postas; os outros escapárão. A ferida era leve, e cedo se curou.

Expedição dos Portuguezes contra Itamaracá. Os Hollandezes tinhão estabelecido tres navios de guarda, bem providos de soldados e de munições, nos lugares vadeaveis do canal que separa esta ilha do continente. Vieira fez celebrar a festa de S. Antonio na sua capella do engenho da Varzea, e por esta occasião fez dar salvas de artilharia e de mosquetaria. Voltando ao campo no meio da festa, partio de noite com o mestre-de-campo André Vidal, á testa de mil e quinhentos homens escolhidos commandados por oito capitães, com o fim de atacar os referidos navios. Favorecido por hum tempo nebuloso e de chuva, assestou duas peças de

dezoito em huma plataforma escondida pelo arvoredo, no porto dos Marcos, onde estava surto hum dos navios de guarda. Tinha disposto para esta assaltada algumas chalupas e jangadas: doze homens se embarcárão em cada chalupa, e se aproximárão do navio; mas huma d'ellas foi mettida a pique, salvando-se a gente em huma jangada com o alferes reformado Affonso de Albuquerque, que os commandava. A gente da outra chalupa commandados pelo sargento reformado Francisco Martins Cachadas, se chegárão ao navio, e ao romper do dia se preparárão (a 13 de Junho) a atacar o que estava ancorado no vao de Tapessuma. Os Hollandezes, vendo-os chegar, o incendiárão e queimárão igualmente outra embarcação que estava surta no vao de *Entre-dois-Rios*. Vieira fez levantar hum forte na praia chamada *dos Marcos*, e deixando alli o sargento-mór Antonio Dias Cardoso, voltou ao campo com o grosso das suas tropas.

Os Portuguezes tinhão seduzido alguns dos artilheiros do forte Orange (fortaleza da Barra), os quaes havião indicado o lugar por onde se poderia atacar com vantagem, promettendo que não carregarião as peças d'aquella banda com bala; mas o projecto foi descoberto pelo commandante hollandez, que fez recolher ao forte os soldados dos differen-

tes postos. Vio-se ao mesmo tempo abandonado por quarenta Tapuyas da sua jurisdicção, que forão unir-se ao corpo de Camarão.

Translação dos Indios alliados dos Hollandezes de Itamaracá para o Pottengy.—Para diminuir o rapido consumo dos viveres, e prover ás necessidades dos soldados, embarcárão-se mil e duzentos naturaes d'esta ilha, pela maior parte mulheres e crianças, que tinhão perdido os maridos ou os pais na guerra. Não se deo a cada individuo para a viagem mais que hum arratel de peixe salgado.

Assassinato de Jacob Rabbi. — Este feroz allemão celebre por suas crueldades, foi assassinado por ordem do coronel hollandez Garsman, em cuja companhia tinha passado o dia antecedente. Não se sabe qual fôra o motivo d'este acto, de que muito se resentio o chefe dos Tapuyas Duwy, a ponto que para o acalmar, o Conselho do Recife lhe fez presente de duzentos guilders em dinheiro, de mil varas de panno de Osnaburg, de cem *gallons* de vinho d'Hespanha, de duas barricas de aguardente, de quarenta *gallons* de azeite e huma barrica de carne salgada. Ao mesmo tempo fez prender Garsman.

Fome no Recife. — Os Hollandezes privados das provisões que tiravão da ilha de Itamaracá, e não podendo fazer correrias no interior, começárão a sentir grande escassez de viveres.

Os habitantes e os soldados da guarnição não tinhão mais que hum arratel de carne por semana, e dentro de pouco foi tirada esta ração aos primeiros, para a dar dobrada á tropa, que ameaçava de desertar para o inimigo. Tinhão comido todos os cavallos, ratos e ratazanas; e os escravos negros tinhão desenterrado os cadaveres dos habitantes para os devorar; não havia viveres para mais de dois dias, e tinha-se resolvido romper o bloqueio, quando dois navios, *o Falcão* e a *Isabel*, entrárão no porto annunciando a proxima chegada de hum grande reforço. Esta nova encheo de jubilo todos os habitantes. Deo-se huma medalha de oiro a cada hum dos capitães dos navios recem-chegados, e os fortes derão salvas. No mesmo dia (24 de Junho) Vieira fez celebrar a festa de S. João-Baptista, em honra do Santo, e d'Elrei D. João IV.

Nova expedição hollandeza para o Brasil. — Os Hollandezes preparárão hum novo armamento para soccorrer as suas possessões no Brasil, a cuja partida procurou obstar o Embaixador portuguez, declarando estar munido de instrucções do seu Governo, que o autorisavão a tratar dos negocios de Pernambuco. Para este effeito pedio huma audiencia aos ministros hollandezes, que elles lhe negárão, respondendo que o seu unico objecto era retardar a partida da expedição. Propoz-lhes então com-

municar-lhes as instrucções que elle mesmo tinha redigido em hum papel assignado em branco pelo Rei. Os ministros, não suspeitando este artificio, suspendêrão os preparativos de guerra; mas não tardárão a descobrir a verdade, e exigîrão da Côrte de Portugal o castigo devido ao seu Embaixador; mas Elrei approvou o seu procedimento, pondo toda a culpa aos sublevados de Pernambuco.

A expedição hollandeza aportou ao Brasil, a 20 de Julho, com seis mezes de viagem, levando a bordo tres novos membros do Conselho supremo, para renderem os antigos, e seis mil homens de tropa debaixo das ordens de Schoppe, nomeado commandante em chefe.

A primeira operação d'este general foi huma tentativa para recuperar Olinda. Para este fim partio do Recife com mil e duzentos homens[1], mas chegando á passagem do Buraco Pequeno foi batido pelas companhias de Antonio da Rocha Damas, Braz Soares, e João Soares d'Albuquerque, que o obrigárão a retirar-se. Os Portuguezes concentrárão as suas forças, para poderem melhor resistir ás de Schoppe. Camarão foi chamado da Paraîba, e ordenou-se a todos os habitantes da capitania e da Goyana, que se

[1] Raphael de Jesus diz: quatro mil homens de infantaria commandados por Jacob Estacourt.

puzessem debaixo da protecção d'aquelle chefe.

Vieira escreveo então huma carta ao Conselho hollandez, na qual pretendia estar á testa de mil e quatrocentos homens, sem contar os Negros e os Tapuyas dispersos entre o Pottengy, e o rio S.-Francisco. « Camarão, ajuntava elle, commanda seiscentos fusileiros, Henrique Dias oitocentos Negros, duzentos Minas e setecentos Tapuyas, e todos os do sertão estão promptos á primeira intimação a virem unir-se a nós. Antes da vinda de Schoppe vós não tinheis mais de seiscentos homens; o seu reforço não excede mil e duzentos soldados, os mais d'elles mui moços. Eu conheço as vossas forças. Nós temos morto ou aprisionado perto de dois mil e seiscentos das vossas tropas frescas, e quinhentos indigenas, sem contar os feridos que tem sido conduzidos ao Recife; e fizemos isto quando não tinhamos outras armas mais que varapaos, e cacheiras. Agora temos boas tropas, bem providas de armas e munições. » Vieira convidava os Hollandezes a abandonarem o paiz, offerecendo hum perdão geral, e hum ajuste para o pagamento das dividas.

O Conselho respondeo por huma proclamação dirigida aos rebeldes, e Van Goch, hum dos novos membros, propoz ao exercito de não dar quartel aos insurgentes.

Expedição de Hinderson ao rio S.-Francisco.

— Schoppe fez huma incursão na capitania do norte, que tinha sido abandonada pelos Portuguezes, e resolveo depois cortar-lhes as communicações pelo rio S.-Francisco, e estabelecer alli armazens para huma expedição mais importante. Com este intuito foi Hinderson destacado, nos primeiros dias de Outubro, com huma força consideravel. Este official achou os Portuguezes occupados em demolir o forte Mauricio; e como não tinhão feito nenhumas disposições de defesa, sem custo os expulsou para a outra banda do rio. Entretanto o mestre-de-campo Francisco Rebello, que estava postado na vizinhança, para defender a capitania da Bahia, matou em huma emboscada cento e cincoenta homens das cinco companhias expedidas para Orambou. Os Hollandezes experimentárão outra perda sensivel com a morte do famoso Lichthart, que morreo subitamente, por ter bebido agua fria estando suado.

A 29 de Junho, trinta soldados da companhia do capitão Francisco Lopes Estrella, tomárão á abordagem huma lancha inimiga carregada de provisões, perto do confluente dos rios Tigipió e Giquiá, e matárão oito Hollandezes.

A 12 de Agosto Sigismundo partio do Recife com huma força consideravel, para atacar Olinda, mas foi rechaçado. Na noite seguinte

mil homens de infantaria tomárão o caminho do forte dos Afogados, para atacarem a estancia de João d'Aguiar, e forão repellidos pelas tropas dos capitães Antonio Lopes Uchoa, Francisco de Abreu Lisboa, e Camarão.

Os Hollandezes, com dois mil soldados e duas peças de artilharia, tentárão apoderar-se do engenho de assucar de Bartholomeu. O capitão Francisco Lopes teve ordem de marchar da estancia da Barreta, para a montanha de Guararapés.

A 11 de Septembro os Hollandezes se apoderárão da Povoação da Jangada. Os habitantes sorprendidos não tiverão tempo de se defender, nem puderão retirar-se.

1647. — *Negocios do Maranhão.* O Governador-General, Francisco Coelho de Carvalho, tendo chegado doente a Belem, alli morreo. O Ouvidor-geral de S.-Luiz, Durão, aproveitou-se da morte do Governador, para commetter actos de violencia; Manoel Pitta da Veiga, que fazia as funcções de governador interino, fez prender Durão no forte de Itapicuru; mas o novo governador Luiz de Magalhães o fez soltar, e mandou encarcerar Manoel Pitta, cujo emprego deo a seu proprio irmão.

Expedição hollandeza contra o Maranhão. — O principal objecto d'esta expedição, composta de oito navios de guerra, debaixo do

mando de Vandergoes, era de tomar o forte de Curupa, e d'alli marchar sobre Belem. Sebastião Lucena de Azevedo, capitão-mór do Pará, depois de ter declarado que não era responsavel pela defesa da cidade, mas unicamente da do forte, se embarcou com todas as forças que poude juntar, para se oppôr a esta invasão. Tendo desembarcado em Curupa, marchou sobre Maricary, onde atacou os Hollandezes, obrigando-os a se acolherem aos seus navios, depois de terem experimentado huma perda consideravel. Este successo de Lucena não bastou para desvanecer o resentimento que o seu procedimento anterior tinha excitado; e a instancias da Camara de S.-Luiz, o Governador-General, Francisco Coelho de Carvalho, o suspendeo do seu commando, e o mandou para Gurupy, a setenta legoas de Belem, sobre a costa, onde foi condemnado a residir até que a Côrte o sentenciasse. Ella confirmou a suspensão das suas funcções, e foi embarcado para Portugal.

1647. — No principio d'este anno Schoppe partio com o resto dos seus navios para o rio de S. Francisco, onde se lhe foi juntar Hinderson. Dalli fez-se á vela para a Bahia e desembarcou na ilha de Itaparica, a tres legoas da cidade; alli se fortificou, levantando quatro redutos protegidos da banda do mar pelos

navios. Contra o parecer do seu Conselho, o Governador-General resolveo atacar os Hollandezes nesta forte posição, e escolheo o mestre-de-campo Francisco Rebello, para dirigir tão arriscada empreza, á testa de mil e duzentos homens. Este official foi morto no meio do ataque, com seiscentos homens, entre os quaes se achárão Antonio Gonçalves Tição e alguns capitães. Outros se retirárão feridos.

A occupação do Rio S.-Francisco pelos Hollandezes interceptava os viveres aos Portuguezes. Por isso foi expedido o mestre-de-campo André Vidal de Negreiros á Paraîba, para trazer mantimentos, e destruir as plantações de âssucar feitas recentemente pelos Hollandezes. O sargento-mór Antonio Dias Cardoso entrou nesta capitania com trezentos e trinta e sete homens, todos do regimento de Vieira, e expedio o capitão Cosme do Rego Barros, com cento e sessenta soldados, para assolar o districto de Cunhau, e destruir o engenho e a plantação de assucar do mesmo nome, situados a dezoito legoas da Paraîba. Este estabelecimento foi reduzido a cinzas. Vieira voltou com duzentos prisioneiros, pela maior parte escravos desertores, algumas mulheres que tinhão tido commercio com os Hollandezes e os Indios, e trezentas cabeças de gado.

Vidal de Negreiros partio de novo do campo

a 24 de Agosto, á testa de novecentos homens de infantaria e noventa de cavallo, e penetrou até hum lugar chamado Ceará-Morim, situado ao norte do Rio-Grande, ónde achou setecentas cabeças de gado, que conduzio ao campo, com alguns homens e mulheres que se puzerão debaixo da sua protecção. Nesta correria matou setenta Hollandezes ou indigenas.

Bombardeamento do Recife pelos Portuguezes. — Logo que se soube da chegada do reforço hollandez, tinhão os mestres-de-campo expedido a Lisboa o padre Manoel do Salvador, para fazer constar a Elrei as vantagens obtidas, e pedir soccorros. Esperando a chegada de forças navaes para atacar o Recife por mar, resolveo Vieira e Vidal estabelecer huma bateria que cooperasse da banda da terra. Os Hollandezes tinhão construido hum forte sobre hum banco de arêa chamado *Asseca* perto da cidade de Mauricio. Os mestres-de-campo descobrîrão huma posição sobranceira, que dominava o forte, a bahia e as passagens. Deixando a direcção do campo a João Soares de Albuquerque, partîrão para fazer assestar a projectada bateria. O mato em torno d'este lugar occultou a principio a obra; e á medida que ella começava a elevar-se, não trabalhárão nella senão de noite, tendo cuidado de a cobrir

de dia com ramadas verdes. Acabada a bateria (a 3 de Outubro), abrio-se á roda d'ella hum fosso profundo, que se encheo de agua do Rio Capibaribe. Cortou-se então o arvoredo da banda do Recife, e começou-se a bater a cidade. Muitas pessoas forão mortas, e os habitantes assustados se escondêrão nas adegas subterraneas. Como o reduto dominava o porto, forão obrigados os Hollandezes a fazer sahir d'elle os navios. Continuárão os Portuguezes o fogo durante o dia, e de noite fizerão varios ataques, em hum dos quaes tomárão e saqueárão o palacio de Nassau. Os habitantes pedîrão auxilio a Schoppe e Hinderson, que partîrão logo e encontrárão huma esquadra portugueza de doze navios, a bordo da qual vinha o conde de Villa-Pouca, Antonio Telles de Menezes, como Governador-General, para render Antonio Telles da Silva.

Continuou-se a bombardear a cidade até á chegada da esquadra hollandeza ao Recife (em fins de Dezembro); Schoppe apressou-se em desembarcar a sua gente, e fez construir huma bateria opposta á dos Portuguezes.

A esquadra fez-se á vela de novo para ir arruinar o Reconcavo. A esquadra portugueza teve ordem de a combater, mas só tres navios pelejárão, e não sendo apoiados pelos outros, hum foi tomado, outro queimado, e o tercei-

ro escapou. A bordo do primeiro morreo Dom Affonso de Noronha, filho do conde de Linhares.

Elrei de Portugal, seguindo o exemplo de outros reis, deo a seu filho D. Theodosio o titulo de Principe do Brasil.

Os ministros da Côrte de Portugal antevião os perigos que ameaçavão o Brasil, sem lhes poder descobrir remedio, quando o jesuita Antonio Vieira fez saber a Elrei que hum negociante de Amsterdam tinha offerecido armar quinze navios montando trezentas peças, por vinte mil cruzados cada hum, fazendo-os entrar no porto de Lisboa no mez de Março proximo. Para achar esta quantia Vieira propoz a creação de hum imposto de hum testão ou seis vintens, por arroba de assucar. A frota do Brasil tinha chegado havia pouco com quarenta mil caixas de assucar.

Alguns mezes depois, Elrei recebeo a noticia da occupação da ilha de Itaparica, por Schoppe. O Conselho foi unanimemente de parecer que era necessario soccorrer a Bahia; mas para o fazer, precisava-se de trezentos mil cruzados, quantia que não havia meio de obter. D. João IV fez vir Vieira, a quem communicou a deliberação dos seus ministros. O jesuita partio para Lisboa, e negociou hum emprestimo da quantia exigida, com Duarte da Silva e outro negociante;

devendo o capital ser embolsado pelo referido imposto sobre o assucar.

Francisco Barreto de Menezes, nomeado Mestre-de-campo-General, para o commando de Pernambuco, partio de Lisboa com dois navios pequenos, levando a bordo trezentos homens, algumas armas e munições; mas quando chegárão á costa da Paraîba, cahîrão em mãos dos Hollandezes. Menezes, levado prisioneiro ao Recife, conseguio escapar nove mezes depois, por meio do filho do capitão de Bra, a cuja guarda estava commettido. A 24 de Janeiro chegou ao campo, e o Governador-General lhe fez entregar o commando por João Fernandes Vieira e André Vidal; o que causou grande descontentamento entre os Pernambucanos; mas Barreto soube ganhar a confiança d'estes dois chefes, seguindo os seus conselhos.

Desde o principio da insurrecção, Vidal e Vieira tinhão percorrido cento e oitenta legoas desde Ceará-Morim até ao rio S.-Francisco. Tinhão tomado em diversos fortes mais de oitenta peças de artilharia, morto ou aprisionado dezoito mil pessoas, e o seu exercito estava provido para dois mezes.

No principio de Fevereiro huma esquadra hollandeza de sessenta navios, com seis mil homens de infantaria e tres mil marujos, entrou no Recife. O Conselho renovou a offerta

de huma amnistia a todos os insurgentes que se apresentassem no praso de dez dias, Hoogstraten só exceptuado, e declarou ao mesmo tempo que passado este termo, não se pouparia nem idade nem sexo. Vieira respondeo (a 7) que não temia estas ameaças; que Camarão e Dias conhecião bem os membros do Conselho para dar ouvidos ás suas proposições, que farião cartuxos com as proclamações hollandezas, e lhas recambiarião com a devida resposta.

Todavia a chegada d'este reforço obrigou os insurgentes a concentrarem as suas forças entre Serinhaem e Moribeca; e posto que não excedessem tres mil e duzentos homens, resolvêrão tentar a sorte de huma batalha.

Schoppe entrou em campo á testa de sete mil e quinhentos homens de infantaria, e hum grande numero de Indios e de gastadores, e na sua marcha apoderou-se da estancia da Barreta, defendida por oitenta homens commandados pelo capitão Bartholomeu Soares da Cunha: quarenta e sete forão mortos, e sete prisioneiros.

1648. — *Batalha de Guararapés* (1). Os che-

[1] Guararapés ou Goararapés significa na lingua dos indigenas, estrondo, ruido que fazem as aguas despenhando-se pelas fendas e concavidades dos rochedos, e em geral, estrepito, som rouco, como de tambor, atabale.

fes portuguezes sabendo que os Hollandezes devião passar em Moribeca pelo caminho entre a falda das collinas elevadas do Guararapés e huma lagôa, se postárão neste passo. Como não tinhão artilharia, e escassas munições, deo-se a ordem de atacar á espada, feita a primeira descarga de mosquetaria. Chegão com effeito os Hollandezes, trava-se o combate a 19, domingo de Pascoa, e são inteiramente derrotados depois de hum renhido combate de cinco horas. Retirárão-se a Barreta, deixando no campo de batalha mil e duzentos mortos, e entre elles cento e oitenta officiaes, duas peças de artilharia e a maior parte da bagagem. O coronel Haus foi morto, e Schoppe ferido no calcanhar.

Os Portuguezes tiverão oitenta e quatro mortos, e cousa de quatrocentos feridos. A perda dos Negros e Indios não he conhecida. Camarão, tão distincto pelos seus talentos militares, morreo pouco depois da batalha. O seu verdadeiro nome indio era *Poty*, que significa camarão, e tinha sido baptizado Antonio. Felippe IV lhe tinha conferido a ordem de Christo, com o titulo de Dom, e o de *Capitão-general dos Indios*. Teve por successor seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, o qual em remuneração de seus serviços, foi feito cavalleiro de Santiago.

Depois d'esta desastrosa derrota Schoppe voltou ao Recife, a 20 de Abril. Consolou-se

d'ella pela morte de Camarão, e por ver que a bateria d'Asseca, que tinha posto a cidade em tão imminente risco, se tinha rendido a hum official da guarnição.

Depois da partida da esquadra da Bahia para Portugal, a armada hollandeza ficou senhora do mar, e conseguio destruir vinte e dois engenhos de assucar no Reconcavo.

Expedição portugueza para retomar Angola. — Salvador Correa de Sá Benavides, fidalgo descendente de huma familia que tinha contribuido a expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, chegou a este porto vindo de Lisboa, com a faculdade de apromptar huma expedição para reconquistar Angola, e ordem ao conde de Villa-Pouca para este lhe fornecer cinco navios para esse fim. Logo que chegou ao Rio de Janeiro convocou huma assemblea dos magistrados e das pessoas principaes da cidade, a quem communicou a autorisação que tinha recebido d'Elrei, de levantar hum forte na bahia de Coquimbo, sobre a costa de Angola, para d'alli prover o Brasil de Negros. Ajuntou que, em razão da tregoa, era-lhe vedado fazer guerra aos Hollandezes; mas que não seria condemnado por Elrei, se conseguisse recobrar por força d'armas as praças de que elles se havião apoderado durante a dita tregoa. A assemblea acolheo o projecto, e fez ao autor d'elle

hum dom de cincoenta e cinco mil cruzados, e alistárão-se novecentos soldados para a expedição. Correa de Sá afretou mais seis navios, comprou quatro á sua custa, e fez-se á véla com quinze embarcações, e provisões para seis mezes. Chegado á bahia de Coquimbo, fundeou, mas infelizmente a violencia da mareta submergio o navio almirante com trezentos e sessenta homens a bordo. Informado de que os Hollandezes fazião a guerra aos Portuguezes no interior do paiz, obteve o consentimento do seu Conselho para ir a Loanda, onde soube (a 4 de Agosto), que os Portuguezes de Massangano estavão atacados por hum destacamento de trezentos Hollandezes e tres mil Negros, o que o decidio a atacar o Morro de S.-Miguel, defendido por huma guarnição de mil e duzentos Europeos e numero igual de Negros. Deixando só cento e oitenta homens a bordo dos navios, desembarcou seiscentos e cincoenta soldados, e duzentos e cincoenta marujos a duas milhas da cidade, apossou-se do convento dos Franciscanos que dominava a praia, assim como da fonte de Maganga, d'onde os Hollandezes se tinhão retirado, e entrando pela cidade occupou o collegio dos Jesuitas, a casa do governo, e o forte de Santo-Antonio que tinha sido evacuado. Achou nelle oito peças de artilharia, das quaes só duas tinhão sido encravadas. Com

estas seis peças e quatro que tinha desembarcado, estabeleceo duas baterias sobre a igreja, situada em frente do Morro, em hum terreno igualmente elevado e separado por huma quebrada. Começava a bater o forte sem effeito, quando lhe veio a noticia da derrota dos Portuguezes de Massangano. Tentou então levar de assalto o Morro, que atacou ao romper do dia, mas foi repellido com perda de cento e sessenta e tres mortos, e cento e sessenta feridos. A pezar d'este revez não renunciou Correa á sua empreza, más fez tocar a retirada. Os Hollandezes, cuidando ser signal para hum novo assalto, espavoridos e tomados de terror panico arvorárão a bandeira branca em signal de capitulação. Correa aproveitando-se d'este erro, não lhes concedeo mais de quatro horas para se decidirem, e fez comprehender nas estipulações (a 24 de Agosto)[1] todos os Hollandezes existentes em Angola. Mais de dois mil homens depuzerão as armas diante de menos de

[1] O autor das *Memorias historicas* do Rio de Janeiro, diz que Correa se fez á vela para Angola a 12 de Maio, e que a 15 de Agosto reconquistou o territorio occupado pelos Hollandezes, e que em memoria d'este glorioso feito, a comarca de Angola celebra annualmente huma festa solemne por huma procissão da igreja de S.-José até á cathedral, denominada *Anniversario da Restauração.*

seiscentos, e forão embarcados em Cassandana. Retirárão-se para a emboccadura do rio Guansa, onde construìrão hum forte para impedir o commercio aos Portuguezes.

Logó que os Hollandezes de S.-Thomé souberão a tomada de Angola pelos Portuguezes, evacuárão a cidade de S.-Thomé, abandonando a artilharia, e a maior parte das munições.

Depois da tomada de S.-Paulo de Loanda, em 1641, o governador Menezes se tinha retirado com as tropas e habitantes, para as margens do Bengo, a trinta legoas da cidade, onde se fortificou no meio de huma aldêa que estabeleceo. Alli se dispoz a atacar os Hollandezes, os quaes informados da sua intenção (Maio 1648), marchárão contra elle com cem homens, e lhe matárão vinte soldados da sua guarda, ferìrão outros tantos, e entre elles, o Governador, e fizerão os outros prisioneiros, que embarcárão para Pernambuco. Só os principaes officiaes escapárão.

Negociação entre a Córte de Portugal e a Hollanda. — O Embaixador de Portugal tinha proposto aos Estados-Geraes (a 28 de Novembro 1647), de acompanhar os commissarios hollandezes ao Brasil, para pôr hum termo á insurrecção; ou se a Companhia preferia renunciar á posse do paiz, cedendo os seus di-

reitos a Elrei de Portugal, este offerecia indemnizar os Hollandezes. Esta proposta tendo sido rejeitada, o Embaixador para ganhar tempo, propoz de novo, no mez de Agosto 1648, de empregar as forças de Portugal para subjugar os rebeldes, logo que a ratificação da paz estivesse assignada, e no seguinte mez offereceo por ordem d'Elrei, a restituição de tudo o que tinha sido tomado á Companhia. Esta aceitou a proposição, debaixo da condição que ella ou os Estados-Geraes serião postos de posse da Bahia, ou da ilha Terceira. O Embaixador respondeo que Elrei de Portugal não podia ceder nem huma nem outra d'estas possessões sem o consentimento das Côrtes do Reino, e offereceo em troca diversos portos, ou huma cidade maritima de Portugal.

Relativamente ás capitanias do Ceará e do Maranhão, cuja restituição tinha sido exigida pelos commissarios hollandezes, representou que a primeira tinha sido retomada pelos Portuguezes desde 1638, e que a Companhia hollandeza se havia apossado da segunda durante a tregoa, em 1641; e que Elrei não podia obrigar-se a restituir senão o que tinha sido tomado pelos rebeldes.

Os Estados-Geraes bem penetrados da importancia das possessões que tinhão conquistado no Brasil, e conhecendo a situação critica

em que se achava Portugal, pobre, sem commercio nem marinha, continuamente ameaçado por todas as forças de Castella, e sem hum só alliado em que pudesse confiar, insistirão em impôr as mais duras condições, determinados a obtê-las pelas armas se as não conseguissem por negociação. Declarárão pois ao Embaixador, que, alem da restituição de todo o territorio que possuião no Brasil quando se assignou a tregoa, exigião mais hum terço da capitania de Seregipe, a ilha e forte do Morro de S.-Paulo (d'onde dominavão a Bahia) por tempo de vinte annos como garantia, e até á inteira execução do ajuste. Exigião mais o pagamento annual de 100 : 000 florins por vinte annos, e o fornecimento annual de mil bois de lavoura, mil vaccas, quatrocentos cavallos e mil carneiros por tempo de dez annos, e mil caixas de assucar de vinte arrobas cada huma cada anno, durante o tempo de vinte annos. Todos os escravos tomados aos Hollandezes devião ser-lhes restituidos, ou o seu valor, assim como a artilharia e mais effeitos tomados pelos insurgentes. Modificárão depois estas condições renunciando á occupação do Morro de S.-Paulo, e reduzindo a compensação a 600 : 000 cruzados, e a dez mil caixas de assucar, a metade branco, e a outra mascavado, em pagamentos annuaes por espaço de dez annos. Insistião

na conservação da posse de Angola e de S.-Thomé.

Este ultimatum communicado a Elrei Dom João IV o poz em grande aperto, não sabendo que partido tomar, á vista sobre tudo da paz que a França estava a ponto de concluir com Castella, pela qual esta potencia desembaraçada de tão poderoso inimigo, podia voltar todas as suas forças contra Portugal, e unindo-se aos Hollandezes, arruinar de hum golpe o Reino e suas colonias na America e na Asia. Nesta difficil conjunctura, convocou Elrei o seu Conselho, cuja maioria se pronunciou contra a restituição de Pernambuco e de Angola, sem todavia dissimularem os perigos que ameaçavão o Reino, mas confiando em Deos e no acaso. Entre os discursos que o tempo nos conservou, he notavel o de Pedro Fernandes Monteiro, procurador da fazenda. Este patriota esclarecido expoz com franqueza os riscos, não dissimulou as forças da Hollanda, mas mostrou que não erão tão grandes como se julgava, e fallando da Companhia das Indias Occidentaes, notou que as suas acções tinhão baixado em valor, de 100 a 28. Concluio que se tentasse negociar, offerecendo dinheiro e generos em compensação, mas não fazendo cessão de hum territorio que os Hollandezes não tinhão meios de conservar, e pro-

poz a creação de huma companhia de commercio do Brasil. A Mesa da Consciencia adoptou o mesmo parecer; mas o celebre jesuita Antonio Vieira, a quem Elrei communicou as deliberações, foi de parecer que não havia a menor esperança de poder resistir ás forças da Hollanda e de Castella, e que para conservar as possessões de India, era forçoso sacrificar Pernambuco, que para o futuro se poderia reconquistar quando o Reino estivesse desafogado e a independencia nacional consolidada. Expoz esta opinião em hum memorial, cujos argumentos parecêrão tão solidos a D. João IV, que o denominou *papel forte*.

Deve porêm notar-se que Vieira não só se enganou em quanto ao resultado, o que com effeito foi devido a circumstancias imprevistas que occorrêrão a favor de Portugal; mas a meu ver, era mui errado o seu raciocinio relativamente ao valor das nossas possessões da India, e van a esperança de as defender contra os Hollandezes. Não vio Vieira a muito maior importancia do Brasil, e a facilidade de o conservar, até depois de perdido Portugal.

1648. — Neste anno forão fundadas as villas de Paranaguá, na margem meridional da bahia d'este nome, na provincia de S.-Paulo, e a villa de Alcantara, antigamente denominada *Tapuy-Tapera*.

Continuação das hostilidades. — A 23 de Novembro, Dias sahio do campo á testa do seu regimento, e de algumas companhias do de Camarão, e entrou no Rio-Grande no principio do anno seguinte, matando e incendiando. Quarenta Hollandezes e alguns Indios tinhão-se fortificado em hum lugar chamado Guarairás, em huma ilheta situada no meio de hum lago. Dias se apoderou d'este posto, na noite de 6 de Janeiro 1649, matando toda a guarnição, á excepção de cinco homens que fugîrão. Os Portuguezes tiverão tres mortos, e muitos feridos. No dia 7 marchou contra o engenho de Cunhau, onde os Hollandezes tinhão huma boa guarnição. Tendo ameaçado de o incendiar com o mato que se achava cortado em torno, o commandante assustado se rendeo. Dias voltou triumphante ao campo com os prisioneiros e o despojo. No domingo seguinte, o vigario geral, Domingos Vieira de Lima, deo ordem de celebrar esta victoria, dando graças a Deos d'este triumpho sobre os hereges.

O exercito victorioso, depois de ter enterrado os mortos, e tratado dos doentes, retirou-se ao Engenho-Novo, situado sobre o mesmo monte na direcção do norte, e no caminho que conduzia ao campo.

1649. — Os Estados-Geraes descontentes do Embaixador portuguez, Francisco de Sousa

Coutinho, que tantas vezes os tinha illudido, lhe intimárão que houvesse de sahir da Hollanda, visto estarem resolvidos a empregar a força para obrigarem Portugal a executar o tratado de 1641. Coutinho respondeo que não podia largar o seu posto sem ordens positivas da sua Côrte, á qual ia escrever a este respeito. A Côrte de Portugal nomeou com effeito outro ministro o qual morreo de repente. Entretanto os Estados-Geraes havendo mudado de parecer relativamente ao Embaixador portuguez, instárão com elle para que pedisse novas credenciaes, affectando grande confiança nelle. O motivo d'esta mudança foi, ao que parece, a esperança de obterem communicação de todos os despachos que elle recebesse da sua Côrte, por meio do seu secretario francez que tinhão corrompido; mas este avisou o Embaixador, e ambos de accordo conseguírão enganar completamente o Governo hollandez, communicando-lhe despachos dictados por Coutinho, e escriptos em folhas assignadas em branco por Elrei, de que por precaução se tinha munido. Emfim foi Coutinho substituido pelo novo Embaixador Antonio de Sousa de Macedo, que chegou no mez de Septembro de 1650. Os Estados-Geraes demorárão muitos mezes a sua recepção, e elle que nada tanto desejava como ganhar tempo, esperou tranquillamente. Foi

emfim reconhecido, mas não lhe foi possivel entrar em negociação; e tendo expirado os dez annos fixados pelo tratado de 1641 para a sua duração, retirou-se de Hollanda.

Segunda batalha de Guararapés[1]. Não obstante o revez de Schoppe no passo de Guararapés, o Conselho de guerra do Recife decidio-se a tentar de novo a fortuna das armas, e nomeou o coronel Brinck para commandar a expedição. Este official partio á testa de cinco mil soldados, trezentos marinheiros, setecentos gastadores, duzentos Indios, e alguns Negros, e foi acampar-se nos montes Guararapés. O exercito portuguez, cuja força não excedia dois mil e quinhentos homens, lhe foi ao encontro, e depois de seis horas de combate, alcançou huma victoria completa. Os Hollandezes confiados nas suas forças, e enganados relativamente ás dos Portuguezes, commettêrão o erro de descer das alturás que a principio tinhão occupado, para a planicie, onde forão atacados com denodado valor por Vieira, que lhes tomou a artilharia postada na frente. Este valeroso chefe correo mil perigos, teve hum cavallo morto na acção, e cobrio-se de gloria.

[1] Nieuhoff não refere senão huma batalha, a qual pela data, deve ser a primeira. Todavia falla da outra sem dar particularidades.

Brinck tentou voltar á sua primeira posição, mas já Vidal se tinha apoderado do monte Vièzerro, onde o coronel hollandez Eltz, á testa de hum regimento allemão, se defendia com grande intrepidez; porêm atacado pelo flanco esquerdo por Dias Cardoso; e na direita pela cavallaria de Silva, recuou e ficou totalmente destroçado. Brinck procurando formar em columna os fugitivos, cahio morto de huma bala atirada da bateria que fôra tomada aos Hollandezes. Francisco Barreto perseguio os fugitivos.

Esta memoravel batalha foi dada a 19 de Fevereiro de 1649, sendo os Portuguezes commandados por Francisco Barreto de Menezes. Perdêrão os Hollandezes o Estandarte real e dez bandeiras, seis peças de artilharia, e muitas munições e bagagens. A perda dos Hollandezes he avaliada em mil e trezentos mortos, e entre elles o commandante do batalhão de marinheiros. O numero dos feridos foi de seiscentos. Os Portuguezes dizem ter só perdido quarenta e sete homens mortos, sendo hum d'elles Paulo da Cunha, sargento-mór do regimento de André Vidal, Manoel de Araujo, e Cosme do Rego de Barros, que morreo alguns dias depois. O numero dos feridos foi de duzentos e sete, em que entrárão Henrique Dias e oito mestres-de-campo. No dia seguinte enterrárão-se os mortos, e no vinte e hum os Hol-

landezes pedîrão e obtiverão huma suspensão de armas para o mesmo objecto. Os restos da expedição voltárão ao Recife. Os Portuguezes victoriosos marchárão para a Fortaleza do Arraial. Pedro Poty, chefe dos Indios alliados dos Hollandezes, foi tomado, mettido a ferros por tres annos; e depois remettido para Lisboa, morreo na viagem.

Schoppe quiz ainda tentar hum ataque contra a *Estancia de Mendonça;* mas foi repellido a 25 de Agosto, com perda, pela guarnição commandada por Antonio Borges Uchoa.

Os Hollandezes experimentárão a mesma sorte a 7 de Outubro, em huma tentativa contra o forte d'Aguiar, e a 15 de Dezembro forão de novo repellidos com perda de dezasete homens no ataque do forte das Salinas, pelo capitão Antonio Ferreira Machado.

No principio do mesmo anno (1649), tinha-se creado em Portugal huma companhia mercantil, com a denominação de *Companhia geral do Commercio do Brasil* : os membros d'ella residentes no Brasil erão nomeados administradores. A Companhia obrigou-se a esquipar trinta e seis navios, dos quaes dezoito armados erão destinados a proteger as embarcações que sahissem dos portos do Brasil e a acompanhâ-las até aos de Portugal[1]. A primeira

[1] Esta Companhia foi dissolvida em 1720.

frota da Companhia, commandada pelo almirante Pedro Jaques de Magalhães, partio de Lisboa a 4 de Novembro, e chegou á Bahia a 20 de Dezembro, com huma feliz viagem. Nella ia embarcado o novo Governador e general João Rodrigues de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor, que ia render o conde de Villa-Pouca. Oitenta navios mercantes voltárão a Portugal debaixo da protecção d'esta esquadra, a bordo da qual se havião embarcado os dois precedentes governadores. A nao *Nossa Senhora da Conceição* que levava Antonio Telles da Silva, naufragou na costa de Buarcos, e toda a gente se perdeo. Hum galeão teve a mesma sorte, e dois forão lançados sobre a costa da ilha de S.-Miguel.

O novo Governador do Brasil seguindo as instrucções de D. João IV, não prestou auxilio algum aos patriotas de Pernambuco. Estes, reduzidos ás suas proprias e escassas forças, e esgotados pelos continuos esforços e sacrificios feitos desde o principio da insurrecção, não esmorecêrão todavia; esperando por algum lance favoravel, e não podendo atacar o Recife, occupárão-se em aperfeiçoar a organisação da sua tropa introduzindo nella a necessaria disciplina.

1650. — Neste anno o novo Governador do Maranhão Luiz de Magalhães deo a patente de

capitão-mór ao commandante Bartholomeu Barreiros de Ataide, para ir descobrir as suppostas minas de oiro, o *Rio* ou *Lago Doirado*, e trazer de lá escravos indios. A expedição não produzio effeito, e a ordem de escravisar os Indios suscitou huma accusação judicial contra Barreiros, e fez perder o cargo ao Governador.

1651. — No fim do anno precedente Schoppe tinha feito partir huma expedição do Recife para o rio S.-Francisco, a qual não foi mais feliz que as outras, tendo sido os Hollandezes obrigados a retirar-se a 5 de Janeiro, diante de quinhentos homens commandados pelo sargento-mór Antonio Dias Cardoso. Nesta epoca as tropas portuguezas tiravão todos os viveres das terras banhadas pelo Rio S.-Francisco.

A 16 de Julho, hum destacamento de trezentos soldados debaixo do commando do capitão João Barbosa Pinto, correo ao longo das margens do Rio-Grande, e voltou com sessenta e tres prisioneiros, e algum gado.

1651. Neste anno foi fundada a villa de Guaratinguetá, na margem direita do Paraîba, provincia de S.-Paulo, por Dionysio da Costa capitão-mór, e lugar-tenente do donatario.

1652. — Estabeleceo-se na Bahia huma Relação para examinar as sentenças dos Ouvido-

res geraes, e outros magistrados. No mesmo anno se fundou a villa de Jacarehy na provincia de S.-Paulo e margem direita da Paraîba, pelo donatario D. Diogo de Faro e Sousa.

No 1° de Maio quatrocentos soldados portuguezes commandados pelo sargento-mór Antonio Dias Cardoso, se puzerão em emboscada entre o forte dos Afogados e o da Barreta, e sorprendêrão as guarnições, matando-lhes quinze homens e ferindo muitos mais.

A 20 de Maio o Mestre-de-Campo-General, tendo sabido que os Hollandezes tinhão cortado muito pao Brasil nas margens do Rio-Grande, destacou quinhentos soldados ás ordens do mesmo sargento-mór, o qual devastou o paiz, destruindo as plantações, e castigando os Indios rebeldes.

Negocios do Maranhão. Apenas os Portuguezes se apossárão do Maranhão, reduzîrão os habitantes á escravidão. D. João IV renovou a lei de Felippe III que abolio a escravidão dos indigenas; e o novo Governador Balthasar de Sousa Pereira trouxe instrucções para emancipar os escravos Indios. Estando a principiar esta operação, o povo amotinado se ajuntou na praça de S.-Luiz, para se oppôr á execução. Pereira fez sahir a artilharia para os dispersar, mas pouco depois fez retirar a tropa, e procurou acalmar o povo por meio dos Jesuitas,

suspendeo a execução da medida, e consentio que os habitantes nomeassem deputados para irem expôr a Elrei as suas razões.

O Governador do Pará, Ignacio do Rego Barreto tinha trazido as mesmas instrucções relativamente aos Indios escravos, e foi igualmente obrigado a suspender a execução d'ellas em razão do levantamento do povo. Tal era a situação d'estas duas capitanias quando chegou o padre Antonio Vieira, em qualidade de Superior das Missões.

1654. — Na esperança de poder tomar a fortaleza do Arraial, Schoppe, á testa de mil seiscentos e cincoenta homens, fez hum primeiro ataque contra a Estancia do Aguiar, mas o commandante Affonso d'Albuquerque, que tinha sido advertido, o repellio com perda. A 18 de Junho renovou duas vezes a mesma tentativa, igualmente mallograda.

Os Hollandezes mandárão outra expedição por mar ao rio S.-Francisco, para colhêr gado, mas não teve melhor exito que a precedente. Atacados pela companhia do capitão Francisco Barreiros, trinta e sete forão mortos; mas este official foi ferido de huma bala, depois de ter tido tres soldados mortos e doze feridos.

A frota annual partio de Lisboa, a 4 de Outubro, debaixo do commando do general Pedro Jaques de Magalhães e do almirante Francisco

de Brito Freire, e chegou diante de Pernambuco a 20 de Dezembro. D'alli foi surgir no porto de Nazareth onde se lhe vierão reunir os navios mercantes que se achavão nos portos de Serinhaem, Rio-Formoso, Tamandaré e Camaragibe. Barreto, convencido da impossibilidade de tomar o Recife por terra, solicitou a cooperação da esquadra, para o atacar por mar. O general Magalhães bem quizera annuir, mas fiel ás suas instrucções representou que elle estava encarregado dos interesses da Companhia, e tinha ordem de se não intrometter na contenda com os Hollandezes; todavia declarou que seguiria o parecer da maioria dos votos do Conselho que sobre isso se convocou. Brito Freire pronunciou-se a favor da cooperação, e dia de Natal concertou-se o plano de operações. Desembarcárão a maior parte das tropas, cujo commando foi confiado a Francisco de Brito; e para enganar o inimigo sobre a força dos sitiantes que não excedia tres mil e quinhentos homens, embarcárão-se de noite os soldados que havião desembarcado de dia, e no dia seguinte tornárão a desembarcar, como se fossem tropas frescas. Bloqueou-se o Recife por mar e por terra, de maneira a cortar-lhe todas as communicações. Ao mesmo tempo a esquadra tomou muitos navios hollandezes. A guerra entre os Estados-Geraes e o protector Cromwell

tinha impedido os Hollandezes de acodirem com soccorros ao Recife, e de mandarem huma esquadra para proteger esta cidade.

1654. — *Expulsão completa dos Hollandezes do Brasil.* Vieira deixando mil homens para guarnecer as fortificações do Arraial, Olinda, Pao-Amarello e Barreta, marchou a 14 de Janeiro á testa de dois mil e quinhentos homens contra a fortaleza das Salinas, que commandava a passagem do rio. O commandante hollandez Naker, não tendo munições de guerra, vio-se obrigado a capitular a 16, debaixo da condição de se embarcar com a guarnição para Portugal. Constava de oitenta e sete Hollandezes; havia no forte quatro peças de artilharia, e bastantes armas e mantimentos.

Schoppe fez evacuar Barreta, e o Buraco de Santiago, para empregar as guarnições na defesa da cidade. Os Portuguezes começárão as operações pelo ataque do forte Altena situado sobre o Biberibe, a meio quarto de legoa do de Salinas e defronte do Recife. Praticou-se hum caminho coberto, e huma mina debaixo da direcção de hum engenheiro francez, capitão dos mineiros, chamado Dumon, que tinha desertado do serviço hollandez com alguns dos seus mineiros. A guarnição composta de duzentos e quarenta Hollandezes e Tapuyas, receando saltar pelos ares, ou ser morta pelos

negros de Henrique Dias, capitulou a 19 de Janeiro. Trinta e hum soldados tinhão morrido durante o cerco, e vinte feridos. Vieira poz guarnição no forte, em que achou nove peças de bronze e huma de ferro, e muitas munições e mantimentos.

Schoppe fez tambem evacuar o forte dos Afogados, a meia legoa do Recife. Não restava então aos Hollandezes senão o forte das Cinco Pontas, e o reduto de Milhou, construidos no mar, em distancia de duzentas toesas da cidade. André Vidal e Dias Cardoso atravessárão a planicie á testa de mil homens, e favorecidos pela escuridão da noite e a baixamar, sorprendêrão o reduto. O commandante Brinck, filho do general morto, se rendeo á discrição, depois de ter perdido cinco homens mortos, e outros tantos feridos. A guarnição se compunha de cincoenta e dois Hollandezes, e dez Indios.

Os habitantes do Recife recusando obedecer ás autoridades hollandezas, e estas não esperando ser soccorridas, o Conselho supremo foi obrigado a propôr huma capitulação, e depois de tres conferencias assignou-se a seguinte capitulação a 26 de Janeiro, que vamos transcrever como monumento historico digno de memoria.

ASSENTO E CONDIÇÕES

Com que os Senhores do Conselho supremo residentes no Arrecife, entregão ao Senhor Mestre-de-Campo-General Francisco Barreto de Menezes, Governador em Pernambuco, a cidade Mauricéa, Arrecife e mais forças, e fortes junto d'ellas, e mais praças, que tinhão occupadas na banda do Norte, a saber; a Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio-Grande, Paraíba, Ilha de Itamaracá, accordado tudo pelos Commissarios, de huma e outra parte, abaixo assignados.

I.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General, Francisco Barreto, dá por esquecida toda a guerra, que se tem cometlido com os vassallos dos Senhores Estados-Geraes das Provincias-Unidas e Companhia Occidental, contra a nação Portugueza, ou seja por mar ou por terra, a qual será tida e esquecida, como se nunca houvera sido comettida.

II.

Tambem serão comprehendidas neste accordo todas as nações de qualquer qualidade, ou religião que sejão; que a todas perdôa, posto que hajão sido rebeldes á Corôa de Portugal; e o mesmo o concede, no que póde, a todos os Indios que estão no Arrecife, e cidade de Mauricéa.

III.

Concede a todos os vassallos, e pessoas que

estão debaixo da obediencia dos Senhores Estados-Geraes tudo o que for de bens móveis, que actualmente estiverem possuindo.

IV.

Concede aos vassallos dos Senhores Estados-Geraes que lhes dará de todas as embarcações, que estão dentro do porto do Arrecife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilheria que ao Senhor Mestre-de-Campo-General parecer bastante para sua defensa, da qual não será nenhuma de bronze, excepto a que se concede ao Senhor General Sigismundo Van Schoppe.

V.

Concede aos vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, que forem casados com mulheres Portuguezas, ou nascidas na terra, que sejão tratados como que se forão casados com Framengas, e que possão levar comsigo as mulheres Portuguezas por sua vontade.

VI.

Concede a todos os vassallos acima referidos, que quizerem ficar nesta terra, debaixo da obediencia das armas Portuguezas, e no que toca á religião, vivirão em a conformidade em que vivem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

VII.

Que os fortes situados ao redor do Arrecife, e cidade Mauricéa, a saber : O forte das Cinco-Pontas, a Casa da Boavista e do Mosteiro de S.-Antonio, o castello da cidade Mauricéa, o das Tres-Pontas, o de Brum com seu reduto, o castello de S.-Jorge, o castello do mar, e as mais casas fortes, e baterias, se entregarão todos á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, logo que acabarem de firmar este accordo e assento, com a artilheria e munições que tem.

VIII.

Que os vassallos dos Senhores Estados-Geraes, moradores no Arrecife, e cidade Mauricéa, poderão ficar nas ditas praças, no tempo de tres mezes; com tanto que entregarão logo as armas e bandeiras, as quaes se metterão em hum armazem á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, durante os tres mezes; e quando se quizerem embarcar (ainda que seja antes dos tres mezes), lhas darão para sua defensa. E logo, juntamente com as ditas forças, entregarão o Arrecife e cidade Mauricéa; e lhes concede que possão comprar aos Portuguezes, nas ditas praças, todos os mantimentos, que lhes forem necessarios para seu sustento, e viagem.

IX.

As negociações, que os ditos vassallos fizerem, em quanto durarem os ditos tres mezes, serão feitas na conformidade acima referida.

X.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General assistirá com seu exercito, onde lhe parecer melhor; mas fará que os vassallos dos Senhores Estados-Geraes, de nenhuma pessoa Portugueza sejão molestados nem vexados, antes serão tratados com muito respeito e cortezia, e lhes concede que nos ditos tres mezes, que hão de estar na terra, possão decidir os pleitos e questões, que tiverem, huns com outros, diante dos seus ministros de justiça.

XI.

Que concede aos ditos vassallos dos Senhores Estados-Geraes, levem todos os papeis que tiverem, de qualquer sorte que sejão, e levem tambem todos os bens móveis, que lhes tem outorgados no terceiro artigo o Senhor Mestre-de-Campo-General.

XII.

Que poderão deixar os ditos bens móveis, acima outorgados, que tiverem por vender, ao tempo de sua embarcação, aos procuradores,

que nomearem, de qualquer nação que sejão, que fiquem debaixo da obediencia das armas Portuguezas.

XIII.

E lhes concede todos os mantimentos, assim secos como molhados, que tiverem nos armazens do Arrecife, e fortalezas, para se servirem d'elles, e fazerem sua viagem, largando aos soldados os de que elles necessitarem para seu sustento e viagem : mas não lhes outorga o maçame para os navios, porque promette darlhos aparelhados, para quando partirem para Hollanda.

XIV.

Que sobre as dividas e pertenções, que os ditos vassallos dos Senhores Estados-Geraes, pertendem dos moradores Portuguezes, lhes concede o direito, que S. M. o Senhor Rei de Portugal lhes decidir, ouvidas as partes.

XV.

Que lhes concede que as embarcações pertencentes aos ditos vassallos, que chegarem a este porto, ou fóra d'elle, por tempo dos primeiros quatro mezes, sem ter noticia d'este accordo, que possão livremente voltar para Hollanda sem lhes fazerem molestia alguma.

XVI.

Que concede aos ditos vassallos dos Senhores

Estados-Geraes, que possão mandar chamar os seus navios, que trazem nesta costa, para que d'este porto do Arrecife se possão tambem embarcar nelles, e levar nelles os bens móveis acima outorgados.

XVII.

No que toca ao que os ditos vassallos pedem, sobre não prejudicar este concerto, e assento ás conveniencias que podem estar feitas, entre o Senhor Rei de Portugal, e os Senhores Estados-Geraes, antes de chegar noticia do dito concerto, não concede o Senhor Mestre-de-Campo-General, porque se não intromette nos taes accordos, que os ditos Senhores tiverem feito, porquanto de presente tem exercito, e poder para conseguir quanto emprehender em restituição tão justa.

Artigos militares.

XVIII.

Que todas as offensas, e hostilidades quanto aos Senhores Estados-Geraes, e vassallos, que se tem comettido, se esquecem na conformidade acima referida.

XIX.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General concede, que os soldados assistentes no Arrecife, e cidade Mauricéa, e seus fortes, saião com suas

armas, mecha acesa, bala em boca, bandeiras largas, com condição que passando pelo nosso exercito Portuguez, apagarão logo os murrões, e tirarão logo as pedras das espingardas, e cravinas, e metterão as ditas armas na casa ou armazem, que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhes nomear, das quaes elle mandará ter cuidado, para lhas entregarem quando se embarcarem, e só ficarão com ellas todos os officiaes, de sargento para cima. E quando se embarcarem seguirão direitamente a viagem, que pedem, aos portos de Nantes, a Rochella, ou outros das Provincias-Unidas, sem tomarem porto algum da Corôa de Portugal. Para firmeza do que, deixarão os vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, em refens tres pessoas: hum official major de guerra, outra pessoa do Conselho supremo, e outra dos maiores vassallos dos Senhores Estados-Geraes. E que os officiaes de guerra, soldados d'esta praça do Arrecife, e mais portos junto a elle, se embarcarão todos juntos, em companhia do Senhor General Sigismundo Van Schoppe: com condição que se entregarão primeiro á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, as praças e forças do Rio-Grande, Paraîba, Itamaracá, Ilha de Fernão de Noronha, e Ceará; para cumprimento de todo o referido neste capitulo, deixando as pessoas que se pedem em refens.

XX.

Que concede ao Senhor Sigismundo Van Schoppe, que depois de entregues as ditas praças, e forças acima referidas, com a artilheria que tinhão, até á hora que chegou a armada á vista do Arrecife, leve vinte peças de artilheria de bronze, sorteadas de quatro até dezoito libras; alem das peças de ferro, que serão necessarias para defensa dos navios, que forem em sua companhia; com as quaes lhe darão suas carretas e munições necessarias; o mais trem se entregará á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General.

XXI.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhe concede as embarcações necessarias para a dita viagem, na conformidade acima referida.

XXII.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhe concede os mantimentos, na conformidade que estão concedidos no capitulo XIII acima, e dado caso que não bastem os ditos mantimentos, o Senhor Mestre-de-Campo-General, promette de lhe dar os de que necessitarem os soldados.

XXIII.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General con-

cede ao Senhor Sigismundo Van Schoppe, que possa possuir, alienar e embarcar quaesquer bens móveis, e de raiz, que tem no Arrecife, e os escravos que tiver comsigo, sendo seus. E que o mesmo favor concede aos officiaes de guerra, e que possão morar nas casas em que vivem até á hora da partida.

XXIV.

O Senhor Mestre-de-Campo-General concede aos soldados doentes, e feridos, que se possão curar no hospital em que estão, até que tenhão saude para se poderem embarcar.

XXV.

Que em quanto estiverem os soldados do Senhor General Sigismundo Van Schoppe, em terra, não serão molestados, nem offendidos de pessoa alguma Portugueza. E em caso que o sejão, ou lhes fação alguma molestia, se dará logo parte ao Senhor Mestre-de-Campo-General para castigar a quem lha fizer.

XXVI.

No tocante a irem juntos com os soldados, que hoje estão no Arrecife, os que se rendêrão, e aprisionárão antes d'este acordo, não concede o Senhor Mestre-de-Campo-General; porque tem dado já cumprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.

XXVII.

O Senhor Mestre-de-Campo-General concede perdão a todos os soldados; especialmente a Antonio Mendes, e mais Judeus assistentes no Arrecife, e Terras junto a elle. E da mesma maneira aos mulatos e negros e Mamalucos; mas que lhes não concede a honra de irem com armas.

XXVIII.

Que tanto que forem assignadas as ditas capitulações, se entregarão á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General as praças do Arrecife, e cidade Mauricéa, e todos os mais fortes e redutos, que estão ao redor das ditas praças, com sua artilheria, trem, e munições. E que o Senhor Mestre-de-Campo-General se obriga a dar guarda necessaria, para que no alojamento das ditas praças, esteja com segurança a pessoa do Senhor General Sigismundo Van Schoppe, e mais officiaes, e ministros durante o tempo concedido.

XXIX.

E sobre todos estes capitulos, e condições acima contratados, se obrigão os Senhores do supremo Conselho, residente no Arrecife, a entregar tambem logo, á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, as praças da Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio-Grande, Pa-

raîba, Ilha de Itamaracá, com todas as suas forças e artilheria, que tem, e tinhão até á chegada da Armada Portugueza, que de presente está sobre o Arrecife, e cidade Mauricéa. Mas que o Senhor Mestre-de-Campo-General será obrigado a mandar ao Ceará huma nao, sufficiente para se embarcar nella a gente, assim moradores, como soldados, vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, com os referidos bens : a qual nao levará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ceará. E que todos os navios e embarcações que estiverem naquelles portos do Rio-Grande, Paraîba e Ilha de Itamaracá, capazes de poderem passar a linha, lhos concede o Senhor Mestre-de-Campo-General, para sua viagem, e trespasso de seus bens; mas que não levarão artilheria de bronze, mais que a de ferro, necessaria para sua defensa. Feita nesta campanha do Taborda a 26 de Janeiro de 1654, segunda feira, pelas onze horas da noite.

Francisco Barreto de Menezes; André Vidal de Negreiros; Affonso de Albuquerque; o capitão secretario Manoel Gonçalves Corrêa; o ouvidor e auditor Francisco Alvares Moreira.—Sigismundo Van Schoppe; Gisberto Vuit; o tenente general Van der Val; o capitão Valoo.

A guarnição hollandeza compunha-se de mil e duzentos homens de tropas regulares; oitocentos e cincoenta Indios tinhão-se retirado para o Ceará. Achárão-se na cidade cento e tres pèças de bronze, cento e sete de ferro, muitas munições de guerra, e viveres para hum anno.

No dia 28 o mestre-de-campo João Fernandes Vieira entrou triumphante no Recife; e no primeiro de Fevereiro o mestre-de-campo-general Francisco Barreto de Menezes deo ordem a Francisco de Figueiroa de ir com o seu corpo de oitocentos e cincoenta soldados, e o regimento de Vieira, tomar posse das capitanias e fortes da ilha Itamaracá, Paraîba e Rio-Grande. No primeiro havia quatrocentos soldados, trinta e tres peças de artilharia, e grande quantidade de armas, munições e viveres.

Os conselheiros Schonenburg e Hacks chegárão a Hollanda a 13 de Julho, e fizerão huma exposição aos Estados-Geraes queixando-se da falta de soccorros e de dinheiro. O tenente general Sigismundo Schoppe tambem allegou em sua defesa as mesmas razões, e ajuntou que desde 1648 que tinha sido mandado ao Brasil, tinha em vão pedido mais tropas, dinheiro e navios; e que no momento em que capitulára, a tropa estava reduzida a mui pequeno numero, e havia hum só navio, o *Brasil*, para proteger a

costa contra sessenta e oito navios portuguezes. As Camaras da Companhia Occidental nomeárão deputados para examinar estes Memoriaes, e fizerão prender o general Schoppe e os dois conselheiros para serem julgados. Em fim, por sentença do 20 de Março do anno seguinte, Schoppe foi privado de seu ordenado desde 25 de Janeiro, dia da capitulação do Recife. Os Conselheiros forão remettidos para serem julgados pelas Provincias a que pertencião.

A noticia da capitulacão chegou a Lisboa, no dia de S.-José, anniversario do nascimento de D. João IV. Vidal, que a tinha trazido, vinha encarregado de solicitar Elrei a favor dos Pernambucanos, que tinhão contra vontade d'elle reconquistado o paiz.

Os Hollandezes lamentárão vivamente a perda de huma tão rica colonia, que por incuria tinhão perdido. A sua esquadra commandada por Van Tromp foi batida pelos Inglezes, o que lhe tirou os meios de tirar vingança de Portugal. Todavia forão mais felizes na India, onde tomárão Ceilão aos Portuguezes.

1654. — Neste anno se fundou a villa de I-Tu, na provincia de S.-Paulo, a huma legoa da margem esquerda do Rio Tieté, em que ha huma grande catadupa. *I-Tu* significa cachoeira. No mesmo anno se fundou a villa de Corytiba, na provincia de S.-Paulo, a cento e

vinte legoas da capital. Foi fundada pelo capitão das canôas de guerra, Theodoro Ebano Pereira, o qual fundou tambem no mesmo anno a villa de Iguapé, na mesma provincia, a quarenta e oito legoas da capital, na extremidade do lago da Cannanéa.

1635. — *Estabelecimento da Junta das Missões*. O padre Antonio Vieira, por hum decreto de 21 de Outubro de 1652, tinha sido autorisado, em qualidade de superior da missão do Maranhão, a fazer construir igrejas e a estabelecer missões no interior do paiz. Os colonos tinhão continuado em todo o Brasil o mesmo systema de oppressão para com os indigenas, que, a pezar de todas as leis em contrario, reduzião ao estado de escravos. Vieira depois de ter examinado a triste condição d'estes infelizes, voltou a Portugal, para defender a sua causa perante D. João IV. Este rei nomeou huma junta composta de homens versados na theologia e nas leis, para examinar a questão da escravidão. Depois de oito dias de discussão decidírão a favor dos Indios. Por influencia do padre Antonio Vieira, que gozava da confiança d'Elrei, foi creada a Junta das Missões, encarregada de proteger os Indios, e decretou-se que todas as aldêas de Indios na provincia de Maranhão serião postas debaixo da direcção dos Jesuitas; e Vieira, como superior d'ellas, era autorisado a estabe-

lecer os Indios submettidos onde melhor lhe parecesse. Para acabar com a questão da escravidão, decretou Elrei que os Indios escravos recuperarião a sua liberdade no cabo de cinco annos, e que os livres não serião obrigados a trabalhar no serviço dos colonos mais que seis mezes no anno, e de dois em dois mezes, recebendo como salario duas varas de panno de algodão cada mez. Vieira voltou ao Maranhão para fazer executar estas disposições.

1655. — *Expedição ao Tocantins.* Os Portuguezes do Pará, aproveitando-se das disposições da lei de 1653, se derão com successo ao commercio dos escravos. André Vidal, nomeado governador do Maranhão, trabalhou, de accordo com Vieira, a destruir este odioso traffico. Os principaes estabelecimentos dos Indios onde elle se fazia, estavão situados ao norte do Maranhão, onde cerca de cincoenta aldêas occupavão hum territorio de quatrocentas legoas. O plano de Vieira era estabelecer alli hum certo numero de postos, extendendo-se para o sul até ao Ceará na direcção dos grandes rios, e nas ilhas á emboccadura do Orelhana. Para este effeito fez-se huma expedição composta de cem canôas, em que ião dois jesuitas e hum cirurgião portuguez, com o fito de submetter huma tribu de Tupinambas, que se deixou facilmente ganhar. Mais de mil homens d'esta tribu,

e trezentos d'elles guerreiros, seguîrão os Portuguezes em sessenta canôas. Os Catingas, da nação Tupi, que occupavão parte do territorio intermedio, seguîrão o mesmo exemplo, e vierão estabelecer-se no districto de Camuta; o resto dos Poquis veio tambem pôr-se debaixo da direcção dos Jesuitas, ou padres-negros (*Obunas*) como lhes chamavão os Indios. O padre Manoel de Sousa fez huma excursão desde Curupa até aos rios Xingu e Tapajós, e ganhou igualmente os Jaruunas ou Boccas-Negras, nação que differia muito dos Tupis.

Os missionarios se adiantárão até á serra de Ibiapaba, ou paiz dos precipicios. O anno precedente, o padre Francisco Velloso e Manoel Pires tinhão penetrado até á emboccadura do Rio-Negro, e conduzido seiscentos escravos, depois de huma jornada de quatro mil milhas. Pires, acompanhado do padre Francisco Gonçalves, ex-provincial do Brasil, voltou ao Rio-Negro, e remontou com o seu companheiro este rio, que ainda nenhum Portuguez tinha explorado. Voltárão, depois de terem resgatado seis a setecentos escravos em huma viagem de quinze mezes, no fim da qual Gonçalves morreo de fadiga. Os missionarios fizerão outra expedição ao rio Tocantins, durante a qual os Indios que os acompanhavão forão atacados, e muitos d'elles perdêrão a vida.

Para castigar este acto de hostilidade, hum corpo de quarenta e cinco Portuguezes, e quatrocentos e cincoenta Indios commandados por dois Jesuitas, marchou contra os Tocantins e tomou trezentos prisioneiros. A expedição continuou a sua marcha, e no cabo de hum mez chegou ao paiz dos Poquiguaras, dos quaes alguns centos consentîrão a virem estabelecer-se entre os Portuguezes; d'alli remontou o rio reduzindo algumas tribus de Tupinambas e Catingas. D'esta viagem trouxerão os Jesuitas dois mil Indios.

Vieira resolveo tambem submetter os Indios da grande ilha de Joannes ou de Marajó (de quinhentas a seiscentas milhas de circumferencia), situada na emboccadura do Orelhana ou Amazonas. Já anteriormente o governo do Pará tinha mandado huma expedição contra duas tribus d'aquella ilha, os Aroans e os Nheengaibas, composta de setenta Portuguezes e quatrocentos Indios, commandada por João Betencourt Moniz. Este official, tendo-se entrincheirado na costa, fez proposições de paz que forão rejeitadas; e tendo perdido alguns dos seus mortos pelos Indios, e outros estando atacados de doença, foi obrigado a se retirar. Vidal tendo visitado esta ilha, fertil em pastos excellentes, formou o projecto de estabelecer o assento do governo na principal aldêa dos

Aroans. Tentou primeiro submetter os Nheengaibas, fazendo marchar contra elles cento e vinte Portuguezes e quatrocentos Indios, commandados pelo sargento-mór Agostinho Corrêa, acompanhado dos dois jesuitas, João de Souto-Maior, e Salvador do Valle; mas os habitos bellicosos d'estes Indios e a natureza do terreno fez renunciar ao projecto, e no cabo de tres mezes evacuou Vidal a ilha, tendo perdido muita gente, tanto pelas frechas dos indigenas, como por doenças e falta de viveres.

Vieira, por meios conciliatorios, conseguio submetter estes ilheos em numero de quarenta mil, comprehendendo as tres nações: os Mamaynas, os Aroans e os Anaynas. Souto-Maior com quarenta Portuguezes e duzentos Indios penetrou no paiz dos Pacajás, que se dizia abundar em minas de oiro e prata. A expedição foi mallograda, e Souto-Maior morreo em quanto se occupava na conversão dos Pacajás e Pirapés.

1656. — *Projecto de communicação com o Ceará.* Vidal queria estabelecer hum forte na emboccadura do Camuci, para fazer commercio com o Ceará. O pao violete crescia junto á serra d'Ibiapaba, perto do mar onde tambem havia ambar-gris; mas os Indios auxiliares dos Hollandezes occupavão estes montes. O Governador expedio por terra hum Indio Tabajara, pelo qual mandou offerecer aos Indios do Cea-

rá hum perdão inteiro pelo passado, e annunciar-lhes que Vieira e os Jesuitas, seus antigos amigos, erão chegados, e vinhão instruî-los e protegê-los. Tambem mandou hum navio, o qual contrariado por ventos adversos foi obrigado a voltar ao Maranhão.

Ao mesmo tempo Vieira se embarcou para a Bahia, e depois de huma viagem de sete semanas, dispunha-se a voltar ao Maranhão, quando encontrou a canôa do Indio Tabajara, o qual conduzia dez Indios da Serra, munidos de cartas dos seus chefes escriptas em papel de Veneza, e selladas com lacre hollandez. Erão Indios de Pernambuco, em companhia dos quaes Vieira voltou ao Maranhão.

O Governador tinha expedido por terra o padre Antonio Ribeiro e hum companheiro que sabia bem a lingua Tupi, acompanhados de setenta Indios que levavão ás costas em macas a provisão de mandioca. Huma escolta portugueza os acompanhou para os proteger contra os Tapuyas, em distancia de cem milhas, atravessando planicies de areia branca, ditas *lençoes brancos*. No decimo terceiro dia, estavão esgotadas as provisões, e a gente vivia de peixe e caranguejos. Alli corrêrão risco de ser assassinados por hum chefe indio, e depois de huma trabalhosa jornada de cinco semanas chegárão á serra de Ibiapaba, onde Ribeiro foi

bem acolhido pelos Indios. Traduzio o *Credo* em versos *tupis*, e ensinou a cantar ás crianças.

A sessenta legoas d'este sitio estava a fortaleza do Ceará, perto da qual havia duas aldêas de Indios convertidos, e duas povoações de Tapuyas que vivião em paz com os Portuguezes, posto que tivessem guerra huns contra os outros. Em hum encontro entre as duas tribus inimigas em que alguns Jaguaruanas estavão a cortar pao violete para o governador do forte, a tribu dos Guanaces veio acommettê-los; e acudindo os Portuguezes a soccorrê-los, quinhentos Guanaces se retirárão ao mato, e convidados pelos Portuguezes vierão submetter-se, depondo as armas, mas forão aleivosa e barbaramente mortos. Este acto atroz excitou em toda a provincia a indignação geral contra os Portuguezes, e o commandante implorou o auxilio dos Jesuitas. Ribeiro veio com effeito, e conseguio restabelecer a paz. De volta á serra de Ibiapaba soube por Vieira que o provincial tinha mandado instrucções para abandonar a missão, retirando-se os padres para o Maranhão. Communicou estas ordens aos Indios a quem tentou persuadir que fossem com elle para o Maranhão, pois assim o pedia o serviço de Deos e o do Rei. Hum dos chefes com muito siso respondeo, que em quanto ao serviço de

Deos, elle estava em toda a parte; e quanto ao do Rei, que Ibiapaba lhe pertencia assim como o Maranhão. Vidal, nomeado governador de Pernambuco, fez por terra a viagem ao Maranhão.

Neste mesmo anno fundou o conde de Monsanto a villa de Jundiahy, na provincia de S.-Paulo e na margem esquerda do rio d'este nome, a nove ou dez legoas da cidade capital. O nome lhe vem do peixe chamado *jundias*.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

PARIS. — NA TYPOGRAPHIA DE CASIMIR,
RUA DE LA VIEILLE-MONNAIE, 12.





